

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**Um cenáculo de letrados: Sociabilidade, Imprensa e Intelectuais a partir da
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu, 1955-1970)**

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR**

**Um cenáculo de letrados: Sociabilidade, Imprensa e Intelectuais a partir da
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu, 1955-1970)**

MARIA LÚCIA BEZERRA DA SILVA ALEXANDRE

Sob a Orientação do Professor
Álvaro Pereira do Nascimento

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Curso de Mestrado em História, área de concentração Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

Nova Iguaçu, RJ
Agosto de 2015

305.552098153

A382c

T

Alexandre, Maria Lúcia Bezerra da Silva, 1989-
Um cenáculo de letrados : sociabilidade, imprensa
e intelectuais a partir da Arcádia Iguassuana de
Letras (AIL) (Nova Iguaçu, - 1955-1970) / Maria
Lúcia Bezerra da Silva Alexandre. - 2015.
203 f.

Orientador: Álvaro Pereira do Nascimento, 1964-
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em História.

Bibliografia: f. 191-203.

1. Nova Iguaçu (RJ) - História - Intelectuais -
Teses. 2. Nova Iguaçu (RJ) - Aspectos econômicos -
1955-1970 - Teses. 3. Frutas cítricas - Cultivo -
Nova Iguaçu (RJ) - História - Teses. 4.
Arcadismo(Literatura) - Nova Iguaçu (RJ) - Teses. I.
Nascimento, Álvaro Pereira do. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO

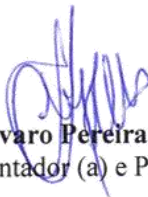
*“Um cenáculo de letrados: Sociabilidade, Imprensa e Intelectuais a partir da
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu -1955-1970)”*

MARIA LÚCIA BEZERRA DA SILVA ALEXANDRE

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/08/2015

Banca Examinadora:



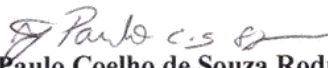
Professor Doutor **Álvaro Pereira do Nascimento (UFRRJ)**
Orientador (a) e Presidente da banca



Professora Doutora **Vânia Maria Losada Moreira (UFRRJ)**
Membro interno



Professora Doutora **Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (UERJ)**
Membro externo



Professor Doutor **João Paulo Coelho de Souza Rodrigues (UFSJ)**
Membro externo

*Para os meus pais muito amados, Irene
e Severino, minha referência de vida.
Simplesmente muito obrigado!*

Agradecimentos

Encerrar mais uma etapa. Isto significa que percorremos um longo caminho e que por ele vivenciamos alegrias, tristezas, dificuldades e conquistas. O processo de escrita de uma dissertação é capaz de reunir todos estes sentimentos. Contudo, é maravilhoso saber que podemos contar com o apoio de pessoas incríveis e compartilhar com elas alguns destes anseios. Por isso, dedico esse espaço para agradecer a todas e todos que comigo caminharam até aqui.

Primeiramente, agradeço a Deus por me tornar uma fortaleza de perseverança, sabedoria e acima de tudo fé. Sem Ele minha capacidade de ir adiante nunca seria a mesma. Foi em Ti que encontrei refúgio, amor e discernimento quando mais nada parecia fazer sentido. A Deus toda minha gratidão pelo dom da vida e por me conceder o ânimo nesta árdua, mas desafiante trajetória. Pois, como diria Émile Durkheim, o homem que crê pode mais.

Todos os agradecimentos a este casal chamado Irene e Severino. O que dizer sobre meus pais? Obrigado por serem referenciais de humildade, trabalho e amor ao próximo. Ao meu querido Severino João Alexandre, ou simplesmente Biu, deixo todo meu reconhecimento. Sou grata pela paciência, carinho e sabedoria. A minha mãe Irene toda devoção e respeito. Seu exemplo enquanto mulher, mãe e profissional da educação não cabem em um parágrafo. Obrigado por ser o que sou e por aquilo que ainda poderei alcançar. É tudo para e por vocês.

Aos meus familiares, que mesmo estando tão longe sempre torceram pelo meu sucesso. Entre telefonemas e mensagens compartilhei meu percurso até aqui. A essa família pernambucana deixo meu especial agradecimento. Obrigado por me ensinarem o amor ao nordeste e ao seu povo que tanto nos tem a ensinar. De modo especial, deixo meu agradecimento a Maria Bezerra, vó Dô. Mulher sábia e forte na qual me orgulho tanto. Afinal, toda Maria possui essa estranha mania de ter fé na vida.

Aos meus amigos que se tornaram família. O que seria de mim sem as amigas e amigos de caminhada? Obrigado aos membros da Comunidade São Benedito que me ensinam a cada dia o mais profundo sentido da fé. De modo especial, deixo meu agradecimento às queridas crianças e jovens da catequese, pois sem vocês nada faria sentido. Com certeza,

somos todos uma só família. As amigas e amigos dos tempos do Abeu-Colégios, meu carinho e voto de agradecimento. Aos queridos amigos dos tempos de graduação meu muito obrigado. Deixo meu muito obrigado a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPHR). Agradeço a instituição pelos ensinamentos e experiências proporcionados ao longo de toda graduação e mestrado. Também registro meu agradecimento a FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado Rio de Janeiro) pelos três meses de bolsa concedidos no primeiro ano do mestrado.

Aos meus amados mestres, todo carinho e respeito. Obrigado a todos os docentes do programa pela dedicação e disposição para ensinar e aprender. De modo especial, registro o agradecimento ao meu orientador e amigo Álvaro Pereira do Nascimento. Lá se vão sete anos de muito trabalho, orientações e estudos. Quanta vezes não me vi (des)orientada por seus questionamentos e incertezas. Mas, quanto crescimento nestes últimos dois anos. Obrigado pelas vezes que não desistiu de me corrigir e fazer com que me torna-se um profissional e ser humano melhor. Meu muito obrigado.

Ao professor Alexandre Fortes, Jean Rodrigues Sales e professora Márcia Denise Pletsch, meu muitíssimo obrigado. Não tenho palavras para agradecer tanta confiança depositada em mim e no meu trabalho. O CEDIM (Centro de Documentação e Imagem) tornou-se um lugar de aprendizado diário sobre o que há de melhor: produzir conhecimento. Deixo um querido agradecimento à professora Lúcia Helena Silva. Entre banners, jornadas e jovens talentos ela me ensinou o quanto esse território ainda precisa ser estudado. Também registro meu agradecimento ao professor Roberto Guedes. Obrigado pelas tardes de conversas, risadas e ensinamentos sobre o ofício do historiador.

Ao professor João Paulo Rodrigues e as professoras Amália Dias e Vânia Moreira todo meu reconhecimento. Quantos ensinamentos sobre o fazer História. Meu trabalho não teria se tornado tão profícuo sem as contribuições desta poderosa banca. Aos colegas da minha turma de mestrado, deixo meu abraço e carinho por tantas conversas, almoços e risadas. Também registro todo meu agradecimento aos amigos-irmãos, Adriano Moraes e Allofs Batista, que comigo caminharam nesta labuta que é pesquisar a Baixada Fluminense. Meu profundo agradecimento a todos os bolsistas que frequentam ou frequentaram semanalmente o CEDIM: Natália Rosario, Olga Chiapim, Luise Villares, Isabelle Luisa, Jéssica Assis, Gabriel Eduardo, Hugo Leonardo, Ricardo Souza, Diego das Neves, Eron

Santos, Lorrann Nunes e Willian Oliveira. Obrigado por compartilharem suas pesquisas e por poder dividir parte da minha com vocês. Também agradeço ao grupo do PIBID (Programa de Iniciação a Docência) da Escola Municipal Osíris das Neves. Quanto aprendizado ao produzir conhecimento com e para as nossas crianças e adolescentes. Afinal, quem foi Dom Adriano?

Obrigado aos membros do GEHBAF (Grupo de Estudos Históricos da Baixada Fluminense) e ao grupo de estudos formado por orientandos do professor Álvaro. Agradecimento ao Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, especialmente ao professor Antônio Lacerda e ao Bispo Dom Luciano Bergamin, que cederam o conhecimento e a possibilidade de digitalizarmos esse rico acervo eclesiástico. Contudo, ao falar em acervo preciso dedicar meu eterno agradecimento a Luis Eduardo Azeredo, neto do jornalista e membro da Arcádia, Luiz Martins Azeredo.

No pequeno quarto de seu avô vi o trabalho de uma vida e todo amor à cidade que sempre viveu. Meu mais sincero agradecimento pela paciência e disponibilidade, sem você este trabalho seria inviável. Dedico minha dissertação a memória de Luiz Azeredo e a de tantos outros que datilografaram suas lembranças sobre este município. Registro igual reconhecimento a família Azeredo, fundadora do jornal *Correio da Lavoura* e ao setor de microfilmagem da Fundação Biblioteca Nacional (BN), que me permitiu acessar as páginas do *Correio de Maxambomba*. Ambos, periódicos de fundamental importância para o entendimento da história desta região.

As minhas amigas de tantos cafés e risadas, Ariane e Juliana meu muito obrigado. O que falar sobre essa pequena gigante chamada Ariane? Quantos desafios, viagens e alegrias, não é mesmo? Minhas tardes não seriam iguais sem a sua presença. Nesta reta final estavas mais longe, mas foi por uma boa causa. Agora devo chamá-la de doutoranda e torcer ainda mais pelo seu sucesso. Agradeço pelo seu exemplo de coragem e perseverança. Para Juliana deixo meu agradecimento pela alegria e por ser a melhor organizadora de eventos que já vi. Sempre afoita com seus prazos e incertezas. Tenha certeza que sempre estarei torcendo por você, pois tudo sempre dá certo no final. Bah! Já estava me esquecendo da minha querida amiga Gislaine Borba. Essa gaúcha tri legal que me acolheu em sua casa, me apresentou o pôr do sol no Guaíba e escutou minhas angústias. Obrigado por tantas vezes me dizer: acalma-te gurria, um dia de cada vez!

A todas e todos os funcionários do nosso Instituto Multidisciplinar, colegas de profissão e alunos não citados pelo temível esquecimento, meu mais sincero obrigado. Foram tantas pessoas especiais a cruzarem minha jornada que, torna-se impossível mencionar aqui. Encerro estes breves, porém sinceros agradecimentos dizendo muito obrigado a cada professora e professor que se dedica a ensinar na e sobre a Baixada Fluminense. Muito ainda precisa ser feito, por isso finalizo com a frase do teórico Antonio Gramsci: “Odeio os indiferentes (...) acredito que “viver significa tomar partido”. Não podem existir apenas homens, estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário. Indiferença é abulia, parasitismo, covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.”

*“(…) É por isso que eu digo
Você precisa conhecer minha jurisdição
Vá prestando atenção
Lugar que ocupa um pedaço do meu coração
Do meu coração
Mas, infelizmente tem fama de barra pesada
isso tudo é intriga da oposição
É muita mentira é conversa fiada eu explico
por que
O melhor lugar pra morar é na minha Baixada
podes crer!”*

Baixada – Bezerra da Silva

RESUMO

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. **Um cenáculo de letrados: Sociabilidade, Imprensa e Intelectuais a partir da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu – 1955-1970)**, 2015. 203 p. Dissertação (Mestrado em História, Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2015.

O presente trabalho tomou por objeto a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL), instituição fundada no município de Nova Iguaçu durante a década de 1950. A partir do grupo literário analisamos as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas no distrito sede da cidade no mesmo período. O marco inicial desta pesquisa está entre os anos 1920 e 1930 quando a cidade de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, integrou a política de policultura e modernização da agricultura no estado do Rio de Janeiro. A citricultura tornou-se a principal atividade econômica do primeiro distrito iguaçuano e consolidou as práticas de uma elite ruralista. Por meio da tríade “laranja, modernização e progresso” investigamos a consolidação hegemônica desse grupo agrário. Posteriormente, avaliamos as mudanças vividas pelo distrito-sede com o fim da citricultura no início dos anos 1940. Com o fim da citricultura as chácaras de laranja foram reconfigurados pelos lotes. A especulação imobiliária consolidou uma era de loteamentos, uma vez que eles foram impulsionados pelo aumento populacional. Com o fim do cinturão verde e a abertura ao capital estrangeiro nos anos 1950, Nova Iguaçu expandiu sua industrialização e aumentou seu contingente de trabalhadores e migrantes na região. O *boom* da população também ampliou o eleitorado e a disputa por ele. Com a redemocratização do país e novas eleições o PSD (Partido Social Democrático) vinculado ao grupo ruralista se viu ameaçado pelo crescimento de outras siglas como o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional). O fortalecimento político destes partidos se deu principalmente pelas emancipações dos distritos de Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947) e São João de Meriti (1947). A partilha do território reordenou os grupos e formas de ação junto aos eleitores. Além do processo emancipatório, avaliamos como a presença de outros intelectuais na política local exerceu disputas pelo lugar de falar. Por isso, analisamos a presença do vereador e jornalista Dionísio Bassi e sua interlocução com atores desse grupo iguaçuano. Mediante este quadro acreditamos que os arcades, “filhos” diretos ou indiretos do projeto ruralista fundaram a Arcádia Iguassuana de Letras como resposta a estas mudanças. Para isto os arcadianos escreveram um conjunto de obras literárias baseadas em suas memórias acerca da citricultura. Analisaremos como os arcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto discutiram temas como cidade e campo, desta forma será possível averiguarmos a literatura produzida por eles e problemáticas da conjuntura encobertas.

Palavras- Chave: Literatura, Arcádia, Intelectuais, Imprensa, Nova Iguaçu.

ABSTRACT

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. **An cenacle of literates: Sociability, Press and intellectuals from the *Árcadia Iguassuana de Letras* (AIL) (Nova Iguaçu – 1955-1970)**, 2015. 203 p. Dissertation (Masters in History, Power Relations, Labour and Cultural Practices). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2015.

The present research has taken as object the *Arcádia Iguassuana de Letras* (AIL), institution founded in the city of Nova Iguaçu in the years 1950. Starting from this literary group it was analyzed the socioeconomic and political transformations occurred in town's headquarter district in the same period. The starting point of this research is between the years 1920 and 1930 when the city of Nova Iguaçu, county of the Baixada Fluminense, integrated polyculture policy and the modernization of the agriculture in the state of Rio de Janeiro. The citriculture became the main economic activity of the first district of Nova Iguaçu and consolidated the practices of a ruralist elite. By the triad "orange, modernization and progress" it investigated the hegemonic consolidation of this agrarian group. Subsequently, it evaluated the changes lived by the headquarter district with the end of the citriculture in the beginning of the years 1940. With the ending of the citricultures the orange farms were reconfigured by allotments. The securities speculation consolidated an era of allotments, once they were driven by population growth. With the end of the green belt and the opening to foreign capital in the years 1950, Nova Iguaçu expanded your industrialization and increased your contingent of workers and migrants in the area. The population boom also increased the electorate and the competition for it. With the redemocratization of the country and the new elections the PSD (Partido Social Democrático) linked to the ruralist group saw itself threatened by the growth of other political acronyms as the PTB (*Partido Trabalhista Brasileiro*) and UDN (*União Democrática Nacional*). The politic fortification of these parties was mainly by the emancipations of the districts of Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947) and São João de Meriti (1947). The division of the territory reordered the groups and forms of action with the electors. Besides the emancipatory process, it evaluated how the presence of other intellectuals in local politics exercised disputes to the place of talking. Because of that, it analyzed the presence of the city councilman and journalist Dionísio Bassi and his interlocution with the actors of this *iguacuano* group. Through this framework we believe that the arcadians, direct or indirect "sons" of the ruralist project founded the *Arcádia Iguassuana de Letras* as an answer to these changes. For this the arcadians wrote a set of literary works based in their memories about the citriculture. It will be analyzed how the arcadian Deoclécio Dias Machado Filho and Rui Afrânio Peixoto discuss themes like city and country, this way it will be possible exanimate the literature produced by them and the problematics of the covert situation.

Keywords: Literature, Arcádia, Intellectual, Press, Nova Iguaçu.

Listas de Tabelas, Quadros e Figuras

TABELAS

Tabela 1 – Comércio e Exportação de Laranja (1941-1945)	P.77
Tabela 2 – Receita do Município de Nova Iguaçu (1950/1956)	P.80
Tabela 3 – Produção Agrícola do Município de Nova Iguaçu (1956)	P.82
Tabela 4 – Número de Pés de Laranjas nos Municípios de Limeira, Nova Iguaçu e Distrito Federal (1940 e 1950)	P.82
Tabela 5 – Produção Extrativista do Município de Nova Iguaçu (1956)	P.84
Tabela 6 – Produção Industrial no Município de Nova Iguaçu (1956)	P.85
Tabela 7 – Estabelecimentos Comerciais no Município de Nova Iguaçu (1959)	P.86
Tabela 8 – Agências Bancárias e Transações no Município de Nova Iguaçu (1959)	P.86
Tabela 9 – População do Município de Nova Iguaçu (IBGE – 1956)	P.87
Tabela 10 – População do Município de Nova Iguaçu (Agência Municipal de Estática – 1956)	P.87
Tabela 11 – Total de pessoas com cinco anos ou mais que sabem ler e escrever em todo o município (1950)	P.93
Tabela 12 – Total de pessoas com cinco anos ou mais que sabem ler e escrever na cidade (1950)	P.93
Tabela 13 – Resultado das Eleições Estaduais em Nova Iguaçu (1947/1950)	P.98
Tabela 14 – Resultado das Eleições Federais em Nova Iguaçu (1946)	P.99
Tabela 15 – Total das Legendas – Eleições (1950)	P.100
Tabela 16 – Legendas Municipais – Eleições (1954)	P.101
Tabela 17 – Votação dos Partidos na Baixada Fluminense (1946)	P.109
Tabela 18 – Resultado Final do Pleito em Nilópolis (1947)	P.112
Tabela 19 – Resultado das Eleições segundo a Legenda (1947)	P.115
Tabela 20 – Eleições no Município de Nova Iguaçu (1954)	P.121
Tabela 21 – Aspectos Culturais do Município de Nova Iguaçu (1959)	P.129
Tabela 22 – Arcades Fundadores: Associações	P.155
Tabela 23 – Arcádia Iguassuana de Letras: Subvenções Ordinárias	P.158

Lista de Abreviações e Símbolos

ABL -	Academia Brasileira de Letras
ACINI -	Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu
AE -	Academia dos Esquecidos
AFL	Academia Fluminense de Letras
AI -	Arcádia Italiana
AIL -	Arcádia Iguassuana de Letras
AL -	Arcádia Lusitana
ALB -	Academia de Letras da Bahia
ÁLCALIS -	Companhia Nacional de Álcalis
AML -	Academia Amazonense de Letras
AML -	Academia Maranhense de Letras
APL -	Academia Piauiense de Letras
AR -	Academia dos Renascidos
ARHP -	Academia Real de História Portuguesa
ATD -	Aliança Trabalhista Democrática
CDP -	Comitês Democráticos Populares
CL -	Correio da Lavoura
CNG -	Conselho Nacional de Geografia
CSN -	Companhia Siderúrgica Nacional
DRGERJ	Diretório Nacional de Geografia do Estado do Rio de Janeiro
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGB -	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
IHGNI -	Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu
IHGP -	Instituto Histórico e Geográfico Piauiense
IHGRJ -	Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro

MDB	-	Movimento Democrático Brasileiro
NICC	-	Nova Iguaçu Country Club
OCB	-	Organização de Cooperativas Brasileira
PCB	-	Partido Comunista Brasileiro
PDC	-	Partido Democrata Cristão
PR	-	Partido Republicano
PRP	-	Partido de Representação Popular
PSB	-	Partido Social Progressista
PSB	-	Partido Socialista Brasileiro
PSD	-	Partido Social Democrático
PTB	-	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	-	Partido Trabalhista Nacional
REDUC	-	Refinaria Duque de Caxias
RF	-	Renascença Fluminense
SNA	-	Sociedade Nacional de Agricultura
SRB	-	Sociedade Rural Brasileira
TEIF	-	Teatro Experimental Itália Fausta
UDN	-	União Democrática Nacional
UPC	-	União Popular Caxiense

Sumário

Agradecimentos	P.05
Introdução	P.17
Capítulo 1 - Uma Arcádia para Nova Iguaçu: a análise do movimento literário arcadista e a institucionalização das Academias de Letras no Brasil	P.33
1. Origens do Arcadismo e fundação das Arcádias nos séculos XVII e XVIII	P.34
1.1 Arcadismo e Arcádias	P.38
2. A formação do campo literário no Brasil: O caso da Academia Brasileira de Letras (ABL)	P.43
2.1 Academia Brasileira de Letras (ABL): aproximações e distanciamentos	P.43
2.2 Academias, Cenáculos e Institutos Históricos Estaduais	P.54
Capítulo 2 - Uma cidade, muitas letras e algumas memórias: O papel da Arcádia Iguassuana de Letras nos anos 1950	P.62
1. Uma história para o distrito-sede: usos e representações da citricultura na construção de um ideário sobre Nova Iguaçu (1920-1930)	P.63
1.1 A consolidação da citricultura	P.65
2. A “crise” dos 1940: O reordenamento socioeconômico e político de Nova Iguaçu durante o período de redemocratização	P.74
2.1 A “crise” da cidade perfume	P.74
2.2 Os loteamentos e as transformações do espaço urbano	P.88
2.3 O pós-1945 e a reconfiguração partidária em Nova Iguaçu	P.97
2.4 O processo de industrialização no distrito-sede	P.104
2.5 Dividir para crescer: o caso das emancipações na Baixada Fluminense	P.107
2.6 A atuação de Dionísio Bassi nas páginas do <i>Correio de Maxambomba</i>	P.114
3. Associar-se para transformar: A reconfiguração dos grupos políticos a partir das associações locais	P.129
3.1 A fundação da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) e as novas redes de sociabilidade	P.129
Capítulo 3 - Nova Iguaçu segundo seus <i>filhos ilustres</i>: A escrita da história iguaçuana a partir das obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto	P.142

1. Sociabilidade e Literatura: O “resgate” da Idade do Ouro pelos árcades	P.143
1.1 Os autores	P.146
1.2 As trajetórias de Getúlio Barbosa de Moura e Newton Gonçalves de Barros	P.150
1.3 A participação dos árcades nas associações locais	P.155
2. Como se escreveu a história de Nova Iguaçu?	P.159
3. As obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto	P.164
3.1 Como os árcades escreveram “a história iguaçuana”?	P.165
3.2 Os “vultos históricos iguaçuanos”	P.169
3.3 A cidade de Nova Iguaçu segundo os árcades	P.172
Considerações Finais	P.186
Fontes e Referências Bibliográficas	P.191
Anexos	P.201
A – Obras dos Árcades Digitalizadas	P.202

Introdução

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.”

(Leon Tolstoi)

Pesquisar a respeito da região em que se vive pode se tornar uma experiência única. Debruçar-se sobre o lugar onde se compartilhou experiências e estabeleceu vínculos é, portanto, conhecer mais sobre sua história. Estudar a Baixada Fluminense significa analisar as peculiaridades de um território que memorialistas e pesquisadores locais não deram conta. Por essa razão, em 2009 me inseri no projeto *Memórias da Baixada Fluminense*, coordenado pelo professor Álvaro Pereira do Nascimento. Após leituras e algumas reuniões, dimensionei a complexidade de investigar a temática. No primeiro momento a “escassez” de fontes sobre a região fez com que a equipe¹ utilizasse a História Oral. Entrevistas foram realizadas com antigos moradores, especialmente os residentes do município de Nova Iguaçu.

Os depoimentos nos permitiram investigar subtemas, isto gerou o projeto o *Caminhos de Negros*. O estudo concentrou-se nos processos migratórios de negros para a Baixada Fluminense e suas respectivas experiências de vida no final do século XIX e início do XX. Contudo, durante a pesquisa abraçamos um terceiro e importante projeto, a digitalização dos semanários *Correio da Lavoura* e a *Crítica*.

Em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvemos o projeto *Em Letras Garrafais* e fotografamos todas as edições do *Correio da Lavoura*. O jornal quase centenário reúne as principais notícias sobre a região. Além do CL, o folhetim *A Crítica* foi igualmente digitalizado e posto para consulta no Centro de Documentação e Imagem (CEDIM).

Fundado em 22 de março de 1917 pelo capitão da Guarda Nacional Silvino de Azeredo, o *Correio da Lavoura* tornou-se o principal meio de comunicação do município² de

¹ Cito os nomes dos colegas Adriano dos Santos Moraes, Allofs Daniel Batista e Gabriel Nascimento. Realizamos discussões bibliográficas sobre a região, entrevistas e pesquisas em acervos e instituições do município e da cidade do Rio de Janeiro. Todos prosseguiram pesquisando a temática e hoje já são mestres ou alunos de programas de pós-graduação.

² De acordo com Amália Dias o termo Iguaçu foi empregado para o município até o ano de 1938 e Nova Iguaçu para o seu distrito-sede a partir de 1916. “Todo o município passaria à denominação de Nova Iguaçu, provisoriamente pelo Decreto-lei n. 392-A, de 31 de março de 1938 e definitivamente a partir da reforma da divisão territorial do estado do Rio de Janeiro, pelo Decreto n. 641 de 15 de dezembro de

Nova Iguaçu. Silvino Azeredo se manteve à frente do jornal até seu falecimento. Posteriormente, seus filhos Avelino Martins Azeredo e Luiz Martins Azeredo deram prosseguimento ao jornal. A história familiar em torno do *Correio da Lavoura* tornou-se outro importante tema de pesquisa, haja vista a origem negra do grupo. O grande número de matérias e colunas produzidas por seu filho e jornalista Luiz Azeredo me provocou interesse. Por isso, redigi o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre uma de suas produções: a coluna *Luiz Martins escreveu*.

Vigente entre os anos de 1945 e 1948, a coluna tratou de temas como a citricultura, transporte, urbanização, educação e saúde. O jornalista destacou a necessidade de qualificar tecnicamente a população rural e “trabalhar” pela sua permanência no campo. Neste sentido, discuti os usos políticos da educação pelo grupo ruralista durante o Estado Novo. Entretanto, o interesse de Luiz Azeredo pela educação e principalmente cultura prosseguiu me instigando.

Ao término da graduação me deparei com a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) nas páginas do *Correio da Lavoura*. O grupo literário composto por figuras locais como Luiz Azeredo se mostrou um profícuo tema de pesquisa. Pensar a cidade a partir da literatura poderia evidenciar as transformações em curso no pós-1940. Contudo, a AIL não possuiu uma sede e não deixou nenhum tipo de arquivo. Foi preciso estabelecer vínculos com amigos e familiares dos membros para acessar a documentação sobre o cenáculo. Encontrar registros sobre a trajetória e produção de intelectuais é uma dificuldade comum em estudos como este. O caso da Arcádia não foi diferente, acessar as fontes produzidas por estes literatos também foi uma das problemáticas da pesquisa. A relação entre memória e acesso a informação é um tema em permanente construção, especialmente na Baixada Fluminense, uma vez que os espaços para pesquisa ainda são escassos e a dependência de particulares recorrente.

Alguns dos contatos não residiam mais em Nova Iguaçu ou já tinham falecido. Mas, a partir do trabalho de digitalização do *Correio da Lavoura* acessamos a família do jornalista Luiz Azeredo. Parte da documentação da AIL permaneceu em poder do filho e neto do árcaide. Encontramos uma pequena, porém rica documentação sobre a instituição. Atas, prestações de contas, discursos, convites, bilhetes, correspondências e ofícios foram reunidos por Luiz Azeredo com o findar das atividades da geração fundadora. No entanto, um conjunto

1939.”DIAS, Amália, *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012, P. 25.

de aproximadamente 30 obras literárias produzidas pelos árcades se destacaram no conjunto documental. Todo o material foi organizado e digitalizado para a devida análise.

Além da documentação interna da AIL, matérias e notas sobre a Arcádia publicadas no *Correio da Lavoura* foram analisadas. Delimitamos o recorte temporal entre as décadas de 1950 e 1970, pois em 1955 se deu a fundação da Arcádia e 1970 as matérias e notas sobre a instituição deixam de ser publicadas no *Correio da Lavoura*. Acreditamos que a produção do grupo declina e com isto suas atividades. Os temas abordados pelo grupo retratam a rotina da instituição como eventos, lançamentos de obras, palestras presididas por visitantes e textos de gênero poético. A Arcádia também possuiu uma coluna intitulada *notas arcadianas*, nelas eram descritas a programação semanal da AIL.

As fontes suscitaram diferentes motivações para criação de uma Arcádia em Nova Iguaçu. Foi uma instituição peculiar com fins muito específicos. Fundada em 11 de agosto de 1955 o discurso fundamentou-se na preservação da “tradição” e dos “valores” iguaçuanos. Estabelecer uma literatura sobre a história do município e destacar a participação de “vultos históricos” locais, estavam dentre os objetivos do cenáculo. O grupo realizou uma intervenção historiográfica que o tornou porta-voz sobre a história da região. O objetivo foi situar um discurso que assegurasse a posição dos membros diante das mudanças socioeconômicas e políticas da época. Seguindo o modelo da Academia Brasileira (ABL) e demais academias estaduais, o grupo estabeleceu ritos de imortalidade que consolidaram sua atuação na escrita da história local.

Os discursos de posse, o vestuário, insígnias e referências feitas aos patronos evidenciam a manutenção da hegemonia mediante as transformações ocorridas na cidade. De forma implícita, a produção literária dos árcades também demonstrou as possibilidades e permanências frente à conjuntura de incertezas. Por isso, a instituição contou com a participação de sujeitos influentes na sociedade. Eram profissionais liberais, nascidos no município ou migrantes de outras regiões e estados. Médicos, advogados, professores e jornalistas compuseram a maior parte do quadro da AIL. Alguns possuem destaque na composição do grupo, sendo Luiz Azeredo um destes membros. Jornalista e filho do fundador do *Correio da Lavoura*, o árcade atuou na promoção da AIL junto a imprensa e promoveu o grupo junto as demais associações.

Outra figura de destaque foi Getúlio de Moura. Advogado e político influente, o árcade atuou em diferentes esferas de poder. Foi vereador, deputado federal e candidato a prefeito e governador do estado do Rio de Janeiro. Participou do jogo político municipal desde a década de 1930 e foi um dos braços de Getúlio Vargas na região. Além de Getúlio de Moura, os árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto também se destacaram desta vez pela produção literária. O médico Deoclécio redigiu inúmeras obras destacando as mutações em curso na cidade durante os anos 1950. Seu confrade e professor Afrânio Peixoto também produziu uma narrativa pautada em fatos e personagens da região. Ruy fundou sua própria instituição de ensino, o Colégio Ruy Afrânio Peixoto, tradicional grupo escolar iguaçuano. Também foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI).

Esse conjunto de referências sobre a Arcádia e seus membros evidencia como a instituição estreitou laços pré-existentes de sociabilidade. Com o objetivo de permanecerem influentes nos diversos setores sociais, o grupo resgatou a referência memorialística sobre o cidade produzida nos anos 1920 e 1930. Essa memória esteve pautada na constituição do distrito-sede do município a partir da citricultura e seus representantes. Durante as primeiras décadas do século XX Nova Iguaçu era composta pelos distritos de Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti e Queimados³.

O 1º Distrito, também conhecido por Distrito-Sede, expandiu-se no entorno da estação ferroviária de Nova Iguaçu e viu crescer a cultura da laranja, que trouxe ainda mais poder econômico e político aos seus habitantes, entre eles, os mais ilustres donos de terras, comerciantes e jornalistas. No final do século XIX a classe dominante agrária passou por um processo de reestruturação. Segundo Sônia Regina de Mendonça, “um conjunto de fatores como a abolição, redefinições do comércio internacional para produção agrícola e a instauração do regime republicano reordenou a política do grupo vinculado ao campo.”⁴

A autora afirma que o movimento ruralista foi à resposta dos proprietários de terra às questões e necessidades em torno da agricultura. Neste sentido, o ruralismo institucionalizou

³ Duque de Caxias foi emancipado em 1943 e Nilópolis e São João de Meriti no ano de 1947. Em 1990 houve a emancipação de Belford Roxo seguida por Queimados. No ano posterior se deu o desmembramento de Japeri. Por fim, em 1999, Mesquita também se emancipou tendo sua primeira eleição municipal em 2000.

⁴ MENDONÇA, Sônia Regina de. *O ruralismo brasileiro. (1888-1931)*. São Paulo: Hucitec, 1997, P 13.

as “demandas específicas e previamente organizadas”⁵ necessárias à manutenção da hegemonia dos proprietários. O objetivo foi modernizar a produção rural e renovar o potencial político do grupo. Na Baixada Fluminense, o projeto ruralista se deu, principalmente, no distrito sede de Nova Iguaçu. Durante a Primeira República, a diversificação da agricultura pelo nilismo permitiu que os proprietários de terra se consolidassem a partir da citricultura.

Por meio da política ruralista, a laranja trouxe riqueza aos “filhos” da terra e àqueles que migraram para a região em busca de sucesso. O fruto tornou-se um símbolo de “prosperidade, modernidade e progresso” para o distrito sede nos anos 1920 e 1930. Com respaldo das associações fruticultoras e da imprensa local consolidou-se uma memória coletiva sobre essa elite. A comemoração do centenário municipal em 1933 promoveu solenidades, inauguração de prédios e diversas vias públicas. Tudo isto foi uma estratégia para firmar uma narrativa histórica na qual a laranja e seus produtores seriam os vencedores.

Contudo, nos anos 1940 o projeto ruralista entrou em declínio. A “crise” da citricultura no final dos anos 1930 instaurou uma nova conjuntura sobre o município. A produção de laranja deixou de ser o motor econômico do distrito-sede e o uso da terra ganhou novos fins. A expansão da região metropolitana do Rio de Janeiro pela industrialização e urbanização, reconfigurou o subúrbio e a Baixada Fluminense. As terras antes ocupadas pela citricultura foram loteadas. Segundo Sonali Souza, esse retalhamento das antigas chácaras de laranja reordenou o espaço urbano.

“Embora articulados às necessidades de habitação popular, eles representaram a invenção de um mercado específico, assim como desencadearam um processo de especulação em lotes.”⁶ Os loteamentos atraíram uma grande população para Nova Iguaçu, haja vista sua proximidade da cidade do Rio de Janeiro e a rede de acesso aos setores de comércio e indústria. Neste momento, Nova Iguaçu foi definitivamente “agrupada” pela região metropolitana do Rio de Janeiro. Estava reordenado, portanto, o primeiro distrito do município e encerrado o projeto citricultor para a região.

⁵Idem, 1997, P.14.

⁶ SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, UFRJ, PPGAS/Museu Nacional, 1992, P. 93.

Essas transformações aumentaram as demandas urbanas e sociais da população, desta forma Nova Iguaçu cresceu e diversificou o seu nicho eleitoral. Nesse momento, o país passava pela redemocratização e o retorno das eleições. A conjuntura ampliou a disputa pelo eleitorado e, com isto, as forças partidárias entraram em forte disputa na Baixada Fluminense. No pós-1945, a “Lei Agamenon”⁷ visou “garantir dois pilares principais ao sistema partidário: pluralismo e abrangência nacional”⁸ Contudo, dentre as siglas formadas a partir de 1945 três se destacaram: UDN (União Democrática Nacional), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PSD (Partidos Social Democrático). No caso iguaçuano, o PSD exerceu forte influência, haja vista seu perfil pragmático e getulista.

Para Lucília de Almeida Neves Delgado, o PSD foi criado a partir do aparelho burocrático do Estado e “reuniu interventores do Estado Novo, alguns segmentos da classe média urbana e, principalmente, representantes das oligarquias estaduais.”⁹ Em Nova Iguaçu o árcade Getúlio de Moura foi o principal representante pessedista local durante a redemocratização. O mesmo esteve vinculado a classe proprietária de terras e consolidou sua carreira política, nos anos 1930, no auge da produção citricultora. Entretanto, a reabertura política em 1945 e as eleições reordenaram as forças políticas na Baixada Fluminense, especialmente em Nova Iguaçu. Cogitamos que o retorno do eleitorado as urnas provocou um acirramento político entre o PSD e a UDN (União Democrática Nacional), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PCB (Partido Comunista Brasileiro). Tanto a plataforma política da UDN, quanto do PTB e do PCB ganhou espaço junto aos eleitores, haja vista a novas demandas conjunturais e emancipação de distritos pertencentes a Nova Iguaçu.

A população de migrantes e trabalhadores ampliaram os bairros proletários e buscaram novas representações políticas. Esse novo contingente populacional se concentrou, principalmente, nos demais distritos do município. Figuras como Tenório Cavalcanti exploraram economicamente a venda de loteamentos, por exemplo, em Duque de Caxias. O crescimento do eleitorado e a instalação de novas indústrias nos distritos vislumbraram oportunidades políticas para as lideranças locais. Neste sentido, as emancipações tornaram-se

⁷ A lei foi elaborada pelo ex-interventor pernambucano Agamenon Magalhães. Ele assumiu a pasta do Ministério da Justiça e foi responsável pelo período de transição democrática.

⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, V. 3, P. 134.

⁹ Idem, 2003, P.138.

o caminho ideal para consolidação de novos representantes no cenário político da Baixada. A emancipação de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti na mesma década evidencia a disputa pelo território e ascensão de líderes vinculados a uma perspectiva mais progressiva.

O discurso político precisava estar atrelado às novas problemáticas do período, ou seja, vinculadas às questões do trabalho, ao comércio e principalmente à indústria. A consolidação da indústria de base a partir do governo de Getúlio Vargas foi ampliada pelas melhorias de infraestrutura da gestão de Eurico Gaspar Dutra. Nas décadas seguintes, a abertura ao capital estrangeiro instaurada por Juscelino Kubistchek fez com que grupos empresariais como a Bayer S/A fossem instaladas na região da Baixada. Incentivos fiscais e proximidade da cidade do Rio de Janeiro facilitaram a implantação de polos industriais.

Essa conjuntura fez com instituições como a Arcádia velassem problemas e disputas. Alguns destes árcades e demais representantes locais perceberam que uma nova realidade se aproximava. Ela poderia apagar velozmente a memória do que havia sido o município até ali. Portanto, a AIL enquadrou esses sujeitos e grupos à nova conjuntura. Neste sentido, esse conjunto de intelectuais formado por advogados, médicos, jornalistas, professores e representantes do poder público constituíram uma literatura com base, principalmente, sobre as benesses em torno da laranja. Árcades como Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto fizeram de forma saudosista a interlocução sobre a cidade de “outrora” e a Nova Iguaçu do progresso e industrializada.

Logo, o grupo recorreu ao novo projeto histórico. Como afirmou Gramsci, todo “grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função.”¹⁰ Num primeiro momento, durante as décadas de 1920 e 1930 o grupo citricultor constituiu sua camada de intelectuais. Ela operacionalizou a consolidação do projeto ruralista e contou com sujeitos como Silvino de Azeredo, fundador do *Correio da Lavoura*. Por meio da imprensa e de outras associações de caráter civil, essa classe agrária difundiu seu discurso e estabeleceu sua hegemonia. Desta forma, os ruralistas conseguiram atrelar historicamente suas práticas ao

¹⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, P. 15.

“progresso” do primeiro distrito. As transformações dos anos 1950 ameaçaram a preponderância adquirida a pelo menos três décadas.

Nesta perspectiva, os indivíduos fundadores da AIL acionaram novamente um “conjunto dos sistemas de relações no qual estas atividades [...] se encontram no conjunto geral das relações sociais.”¹¹ Desta vez, o projeto pretendeu definir os árcades enquanto produtores de conhecimento histórico sobre a cidade. Entretanto, a escrita da AIL pouco sinaliza os diálogos travados entre o distrito-sede iguaçuano e as novas lideranças industriais e municipais. Por isso, compreender possíveis novas conexões torna-se fundamental neste trabalho, sendo a atuação de Dionísio Bassi¹² uma delas.

Jornalista, vereador e fundador do Jornal *Correio de Maxambomba*, Bassi publicou inúmeras críticas aos membros da Arcádia, especialmente contra o jornalista Luiz Azeredo. O *Correio de Maxambomba* foi concorrente direto do *Correio da Lavoura* e denunciou irregularidades sobre os poderes legislativo e executivo municipal. Membro do PSD (Partido Social Democrático), mas vinculado a uma perspectiva trabalhista, Bassi defendeu a industrialização como caminho para o progresso iguaçuano.

Seu jornal tinha um caráter polêmico e denunciativo. Publicou matérias sobre as disputas de terras na região e as demandas dos trabalhadores e da indústria. Através do *Correio de Maxambomba* Dionísio Bassi concedeu espaço para os industriais, sindicatos e associações vinculadas a ambos. O jornalista bombardeou de críticas o *Correio da Lavoura* e os nomes vinculados a ele. Contudo, a relação entre Bassi e os arcadianos se mostra o tanto quanto nebulosa, haja vista as ausências de estudos sobre sua trajetória profissional e política. O periódico fundado pelo jornalista demonstra momentos de aproximação e distanciamento dele com o grupo da AIL.

São necessárias novas pesquisas sobre a relação do *Correio de Maxambomba* e *Correio da Lavoura*. Entretanto, cogitamos que a proximidade do jornalista com os membros da AIL pode ter estabelecido novas possibilidades políticas para ambos os lados. Durante a década de 1950, ele contou com o respaldo político do árcade Getúlio de Moura. Membros da mesma sigla partidária, o árcade estampou seu rosto em inúmeras capas do *Correio de*

¹¹ Idem, 2014, P. 18.

¹² Dionísio Bassi foi vereador do município de Nova Iguaçu por um mandato (1955-1958).

Maxambomba. É possível que ao fundir forças com Getúlio de Moura Bassi ganhasse credibilidade nas disputas dentro da Câmara.

Em contrapartida, o árcade poderia oxigenar suas oportunidades no campo político. Além de Getúlio de Moura, outros árcades estabeleceram compromissos e posicionamentos positivos para com o jornalista. Contudo, estas são suposições que demandam mais estudos e especula as mutações no campo político. O árcade Alcindo Raphael, por exemplo, declarou seu apoio ao vereador Dionísio Bassi quando lhe quiseram caçar o mandato. Ruy Afrânio Peixoto concedeu entrevista ao *Correio de Maxambomba* e exaltou o concurso de monografias sobre o município, elaborado por Dionísio Bassi. Consideramos essa aproximação uma estratégia política que, no entanto, precisa ser melhor investigada.

A categoria intelectual desempenhou um grau de desenvolvimento diferenciado nos anos 1950. Ela se adequou conforme a necessidade de inovação e equilíbrio político exigido. Portanto, estes intelectuais consolidaram seu papel enquanto produtores de conhecimento de sua categoria. A organicidade em torno da Arcádia se deu, principalmente, pela sociabilidade de seus membros, por isso este último conceito pode se tornar vago quando não bem definido. É fundamental compreendermos essa categoria como fio condutor da instituição. De acordo com Maurice Agulhon, sua origem está intrinsecamente ligada aos círculos burgueses na França do século XIX.

Maurice Agulhon usa o termo como metodologia para definir os círculos de convívio francês, entre 1810 e 1848. Contudo, sociabilidade possui diferentes aplicações nas ciências sociais e sua utilização não é comum no campo da História. O termo possui duas definições, sendo a primeira, de caráter mais geral, que seria “la aptitud de la especie humana pra vivir em sociedade [...] la sociabilidad contribuye, en lo esencial, a definir lo que separa el hombre del animal.”¹³ A segunda “ se refiere a la aptitude del individuo frecuentar agradablemente a sus semejantes; [...] La sociabilidad es entonces um rasgo del carácter; que por lo general se erigecomo virtud.”¹⁴ Estas definições foram elaboradas pela sociologia e influenciaram diretamente os historiadores franceses. Agulhon analisa como os círculos franceses foram importantes redutos de sociabilidade na primeira metade do século XIX. Círculo é “una

¹³ AGULHON, Maurice. *El círculo burgués*. Buenos Aires: Siglo, Argentina, 2009, P. 31.

¹⁴ Idem, *Ibidem*.

asociación de hombres organizados para practicar juntos una actividad desinteresada (no lucrativa) o incluso para vivir juntos la no actividad o el ocio.”¹⁵

Podiam ser reuniões familiares para jogar, uma associação de advogados, jornalistas, políticos ou escritores. Também poderiam ser sociedades acadêmicas, comerciais ou simplesmente encontros nos cafés e salões parisienses. Posteriormente, tornaram-se associações somente de homens para cultivar o ócio, para fazer negócios ou debater política. Independente destas características, eles foram tipicamente franceses e frequentados pelo público burguês. Os círculos foram a expressão máxima da sociedade francesa. Neles, se concentraram as principais características, práticas e valores da sua burguesia. São verdadeiros modelos da dinâmica cotidiana.

A sociabilidade estabelecida por estes círculos demarcaram “lazos de antagonismo o al de contraste [...] lazos de proximidad, de parentesco, de filiación, lazos de confusión parcial, luego de especialización, pero as veces también de asociación [...]”¹⁶ Portanto, instituições como a Arcádia Iguassuana de Letras foram fundadas a partir de “*um modelo general de sociabilidad antigua, de carácter interfamiliar [e] por la competencia que ofrece um tipo de sociabilidad abierto sobre la modernidad y sobre la sociedad global, estructurado por la asociación voluntaria masculina.*”¹⁷ Neste sentido, a sociabilidade foi antes de tudo o espírito de associação.

Portanto, a AIL esteve formada por laços de solidariedade. Estes vínculos foram estabelecidos pelas trajetórias em comum de seus membros. Origem familiar, carreira e direcionamento político uniram estes intelectuais. Esse círculo encaminhou a busca por prerrogativas e novo movimento de escrita da história iguaçuana. Isto concedeu o respaldo juntos aos agentes desta nova burguesia industrial.

Por isso, afirmamos que a sociabilidade deste grupo foi posta a prova pela nova conjuntura e a Arcádia uma resposta literária a uma crise de representatividade. Rui Aniceto afirma que nos anos 1950 o então governador Ernani Amaral Peixoto fez um resgate da história do estado do Rio de Janeiro. O mesmo elegeu a década de 1930, período de sua interventoria, como marco do desenvolvimento estadual. Amaral Peixoto apoiou o movimento

¹⁵ Idem, 2009, P.47.

¹⁶ Idem, 2009, P. 148.

¹⁷ Idem, 2009, P. 152.

político e militar que levou Getúlio Vargas a presidência da República em 1930. No ano de 1937, pouco antes da instauração do Estado Novo, foi nomeado interventor federal do Rio de Janeiro.

Durante a redemocratização, ajudou a fundar o PSD (Partido Social Democrático) em 1945¹⁸ e voltou ao governo do estado reforçando as políticas clientelistas locais. Contudo, os grupos vinculados ao setor agrícola que lhe deram sustentabilidade durante a interventoria, estavam travando disputas maiores com a UDN e o PTB. Estas siglas ganharam espaço em municípios como Nova Iguaçu, haja vista o fim da citricultura e número de grupos políticos firmados após as emancipações. Neste sentido, o Amaralismo investiu em instituições históricas e literárias que produzissem uma narrativa exaltando esse passado agrícola.

Neste sentido, sua gestão investiu principalmente nos campos da educação e cultura. O objetivo foi produzir uma massa de obras (livros didáticos, anuários) e dados (documentos, estatísticas, monografias) sobre regiões tradicionalmente ligadas à agricultura. A Baixada Fluminense, especialmente Nova Iguaçu, foi um dos locais mais contemplados por estes estudos. Diversas instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) e a Academia Fluminense de Letras (AFL) foram criadas para formular uma história do estado. O objetivo destas instituições foi escrever uma história relacionando amaralismo, agricultura e prosperidade.

A nível local, a Arcádia Iguassuana de Letras foi uma resposta a proposta Amaralista de escrever sobre regiões historicamente agrícolas. O projeto permitiu que essas lideranças exercessem novas influências, por isso grupos como Arcádia e o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IGHNI) foram fundados. A história da Primeira República no Brasil confirma como espaços acadêmicos legitimaram intelectuais perante o regime. A Academia Brasileira de Letras foi uma destas instituições que se propôs pairar sobre as questões políticas, mas não conseguiu.

A dança das cadeiras, de João Paulo Rodrigues, e *A encenação da imortalidade*, de Alessandra El Far, mostram como a Academia Brasileira de Letras foi além da produção literária. A ABL permitiu que a produção de uma literatura nacional entrelaçasse questões de âmbito político, mesmo que indiretamente. A política como pano de fundo, também esteve

¹⁸*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Acessado em 27 de julho de 2015, http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/ernani_amaral_peixoto

presente na fundação de academias estaduais. Elas reuniram membros com o intuito de produzir narrativas em resposta a uma determinada conjuntura. Trabalhos sobre a Academia Amazonense de Letras (AML) de Marco Aurélio Coelho de Paiva e a Academia Maranhense de Letras (AML) de Renato Kerly demonstram como os grupos relacionaram a memória da classe dirigente ao passado destas regiões.

Os árcades também discutiram a “crise” de identidade na qual estavam inseridos. As obras produzidas por Deoclécio Dias Machado e Ruy Afrânio Peixoto foram produto de uma demanda histórica. Através de suas memórias, os arcadianos consolidaram uma *cidade das letras*. Essa foi uma estratégia dominadora e ao mesmo tempo sutil, pois consolidou a Arcádia Iguassuana de Letras como um projeto de poder. Ou seja, a Arcádia Iguassuana de Letras compôs “a prática social e material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais se [relacionavam]. [A]nalisar visões de mundo e ideias transformadas em textos literários”¹⁹ significa indagar as condições de produção, posicionando seus autores histórica e socialmente.

Para este trabalho utilizei aproximadamente 50 matérias e notas jornalísticas sobre a instituição. Elas foram publicadas pelo jornal *Correio da Lavoura* e abordaram a fundação da AIL. Algumas das publicações também cobriram os eventos produzidos pela Arcádia, especialmente as solenidades de posse. Por sua vez, as *notas arcadianas* veicularam a agenda de atividades e rotina do grupo. As notas estavam concentradas na primeira página de cada edição e também veiculavam informações sobre outras academias e grêmios literários do estado. Algumas das matérias produzidas pelos árcades para o CL foram igualmente contempladas.

O semanário *Correio de Maxambomba* se intitulava um *arauto* das notícias sobre a região, e tornou-se uma referência importante para lermos os arcadianos e o projeto ruralista a partir de uma visão contrária. Assim como seu diretor, o *Correio de Maxambomba* foi denunciativo e pouco citado nas fontes locais. Contudo, após algumas pesquisas localizamos dois anos do semanário, 1957 e 1958. Eles se encontram na Fundação Biblioteca Nacional (BN) e foram os únicos exemplares analisados. A partir do *Correio de Maxambomba* podemos contrapor discursos sobre a região, especialmente sobre a conjuntura dos anos 1950. Ambos os jornais foram principalmente empregados no segundo capítulo. Periódicos da

¹⁹ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, P. 25.

cidade do Rio de Janeiro como, *Imprensa Popular*, *A noite* e *Diário de Notícias* também foram investigados.

Um segundo conjunto documental reúne o acervo da AIL. Atas, contabilidade, discursos, estatutos e regimentos internos foram arquivados pelo árcaide Luiz Martins Azeredo. Todavia, um terceiro conjunto de fontes se destacou do acervo: a obras produzidas pelos árcades. Aproximadamente 30 livros estavam em poder da família Azeredo. Assim como as outras fontes, os títulos foram digitalizados e organizados por autor, ano de publicação, número de páginas, editoração e temas. Para o terceiro capítulo, foram selecionadas obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto. O critério de escolha se deu pelos assuntos abordados por estes membros. Ambos elegeram a cidade por tema e registram suas impressões e memórias sobre distrito-sede. O objetivo é analisarmos como os autores discutiram categorias como campo e cidade.

Por isso, o projeto objetivou cinco fins: o processo de fundação da AIL, o contexto de sua criação, quem eram os membros, as relações estabelecidas entre eles e as motivações para fundação do grupo. Reformulamos estes objetivos a partir das leituras realizadas e fontes analisadas ao longo do primeiro ano. Inicialmente formulei a hipótese de que a AIL foi espaço para aquisição de prestígio social e de articulações econômicas e políticas. De fato, estes aspectos foram se confirmando com a análise das fontes, porém os elementos motivadores para a criação da instituição e reunião destes sujeitos ampliaram-se. Neste sentido, a dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma.

No primeiro capítulo relacionamos a fundação da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) com o movimento literário arcadista e outras academias. Por isso, contextualizamos a origem do termo Arcádia a partir da antiguidade clássica. Através da história da literatura identificamos instituições e movimentos, como o arcadismo, e a apropriação da terminologia por ele. Por isso, também foram estabelecidas aproximações e diferenças entre a AIL e as Arcádias fundadas na Itália e Portugal, durante os séculos XVII e XVIII. Em seguida, analisamos o arranjo do campo literário pela Academia Brasileira de Letras (ABL), no início do século XX. Características como conjuntura de fundação, organização e seleção dos membros foram comparadas. Elas deram um panorama do projeto político, no qual estavam imersos. As experiências das academias estaduais do Amazonas, Maranhão e Bahia também foram correlacionadas a AIL.

No segundo capítulo fazemos um levantamento da participação da elite citricultora na história de Nova Iguaçu. Situamos a implementação do projeto ruralista durante a década de 1930. A partir da laranja, o grupo composto por membros da futura Arcádia se tornou hegemônico na primeira metade do século XX. Os ruralistas consolidaram sua memória a partir do semanário *Correio da Lavoura*. O grupo tornou a imprensa seu principal instrumento de dominação e construção da narrativa histórica iguaçuana. Por meio de obras públicas, monumentos e eventos a administração municipal materializou o projeto ruralista. Contudo, no fim dos anos 1940 a citricultura deixou de ser o motor econômico da região.

Por isso, investigamos o contexto iguaçuano durante a década de 1950. Buscamos a relação entre a fundação da Arcádia e essas transformações. Discutimos, assim, as disputas em torno dos loteamentos e do crescimento populacional, mapeamos os agentes e as siglas políticas durante o momento de redemocratização do país, relacionamos a transição política do período e a formação de novos municípios e seu novo eleitorado e, finalmente, analisamos as aproximações dos intelectuais da AIL e novas forças políticas.

Para compreendermos o vínculo entre estes grupos, analisamos a trajetória de Dionísio Bassi e seu jornal, o *Correio da Maxambomba*. O jornalista foi um importante interlocutor entre os grupos e promoveu instituições vinculadas à indústria e comércio local. Defensor da industrialização, Bassi ampliou os espaços para o setor, mas também averiguamos um entrelaçamento político com, por exemplo, Getúlio de Moura. Por fim, discutimos os papéis das associações durante o estabelecimento da nova ordem. Associações históricas, culturais e de classe cresceram numericamente neste período. Por isso, averiguamos a relação entre esses grupos e as redes de sociabilidade formadas a partir da nova conjuntura.

No terceiro capítulo analisamos as narrativas das obras arcadianas. Primeiramente, investigamos a trajetória dos árcades e as relações estabelecidas entre eles. O objetivo foi perceber como a sociabilidade do grupo se deu pelas similaridades na trajetória de todos eles. Por isso, buscamos dados como origem familiar, profissão e carreira política de cada árcade. A partir destas características, traçamos paralelos entre os arcadianos e os encontros dos mesmos em outros espaços e instituições. Posteriormente, extraímos os aspectos da escrita da história iguaçuana. Como se deu este processo, ou seja, os fatos selecionados pelos árcades para comporem a história da região.

Averiguamos a periodicidade e os personagens abordados nos títulos. No terceiro momento do capítulo, discutimos como os árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto. Analisamos algumas das obras escritas por estes autores, pois a cidade foi o principal tema de seus trabalhos. Por meio destas narrativas, busca-se o entendimento da AIL acerca de termos como campo e cidade. Usando referências como Raymond Willians, o objetivo é saber se a literatura destes árcades encobriram as transformações sofridas pelo município. Também, indago se as letras “denunciam” uma absorção da camada tradicional pela industrial.

Boa Leitura!

Capítulo I

Uma Arcádia para Nova Iguaçu: a análise do movimento literário arcadista e a institucionalização das Academias de Letras no Brasil

*“Feliz anciano, tu heredad retienes,
Para ti grande asaz, aunque las aguas
Cubran sus pastos ó desnudas piedras.
No enfermarán á tus prenãdas cabras
Los pastos desudados, las parídas
No habrán de ser por otras contagiadas.
Tú aqui fresco hallarás bajo los bosques,
Junto á los ríos y á las fuentes sacras;
En las cercas vecinas, las abejas
Que del sauce em la flor sus mieles sacan,
Te adormirán zumbando; entre las rocas
Dará su canto el podador al aura,
Y palomas y tórtolas, tu encanto,
De un olmo gemirán entre las ramas.”²⁰*

1. Origens do Arcadismo e fundação das Arcádias nos séculos XVII e XVIII

A opção pela terminologia Arcádia desperta questionamentos sobre o grupo iguaçuano. Através da história da literatura compreenderemos as motivações para esta escolha. O membro Deoclécio Dias Machado Filho expôs, ao confrade Getúlio de Moura, suas preferências para designar o “movimento cultural digno de louvor”:

A propósito da pergunta que lhe fizera sobre se preferia a denominação de Arcádia á de Cenáculo, respondeu-nos o seguinte o Deputado Getúlio Moura, um dos valorosos integrantes do novo sodalício iguassuano: “Concordo com o seu ponto de vista. <<Arcádia>> é a designação mais adequada ao movimento de estímulo ás belas letras iguassuanas, que ora empolga seu espírito de moço culto. [...] [Grifo meu] <<Cenáculo>>, na sua origem histórica, é a sala de jantar dos romanos.

²⁰ Feliz ancião, teu legado deténs/ Para ti desmedido apuro, embora as águas/ Cubram seus pastos ou desnudas pedras./ Não convalescerão a tuas prenhes cabras/ Os pastos dessuados, os congênitos/ Não haverão de ser por outros corrompidos./ Tu aqui repousado encontrarás sob as florestas./ Junto aos rios e às fontes sacras; nas cercas vizinhas, as abelhas/ Que das flores do salgueiro seu mel extraem,/ Te adormecerão sibilando; entre as rochas/ Dará seu canto ao podador à aura,/ E pombas e rolas, teu encanto,/ De um olmo germinarão entre os galhos. MARON, Publio Virgilio. *Las Bucólicas*. México: Imprensa de Ignacio Escalante, 1903, P. 9.

Chama-se xCenáculo a <<Ceia do Senhor>>, consagrada na tela do Leonardo da Vinci. Em sentido figurado, significa ajuntamento de homens que professam as mesmas idéias ou seita, e também reunião de homens de letras, de artistas, etc. Pode servir de legenda ao movimento literário em perspectiva. <<Arcádia>>, entretanto, tem em seu favor a tradição [agrícola]. Em nome mais apropriado à organização que visa despertar o interêsse dos iguassuanos pela literatura, pela história e pelas belas artes pátrias. [Grifos meus] ²¹

Na obra *Iguaçu, terra de gente ilustre*, Deoclécio Machado complementou a proposta da matéria. O objetivo era fundar uma instituição formada por intelectuais locais. Eles deveriam escrever sobre a história do município e levar em consideração as “tradições” e “valores” locais. Por isso, o nome do grupo deveria “resguardar” estes elementos. Na verdade, o grupo se valeu do termo para demarcar sua atuação no processo histórico, ou seja, exaltar o papel do grupo ruralista vinculado a citricultura na década de 1930. O membro demonstrou inclinação para o termo Arcádia, pois condizia exatamente com este propósito:

Academia era, efetivamente, denominação faustosa para nossa modéstia. Porque dela sempre provieram os mestres e discípulos consagradamente eminentes: uma sociedade a que se dirigiam sábios e letrados – ponderávamos. E não era o nosso caso; pois, dentro da concepção geral, o que desejávamos era apenas congregar estudiosos, sinceramente interessados na vivificação do honroso passado iguaçuano. Para o que deveríamos aliciar somente conterrâneos. A profissão não importava, desde que bem recomendados. Antevíamos que Apolo e as Musas não distinguiriam entre os que acorressem ao seu culto. ²² [Grifos meus]

Os árcades cooptaram a influência memorialística sobre o período da citricultura. Viram a memória do distrito-sede de Nova Iguaçu ser consolidado a partir da laranja, assim como seu declínio econômico nos anos 1940. Isto gerou uma perda de hegemonia, por isso alguns membros dessa elite organizaram um novo projeto para a cidade, desta vez usando a literatura. Para escrever sua importância na história local, os árcades criaram a Arcádia Iguassuana de Letras e cultuaram esse passado citricultor. “De fato se concretizarmos essa ideia teremos dado mais um passo para que Nova Iguaçu, além de centro econômico respeitável pelo trabalho de seus filhos no campo seja também uma expressão de inteligência e cultura dentro do Estado do Rio.”²³

²¹ Correio da Lavoura, Domingo, 05 de junho de 1955, Ed: 1.994, P.3.

²² MACHADO, Deoclécio Dias Filho, *Nova Iguaçu, Terra de Gente Ilustre*, Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1957, P.35.

²³ Correio da Lavoura, Domingo, 24 de julho de 1955, Ed.2.001, P. 1.

Neste sentido, cabe ponderarmos o uso da terminologia Arcádia pelo grupo e a relação do mesmo com o objetivo da AIL pelo grupo. O termo Arcádia é originário de uma região próxima à cadeia de montanhas conhecida como Peloponeso, localizada na Grécia.²⁴ Posteriormente um escritor do século II D.C, Pausanias, dedicou o oitavo volume de sua obra, *Descrição da Grécia*, a este espaço denominado Arcádia. Nos séculos seguintes, as artes visuais e a literatura converteram a Arcádia num ambiente imaginário habitado por uma população de pastores.

Este espaço tomou a conotação utópica e/ou de idade de ouro que não mais retornaria. A partir disto a Arcádia passou a ser especialmente explorada como um tema literário, pois as próprias condições geográficas, políticas e sociais da Grécia muito cooperaram para o surgimento deste tipo de literatura. As imagens de belas ninfas, paisagens campestres e pastores da mitologia grega estiveram presentes nas obras de muitos autores. No caso grego, o estilo foi utilizado pelo poeta Teócrito de Siracusa.

O autor escreveu *Idílios*, uma das obras de maior destaque do período helenístico. Os idílios (pequenas poesias) são poemas bucólicos e contos épicos de linguagem simples e real. No período romano, o termo Arcádia também foi empregado pelo gênero literário bucólico²⁵ ou poesia pastoril. Mais tarde Teócrito também influenciaria os escritos do poeta romano Virgílio. Este último escreveu três grandes obras do estilo bucólico: as *Éclogas* (ou Bucólicas), as *Geórgicas* e a *Eneida*. Em *Bucólicas*, Virgílio compôs uma série de poemas situados na Arcádia.

O autor fez uso de elementos como campo, pastores e animais. “Para passar o tempo e para mostrar quem era o melhor no canto e na poesia, os pastores se dedicavam a disputas poéticas enquanto cuidavam de seus animais.”²⁶ A apreciação por esse estilo de literatura ganhou espaço na sociedade romana uma vez que a sociedade passava por diversos conflitos

²⁴ Ver o verbete Arcádia In: WILSON, Nigel. *Encyclopedia of ancient Greece*. New York: Routledge, 2010, P. 71. Acessado em: <http://books.google.com.br/books?id=8pXhAQAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Encyclopedia+of+Ancient> 21 de janeiro de 2014.

²⁵ O estilo bucólico contempla figuras como pastores e o campo. É considerado um gênero híbrido, pois apresenta traços do lirismo, épico e dramático.

²⁶ RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latinas, 2006, P.32.

civis. Sua obra provém de um contexto no qual o indivíduo vivia atordoado pelos problemas das cidades.

O campo tornou-se um espaço de fuga e nostalgia, portanto, os escritos de Virgílio retomaram os “melhores” sentimentos do homem. O poeta romano sinalizou que o homem civilizado poderia viver melhor no campo, pois o espaço citadino de Roma lhe conferia as “mazelas” da alma. Ao idealizar o modo de viver campesino, a poesia bucólica ou pastoril, configurou uma atmosfera de “paz” e “perfeição” longe dos males das cidades italianas. Esse ambiente descreve um espaço imaginário do passado, por isso a presença figurativa da Arcádia coube perfeitamente neste contexto de criação literária.

Idealiza-se um lugar para os homens se ligarem às atividades do campo e distanciarem-se do restante do mundo. Por isso, os pastores foram personagens centrais. O estilo descreve o pastor que repousa ao pé das árvores, toca sua flauta e expressa o amor correspondido ou não pela ninfa amada. Não acidentalmente há uma relação tênue entre as origens do bucolismo e as comemorações das colheitas, assim como os festejos para sua padroeira divina, a deusa Diana²⁷.

Cogita-se igualmente, que a poesia bucólica foi escrita em honra ao Deus Pã²⁸, divindade ligada aos pastores e inventor da flauta de sete canos. Segundo Márcio Ribeiro, “grupos de pastores e trabalhadores do campo enchem a região da Sicília e da Itália Meridional, diminuindo o cansaço do labor com canções, nas quais o sentimento da natureza modera as ânsias do amor.”²⁹ Portanto, o nome do grupo iguaçuano esteve alicerçado nas origens clássicas. O árcaide Deoclécio Machado justificou o uso de Arcádia, afirmando que:

Arcádia era o nome que se dava a uma região montanhosa do centro de Peloponeso, na antiga Hélade, habitada por Árcades, povo de pastores, talvez descendentes dos Pélagos, a qual, na ficção dos poetas, era o país da inocência e da felicidade bucólica, residência imaginária dos pastores fiéis no amor e de uma grande pureza de costumes. E que há de melhor do que isso?³⁰

²⁷ Em Roma a deusa grega Ártemis era conhecida por Diana.

²⁸ Pan foi um personagem da mitologia grega e viveu na região denominada por Arcádia. Considerado patrono dos pastores, habitou montanhas e florestas. Está associado a música e a magia, assim como a criação de uma flauta que leva seu nome. Ver: DALY, Kathleen. *Greek and Roman mythology*, USA: 2009, P. 109 e http://www.ancient.eu/Greek_Mythology/. Acessados em 24 de julho de 2015.

²⁹ RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril na Grécia e em Roma histórico*. Acessado em <http://www.filologia.org.br/revista/32/03.htm>, 13 de janeiro de 2013.

³⁰ MACHADO, Deoclécio Dias Filho, Op. cit, 1957, P.95.

O objetivo era demarcar as “peculiaridades” e o regionalismo através do passado agrícola. Por isso, se justifica a presença de elementos da antiguidade e da mitologia na formação da Arcádia Iguassuana de Letras. Por isso, o distrito-sede de Nova Iguaçu enquanto lugar bucólico foi antes de tudo uma invenção. Assim, a AIL representou a relação entre o “antigo” e “moderno”, a “tradição e mudança”. Conservou para mudar, ou seja, institucionalizou uma narrativa sobre o papel desta elite. Por esta razão, a Arcádia Iguassuana de Letras também tomou o arcadismo por referência.

1.1 Arcadismo e Arcádias

Jorge Antonio de La Serna, em *Arcádia: Tradição e Modernidade* pontua como o arcadismo estabeleceu antíteses entre o velho e o novo. Este aparente conflito entre esses dois aspectos foi um aspecto familiar à AIL.

Visando à renovação por um lado, é conservador por outro, tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista ideológico [...] Com efeito, ela queria obter uma expressão renovada, mas recorria para isso à tradição latina, sobretudo à poesia bucólica de Virgílio, que, todavia (novo movimento contraditório) interpretava segundo uma perspectiva condizente com a urbanização do mundo moderno. Ideologicamente, manifestava certa valorização da aristocracia tradicional, que estava sendo abalada nos alicerces pelo despotismo ilustrado de pombal.³¹

Além da contradição o Arcadismo possui outras características que se aproximam da Arcádia Iguassuana de Letras. O movimento literário do século XVIII também fez alusões ao bucolismo. Contudo, Antonio Candido afirmou *Na formação da literatura brasileira*, os cuidados ao definir esse movimento:

“A designação do Arcadismo é menos rica e significativa, devendo-se à influência dos italianos, que reagiram contra o Maneirismo nas agremiações denominadas Arcádias, cuja teoria poética nos atingiu pela influência de Muratori e a prática do seu poeta máximo, Metastasio. Ela engloba os traços ilustrados, e se tivermos a preocupação de não restringi-la à convenção pastoral, que evoca imediatamente, ainda é melhor que as outras, dado seu sentido histórico, pois, como se sabe, o movimento renovador partiu, em Portugal, da Arcádia Lusitana (1756). A sua grande vantagem é que, sendo um nome convencional, permite englobar os outros dois aspectos principais do movimento sem suprimir a ideia de outros como as

³¹ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: SERNA, Jorge Antonio Ruedas de la. *Arcádia: Tradição e Mudança*. São Paulo: EDUSP, 1995, P. nota preliminar 13.

sobrevivências maneiristas, que persistem, sobretudo graças à moda bucólica. [Grifos meus]³²

O autor afirma que o Arcadismo deve ser considerado mais que um conjunto de gêneros literários, na verdade, uma filosofia de vida, “reinterpretando o mito de uma idade de ouro, que começava então a passar de retrospectivo a prospectivo, uma vez que a noção de homem natural dava lugar de progresso, passando-se da nostalgia à utopia”.³³

“[...] Escolhendo a designação de Arcádia lusitana para o seu grêmio, os reformadores da literatura portuguesa se conformavam ao exemplo italiano; ao cultivarem o gênero bucólico, ou adotarem nomenclatura bucólica nos seus poemas, integravam-se numa corrente, também de inspiração italiana imediata, mas de boas, excelentes raízes portuguesas; corrente que parecia a própria condição de um movimento cujo escopo era reestabelecido a simplicidade e desbaratar a joalheria falsa do Cultismo decadente.”³⁴

Além da exaltação do campo e da idade do ouro, o movimento minimizou o papel dos sentimentos amorosos. A poesia bucólica delegou a iniciativa lírica a um pastor e o amor foi retratado de forma mais simples. “Esta abstração do comportamento é que leva a crítica a acentuar o *convencionalismo* arcádico, como se as demais escolas não funcionassem também segundo convenções.”³⁵ Antonio Candido completa dizendo que o:

“[...] Arcadismo português do século XVIII difere, todavia bastante do quinhentista e do seiscentista. Amainado, polido, urbanizado, a paisagem nele é decorativa e quase sempre reduzida as indicações sumárias; os pastores, elegantes, discretos e comedidos. [...] No caso do Brasil a poesia pastoral tem significado próprio e importante, visto como a valorização da rusticidade serviu admiravelmente à situação do intelectual de cultura europeia [...] permitindo-lhe justificar de certo modo o seu papel.”³⁶

O aspecto contraditório e a retomada do bucolismo foram elementos recorrentes, isto explica a razão da AIL buscar referências neste movimento. Contudo, ele possui um terceiro e importante elemento, a Arcádia Lusitana. O arcadismo foi instituído a partir dessa Arcádia em 1756. O grupo literário português enalteceu a figura do príncipe, especialmente a história da monarquia. Seu objetivo estava na restauração do prestígio aristocrático e prestígio do

³² CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: movimentos decisivos (1750-18880)*, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013, P. 44.

³³ Idem, 2013, P. 62.

³⁴ Idem, Ibidem.

³⁵ Idem, 2013, P.63

³⁶ Idem, 2013, P. 63 e 64.

principado. Usando o estilo simples do arcadismo, a Arcádia Lusitana retomou os gloriosos feitos da monarquia. A instituição baseou-se na Arcádia Italiana³⁷, todavia o grêmio português recebeu a peculiaridade do absolutismo.

Tanto o grupo português quanto italiano buscou a “tradição” na antiguidade e escrita clássica. Ambos estavam atrelados a história de uma dinastia e atenderam as suas demandas. Por isso, a AIL investiu no classicismo de movimentos como arcadismo e instituições como as Arcádias. A Arcádia Iguassuana de Letras reuniu esforços para exaltar um grupo político e investiu em novos símbolos e práticas literárias. Desta forma a representatividade adquirida nas décadas anteriores seria mantida. Por isso o árcade Raul de Figueiredo Meirelles afirmou:

Arcádia registra o prestimoso, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, significando a antiga academia literária romana, de que houve uma imitação em Lisboa, ao tempo de El rei D. José I. Evita, ademais, Arcádia, os motejos ou remoques³⁸ da irreverência popular, [grifo meu] tão difundida no Rio de Janeiro, pela imprensa, rádio e teatro, com respeito á nossa terra e a nossa gente. [Grifo meu]

³⁹

O árcade Getúlio de Moura também corroborou o uso do termo Arcádia para justificar o propósito histórico do grupo. Assim como os portugueses, o grupo iguaçuano desejava estabelecer um “bom gosto” literário:

Como você sabe, em Roma no ano de 1690, houve uma célebre Academia com êsse nome, cuja finalidade era a conservação das belas letras e aperfeiçoar a poesia italiana. Em Portugal, no reinado del-rei D. José, floresceu outra instituição com igual nome, que contribuiu muito para introduzir o bom gosto na literatura portuguesa.⁴⁰

Tanto a Arcádia Lusitana quanto Italiana usou o modo de governar absolutista para justificar a escolha do nome Arcádia. O caso iguaçuano torna-se peculiar, pois o termo foi estabeleceu um vínculo com a tradição histórica. Fundar uma academia e não uma Arcádia seria passível de contestações, isto exigia a formação de um campo literário e língua própria. Por isso, a solução passou pelo termo Arcádia e sua *tradição inventada*. Eric Hobsbawm

³⁷ A Arcádia Italiana foi fundada no final do século XVII em homenagem a Cristina da Suécia por ocasião de seu falecimento. O grupo romano foi institucionalizado em 1690 e reagiu aos excessos do maneirismo italiano. In: SERNA, Jorge Antonio Ruedas de la. *Arcádia: Tradição e Mudança*, São Paulo: USP, 1995, P.10 e 53.

³⁸ Motejo: Ridicularizar, zombar, caçoar / Remoque: Chacota, zombaria.

³⁹ Correio da Lavoura, Domingo, 29 de maio de 1955, Ed: 1.993, P.3.

⁴⁰ MACHADO, Deoclécio Dias Filho, Op. Cit, 1957, P.3.

afirmou que algumas tradições são construídas e institucionalizadas, e outras surgem e se estabelecem rapidamente.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.⁴¹

Nestas associações europeias, o passado se deu pela consolidação da monarquia e afirmação da memória do príncipe. No caso iguaçuano, a narrativa histórica passou pelo papel desempenhado pelo grupo ruralista. Por isso, a invenção das tradições pode ocorrer em qualquer tempo:

espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade, ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.⁴²

Portanto, as Arcádias foram um importante instrumento político. A representatividade destes grupos justifica as referências da Arcádia Iguassuana de Letras. Assim como o grupo português, outros cenáculos literários e científicos também surgiram durante o século XVIII e tomaram o arcadismo por referência. Antonio Candido afirmou que as “Academias foram à expressão por excelência do meio letrado e dos letrados, sendo uma espécie de coletividade ao mesmo tempo autora e receptora da sublitteratura reinante, [...], pois tratava-se da [...] deturpação [...] que foi o Cultismo português”⁴³ em sua fase terminal.

Durante o século da ilustração, a literatura tornou-se um importante mecanismo associativo na Europa e nos domínios ultramarinos, como o Brasil. A participação nestes círculos acadêmicos e arcádicos concedeu prestígio social e um espaço para discutir a relação política entre império e colônia. Elas foram locais de sociabilidade, mas também agiram como

⁴¹HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs) *A invenção das tradições*, São Paulo: Paz e Terra, 1997, P. 09 e 10.

⁴² Ibidem, P. 12 e 13.

⁴³ CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira. 1750-1836*. São Paulo: Martins, 1964, P.81.

interlocutoras sociais e políticas. A politização destes espaços foi apropriada com igual importância pela Arcádia Iguassuana de Letras, pois a aparente neutralidade das letras configurou a oportunidade para discutir sobre o meio em que estivessem inseridos.

Esses grupos literários estão classificados em: *temporárias* ou *ocasionais* e *permanentes*. As agremiações temporárias e/ou ocasionais nasciam em virtude de determinadas comemorações, enquanto que as permanentes eram associações culturais em sua essência. Para o primeiro tipo, cito a Academia dos Seletos e no terceiro modelo um grande número de grupos, porém não fixados. Como exemplo desta última destaca-se as Exéquias da Infanta de Dona Maria Francisca Dorotéia⁴⁴, realizadas em 1771, na cidade de Paracatu, estado de Minas Gerais.

No período colonial, o Brasil contou com algumas instituições permanentes, foram elas: Academia dos Renascidos, Academia Científica⁴⁵ e a Sociedade Literária⁴⁶. Todas eram formadas com o objetivo de durarem, mesmo que as circunstâncias diminuíssem o seu funcionamento. Entretanto, o caso da Academia dos Esquecidos (1724) e Academia dos Renascidos (1759) chama atenção, pois elas evidenciam as questões políticas presentes nestes grupos. Iris Kantor afirma como a Academia Real de História Portuguesa (1720) esboçou sua apreensão mais global acerca do Império Português e suas demandas internas. Isto inferiu diretamente sobre a formação de espaços acadêmicos ou literários nos domínios portugueses como o Brasil.

[...] a fundação da Academia Real de História Portuguesa, em 1720, assumia feição geopolítica, uma vez que, salvo engano, a intensificação da concorrência entre as diversas potências européias teria levado a Portugal a municiar-se com documentação comprobatória, investindo suas fichas em uma política oficial de construção da memória histórica dos seus domínios ultramarinos.”⁴⁷

⁴⁴ Exéquias é um conjunto de orações e ritos promovidos pela Igreja Católica, por ocasião do falecimento de um fiel. Essas preleções ocorrem desde o momento de sua morte até o cadáver ser sepultado ou incinerado. As Exéquias da Infanta de Dona Maria Francisca Dorotéia, filha de D. José de Portugal, foram mandadas celebrar pelo conde de Valadares no Arraial de Paracatu, estado de Minas Gerais, em 1771. Sobre estas exéquias ver em: LOPES, Hélio. *Letras de Minas e Outros ensaios*. São Paulo: EDUSP, 1997, P.60.

⁴⁵ Foi considerada uma escola que formava indivíduos para ciência.

⁴⁶ Fundado em 1786 na cidade do Rio de Janeiro. Composto por escritores, poetas e médicos, todos debatiam as informações do contexto nacional e internacional, como a revolução francesa, iluminismo e afins.

⁴⁷ KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana, 1724-1759*. São Paulo: Hucitec, UFBA, 2004, P. 19.

Para isto, a Academia Portuguesa mobilizou a criação da Academia dos Esquecidos (1724) na Bahia. Ela deveria produzir dados e corroborar com construção da história do império português. Contudo, a criação da Academia dos Renascidos três décadas após os Esquecidos, destoou dos objetivos desta última. Seu dirigente, José Mascarenhas Pacheco de Melo, propôs o engajamento dos membros pela secularização dos aldeamentos jesuíticos. Ter uma academia como os Renascidos poderia causar interferências importantes nesta estrutura. Esse tipo de associação literária instituía o surgimento da vida intelectual, possibilitando um perigoso alargamento da consciência dos luso-americanos.

Diferentemente do século XX, os espaços associativos do século XVIII foram mecanismos de controle do Império Português. Por isso, o caso da Academia dos Renascidos foi tão emblemática, uma vez que ela poderia conduzir discussões contrárias sobre a Coroa. No entanto, elas inspiraram o eixo da AIL enquanto nicho de discussões e representatividade local. Contudo, esses grêmios liberais de estilo quase sempre maçônico sofreram a metamorfose política para as chamadas Academias Literárias ou Academicismo.

A articulação estabelecida entre o meio social e literário no século XVIII adquiriu concretude com a criação as academias no início do século XIX. Elas compuseram o projeto de construção da história-nação brasileiro e com isto o panorama literário. Desta forma, reuniram importantes semelhanças e diferenças com a Arcádia Iguassuana de Letras. No tópico seguinte serão estabelecidas algumas destas aproximações e distanciamentos.

2. A formação do campo literário no Brasil: O caso da Academia Brasileira de Letras (ABL)

2.1 Academia Brasileira Letras (ABL): aproximações e distanciamentos

Durante o século XIX as academias e institutos históricos institucionalizaram o conhecimento, ou seja, estabeleceram um campo sobre o saber literário e artístico. Desde o século XVI inúmeras academias foram instituídas na Europa, contudo elas se difundiram numericamente no período posterior. Mauricio Silva afirma que durante o século XVIII o

Brasil viveu um *movimento academicista*, pois diversas instituições propagaram-se por diferentes regiões, cada qual com sua especificidade. O arcadismo presente na inconfidência mineira demonstrou parte desta tendência, haja vista escritores como Cláudio Manuel da Costa e Antônio Tomaz Gonzaga⁴⁸.

Porém, no século XIX as academias se organizaram para definir a história dos estados enquanto nação. Esta é uma característica que difere as Arcádias das Academias fundadas no início do século XX. As primeiras estabeleceram vínculos com a monarquia, a fim de enaltecer o papel da nobreza e trajetória do príncipe e suas realizações. No segundo caso, elas foram responsáveis por constituir uma literatura histórica, ou seja, um passado para nações recém-independentes como Brasil. Entretanto, estes grupos, assim como a AIL, ordenaram tradições para cada uma destas conjunturas. Ou seja, a fundação destas associações se deu pela necessidade de manutenção política em uma sociedade em transformação.

A Academia Imperial de Belas Artes fundada em 12 de agosto de 1816, por D. João IV de Portugal, contribuiu para elaboração dessa identidade nacional. Por meio de pinturas históricas e obras monumentais, a instituição compôs elementos idealizadores e heróicos acerca do passado da nação. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) fundado em 1838⁴⁹, também consolidou uma proposta “histórica” e política para o Brasil. Lilia Schwartz afirma que o momento pós-independência exigiu uma história da nação e a criação de um passado. Solidificar mitos de fundação, ordenar fatos e buscar homogeneidades entre personagens e eventos até então dispersos.

Ou seja, competiu a estas instituições ordenar o passado e fornecer a unidade política necessária no pós-independência. Segundo Schwartz, “coube [...] ao IHGB o papel de assegurar a respeitabilidade nacional e organizar a história oficial do Brasil, que era tão marcada por disputas regionais.”⁵⁰ Portanto, academias e institutos históricos fizeram parte do projeto de oficialização da história do Estado brasileiro. Com isto, determinados atores e relações de sociabilidade foram evidenciados.

⁴⁸ Para arcadismo e árcades mais expoentes ver: BOSI, Alfredo. Arcádia e Ilustração. In: *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, P. 54-87.

⁴⁹ O IHGB teve como inspiração o *Institut Historique de Paris*.

⁵⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, P.99. Veja também GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 1, 1988, P, 6.

Contudo, a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL) durante a Primeira República concretizou uma nova expressão academicista. Mauricio Silva defende que a estética literária adquiriu oficialidade a partir da ABL. A instituição da obra literária enquanto arte definiu uma importante diferença entre as academias dos séculos XVIII e XIX e suas antecessoras. Durante o século XVIII estabeleceu-se o campo artístico para se diferenciar a aristocracia e a burguesia em ascensão. A produção de obras literárias tornou-se um critério de distinção social, portanto as artes estão inseridas no contexto de consumo e política.

Logo, a Arcádia Iguassuana estava inserida em um circuito no qual a literatura tornou-se fator de diferenciação. Por meio de uma tradição histórica, a AIL consolidou um parâmetro para que suas obras se tornassem referências. Tanto a AIL quanto a ABL constituíram o que Pierre Bourdieu denomina por campo literário ou teoria dos campos. A arte, seja ela qual for, é dotada de um conjunto de perspectivas, por isso as relações firmadas entre o artista e a conjuntura devem ser vistas previamente à análise do campo literário. Ou seja, entender que tudo aquilo que circunda uma produção artística é dotado de uma acepção propositada e de que a mesma é regulada por regras e significados específicos. Bourdieu afirmou em *Regras da Arte* que:

Procurar na lógica do campo literário ou do campo artístico, mundos paradoxais capazes de inspirar ou de impor os “interesses” mais desinteressados, o princípio da existência da obra de arte naquilo que ela tem de histórico, mas também de trans-histórico, é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por algumas outras coisas, da qual ela é também sintoma. É supor que aí se enuncie um impulso expressivo que a formalização imposta pela necessidade social do campo tende a tornar irreconhecível. A renúncia ao angelismo do interesse pela forma pura é o preço que é preciso pagar para compreender a lógica desses universos sociais que, através da alquimia social de suas leis históricas de funcionamento, chegam a extrair da defrontação muitas vezes implacável das paixões e dos interesses particulares a essência sublimada do universal; e oferecer uma visão mais verdadeira e, em definitivo, mais tranquilizadora, porque menos, sobre-humana, das conquistas mais altas da ação.⁵¹

Portanto, o campo artístico está alinhavado ao conjunto de interesses políticos que extrapolam o meio artístico, ou seja, a disputa pelo capital simbólico faz mover os interesses dos agentes do campo. A arte não é campo desinteressado, especialmente as instituições que o compõem. Os sujeitos que integraram esses espaços estavam investidos de disputas, pois o objetivo era demarcar uma posição e definir o que poderia ser chamado de “bom gosto”.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. Op cit, 1997, P. 16.

Coube a instituições como Academias consolidar tendências artísticas que mais tarde se tornariam vigentes em âmbito nacional.

Essa disputa simbólica foi orientada pelas transformações na região da Baixada Fluminense nos anos 1950. A ABL não foi concebida por uma lógica transcendental, abstrata e apenas literária. O grupo marcou um novo perfil a partir da sociabilidade independente do regime, porém atento as suas questões. Por isso, devemos considerar que a consagração destes autores envolve questões para além das letras. Pascale Casanova, contemporânea a Bourdieu, afirma como a língua deu sentido a discussão em torno da literatura, ou seja, a “língua é um dos principais componentes do capital literário”⁵² Ela diz que:

A literatura está ligada a língua a ponto de se identificar “a língua da literatura” [...] a própria literatura. Uma grande literariedade ligada a uma língua supõe uma longa tradição que refina, modifica, amplia a cada geração a gama de possibilidades formais e estéticas da língua; ela estabelece e garante a evidência do caráter eminentemente literário do que é escrito nessa língua, tornando-se por si só um “certificado” literário. [...] É neste sentido que se pode compreender por que alguns autores que escreveram em línguas “pequenas” podem tentar introduzir no próprio interior de sua língua nacional não apenas as técnicas, mas até mesmo as sonoridades de uma língua considerada literária.” [Grifos meus]⁵³

Casanova constata como as academias constituem uma linguagem “própria” a partir da literatura. Através de uma “*aristocracia*” artística consagrou o que será literário, a referencia para o que ainda está por vir. No caso da AIL, os membros não estabeleceram uma língua iguaçuana, mas um território literário a partir de uma tradição histórica. “As cidades onde se concentram e se acumulam os recursos literários tornaram-se lugares em que se encarna a crença, em outras palavras, uma espécie de instituição de crédito, “bancos centrais” específicos.”⁵⁴

Diferentemente da ABL, a AIL almejou o reconhecimento a nível local, pois o grupo quis reforçar suas prerrogativas frente às mudanças conjunturais. Por isso, as academias de letras emergiram com certo status de oficialidade, ou seja, como um corpo social definido completamente incluso na esfera da literatura brasileira. Deve-se considerar que estes locais transpuseram os objetivos centrais pré-estabelecidos. O ambiente acadêmico representava uma realidade interna muito mais sofisticada do que a proposta pelos imortais. O discurso em

⁵² CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002, P.33.

⁵³ Idem, *Ibidem*.

⁵⁴ Idem, 2002, P.40.

torno da elevação da cultura nacional e preservação da língua encobria um conjunto de tensões sociopolíticas em torno da fundação da ABL.

Desta forma, a ABL surgiu como elemento fundamental à vida cultural daqueles anos de intensas modificações. A implantação do regime republicano incidiu mesmo que indiretamente na formação do grupo, ou seja, o grupo não saiu ileso da contaminação política. Os imortais não estavam isolados do mundo, mas próximos das questões do mundo real. João Paulo Rodrigues identifica como a instituição ajudou a definir o papel do intelectual no início do século XX. Portanto, o dito afastamento da política não ocorreu uma vez que a ABL recusou o vínculo com o Estado e não conseguiu estabelecer a reforma ortográfica. Portanto, a arte pela arte não se sustentava, assim como na Arcádia.

O suposto distanciamento entre literatura e política da AIL também encobriu questões mais profundas. O cenáculo promoveu um discurso de neutralidade que nunca existiu. O posicionamento dos árcades sobre a necessidade de distanciamento entre política e letras se mostrou eficiente. O grupo cumpriu sua intervenção na narrativa história local e manteve a imagem de “imparcialidade” artística mediante suas ações. Não foi uma literatura de saudação ao passado, mas de interferência historiográfica mediante as mudanças em curso na cidade. A partir deste estudo sobre a ABL considero que os membros da AIL estavam bem conscientes de seu papel político, mesmo demonstrando o contrário.

Portanto, os árcades fizeram da AIL um espaço para constituir ações que respondessem às demandas sociais. O enaltecimento de sujeitos e de imagens permitiu os arcadianos repensarem seu papel. Citricultura em declínio, cidade em crescimento demográfico ascendente e aumento da industrialização exigiram uma nova postura deste grupo. Tudo isto colocou a “neutralidade” do grupo na berlinda e um posicionamento sobre o município em mutação. Ou seja, tanto a AIL quanto a ABL não estavam isentas do viés político, mesmo dizendo o contrário. A aproximação entre os grupos também convergem no modelo seguido por elas.

A ABL reproduziu o modelo francês com quarenta membros de distintas partes do país e com atuação em diversas áreas. Os imortais exerceram atividades intelectuais, em detrimento daqueles que trabalhavam com ofícios manuais, ou seja, os acadêmicos eram dotados da capacidade de escrever parte da história do país. Diferentemente da ABL, a

Arcádia Iguassuana de Letras adotou vinte cadeiras, haja vista a menor proporção de possíveis indivíduos para ocuparem. Eles deveriam pertencer a esse setor mais tradicional vinculado a citricultura. Contudo, a AIL e demais academias estaduais⁵⁵ tiveram aproximações e distanciamentos da ABL enquanto organização e preceitos. Por isso traçaremos importantes paralelos com a Arcádia Iguassuana de Letras.

Escrito por Alessandra El Far, *A encenação da imortalidade*, faz uma leitura antropológica sobre a Academia Brasileira de Letras. São averiguadas similaridades e diferenças entre o grupo brasileiro e a Academia Francesa. Diferentemente dos inúmeros grupos literários anteriores, a ABL procurou ter a “[...] tutela do governo [que] lhe garantiria vida longa, com toda a infraestrutura necessária ao seu funcionamento.”⁵⁶ Mesmo sem o incentivo governamental criou-se a Academia Brasileira de Letras aguardando o apoio na Câmara e no Senado. Sem o respaldo do governo republicano a ABL teria menos chances de permanecer ativa. Este é um importante diferencial entre a Academia Brasileira de Letras e a Arcádia Iguassuana de Letras, pois esta última recebeu subvenções governamentais das três esferas de poder. Isto evidencia o projeto político em torno do grupo e o objetivo em estabelecer a história de uma região desde a sua fundação.

O apoio governamental se deu quando a Academia de Letras firmou estar “acima” das discussões sobre o regime republicano. Os discursos e a imprensa colocaram a literatura tão somente ligada à arte e distante das paixões políticas. Segundo seus membros aquele seria um lugar de “neutralidade”. Os imortais não seriam tomados por divergências entre monarquistas ou republicanos. Os debates acadêmicos deveriam estar acima de qualquer diferença política. Por isso, o projeto da academia de letras foi composto por “[...] nomes indicados pela República e membros eleitos por seus próprios pares [...] uma instituição apoiada pelo governo, neutra de paixões políticas.”⁵⁷

Todavia, El Far afirma que a prática da instituição se difere da proposta teórica inicial. Matérias jornalísticas apontavam como os homens das letras buscaram uma conversão do prestígio acadêmico em ganhos vindo do governo. Muitos destes literatos trabalharam em

⁵⁵A academia maranhense de letras agregou mulheres com destaque em setores econômicos, políticos e outros como forma de reter barganhas e inserções em determinados setores da sociedade.

⁵⁶ EL FAR, Alessandra. *A encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, P. 22.

⁵⁷ Idem, 2000, P. 23.

jornais e pouco ou quase nunca conseguiam obter o status de escritor, mas a partir da Academia de Letras a possibilidade era mais palpável.

“Uma academia sob a égide da República poderia proporcionar aos futuros acadêmicos reconhecimento público, maiores oportunidades de publicação nos jornais e editoras, melhores remunerações e uma visibilidade social até então inexistente.”⁵⁸ Algumas das características propostas pela ABL se aproximam da Arcádia Iguassuana de Letras, dentre elas a oficialização dos grupos junto ao Estado. O distanciamento político da literatura também se configura como característica comum entre os grupos. Contudo, a proposta transpôs as pretensões do grupo, pois ambos viram na literatura a chance de reter prestígio e crescimento político e profissional. De maneira geral, as academias de letras eram espaços ideais para aqueles que desejassem estender sua rede de sociabilidade.

Os literatos que viviam à sombra do jornalismo poderiam ver suas obras publicadas. Para os que não tinham uma vida inteiramente ligada às letras, um ambiente repleto de letrados representava novas alianças e preferências em cargos nos setores públicos e/ou privados. Com a fundação da ABL, os sujeitos conseguiriam a profissionalização e a oficialidade do saber literário.⁵⁹ No caso da Academia Brasileira de Letras e da AIL, isto se mostrou no jornalismo, nos ordenados e especialmente na distinção social.

A ABL passou a ser um retrato de um ambiente de sofisticação da *belle époque*. O grupo buscou na referência francesa o “bom gosto” e os ares de modernidade. Não bastava formular obras literárias, mas apurar o senso estético e cultural da sociedade. Desta forma, ela saberia acolher as letras e seus promotores. Portanto, a Academia Brasileira de Letras mirou na intelectualidade do velho continente e estruturou fisicamente e culturalmente o grupo. No caso da Arcádia Iguassuana de Letras, a instituição buscou referências na antiguidade clássica, mas precisamente no arcadismo e instituições como a Arcádia Lusitana de Letras.

As obras contemplaram uma tradição histórica sobre o município. O objetivo era constituir uma escrita simples e de narrativa corrida, descrevendo ações, sujeitos e espaços vinculados a este grupo. Diferentemente da ABL, as memórias dos membros foram levadas em consideração, uma vez que a perspectiva sobre o passado deveria ser a “idade de ouro” vivida pelos árcades nos anos 1930. A AIL preocupou-se com a escrita da literatura local e o

⁵⁸ Idem, 2000, P. 34.

⁵⁹ Elementos como a profissionalização do escritor são preocupações embasadas no modelo francês.

enaltecimento da “história dos vencedores”. Desta forma, sua memória não estaria perdida frente às mudanças conjunturais. Foi uma manobra política para tornaram-se referências históricas sobre Nova Iguaçu. Ter o domínio da língua culta, saber articula-la de forma histórica e poética para constituir obras de “referência” resume esse primeiro momento dos grupos.

ao ordenar o passado, que até então se mostrava disperso, os acadêmicos estabeleceriam uma história oficial, instituiriam mitos e recortariam uma memória literária, mostrando, por fim, a existência de uma tradição nas letras brasileiras. [...] Para conquistar o respeito caro a toda corporação desse caráter, era preciso construir um passado que a sustentasse, por mais que fosse forjado e selecionado.⁶⁰

O papel do jornalismo também deve ser considerado para as duas instituições. Membros da ABL e AIL trabalharam como jornalistas, pois a imprensa colocava estes homens diariamente em evidência e tornava seus textos conhecidos junto ao grande público. Alessandra El Far afirma que para compensar os baixos ganhos das redações, os escritores se arriscavam em atividades literárias paralelas. Com a ampliação da tiragem de jornais e revistas no século XX, as condições e as possibilidades do escritor viver da imprensa melhoraram razoavelmente.

No caso da AIL, muitos dos árcades atuaram como colunistas e colaboradores do principal jornal do município de Nova Iguaçu, o semanário *Correio da Lavoura*. Fundado em 1917, pelo capitão Silvino de Azeredo, o jornal foi porta-voz da plataforma ruralista nos anos 1920 e 1930. Sua estrutura tinha um caráter próprio e reproduziu muito do jornalismo francês, no qual diferentes temas ocupavam uma página a cada edição, ou seja, sem uma regularidade de assunto, tema ou página específica.

A escrita era rebuscada e as matérias contemplavam desde o noticiário internacional a produção de hortaliças. Mesmo se posicionando como independente, o grupo promoveu muitas das questões ligadas à classe ruralista. Sendo fruto do mesmo grupo social que o semanário, a Arcádia contou com um espaço para divulgação das ações da AIL. A participação no principal jornal do município concedeu respaldo aos árcades, pois seu corpo de “imortais” estava composto por sujeitos que escreviam sobre com as “necessidades” do

⁶⁰ Idem, 2000, P. 60.

município. Assim como na ABL, a imprensa foi um canal profícuo para a Arcádia, denotou o reconhecimento de indivíduos enquanto intelectuais locais.

A trajetória dos membros, em ambos os grupos, também se assemelham. Muitos destes indivíduos possuíam carreiras ligadas ao direito, medicina ou engenharia. Sobre a condição socioeconômica, El Far observou que os membros da ABL provinham de grupos mais abastados da sociedade. A Arcádia também contou com médicos, advogados ou funcionários públicos em seu quadro. Basicamente todos descendiam do setor tradicional e ruralista do município. Em ambos os casos, “[mesmo] passando boa parte do dia em repartições, esses homens procuravam conciliar seus afazeres burocráticos com suas produções literárias, não deixando jamais as letras em segundo plano.”⁶¹

Diferentemente da AIL, muitos dos imortais da Academia Brasileira de Letras viveram somente das letras. Aceitavam encomendas de obras de pouco valor literário e esperavam escapar da vivência do emprego público. Os árcades provinham de um grupo hegemônico, vinculado a administração local, por isso determinada estabilidade. Por fim, a autora ressalta um último aspecto: a construção da memória a partir da imortalização. Por meio de textos, monumentos, imagens e pertences expostos em sessões, os membros perpetuaram suas memórias e de seus patronos. Desta forma, a memória visual dos indivíduos auxiliava na publicidade destes personagens e de suas obras.

A ABL reuniu os pertences e criou uma espécie de templo da memória, local onde o público poderia rememorar o passado e as conquistas de seus escritores de maior envergadura. Por iniciativa dos próprios acadêmicos, inúmeros bustos e estátuas dos patronos foram confeccionados e postos pela cidade do Rio de Janeiro. A Arcádia Iguassuana de Letras também consolidou uma memória em torno de seus 20 patronos. Neste sentido, foram escolhidas figuras que remetesse os árcades a uma ancestralidade ideal. Por isso, patronos e árcades estavam vinculados de acordo com a área profissional de cada membro.

Além de proferir discursos e eventos, os árcades também desenvolveram matérias jornalísticas, biografias e obras que narravam extensivamente à trajetória do patronato. Em ambos os casos, a imortalidade foi uma encenação. O rebuscamento das palavras e o

⁶¹ Idem, 2000, P. 67.

saudosismo evidenciam a importância dos rituais e a repetição deles. Segundo, Alessandra El Far essa teatralização da ABL se ocorria principalmente nas sessões de recepção.

Após a eleição do membro, o imortal era recepcionado por seus confrades em uma assembléia extraordinária. A sessão contava com a presença de um grupo abastado da Capital Federal. Após a acomodação dos convidados, o presidente da Academia dava início a solenidade. O novo acadêmico era introduzido por dois colegas e fazia a leitura da vida e produção literária do patrono. Segundo a autora:

Os discursos eram a parte mais importante da cerimônia porque reafirmavam a linhagem dos acadêmicos, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente. [grifo meu] Ao longo dos anos os discursos obedeceriam a um padrão semelhante. Após ser introduzido na sala, o novo membro fazia um elogio ao antecessor de sua cadeira, [pois desde] as primeiras eleições, a intenção dos fundadores era manter esse vínculo literário entre os ocupantes de cada cadeira.[Grifos meus]⁶²

As solenidades de recepção ganharam ares de evento entre a elite carioca. Os locais das solenidades transbordavam suntuosidade. Com as vestimentas, as fronteiras sociais eram demarcadas e a integração do grupo reafirmada. Assim como a ABL, a Arcádia Iguassuana de Letras criou rituais de posse que conquistava certo prestígio e conservava este status. Os árcades também prezavam pelas solenidades e afirmação perante a sociedade. Manuseando elementos como vestuário, distribuição dos convidados no auditório, o encadeamento de pronunciamentos e discursos, permitiu AIL se distanciar de uma esfera comum e cotidiana. Isto tornava a instituição um espaço “excepcional”, ou seja, um lugar de memória.

Contudo, Alessandra El Far expôs as repercussões de eleger membros sem vínculos com o mundo letrado. Expandir as fronteiras sociais a partir de uma academia de letras tornou-se uma proposta interessante, já que as preocupações dos membros estavam fora da instituição. Todavia, El Far pouco discutiu a relação literatura e política. João Paulo Coelho de Souza Rodrigues aprofundou essa interlocução em *A Dança das Cadeiras*. O autor propõe a “relação entre literatura e política para os acadêmicos na virada do século XIX para o século XX no Brasil e principalmente, qual [era a] posição da Academia Brasileira de Letras no debate sobre os limites da política e da literatura.”⁶³

⁶² Idem, 2000, P. 99.

⁶³ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: Literatura e Política na Academia Brasileira de letras (1896-1913)*. São Paulo: Cecult, 2001, P. 16.

Afirma-se que a fundação de uma Academia de Letras patrocinada pelo Estado nasceu bem antes do ano de fundação da ABL, mais precisamente em 1889. A redação da *Revista Brasileira* foi utilizada para discussão deste projeto, haja vista o perfil da publicação e a relação com o grupo. Logo, o projeto ganhou visibilidade nos jornais da cidade, pois republicanos como Lúcio Mendonça⁶⁴ iniciaram uma intensa campanha pelo apoio do governo para a proposta acadêmica.

O papel desempenhado pela *Revista Brasileira* se mostrou fundamental na consolidação da Academia, pois ela divulgou matérias sobre diferentes assuntos e questões nos campos das ciências, letras e artes. A publicação reuniu intelectuais de distintos domínios políticos e discutiu problemas que incomodavam a esfera pública. Assim como a Academia Brasileira de Letras, a AIL fez uso do *Correio da Lavoura* para publicação de matérias motivando a fundação da AIL assim como suas reuniões e eventos.

A instauração do Regime Republicano tomou algumas páginas da *Revista Brasileira*. A conjuntura de mudanças se refletiu na publicação e no núcleo de literatos que o formava, sendo este último fundador da futura ABL. Para não indicar tendências políticas e conseguir adesão dos setores junto ao governo vigente, a revista buscou a diversidade de artigos sobre o contexto político e literário da época. Ou seja, a “aparente” despolitização foi parte de uma estratégia para fundação da Academia.

Mesmo evitando o partidarismo e menos questões de caráter político, o alinhamento pelo republicanismo moderado esteve presente na revista. Ao assumir a direção do periódico, Lúcio Mendonça deu prosseguimento à criação da Academia Brasileira de Letras e buscou o apoio do Estado para respaldar os interesses do grupo. Lucio abriu espaço para que o governo escolhesse os dez primeiros membros, posteriormente os demais seriam eleitos por votação. Desta forma, o governo nomearia os monarquistas e estes não seriam “renegados” por não participarem da Academia.

A “literatura deveria pertencer tão somente ao mundo da arte, que era mais elevado do que o da política e independente da conjuntura histórica. Isso tornava possível que um ato político do governo pudesse se converter em uma iniciativa neutra.”⁶⁵ Tanto a ABL quanto a

⁶⁴ Lúcio Eugênio de Menezes Vasconcelos Drumond Furtado de Mendonça (1854-1909) cursou Direito em São Paulo e teve militância abolicionista e republicana.

⁶⁵ Idem, 2001, P. 43.

AIL foram além das letras. Em meados da década de 1950 o município de Nova Iguaçu encontrava-se urbanizado e com sua população em contínuo crescimento. A malha ferroviária estava sendo ampliada e serviços como a rede elétrica também se expandiam. A industrialização estava em franco crescimento e a redemocratização política fez com que siglas e atores progressistas ascendessem na política local, haja vista o caso da PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). O grupo ruralista por décadas à frente do aparelho administrativo precisou de adequações.

As transformações estimularam uma ponte com o passado para que um futuro de desenvolvimento pudesse ser alcançado. Desenhadas as metas, esses intelectuais se colocaram como guardiões da história local e assegurariam privilégios socioeconômicos e políticos. Portanto, a literatura foi um caminho para discutir as tensões políticas. Para João Paulo Rodrigues, a Academia Brasileira de Letras produziu um discurso politicamente ambíguo e passível para diversas interpretações:

Essas semelhanças se configuravam sob o signo da ambiguidade. Enquanto os literatos afirmavam sem cessar os propósitos despolitizantes, de cordialidade e eminentemente literários da nova instituição, reafirmavam, nas entrelinhas, os choques dentro do grupo, a dificuldade de dissociação entre os dois mundos e um discurso negativo sobre os rumos do estilo republicano de se fazer política.⁶⁶

Portanto, política e literatura não campos distantes e faz uma intercessão pouco neutra. Tanto João Paulo Rodrigues quanto Alessandra El Far possuem contribuições únicas e complementares entre si sobre o tema. Outros estudos sobre academias estaduais circunscrevem problemáticas que contribuem para o estudo sobre a Arcádia. O objetivo é obter um panorama sobre outras instituições e as contribuições de cada autor.

2.2 Academias, Cenáculos e Institutos Históricos Estaduais

Em *A conquista intelectual do Amazonas*, Marco Aurélio Coelho de Paiva discute a relação entre a Academia Amazonense de Letras e construção da identidade nacional durante a transição do Império e a República. Ao formular a perspectiva de nação brasileira, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) esbarrou nos limites do regionalismo, pois

⁶⁶ Idem, 2001, P. 78.

os principais episódios estavam centralizados no ambiente da província fluminense. Por isso, o surgimento de institutos históricos e academias por todo país se justificou dali por diante.

Foi preciso identificar as especificidades regionais, para isto à perspectiva dos literatos locais foram tomadas por base. Contudo, Paiva revela-nos que a criação da Academia Amazonense de Letras também se deu pelo momento histórico. Durante a década de 1910, a região Norte, especialmente Manaus, vivenciou a crise da borracha. Os intelectuais sinalizaram os descontentamentos do grupo dirigente local e a maior participação deste último nas decisões de esfera nacional.

[...] a perda do monopólio sobre a extração do material gumífero para Ásia, evento fabulado pelos diversos atores políticos e intelectuais locais com vistas a explicar as raízes da crise, deixou aflorar as fissuras sociais sobre as quais o fausto da borracha estava alicerçado, propiciando com isso todo um conjunto de reflexões críticas e revisionistas sobre os processos socioeconômicos praticados na Amazônia.⁶⁷

O grupo hegemônico vislumbrou a necessidade de readaptar culturalmente as representações sobre a região. Uma instituição como a Academia Amazonense de Letras nasceu dotada do respaldo para a “fabricação” de um novo perfil sobre a região. Assim os grupos dirigentes poderiam se afirmar dentro e fora do ambiente extrarregional. O espaço acadêmico também serviu para que um grupo de intelectuais se consolidasse. Portanto, a AML funcionou como fio condutor para um grupo “reconstruir” a cultura amazônica. Tanto a Academia Amazonense de Letras quanto a Arcádia foram constituídas em resposta a uma crise de hegemonia. As mudanças ou permanências seriam definidas segundo a ação destes grupos dominantes. Por isso, as projeções para o futuro requeriam a consolidação de um passado.

A fundação da Academia de Letras da Bahia⁶⁸ na segunda metade do século XX, também chama atenção por sua representatividade. Paulo Santos Silva afirma que os grupos literários surgiam pela sociabilidade na imprensa e ensino secundário. Os literários escreviam suas primeiras crônicas e poemas ainda na escola e se prolongava até universidade. Muitos dos acadêmicos de medicina e direito possuíam uma trajetória nas letras, visto suas

⁶⁷ PAIVA, Marco Aurélio Coelho. *A conquista intelectual do Amazonas (1900 – 1930)*. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado em Sociologia, 2000, s/n.p.

⁶⁸ Outro trabalho significativo sobre a Academia de Letras da Bahia Ver: SILVA, Vanessa Magalhães da. *No Embalo das redes: cultura, intelectualidade e sociabilidades na Bahia (1941-1950)*. Bahia, UFBA, Dissertação de Mestrado em Filosofia e Ciências e Sociais, 2010.

publicações, críticas literárias e artigos em periódicos. Segundo Silva, era “motivo de envaidecimento [para] essa pequena comunidade de bacharéis discorrerem sobre qualquer assunto de natureza social e histórica além de ocupar-se das matérias de suas formações específicas.”⁶⁹ Assim como a Arcádia, a Academia de Letras da Bahia contou com membros vinculados ao jornalismo e as carreiras liberais.

Um terceiro estudo sobre grupos literários nas regiões norte-nordeste, contempla a fundação da Academia Maranhense de Letras. Renato Kerly também evidencia a afinidade entre as letras e cidade de São Luís. As letras se relacionaram com a história da capital maranhense ainda no século XIX. A conjuntura esteve marcada pelo desenvolvimento econômico a partir da cultura do algodão. Por isso, a instituição propôs a defesa das “tradições literárias” locais e necessidade de vinculá-las aos centros culturais do restante do país. Assim como a Arcádia, a Academia Maranhense construiu um discurso a partir de referências agrícolas. O objetivo também foi vincular a memória desta elite a história da cidade. Com:

uma produção de valores que tem criado um modelo ideal de escritor maranhense e, conseqüentemente, de um maranhense típico, movimento que envolve elementos ligados à crença de uma origem especial da cidade, demarcada pela sua fundação francesa; a eleição de um escritor maior, como a figura de Gonçalves Dias; a demarcação de uma cultura elevada, conservada pela população da cidade, que fala um português esmerado e preza pela virtude gramatical.⁷⁰

Os acadêmicos constituíram uma literatura a partir do referencial francês e com ele o maranhense “ideal”. A produção de obras seguiu esse padrão europeu e deu acesso e ganho de status para os membros que os seguiram. Entretanto, Kerly afirma que as “relações pessoais estabelecidas ao longo da vida representam um papel fundamental na escolha dos representantes de um conjunto de pensamentos e interesses comuns a AML.”⁷¹ Deste modo, constatamos os grêmios se deram durante momentos de crise e por vínculos sociais anteriores.

Iara Moura analisa como a escrita da história piauiense “respondeu” à crise econômica promovida pelo fim do extrativismo vegetal de produtos como a borracha e carnaúba. *Historiografia Piauiense: Relações entre escrita histórica e instituições político-*

⁶⁹ SILVA, Paulo Santos. *O caminho das letras: literatura e política na Bahia do século XX* Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 4, out./dez. 2011, P.76.

⁷⁰SILVA, Renato Kerly Marques. *Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*. São Luís, UFMA, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2009, P.58.

⁷¹ Idem, 2009, P. 99.

culturais. Este movimento historiográfico ocorreu nos anos 1950 e 1960 como forma de reagir à conjuntura econômica. Um conjunto de historiadores e economistas piauienses fez estudos sobre os problemas socioeconômicos que afetavam a região.

Por isso, instituições como a Academia Piauiense de Letras (APL) e o Instituto Histórico e Geográfico Piauiense (IHGP) foram criadas com o objetivo de formatarem uma nova perspectiva para o Piauí. Estes intelectuais acreditavam que a capital, Teresina, necessitava de cultura. Os membros investiram na produção de uma literatura histórica sobre o estado. Iara Moura assegura que estes grupos foram “locais de poder, que legitimam a pesquisa e o escritor, conferindo-lhe desta forma, a função de intérprete do passado e do presente.”⁷²

A conjuntura de fundação destas instituições configura-se como uma das características comuns a AIL. De forma geral, as academias se constituíram em momentos de importantes cisões e/ou reformulações socioeconômicas e políticas. A Academia Amazonense de Letras e a Academia Piauiense de Letras se estabeleceram durante a crise no setor extrativista, isto fez com que o grupo dirigente formulasse estratégias para sua perpetuação.

A escrita historiográfica e a literatura destes grupos pontuaram estrategicamente sua participação na história das regiões Norte e Nordeste. A Arcádia Iguassuana de Letras também projetou o grêmio literário em resposta às transformações no município de Nova Iguaçu. Para a Arcádia e da Academia Bahiana de Letras a imprensa também foi um ponto de convergência. O jornalismo divulgou os escritos desses atores e a respectiva difusão de suas academias.

O Rio de Janeiro também contou com academias e institutos históricos de envergadura. A capital fluminense concentrou instituições literárias principalmente nas décadas de 1910 e 1920 e posteriormente nos anos 1940. Os grupos fundados no início do século XX fizeram intervenções historiográficas durante a interventoria de Amaral Peixoto. Rui Aniceto afirma que:

Era um momento de intensas disputas políticas em solo fluminense que levaram a mudanças nas diretrizes locais, assim como o surgimento de ações e movimentos culturais que visavam a “redescoberta” do estado. No decorrer da década

⁷² MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições políticos-culturais*. Teresina: 2010, P.132.

construíram-se discursos narrativos e imagéticos sobre o Rio de Janeiro que nos levam alterações na forma como tais pensadores se relacionavam com o passado, e que passam a conferir um lugar de destaque à história em suas reflexões. Nesse sentido consolida-se a ideia de que era necessário o estudo da história do estado do Rio de Janeiro como forma de definir a Idade de Ouro a se restaurada e, com isso, firmam-se as diretrizes para a produção historiográfica local a partir de então: temas, cronologias, fontes e etc.⁷³

No fim dos anos 1920, o estado do Rio de Janeiro passou por mudanças políticas e culturais, no que diz respeito à história fluminense. Houve o esforço de apresentar o estado sendo revitalizado economicamente e politicamente. Para isto, o governo investiu, principalmente, na educação, em monumentos, obras, escritores e instituições literárias. No fim da segunda década do século XX dois grêmios literários foram instintos: o Grêmio Literário Guarani e Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Rio de Janeiro. Contudo, em 1917 a Academia Fluminense de Letras (AFL) foi instituída e tomou lugar de destaque junto a intelectualidade.

“Eram jovens que ansiavam por um lugar no cenário intelectual do estado e se voltaram para a reafirmação dos valores históricos em um contexto de reconstrução do lugar do Estado do Rio de Janeiro na constelação da nação.”⁷⁴ Contudo, o secretário perpetuo da Academia Fluminense de Letras, Lacerda Nogueira, fundou a Renascença Fluminense. Esta última se dizia herdeira da experiência histórica da AFL, pois o objetivo era mudar para conservar.

Esse ideário de guilões dos novos tempos imperava entre os intelectuais que compuseram a Renascença Fluminense. Um sentimento de construção de novos tempos em contraponto ao nilismo. Os renascentistas propunham que esse novo momento deveria ser alicerçado na tradição histórica local, revalorizando o período imperial. Visava-se a construção de um sentimento cívico de patriotismo em que seriam reverenciadas a memória dos fatos e os heróis que levaram a construção da história nacional, destacando-se o papel dos fluminenses nesse processo.⁷⁵

Mesmo estando situada na década de 1920, a Renascença Fluminense faz uma importante interlocução com a Arcádia Iguassuana de Letras, pois o grupo fluminense materializou sua memória em ações e monumentos físicos. “Havia uma perspectiva pedagógica nas ações renascentistas, pois se visava a formação cívica alicerçada nos heróis e nas efemérides.” O objetivo era demonstrar os valores e tradições do passado, porém distante

⁷³ FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento, Op cit, 2009, P.57 e 58.

⁷⁴ Idem, 2009, P. 61.

⁷⁵ Idem, 2009, P. 75.

do histórico oligárquico do governo Nilo Peçanha. Tomaram o período imperial por referência e construíram uma história sobre a Velha Província e sua “Idade de Ouro”. A Renascença Fluminense estava inserida em um quadro de transições e afirmação política. Tanto o grupo fluminense quanto iguaçuano mitificaram um passado em prol do futuro de progresso.

Outras instituições como a Renascença Fluminense foram fundadas na primeira metade do século XX. O objetivo era recuperar a visibilidade da Capital Federal no cenário nacional a partir do histórico das gestões Amaralistas, por isso elas foram referências dentro dos departamentos de educação e cultura. Enquanto interventor do estado Amaral Peixoto priorizou a reestruturação das atividades agrícolas. Seu projeto era modernizador e incluía a reforma administrativa e financeira do governo. Já nos anos 1940 e 1950, o comandante eleito pelas urnas reafirmou a recuperação do estado pela agricultura.

Durante a interventoria investiu-se em *lugares de memória* como museus e *Missões Culturais*, esta última composta por pedagogos, médicos, técnicos agrícolas e assistentes sociais. Elas realizam pequenas palestras para grupos locais e os ensinavam rotinas de higiene, técnicas agrícolas e instrução básica. Estas ações reiteravam uma imagem de interventor preocupado com as demandas do estado. “Associada à imagem de governante ágil que [...] estava promovendo a recuperação [estadual e] formando o novo homem fluminense, veiculava-se seu papel de defensor das tradições fluminenses.”⁷⁶

Movimentos e instituições com as características da Arcádia promoveram essa história oficial do estado. Os intelectuais ligados a estes grupos recebiam o apoio da administração pública para seus projetos. O Diretório Nacional de Geografia do Estado do Rio de Janeiro (DRGERJ) foi uma destas instituições. O diretório foi fundado em 1938, logo após a criação do IBGE e do Conselho Nacional de Geografia (CNG). Foi uma das principais instituições do período e promoveu longos estudos sobre a história regional. “O Diretório montou uma estrutura de atuação em todo o Estado, com a criação de diretórios municipais e com a nomeação de informantes distritais.”⁷⁷ Anuários, levantamentos e concursos de monografias foram instrumentos recorrentes do DRGERJ, para conhecer e produzir dados sobre as regiões do estado, especialmente a Baixada Fluminense.

⁷⁶ Idem, 2009, P. 137.

⁷⁷ Idem, 2009, P.147.

As atividades e produções destas instituições governamentais visavam mapear as principais demandas de cada local. Isto colocaria as “trajetórias dos intelectuais que dedicaram suas vidas aos estudos fluminenses [...] como pioneiros e desbravadores destes estudos, como aqueles que a eles dedicaram [...] com sua terra natal ou adotiva.”⁷⁸ Já nos anos 1950, outras instituições como a Faculdade Fluminense de Filosofia também se tornaram referência sobre estudos regionais. “O reconhecimento de seus cursos ocorreu em 1951 e 1954. O papel da instituição formadora dos professores e bacharéis, que atuavam nas escolas e [...] instituições, era ressaltado [...] pela valorização da cultura fluminense.”⁷⁹

Esses departamentos e instituições destacaram o segundo governo de Amaral Peixoto (1951-1954). Esses setores colocaram sua gestão como defensora das tradições e história local. A capital fluminense compartilhou essa perspectiva com outras regiões do estado. A nível local, grupos como a Arcádia representaram a tentativa de manutenção clientelista de décadas anteriores. Portanto, a rede de sociabilidade que uniu politicamente os arcades se deu por motivações mais complexas que “preservar” “valores típicos”.

A Arcádia Iguassuana de Letras foi fundada com objetivo de produzir uma literatura sobre o município de Nova Iguaçu. A aproximação destes intelectuais com o governo possedista poderia reforçar as bases da sigla em Nova Iguaçu. A redemocratização do país em 1945 reorganizou as disputas no município e redistribuiu as forças em legendas como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A presença dos industriais e partilha do território pelos loteamentos, também exigiu o posicionamento desse grupo ruralista vinculado à citricultura.

O capítulo sintetiza como os grêmios literários foram instrumentos políticos nos séculos XVIII e XIX. A partir do Arcadismo grupos como Arcádia Lusitana puderam concretizar uma tradição histórica sobre monarquia e as glórias do principado. O objetivo foi instaurar uma narrativa sobre o passado. Embasado em aspectos do Bucolismo como a linguagem simples, as Arcádias instauraram o par tradição e modernidade, no qual foi recuperado pelo Arcádia Iguassuana de Letras. A AIL recuperou a memória sobre a citricultura de forma que ela permanecesse representativa.

Os usos políticos também estiveram presentes na criação das academias e institutos históricos no século XIX e XX. Estes espaços institucionalizarão o conhecimento histórico e

⁷⁸ Idem, 2009, P. 153.

⁷⁹ Idem, 2009, P. 161.

literário, de forma que um grupo delimitado torna-se referência do campo. Contudo, a formação da Academia Brasileira de Letras (ABL) se destacou pelo seu processo de fundação. O grupo foi um termômetro político após a instauração da Primeira República. O discurso em torno da neutralidade das letras tentou omitir demandas. Entretanto, as falas e obras dos membros evidenciaram a busca pelo prestígio e as tensões do período. Com base em Alessadra El Far e João Paulo Rodrigues, constatamos como a ABL reuniu rituais e consolidou práticas políticas que muito se assimilaram a formação da Arcádia Iguassuana de Letras.

Assim como a ABL, outros grupos estaduais também estiveram atrelados a questões conjunturais, especialmente as políticas. As academias estaduais foram instituídas em momentos de transformação e perda de hegemonia por determinados grupos. Os cenáculos fluminenses exemplificam a importâncias dos grupos literários nas décadas de 1940 e 1950. Eles foram estimulados por Amaral Peixoto enquanto governador eleito. O objetivo foi reunir intelectuais da capital fluminense e resgatar a história do estado durante sua interventoria. Neste sentido, Amaral Peixoto deu o suporte para que instituições históricas e literárias redigissem uma história sobre sua atuação enquanto interventor.

No capítulo seguinte faremos um enquadramento da Arcádia Iguassuana de Letras frente a estas transformações. Primeiramente, contextualizaremos as “origens” do grupo e sua relação com a citricultura. Posteriormente, uma análise sobre o período democrático e as transformações físicas e políticas sofridas pelo município. Por fim, caracterizaremos a importância das associações para manutenção das velhas e novas redes de sociabilidade.

Capítulo II

*Uma cidade, muitas letras e algumas memórias:
O papel da Arcádia Iguassuana de Letras nos
anos 1950*

Três Ideais de Nova Iguassú

*NOVA IGUASSÚ – cidade extraordinária
Que progride a olhos vistos, mais e mais! –
Vai ter a sua ARCÁDIA LITERÁRIA.
Celeiro vivo de intelectuais!*

*Terra que sobrepõe, tumultuária,
À graça de seus verdes laranjais,
Intensa atividade, vastas e várias,
Em todos os setores industriais.*

*NOVA IGUASSÚ que chega – todos veem –
Em nossa agitadíssima República,
A ultrapassar algumas Capitais,*

*Depois da ARCÁDIA espera que lhe dêem
Teatro Moderno e Biblioteca Pública.
Que são seus três mais justos ideais!*

Leopoldo Machado 1º - VI – 1955⁸⁰

1- Uma história para o distrito-sede: usos e representações da citricultura na construção de um ideário sobre Nova Iguaçu (1920-1930)

Em seu poema *Eu sou do tamanho do que vejo*, o poeta Fernando Pessoa diz que através de sua aldeia ele pode enxergar o quanto quiser do restante do mundo e que por isso sua cidade é tão grande em extensão quanto outro local qualquer. Todos nós podemos ser do tamanho que nos vemos e não do comprimento real de nossa altura. Sempre devemos olhar além do horizonte que conseguimos observar, pois cresceremos conforme as expectativas e projeções que colocamos em nosso presente.

Para os membros da Arcádia Iguassuana de Letras, nos anos 1950 e 1960, Nova Iguaçu não se limitava a uma localidade “interiorana” a ela atribuída pela Capital Federal. A partir de gêneros textuais como o poema de Leopoldo Machado, as obras produzidas sob a

⁸⁰ Correio da Lavoura, Domingo, 05 de junho de 1955, Ed:1.994 P. 1.

égide da AIL contribuíram para a construção de um outro olhar sobre a cidade, cristalizando a relação histórica entre prosperidade e economia. O espaço era descrito como lugar de “progresso” e “celeiro” de intelectuais, capazes de instituírem espaços de “valor” como a Arcádia. O “tumulto” e as indústrias ganhavam o lugar ocupado anteriormente pelos “verdes laranjais”, confirmando a “importância” de Nova Iguaçu para o desenvolvimento da região. De acordo com os árcades, era um município capaz de crescer sem esquecer seus “principais ideais”.

Contudo, a Nova Iguaçu “recriada” pelos árcades foi constituída durante as décadas de 1920 e 1930. A consolidação do 1º distrito, enquanto sede da prefeitura municipal, ou seja, na antiga Maxambomba, se deu quando a principal atividade agrícola do município, a citricultura, foi concretizada como projeto político. Nova Iguaçu era – e é - um dos principais municípios que compõem a Região da Baixada Fluminense. Isto se confirma tanto em aspectos geográficos quanto socioeconômicos e políticos.

Seu desenvolvimento e proximidade com a cidade do Rio de Janeiro fez com que a Baixada - Nova Iguaçu incluída - se tornasse alvo de investimentos e políticas públicas em todos os níveis governamentais de poder. As ações promovidas pelo Estado ao longo de séculos foram utilizadas para explicar a ocupação da região, suas transformações e atuação dos grupos dominantes. Os usos destes discursos foram tomados com certa veracidade e reproduzidos por memorialistas e pesquisadores. Isto fez com que a própria definição de Baixada ganhasse distintas interpretações e tornasse o conceito polissêmico⁸¹, pois cada significado variou conforme as práticas e interesses sobre este espaço. Discutiremos a perspectiva atribuída pelos árcades a este território, neste caso a ruralista.

⁸¹ De acordo com Lucia Silva termos como Recôncavo ou Grande Iguaçu eram utilizados como forma de esconder divisões e as diversas atividades constituidoras da região. A terminologia Baixada seria definida posteriormente pelas Comissões de Saneamento e ampliação da malha ferroviária. Em um terceiro momento, o termo foi empregado no sentido negativo, ou como lugar de possibilidades pelos migrantes. Ver: De Recôncavo da Guanabara a Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. *Recôncavo Revista de História da UNIABEU*, V. 3, Nº 5, P. 47-63, 2013 e MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. *Revista pilares da história* – Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Ano 4- número 6 abril /2006, P. 7-14.

1.1 A consolidação da citricultura

O município recebeu muito dos incrementos agrícolas aplicados no estado do Rio de Janeiro. Em o *Ruralismo Brasileiro*, Sonia Regina de Mendonça afirma que os investimentos realizados pelos poderes executivos estaduais foram, entre outros, a diversificação da agricultura, sendo Nilo Peçanha um dos mais destacados. Ao assumir a presidência do estado do Rio de Janeiro entre 1903-1906 adotou uma política de diversificação que antecipara a proposta adota pelo governo federal em 1909 através do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. De acordo com a autora:

Convencido de que o termo produção implicava estritamente em bens oriundos do solo e tomando por referência o abastecimento do mercado do Distrito Federal, bem como a diminuição dos efeitos da já reduzida capacidade de importação da economia fluminense, Nilo tentaria reanimar o setor agrícola com base em quatro vertentes: a redução dos fretes de transporte ferroviário; a sobretributação dos importados similares aos da produção local; a diminuição dos impostos sobre as exportações agrícolas do estado e, por fim, a concessão de estímulos, diretos e indiretos, ao *policultivo*.⁸²

Portanto, podemos afirmar que a citricultura, assim como o café e a cana de açúcar, não foram as principais atividades econômicas do estado graças a uma “natural” transição dos ciclos econômicos.⁸³ A política agrícola implementada por Nilo Peçanha representou “o tipo de institucionalização oficial de interesses agrários próprios a áreas ou setores em condições menos dinâmicas de desempenho [...]”⁸⁴ Desta forma, constatamos que usos dos território iguaçuano se deram pela defesa se um novo modelo de desenvolvimento da agricultura a nível nacional, ou seja, assegurar novas possibilidades socioeconômicas e políticas para os grupos dominantes e proprietários poucos atendidos no bloco de poder.

Os números confirmam que Nilo Peçanha alargou programas que recuperaram a economia do estado durante os primeiros anos do regime Republicano, sendo o setor agrícola o seu principal foco de modernização. Em termos quantitativos, o projeto demonstrou ter dado

⁸² MENDONÇA, Sonia Regina de, Op cit, 1997, P. 34.

⁸³ A perspectiva dos ciclos econômicos fica evidente na obra de Waldick Pereira. O autor discorre sobre as culturas agrícolas (café, cana e laranja) e suas mudanças a partir dos ciclos, isto resulta em uma história do produto e torna a economia um elemento abstrato. Ou seja, Waldick Pereira naturaliza o processo econômico da região. A partir de dados quantitativos e referências da economia ele aponta importantes temas como as relações políticas internas do município e a organização urbana de Nova Iguaçu, mas não os analisam sistematicamente.

⁸⁴ Idem, 1997, P. 34.

certo, pois em 1920 Carlos Eduardo Costa indica que “Nova Iguaçu possuiu o equivalente a 144.700 hectares dos quais 117.937, ou seja, 81,5% eram estabelecimentos rurais.”⁸⁵

No censo de 1940 houve um aumento do número de propriedades de pequeno porte. No “auge da produção da laranja em Nova Iguaçu, somava-se 1.520 propriedades rurais que, dentre elas, 704 estavam sob controle dos proprietários, 302 sob os administradores e 523 sob arrendatários [...]”⁸⁶ Os fazendeiros mais ricos e donos de mais de uma propriedade passaram a dominar a produção do fruto na região. Portanto, a citricultura dominada pelos grandes proprietários, conseguiu valores significativos junto à exportação. A participação Iguaçuana na saída de caixas de laranjas preponderou em relação às demais regiões. Do total de 1.236.453 caixas de laranja exportadas pelo estado do Rio de Janeiro em 1931, 687.900 partiram de Nova Iguaçu.

Logo, o projeto político e econômico da citricultura alcançou seu ponto máximo nas três primeiras décadas do século XX. As mutações no campo durante a Primeira República alertou os segmentos agrários sobre sua atuação e os enfrentamentos. Segundo Regina de Mendonça, a perspectiva de *urbanização dos investimentos* facilitava a construção de um pensamento tipicamente urbano vinculado “à potencial possibilidade de dissolução das concepções e visões do mundo tradicionalmente em vigor. [A] economia que se achava à mercê das mudanças em curso, ameaçando as bases da secular dominação dos grupos agrários.”⁸⁷

Por isso, esse cenário de transição para o capitalismo industrial desencadeou um conjunto de reações dos grupos agrários da classe dominantes, sendo elas pautadas na supervalorização do campo e da vida rural. Essa capacidade de reação formou um conjunto de práticas e ações que constituíram o chamado ruralismo, ou seja, “um movimento político, [de] debates de ideias e política pública institucionalizada.”⁸⁸ A partir destas disputas de projetos políticos pela hegemonia após a instauração da República, o setores agrários, com auxílio das ações de Nilo Peçanha, alcançaram êxito no estado do Rio de Janeiro. Foi

⁸⁵COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimentos. Vale do Paraíba e Nova Iguaçu(1888-1940)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008, P. 80.

⁸⁶ Idem, 2008, P.80.

⁸⁷ Idem, 1997, P.64.

⁸⁸ Idem, Ibidem.

consolidada uma narrativa histórica sobre o distrito sede Iguazuano, durante os 1920 e 1930, por meio do projeto da citricultura iniciado anos anteriores.

Seguindo ideias como a diversificação agrícola, mecanização e formação do trabalho, o projeto de hegemonia consolidava suas bases nas quatro primeiras décadas do século XX e com isto afirmava sua posição política e econômica no cenário estadual e nacional. Esse projeto vencedor vai ser a perspectiva assumida pela Arcádia Iguassuana de Letras em suas obras como forma de retomar algumas prerrogativas. Todavia, precisamos considerar que a consolidação deste plano envolveu um conjunto de ações, sujeitos e instituições. Elas deveriam respaldar o projeto nilista da laranja como principal atividade econômica de Nova Iguaçu nos anos 1930. Por isso a imprensa e determinadas associações de caráter civil foram acionadas.

Amália Dias constatou que entre os anos de 1917-1935, 45 jornais foram criados no distrito-sede de Nova Iguaçu, contudo somente um não deixou de existir: o *Correio da Lavoura*. Fundado pelo capitão Silvino Azeredo em 22 de março de 1917, o semanário verbalizou lemas em defesa da lavoura, saneamento e instrução. As matérias produzidas pelos diversos articulistas do jornal enquadravam o uso do território rural pela agricultura. O discurso do *Correio da Lavoura* reiterava “a vocação agrária do Brasil” assim como a SNA (Sociedade Nacional de Agricultura).⁸⁹

Vale ressaltar que a SNA e o *Correio da Lavoura* foram organizações de caráter civil. Seus participantes articularam interesses dos setores agrários no pós-abolição. Ambas corroboraram o discurso no qual a agricultura em atraso seria responsável pelo retrocesso do país. Portanto, era necessário agregar os investimentos políticos e econômicos necessários que atendessem a demanda posta pela classe agrária. As lideranças fluminenses comungavam do movimento ruralista difundindo pelos grupos agrários de todo o Brasil. Sonia Regina de Mendonça conceitua que o ruralismo foi:

especificamente definido ao longo da Primeira República [...] como um movimento integrado por agências e agentes dotados de uma inserção determinada na estrutura

⁸⁹ A Sociedade Nacional de Agricultura foi fundada em janeiro de 1897. Foi definida como uma sociedade civil e dentre seus fins específicos estavam “à criação de novas associações rurais, cooperativas e caixas de crédito; a função de campos de demonstração e escolas práticas de agricultura bem como o aperfeiçoamento dos trabalhos agrícolas mediante a aplicação da ciência aos campos, bem ao sabor do espírito ilustrado dominante entre os membros da primeira geração republicana.” Idem, 1997, P.42.

social agrária e sustentado por canais específicos de organização, expressão e difusão de demandas. [...]”⁹⁰

O ruralismo, por uma reunião de aspectos como o pós-abolição, rearranjo do comércio internacional e das forças hegemônicas, acabou reordenando a política dos grupos dominantes agrários. Contudo, o movimento não produziu um discurso uniforme. Ele expressou conflitos e posturas diferentes sobre como a agricultura seria gerenciada no início do século XX. Isto demonstrou a “luta pela institucionalização de interesses outros que não os da fração hegemônica, quer a nível da sociedade civil quer, sobretudo a nível de sociedade política ou Estado no sentido estrito”⁹¹. Para Sonia Regina de Mendonça, o ruralismo defendeu o rompimento com a lavoura arcaica e a extrema especialização produtiva da agricultura nacional.

Por isso, novas possibilidades econômicas e políticas seriam concedidas para o grupo proprietário menos favorecido dentro deste grande bloco de poder. Era preciso não somente pensar na esfera política, mas também civil. Foi necessário criar instituições capazes de encaminhar esse projeto de “essência agrária” do país, como por exemplo, a SNA. Ela foi capaz de organizar e doutrinar essa classe rural em torno de objetivos como a modernização e melhoramentos do campo. Revigorar esse discurso permitira enfrentar questões como a industrialização e o mercado de trabalho.

O *Correio da Lavoura*, por sua vez, encabeçou a propaganda do movimento ruralista em suas páginas e contribuiu para inúmeras intervenções na região da Baixada Fluminense e transformações significativas no território iguaçuano. A Liga de Pró Saneamento Federal agiu no município como “ferramenta de intervenção, para a recuperação de regiões insalubres, pretendendo torná-las habitáveis e produtivas economicamente, além de gerar melhorias nas condições de saúde das populações”⁹². O *Correio da Lavoura* corroborava a necessidade de inspeção e saneamento como mecanismos capazes de revigorar o desenvolvimento econômico local.

Rumo ao campo e enxada é o grito que deve ressoar por toda parte. Neste paiz, <<essencialmente agrícola>>, do que menos se cuida é exactamente da agricultura.

⁹⁰ Idem, 1997, P.13.

⁹¹ Idem, 1997, P. 14.

⁹² DIAS, Amália. Op cit, P. 45.

O nosso povo foge do campo como o diabo da cruz. [...] Não seria útil o governo difundir o ensino técnico, afim de preparar profissionaes para o desempenho dos cargos existentes no Ministério da Agricultura, bem como nos da iniciativa particular, as fazendas, as industrias de laticínios e seus derivados, que naturalmente, darão preferencia a ser dirigidas ou trabalhadas por agrônomos do que por pessoas leigas na matéria? Estamos certos que as autoridades do paiz resolverão satisfactoriamente o problema importantíssimo do ensino técnico e profissional concorrendo para invejável progresso do nosso caro Brasil.⁹³

A consolidação da citricultura pelo governo Nilo Peçanha em Nova Iguaçu ganhou amparo da administração municipal somente após investimentos estaduais, sendo estes últimos fundamentais para consolidação do projeto da laranja como produto “tipicamente” local. O entendimento entre as esferas de poder federal e estadual durante a Primeira República permitiu que medidas de proteção ao setor agrário fossem tomadas ainda que a indústria também tenha sido incentivada. Durante a década de 1930 o governo estadual passou a funcionar sob o sistema de interventoria. No caso do estado do Rio de Janeiro a pauta de recuperação da máquina estatal pelo viés agropecuário permaneceu, principalmente durante a intervenção de Amaral Peixoto entre os anos de 1937-1945.

De acordo com Amália Dias:

[...] as medidas pela modernização do município, desde reformas no distrito-sede até a ampla intervenção sobre o saneamento da região da Baixada, com forte atuação da interventoria estadual e do governo federal, propiciaram a gestação, em concomitância com os grupos locais, de um movimento político pela construção da “Nova Iguaçu”. Além das medidas modernizantes para beneficiar o escoamento da produção de laranjas, favorecendo o barateamento da produção e da exportação, nota-se um forte empenho, nos grupos locais do município, em tornar Nova Iguaçu, de um *espaço*, em um *lugar*. Isto é, há fortes investimentos em construir uma identidade local entre a história do município (a partir da história do distrito-sede) e a valorização da função da citricultura para o almejado progresso da região.⁹⁴

Corroborando com Amália Dias, Rui Aniceto Fernandes também afirma que o papel desenvolvido pelo governo do estado foi essencial para materialização do projeto ruralista no Rio de Janeiro. O interventor constituiu a infraestrutura necessária para reestruturação econômica das atividades agrárias, reafirmando a sua “vocaçãõ” para as coisas do campo. Isto foi possível graças ao alicerce político criado por Amaral Peixoto junto aos grupos municipais do interior do estado. Em matéria publicada no dia 07 de julho de 1938 o *Correio da Lavoura*

⁹³ Correio da Lavoura, Nova – Iguaçu, 07 de junho de 1917, Ed. 12, P.1.

⁹⁴ Idem, 2012, P. 208.

exalta a presença dos políticos locais e do interventor do estado na inauguração de um centro de saúde no município:

No ultimo dia do mez de junho que passou nesta cidade, assignalou-se com a realização de um commenttimento de real importacia para a população iguassuana: - inaugurou-se solenemente,o Centro de Saúde de Iguassú em edificio especialmente construído para esse fim e com toda a aparelhagem dos seus congeneres mais eficientes e modernos. É de se calcular, portanto, pelo presente recebido, a satisfação de todos os filhos deste pedaço de terra fluminense, e, particularmente, do nosso venerando diretor, que sempre fez esforços para que os poderes públicos cuidassem, antes mesmo da instrucção, eficientemente da saude do povo. A par do admirável senso de medida do interventor, o comte. Ernani Amaral Peixoto, que tem prestigiado essa obra notável que é a assistencia medico-social ás populações fluminenses, todoso nós devemos bater palmas, num aplauso de reconhecimento, ao entusiasmo patriótico de um homem de vasta cultura, e amigo sincero do povo de Iguassú – o distinctissimo higienista dr. Mario Pinotti, diretor do Departamento de Saude Pública do Estado.⁹⁵

Por meio deles o interventor ainda governou por mais um mandato entre os anos de 1952 e 1954 e conseguiu eleger seus sucessores Edmundo Macedo Soares entre 1947 e 1950 e Miguel Couto entre 1955-1958. Sua manutenção até o Estado Novo garantiu a continuidade do projeto em torno da “zona rural e nos considerados valores locais, [propiciando] sólida base política no estado do Rio de Janeiro por mais de uma década”⁹⁶ Portanto, o discurso de revitalização promulgado pelo interventor conseguiu sustentar a governabilidade necessária junto aos líderes locais. Isto se deu através de práticas clientelistas tradicionais e do incentivo a atividades como a agricultura.

Logo, os interesses dos grupos locais – citricultores, produtores e exportadores - pela consolidação da citricultura foram atendidos, pois a laranja foi associada enquanto símbolo de prosperidade as mudanças “positivas”. Por isso, a centralização do distrito sede constituiu-se a partir das exigências geradas pela citricultura como: saneamento, aproveitamento de terras, estradas de ferros e incentivos governamentais.

Em 1923, o Sindicato Agrícola⁹⁷ foi estabelecido no distrito-sede de Nova Iguaçu. A necessidade de organizar a produção fez com que as associações se tornassem um mecanismo importante para obtenção de investimentos e amparo dos produtores locais. No pleno

⁹⁵ Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Quinta-feira, 07 de Julho de 1938, Ed: 1.111, P.1.

⁹⁶ FERNANDES. Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Rio de Janeiro, PUC, Tese de Doutorado, 2009, P.145.

⁹⁷ O Sindicato Agrícola teve seu nome alterado para Associação dos Fruticultores de Nova Iguaçu no ano de 1924.

desenvolvimento da citricultura, trabalhadores rurais e pequenos proprietários se sentiram atraídos em investir na terra, haja vista a presença massiva de imigrantes desenvolvendo a produção e exportação em Nova Iguaçu. A *Companhia Fazendas Reunidas Normandia* e *Antonio de Oliveira e Irmãos*, ambas estrangeiras, foram algumas das maiores produtoras.⁹⁸

As duas controlavam a maioria das extensões de terras originárias de latifúndios do século XIX. A institucionalização de associações como estas permitiu que proprietários de terras e representantes das camadas médias fortalecessem o processo de desenvolvimento da cultura, assim como a capacidade de intervir junto ao Estado e à imprensa local. Isto só confirma o claro movimento de consolidação física e simbólica de uma narrativa em torno desse grupo e seu trabalho.

Portanto, o núcleo urbano foi sendo organizado desde o fim do século XIX, pois o cultivo da laranja configurou por completo o espaço sede do município. Comércio, escolas, hospital e espaços de lazer, além do aparelho administrativo, se concentravam no centro do distrito-sede. Logo, a construção do cerne urbano se deu em função: da ferrovia, da transferência do centro para a estação de Maxambomba⁹⁹ e pela atividade citrícola. Contudo em “outros distritos do município sucediam modos diferentes de ocupação e de uso das ferrovias e outras funções econômicas demarcavam a urbanização naqueles distritos.”¹⁰⁰

Arruda Negreiros, prefeito deste período, organizou um conjunto de ações comemorativas para o centenário do município no ano de 1933. A construção de obras, a inauguração de vias, monumentos históricos e a publicação de obras “memorialísticas” davam visibilidade a relação vocação agrícola e modernização. Esse projeto memorialístico tornou-se referência para muitos dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre a região. “José Matoso Maia Forte, a quem foi encomendado o livro sobre o município de Nova Iguaçu, integrava o rol de autores que participaram de um movimento que marcou a escrita da história do estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1920.”¹⁰¹

⁹⁸ Segundo Sonali Souza, as maiores produtoras foram a Companhia Fazendas Reunidas Normandia e Antônio de Oliveira e Irmãos.

⁹⁹ A mudança do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguassú, para as margens da ferrovia, no povoado de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Com o novo centro administrativo, Maxambomba tornou-se em 1916, Nova Iguassú. Posteriormente, na década de 1920 a escrita é modificada para Nova Iguaçu.

¹⁰⁰ Amália Dias, Op cit, 2012, P. 55.

¹⁰¹ Ibidem, P. 212.

O objetivo era apontar um “futuro promissor” a partir da idade de ouro produzida pela citricultura e seus grupos operantes. O centenário e sua comemoração produziram uma “Nova” Iguazu que reafirmava a citricultura. O livro *a Memória da Fundação de Iguassú. Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Vila em 15 de janeiro de 1833* de José Matoso confirma como essa geração de dirigentes locais e proprietários conduziram o modo de fazer a história do município.

O autor era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e recebeu de Arruda Negreiros a proposta de escrever a obra. A narrativa demarca o processo de ocupação da região desde a sua colonização. A exaltação da agricultura como vocação municipal é um dos destaques da obra. O objetivo era demonstrar como a mesma possibilitou a expansão de engenhos, caminhos e transporte para o deslocamento das diversas produções. De acordo com Amália Dias, também em 1933 foi produzida a *Polyanthéa Comemorativa ao Primeiro Centenário do Município no Governo Arruda Negreiro*. A obra reuniu textos e imagens sobre diferentes questões que elegessem o município como tema. O título igualmente elege a administração do Prefeito Arruda Negreiros e reitera a história municipal descrita por Maia Forte.

Portanto, uma determinada literatura sobre a cidade foi consolidada durante os anos 1930. Ela tornou-se referência para outros pesquisadores que prosseguiram; no entanto, contrastando a relação entre campo e cidade. O campo foi configurado como espaço “ingênuo” e “puro” e o posterior a isto, como lugar de crescimento desordenado, industrializado e com altos índices de violência. O campo enquanto mito foi estabelecido durante o auge da citricultura e serviu para promoção do grupo ruralista. Nova Iguazu estabeleceu o urbano a partir do “mundo” rural, ou seja, ambos se complementaram ao invés de se oporem.

A centralização do poder no pós 1930 permitiu que o grupo ruralista delimitasse sua participação por meio de obras públicas e de setores como educação e saúde. O apoio ao setor agrário durante o Estado Novo é totalmente constatável. A presença de Getúlio Vargas no município é um sintoma do número de investimentos em Nova Iguazu. Isto também confirma a parceria firmada entre a administração local e as demais esferas de governo. O calendário de eventos, inaugurações e visitas demonstra que “Arruda Negreiros representava a força do

antigo político Manoel Reis aliado de Nilo Peçanha no estado. Getúlio de Moura¹⁰² também começou a despontar no cenário político da cidade como liderança local.”¹⁰³

Referências nilistas como a vocação agrícola e o saneamento permaneceram como pautas durante a Era Vargas. Em visita ao município de Nova Iguaçu no ano de 1931, Getúlio Vargas inaugurou diversas obras ligadas a melhorias de estradas, saneamento e ampliação de setores como saúde e educação. Em junho de 1931 o presidente também inaugurou a pedra fundamental que constituiria o Hospital Iguassú em 1935 assim como a primeira *Packing House* do distrito-sede. Portanto,

Mas cabe distinguir que esse processo é historicamente construído, gestado pelo empenho daqueles setores em defender a citricultura – que engendrava a organização do distrito-sede – como atividade essencial de todo o município. Na escala maior do município, outros usos da região estavam em curso, de forma que a citricultura disputava territórios e a convergência dos esforços da ação municipal para seus interesses. A citricultura não era, apenas, uma atividade que se realizava no território de Nova Iguaçu, mas trata-se de uma atividade que realizava a construção da Nova Iguaçu, após a transferência da sede para Maxambomba, e se afirmava, nessa construção, concomitantemente, e em disputa com outros movimentos no município.¹⁰⁴

O governo federal, juntamente com a interventoria estadual e forças locais promoveram a elaboração do distrito-sede a partir de ações físicas e simbólicas. A cidade tornou-se marco de modernidade pela consolidação máxima da política de beneficiamento da laranja. A presença de Getúlio Vargas e do interventor Amaral Peixoto, em Nova Iguaçu,

¹⁰² Nascido em Itaguaí em 10 de junho de 1920, Getúlio de Moura foi árcade e um importante aliado da base eleitoral da Era Vargas em Nova Iguaçu. Segundo Amália Dias era peça influente nas campanhas políticas locais e formou importantes alianças que o posicionou como um dos principais líderes da Baixada Fluminense. Sua derrota nas eleições de 1929 para vereador fez com que ele formasse acordos entre os grupos que apoiaram a Revolução de 1930. Agiu localmente na promoção do golpe que levaria ao Governo Provisório e auxiliou na fundação da União das Classes Conservadoras de Nova Iguaçu. De acordo com Allofs Daniel Batista o político alcançou projeção na carreira política durante os anos 1930 e 1940 e pertenceu ao Partido Social Democrático (PSD). Foi vereador, presidente da câmara, prefeito, candidato a governador e ministro de Estado. No processo de criação da Arcádia, Getúlio de Moura estava no cargo de deputado estadual, desta forma conseguiu que o Fórum do município cedesse um espaço para o funcionamento da instituição enquanto esta última não tinha sede definitiva. Foi advogado em um caso de assassinato de grande repercussão nos jornais da capital federal. Getúlio de Moura participou como advogado de defesa da acusada, enquanto Tenório Cavalcanti, opositor político do árcade, encontrava-se na condição de advogado de acusação. Ver: BATISTA, Allofs Daniel. *Da Laranja ao Golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política dos primeiros anos do Regime Civil-Militar*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2011.

¹⁰³ Idem, 2012, P. 279.

¹⁰⁴ Idem, 2012, P. 305.

demonstra o sucesso da aliança estabelecida pela política ruralista. O número de eventos e inaugurações durante a comemoração do centenário confirma esse movimento.

A infraestrutura moderna e a literatura desenvolvida pelo poder municipal e a classe rural constituíram uma cidade que os referenciavam para gerações posteriores. Portanto, esta memória estabeleceu-se como uma referência em muitos dos trabalhos desenvolvidos sobre a região. O grupo citricultor foram os responsáveis por constituírem uma narrativa que relacionou o progresso da cidade a partir da laranja.

O centenário produziu a imagem de uma “Nova” Iguaçu que evoca um passado vinculado à citricultura. Segundo Natalia Crivello esse “mito é perpetuado pela classe citricultora e seus descendentes com o objetivo de resguardar suas história e em torno desta paira uma espécie de aura dos anos dourados da cidade perfume”¹⁰⁵ Um destes clássicos exemplos de promoção do mito é o hino do município ou as imagens produzidas sobre a cidade nos anos 1930.

Alguns dos rituais, solenidades e festividades pensadas durante os anos 1920 e 1930 permaneceram nas décadas seguintes, mesmo o município passando por reconfigurações socioeconômicas, territoriais e políticas. Durante a conjuntura citricultora notamos a reciprocidade entre campo e cidade, ou seja, o campo representado pelo cultivo da laranja produziu os investimentos capazes de construir Nova Iguaçu enquanto cidade moderna. As diversas intervenções sanitárias e educacionais deste grupo sobre o território não trouxe contradições entre o rural e o urbano, mas a confirmação de uma Nova Iguaçu aparelhada e moderna, graças à produtividade do campo.

2- A “crise” dos 1940: O reordenamento socioeconômico e político de Nova Iguaçu durante o período de redemocratização

2.1 A “crise” da cidade perfume

¹⁰⁵ CRIVELLO, Natália Azevedo. A modernidade Iguaçuana na década de 1930: representações fotográficas. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*, XV Encontro Regional de História Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa, ISBN 978-85-65957-00-7, Rio de Janeiro: ANPUH, 2012, P. 1-16.

No fim dos anos 1930, o município passou por importantes rearranjos socioeconômicos e políticos. A “crise” na comercialização da laranja teria sido um dos principais fatores, mas não o único. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial diversas demandas interferiram na produção citrícola. As razões para o declínio da produção da laranja vão além da dependência do mercado externo e ausência de espaços frigoríficos para o armazenamento da produção. Ricardo Luiz de Souza afirma que um conjunto maior e mais complexo de fatores contribuiu para o declínio do cultivo. A ausência de investimentos para manutenção dos laranjais seria uma das principais razões para a crise.

A guerra tem influencia clara na exportação de frutos, uma vez que os fretes marítimos com navios frigoríficos seriam alocados para outros produtos, além de ficarem mais caros. Os países europeus diminuiriam bastante o consumo da fruta, visto o esforço econômico que a guerra necessitava. Outro item que também subia drasticamente de preços foi a gasolina nesse período, tendo um sério racionamento imposto pelo Governo. Nesse ínterim, muitos produtores não tinham para onde vender seus frutos, ficando no pé e atraindo uma praga que há tempos já era conhecida dos fruticultores, a Mosca do Mediterrâneo. Sem capital para adquirir os insumos e inseticidas para combatê-la, a praga fez estragos nas lavouras, pois as larvas dessa mosca depois que eclodiam, destroem a polpa da fruta, atraindo fermentações e estragando o aspecto estético do fruto. Resumindo, esse fruto tornava-se impróprio para a venda. Além disso, os chacreiros ficaram descapitalizados para seguir o trato dos laranjais, como adubações, defesa contra doenças etc. [Grifo meu]¹⁰⁶

Evidencia-se que durante o auge citrícola também existiram superproduções, em sua maioria ocasionada por problemas cambiais e de infraestrutura. No entanto, a narrativa do grupo composto por citricultores, proprietários e agentes políticos já discutiam em 1938 a necessidade de se criar um plano de intervenção junto à citricultura em Nova Iguaçu. Na matéria *Em crise a exportação da laranja iguassuana* o jornal *Correio da Lavoura* apontava a necessidade de intervenção imediata na produção da fruta em virtude de fatores diversos:

A exportação da laranja iguassuana já pesa consideravelmente na balança econômica do município e, conseqüentemente, na do Estado. Por isso mesmo, justifica-se o interesse com que o Estado está cuidando da crise que se observa na exportação do nosso principal product, em consequencia de factores diversos. O Sr. J. Resende Silva, secretario de Estado das Finanças [...] esteve sabbado ultimo nesta cidade em contato direto com nossos exportadores e citricultores para ouvir-lhes sugestões. [...] O sr. J. Resende Silva disse que no Rio de Janeiro e Pará ninguém come frutas, devido ao seu preço alto em demasia, e não sabia por que motivo os exportadores não vendiam directamente. Varios exportadores entraram a discutir essa parte,

¹⁰⁶ SOUZA, Ricardo Luiz de. *E Pomos eram de ouro: A importância da Citricultura de Nova Iguaçu para a economia fluminense e brasileira nos anos de 20 à 40*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015, P.44

principalmente na do frete exorbitante, e na dificuldade de transporte rápido [...] [Grifos meus]¹⁰⁷

É preciso notar que a “crise” da citricultura foi alardeada pela imprensa e pelo grupo ruralista como forma de manter benefícios políticos e sociais alcançados a partir da laranja. Pressuponho que o enfraquecimento da produção e revitalização da agricultura no município e estado tornou-se uma estratégia recorrente desse grupo. Ou seja, o discurso por de trás da crise mascarava o processo mais profundo de repartilha e reusos do território da Baixada Fluminense. A preocupação estava não somente na descaracterização física da cidade e “dos pomos de ouro”, mas na ameaça à narrativa histórica e hegemônica criada por essa classe dominante por décadas.

As dificuldades em exportar a laranja foi tema constante no jornal *Correio da Lavoura*. A necessidade de “amparo” enquanto se *rearranjava as novas bases econômicas da cidade* foi o principal argumento do periódico. Em matéria publicada no dia 23 de setembro de 1945, o jornalista e árcade Luiz Azeredo sinalizou a demanda em assistir o município de Nova Iguaçu, pois a “Comissão Executiva de Frutas” deveria amparar os produtores auxiliando por todos os meios possíveis a restauração de seus laranjais. Tais medidas fariam com que as plantações retomassem o nível de produção da década 1940, como podemos perceber nesta passagem:

“Infelizmente os produtores-iguassuanos, parece, não poderão atender, assim de pronto, a pedidos de remessas vultosas. É que a maioria dos laranjais iguassuanos, cujos proprietários não dispunham de recursos bastantes para eles cuidarem como eram aconselhados, sem garantias de uma colocação regular do produto, numa safra que logo pudesse compensar seus esforços e cobrir todas as suas despesas, ficou em completo abandono no meio do mato [...]”¹⁰⁸

Evidenciamos na “crise” um gatilho de motivações e transformações que vão além da Segunda Guerra Mundial e a perda de espaço do setor agrícola. Todavia, não perdemos de vista:

que fatores como na demanda por exportações pelo mercado europeu e empecilhos foram criados por conta do bloqueio alemão, que impediu a chegada de navios frigoríficos ao porto do Rio de Janeiro. O mercado norte-americano não se tornou uma alternativa, devido à concorrência com a produção de laranjas da Califórnia. O

¹⁰⁷ Correio da Lavoura, Nova Iguaçu (Estado Rio), Quinta-feira, 28 de julho de 1938, Ed. 1.114, P.1.

¹⁰⁸ Correio da Lavoura, Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 23 de Setembro de 1945, Ed: 1.488, P. 1.

abastecimento do mercado interno e da América do Sul não foi suficiente para escoar a produção e o encarecimento do combustível dos transportes aumentou os preços, enquanto o mercado paulista era abastecido pela produção da cidade de Limeira.¹⁰⁹

A proposta de revitalização da produção após a Grande Guerra se manteve, mas era necessário um completo reerguimento da lavoura. A imprensa e a ação de políticos como Getúlio de Moura e Mário Guimarães persistiam na crença de reerguimento do cenário agrícola municipal. Os dados da Tabela 1 foram organizados por Waldick Pereira e reproduzidos por Amália Dias. Ela apresenta os números indicando a queda na exportação da laranja durante a década de 1940:

Tabela 1: Comércio e Exportação de Laranja (1941-1945)				
Safras	Mercados Externos	Mercados Internacionais	Caixas	Valor Cr\$ 1.000
1941	888.844	665.800	1.554.644	38.217
1942	533.142	690.000	1.243.142	22.810
1943	546.173	580.000	1.126.175	23.108
1944	550.161	610.000	1.160.161	22.916
1945	554.147	780.000	1.334.147	29.966

Fonte: Adaptado de Amália Dias, 2012, P.300.

Entretanto, a perspectiva dos ciclos mais uma vez justifica as transições do processo histórico e pouco esclarecem as reais condições e causas destas transformações. Quando retomamos a leitura de Waldick Pereira sobre a citricultura fica evidente a exarcebção da ideia de crise da laranja assim como os demais ciclos. A partir desta conjuntura a “oposição” entre campo e cidade se estabeleceu e foi reproduzida pela geração formada pelos membros da Arcádia.

O “declínio” das produções anteriores e o “abandono” das fazendas não ocasionaram o loteamento destas terras de forma “naturalizada”. Este processo foi especialmente fortalecido com a instauração da Primeira República, pois as distintas esferas de poder estimularam a produção agrícola agroexportadora como parte de um projeto político e econômico. Portanto, Nova Iguaçu não tinha apenas o cenário “peculiar” para o tipo de produção que a laranja exigia, bem como as demais produções existentes.

¹⁰⁹ PEREIRA, Apud, DIAS, 2012, P.300.

Por isso frisamos que a crise da citricultura não foi eliminada de forma instantânea e ao menos ao acaso, ela foi convertida em novas formas de gerar receita e agregar arranjos políticos para o desenvolvimento do município. Essa reconfiguração da cidade se deu por meio do capital imobiliário e posteriormente pela expansão do setor industrial e de comércio e serviços. Logicamente, essa transição não se deu de maneira imediata e pela completa eliminação dos elementos rurais. Muitos produtores passaram a incorporar estes espaços agrícolas ao meio urbano sob a forma de loteamentos, retalhando assim boa parte das propriedades existentes por conta própria ou por imobiliárias locais durante os anos 1940 e 1950.

De acordo com o prefácio da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1959 diz que o Estado do Rio de Janeiro passava por um momento de importante reerguimento. O levantamento aponta que com a abolição da escravatura, o Estado passou por um período de decadência. No entanto, a partir da Primeira República a economia fluminense reagiu, adquiriu novo fôlego e se tornou uma referência dentre os demais estados da Federação.

O IBGE atribuiu esse desenvolvimento às inúmeras obras de saneamento e revitalização de estradas na região da Baixada Fluminense. Segundo o Instituto estas intervenções erradicaram o impaludismo, permitiu a circulação de riquezas durante as três primeiras décadas do século XX. Ainda de acordo com o IBGE a industrialização do Estado ao longo dos anos 1950 se confirmou pela infraestrutura estabelecida na região. O levantamento apontou que durante os anos 1950 o Estado do Rio sofreu inúmeras obras que rasgaram estradas e:

passaram também a exprimir um papel de relevo para a ocupação humana de seu território. O crescimento de sua Capital, ao mesmo tempo que o crescimento do próprio Distrito Federal, fez com se estendessem as zonas urbanas a ponto de quase se ligarem as duas cidades em torno das maravilhosa Baía de Guanabara. E as terras, aí, ontem quase desprezadas, hoje passaram a ter uma grande valorização. Toda a baixada fluminense está sendo aproveitada no extravasamento industrial do Distrito Federal. O Município de Caxias recebe, nestes últimos anos um formidável impulso com as localizações industriais que ali se estabelecem. [Grifos meus]¹¹⁰

As informações apresentadas sobre o estado do Rio de Janeiro nos anos 1950 demonstram as transformações sofridas pela Capital Federal e a região da Baixada

¹¹⁰ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, Volume XXII, Rio de Janeiro: 1959, P. 8 e 9.

Fluminense. Elas sinalizam como o jogo político existente entre o fim do Estado Novo e o período de redemocratização ajudou a recompor da região fluminense por completo. Nova Iguaçu por sua vez teve seu projeto fundiário reconduzido após a Segunda Guerra e suas terras antes ocupadas pelos loteamentos. De acordo com o IBGE o Estado do Rio de Janeiro, especialmente Nova Iguaçu, estaria diante de *possibilidades industriais marcantes*.

No entanto, o campo agrícola não era tão mais animador, mesmo a agricultura ainda sendo predominante em todo o estado. Segundo os censos de 1940 e 1950 houve um decréscimo estadual da produção de bens alimentícios. O setor primário decresceu 35% e sua população cresceu 24%. Estes índices estaduais podem ser claramente constatados nos municípios da Baixada. O relatório sinalizou a possibilidade do governo Juscelino Kubistchek reabilitar a agricultura estadual, contudo:

Na Baixada, o então, fluxo negativo na exploração agrícola é até mais acentuado. É que o espraiamento do Distrito Federal por alguns municípios do Estado do Rio, como Nova Iguaçu e Caxias, transformou muito a fisionomia desses municípios, onde os loteamentos e as novas facilidades de transporte foram impressionantemente retalhado a gleba. Assim, os loteamentos no Estado do Rio, em verdade, deram um grande incremento e uma valorização expressiva às terras próximas às Capitais – Niterói e Rio de Janeiro – mas fizeram-lhe um grande mal, porque, pela valorização extraordinária dessas terras, tiram-lhe a possibilidade de realizarem o círculo verde dessas duas grandes metrópoles. O preço das terras subiu assustadoramente e, em consequência, não pôde mais servir de suporte a uma agricultura por mais evoluída que ela pudesse se apresentar. Assim, todos os laranjais de Nova Iguaçu, ontem esperança e riqueza das terras fluminenses, veem-se como que dizimados. [Grifos meus]¹¹¹

Existe uma preocupação das esferas de governo com a “reocupação” destas terras anteriormente utilizadas pelas plantações de laranja. Ou seja, uma supervalorização e crescente especulação imobiliária das propriedades então loteadas na Baixada Fluminense. Segundo o IBGE, isto fez com que a agricultura não mais conseguisse se reestabelecer, mesmo recebendo os investimentos e melhorias necessárias. Contudo, devemos observar que a citação afirma que *o espraiamento do Distrito Federal por alguns municípios do Estado do Rio, como Nova Iguaçu e Caxias, transformou muito a fisionomia desses municípios*. Este dado confirma que o “desaparecimento” da lavoura em Nova Iguaçu foi parte da reordenação do território. Isto foi discutido por Maria Helena Segadas Soares no artigo *Nova Iguaçu: a absorção de uma célula urbana*. Dados confirmam que durante a década de 1950 o

¹¹¹ Idem, 1959. P. 11.

município de Nova Iguaçu ampliou sua receita. Isso resignifica o discurso da “decadência” pós-laranja:

Tabela 2: Receita do Município de Nova Iguaçu (1950/1956)					
Anos	Receita Arrecadada (Cr\$ 1.000) - 1950/1956				Despesa Realizada no Município
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	14.988	25.549	10.786	7.799	11.666
1951	22.257	42.493	13.889	9.712	14.695
1952	27.029	42.654	18.418	12.206	18.838
1953	30.757	54.250	27.385	15.907	25.882
1954	35.142	73.808	24.463	16.314	27.143
1955	62.373	96.985	46.216	31.757	40.689
1956	104.059	127.881	56.233	38.429	58.759

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.354.

Durante a década de 1950 e 1960, a Baixada Fluminense “suruiu” como um espaço a ser “apropriado” de forma urbana pela Cidade do Rio de Janeiro. O município superou, com ampla vantagem, a receita arrecada no início da mesma década. Isto se deu por um conjunto de fatores, dentre eles a “assimilação” da região pela Capital Federal. Neste sentido, a Baixada delimitou uma nova participação dentro da história do Rio de Janeiro. Em estudo datado de 1962, Soares analisa Nova Iguaçu como uma célula que foi absorvida sob a forma de periferia.

A expansão da área suburbana do Rio de Janeiro já ultrapassou os limites administrativos do estado da Guanabara e ganhou as municipalidades vizinhas, atravessadas pelo feixe de ferrovias e rodovias que estabelece as ligações entre a metrópole e o interior. Apesar de o estado da Guanabara ainda dispor de amplas áreas rurais em Jacarepaguá, Campo Grande, Santa Cruz e Sepetiba, é para o norte, em direção aos municípios da Baixada da Guanabara que o crescimento da aglomeração carioca se vem processando com muito maior força e rapidez, depois que o dessecamento de seus pântanos e o seu saneamento a recolocaram à disposição da metrópole. Da expansão da cidade sobre a baixada resultou a ocupação contínua, de caráter suburbano, de ampla área que abrange os municípios vizinhos de Nilópolis e São João de Meriti, assim como parte dos municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, os quais podem ser considerados partes integrantes do Grande Rio de Janeiro.[Grifo meu]¹¹²

Segadas afirma que o crescimento do Grande Rio de Janeiro encobriu o movimento de inclusão do território da Baixada Fluminense. Ele mascara “um processo de incorporação

¹¹² SOARES, Maria Tereza Segadas. *Nova Iguaçu: A absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*. *Revista Brasileira de Geografia*, Abril-Junho, Ano XXIV, N°2, 1962, P. 29.

seletiva de forma subalterna das terras da Baixada Fluminense, apesar de ser a face mais visível da metropolização. Fazer parte da Região Metropolitana ratifica a centralidade da metrópole em detrimento da periferia, que a ideia de Grande Rio minimiza. A ocupação acelerada sem estrutura urbana:

A integração espacial é muito importante, pois está intimamente ligada à condição de subúrbio, isto é, de parte integrante da aglomeração. A noção de célula urbana, inclui necessariamente a ideia de separação, por espaços, não construídos, de outras unidades urbanas. Nova Iguaçu não é mais uma cidade, pois já foi englobada pela aglomeração carioca, Espacialmente, ela foi absorvida pelo Grande Rio de Janeiro, estando incluída em seu espaço urbano e dele fazendo parte como subúrbio.¹¹³

Para Lucia Helena Silva, a Baixada Fluminense se constituiu enquanto periferia, como forma de solucionar o problema da habitação para as classes mais pobres. O findar da citricultura representou o último impedimento para ocupação urbana. “Neste sentido, não havia distinção do processo que estava ocorrendo na margem leste da baía ou mesmo na Zona Oeste. O fim da citricultura significou a remoção do último obstáculo à ocupação urbana na região”.¹¹⁴

Portanto, os loteamentos foram peças chaves durante essa reconfiguração espacial. Os estudos sobre o retalhamento desta região ainda são insuficientes, contudo alguns dimensionam a relevância deste processo. Cogita-se que os loteamentos foram parte das práticas de uma elite ruralista decadente, haja vista o findar do projeto agrícola. Em *Da laranja ao Lote*, Sonali Souza discute como o fim da citricultura expandiu a malha urbana iguaçuana. De acordo com a autora, os loteamentos se concretizaram com a desvalorização da laranja e a ocupação por residências e indústrias.

O parcelamento do solo e o arrendamento de *chácaras* trouxeram condições propícias à produção de loteamentos, mas estes ensejaram as descontinuidades de uma relação inovadora na qual a terra passou a ser pensada sem as mediações do trabalho agrícola, como uma mercadoria claramente disputada segundo princípios de um período próprio. [...] Foi através dos loteamentos que áreas de antiga utilização rural foram sendo incorporadas à expansão urbana metropolitana, e que se constituiu um espaço destinado à habitação popular, devido ao custo relativamente baixo das prestações dos *lotes*, possibilitando, assim, o acesso à casa própria para trabalhadores.¹¹⁵

¹¹³ Idem, 1962, P.37.

¹¹⁴ SILVA, Lúcia Helena Pereira, Op cit, 2013, P. 57.

¹¹⁵ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGas/Museu Nacional 1992, P. 87 e 88.

Portanto, o setor agrícola manteve sua parcela de participação na economia municipal, contudo em menor escala. No ano de 1956 a laranja manteve sua preponderância em relação a demais culturas locais, neste caso a banana, tomate, mandioca e batata-doce:

Tabela 3: Produção Agrícola do Município de Nova Iguaçu (1956)			
Produção Agrícola-1956*			
Produtos	Unidade	Quantidade	Valor (Cr\$ 1.000)
Laranja	Cento	9.300,000	372.000
Banana	Cacho	600.000	1.500
Tomate	Quilo	162.000	975
Mandioca	Tonelada	830	830
Batata-doce	Tonelada	293	568

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P. 353.

A tabela publicada pelo *Correio da Lavoura* em 14 de fevereiro de 1954 evidencia a decadência da citricultura iguaçuana nos anos 1950. Comparando as cidades de Limeira e Nova Iguaçu, constatamos que esta última manteve uma produção considerável nas décadas de 1940 e 1950. Limeira no estado de São Paulo sofre um decréscimo em relação à Nova Iguaçu. Porém, ao consideramos a porcentagem de novos pés de laranja Nova Iguaçu apresenta apenas 9,4 % e Limeira 38,9%.

Tabela 4: Número de Pés de Laranjas nos Municípios de Limeira, Nova Iguaçu e Distrito Federal (1940 e 1950)								
Municípios	Laranjas (1.000 centos)		Laranjeiras (mil pés)				% de pés novos sobre o total de pés	
			Em produção		Novos			
	1940	1950	1940	1950	1940	1950	1940	1950
Limeira	4.800	827	1.558	730	1.871	450	35,9	38,9
Nova Iguaçu	4.217	5.993	3.304	3.143	1.396	325	29,7	9,4
D. Federal	12.927	*	8.868	*	1.449	*	14,0	*

Fonte: Serviço Nacional de Recenseamento – In: *Correio da Lavoura*, Domingo 14 de fevereiro de 1954, Ed: 1926, P.8.

Abaixo da tabela, o jornal faz uma matéria descrevendo o desempenho da citricultura no estado do Rio de Janeiro e São Paulo. Enaltece o destaque do município na quantidade de frutos produzidos nos anos 1940.

A produção brasileira de laranja em 1940 atingia cerca de 64 milhões de centos, localizando-se os principais centros citrícolas em São Paulo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, que apresentavam, em conjunto, aproximadamente três quartas partes da produção do país. Comparando a extensão da citricultura da Capital da República com os principais produtores de São Paulo e Rio de Janeiro tem-se idéia da invejável posição do Distrito cuja produção representava, então, cerca de 20% do volume nacional. Em São Paulo, o Município de Limeira abrangia 20% da produção do Estado e 7,5% do total do país e no Estado do Rio destacava-se Nova Iguassú com 41,9% da quantidade de laranjas produzidas na terra fluminense e 6,6% da produção brasileira.¹¹⁶

Contudo, o *Correio da Lavoura* evidencia as transformações sofridas pelo mercado agroexportador. A ampliação da região metropolitana do Rio de Janeiro justifica entre outras coisas, o decréscimo da produção de laranja em Nova Iguaçu:

No período intercensitário, profundas alterações ocorreram no panorama citrícola nacional. A expansão urbana do Distrito Federal, entre outras causas, forçaram praticamente a extinção da cultura da laranja na Capital da República. Em São Paulo, a produção reduziu-se dos 24 milhões registrados pelo Censo de 1940, para perto de 4 milhões, sendo que Limeira continua a ser o maior centro citricultor do Estado bandeirante, não obstante acusar o Censo de 1950 um volume de produção de apenas um sexto do registrado em 1940.¹¹⁷

A matéria finaliza dizendo que:

Nova Iguassú, embora tenha sofrido considerável perda territorial com o desmembramento dos Distritos de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti, elevados à categoria de Municípios, não perdeu as principais características de grande centro citricultor, podendo ser, atualmente, considerado o Município maior produtor de laranja do Brasil, com um incremento, entre 1940 e 1950, da ordem de 42,1%. No entanto, a grande redução na proporção de pés novos sobre o total de laranjeiras que era de 29,7% em 1940, passando a 9,4% em 1950. A diminuição relativa de 7,5% de laranjeiras em produção entre 1940 e 1950 são sinais de decadência, provavelmente devidos aos sucessivos loteamentos que se vê, processando nas zonas de intensa exploração. [Grifos meus]¹¹⁸

O jornal corrobora os argumentos propostos por Segadas e Souza acerca dos loteamentos. A terra antes ocupada pela citricultura ganhou novos usos. A matéria enalteceu a participação do município no mercado agrícola durante os anos 1940. Contudo, afirma-se que a conjuntura nacional, as emancipações e principalmente os loteamentos influenciaram diretamente na produção.

¹¹⁶ Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), 14 de fevereiro de 1954, Ed: 1.926, P. 8.

¹¹⁷ Idem, 1954, P.8.

¹¹⁸ Idem.

A decisão de lotear era tomada diante da desvalorização da laranja devido à inflação e a valorização das terras em um contexto em que o loteamento teve forte propaganda. O assédio dos corretores, convencendo os *chacreiros*, também os induzia nesse sentido.¹¹⁹

Neste sentido, os *loteadores* “tomaram” o lugar social antes ocupado pelos *chacreiros*. Os loteadores vão despontar um novo mercado em Nova Iguaçu: o imobiliário. A eletrificação da linha férrea, ampliação do número linhas de ônibus e aumento da população forneceram as condições apropriadas para consolidação desta nova realidade.

Comerciantes e proprietários de terra ingressaram no novo campo através de firmas loteadoras, lojas de material de construção e empresas de ônibus. Também um novo mercado de trabalho foi constituído, seja para a produção de loteamentos, seja para a construção, que possivelmente absorveu alguns trabalhadores da citricultura. De maneira geral, a organização social se transformou com o crescimento populacional e o crescimento do comércio e indústria.¹²⁰

Dados do IBGE indicam como o setor secundário e terciário cresceram em relação ao primário, especialmente quando comparamos com a produção citricultora e demais culturas agrícolas:

Tabela 5: Produção Extrativista do Município de Nova Iguaçu (1956)			
Produção Extrativa-1956*			
Produtos	Unidade	Quantidade	Valor (Cr\$ 1.000)
<i>Mineral</i>			
Pedra para construção	M ³	45 430	9 137
Barro	Quilo	147 828	4 210
Tabatingas	Tonelada	39 822	1 814
Água Mineral	Litro	644 920	1 309
<i>Vegetal</i>	Unidade	Quantidade	Valor (Cr\$ 1.000)
Lenha	M ³	69 500	750

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P. 353.

¹¹⁹ SOUZA, Sonali, Op cit, 1992, P.94.

¹²⁰ Idem, 1992, P.98

Tabela 6: Produção Industrial no Município de Nova Iguaçu (1956)			
Produção Industrial - 1956*			
Produtos	Unidade	Quantidade	Valor (Cr\$ 1.000)
Aterfatos de Borracha	Unidade	234.850	517.560
Aços laminados, tubos galvanizados e artefatos de ferro	Tonelada	19.459	331.411
Tintas	Toneladas	822	70.934
Tijolos	Milheiro	51	66 145
Explosivos	Tonelada	1.013	54.014
Papel e Artefatos	Tonelada	3.748	51.589
Tecidos Diversos	Metro	3.668	35.349

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.353.

Os dados confirmam a consolidação de um “novo” distrito-sede. Portanto, Nova Iguaçu redefiniu seus contornos a partir dos loteamentos. As tabelas *Produção Extrativista e Industrial* sinalizam a ampliação de setores como a construção civil. A fabricação de pedras e de barro dimensiona a demanda por edificações, especialmente pelo crescimento do número de habitações nos lotes. A produção de aço, artefatos de ferro, tijolos e tintas também confirmam a crescente curva de construções. Esse tipo de indústria fez parte do contexto nacional do pós-guerra no qual as importações deveriam ser substituídas pelas de origem nacional.

Entre 1939 e 1952 a produção industrial brasileira cresceu a uma taxa média de 8,3% ao ano. Os ramos que mais se desenvolveram neste período foram a indústria de borracha (18,4% a.a), de material de transporte (16,1% a.a), metalúrgica (15,2% a.a), de minerais não-metálicos (12,1% a.a) e química e farmacêutica (10,5% a.a).¹²¹

Deste modo impunha-se um processo de produção da indústria nacional e substituição das importações. Nesse momento, evidenciou-se uma campanha nacionalista viabilizando a continuidade da industrialização, apesar do estreitamento do mercado externo. O consumo de produtos como automóveis e eletrodomésticos foi ampliado à medida que a população se urbanizava. No caso iguaçuano, a especulação imobiliária intensificou o acesso da população a bens e serviços. Dados sobre o terceiro setor demonstram o desenvolvimento local:

¹²¹ MALAN, Apud, FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano volume 11: economia e cultura (1930-1964)*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, P.276.

Tabela 7: Estabelecimentos Comerciais no Município de Nova Iguaçu (1959)		
Comércio		
Sede Municipal	Atacadista	Varejista
	95	864
Total de Estabelecimentos e todo município	3.200	

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.354.

Tabela 8: Agências Bancárias e Transações no Município de Nova Iguaçu (1959)					
Agências Bancárias – 1957					
Número de Agências	6				
Bancos	Banco do Brasil, Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, Banco de Minas Gerais, Banco Predial do Estado do Rio de Janeiro e Banco Itajubá.				
Saldo em Cruzeiros 28/02/1957	Moeda Corrente	Empréstimos em c/c	Títulos descontados	Depósitos a vista	Depósitos a prazo
		14.718	137.448	135.260	200.770

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.353

O árcade e representante do Sindicato do Comércio e Varejo municipal, Alcindo Rafael¹²², inaugurou juntamente com o representante da Câmara de Vereadores Dionísio Bassi, a grande loja da rede Araguaia de Tecidos. Em matéria publicada na data de 09 de agosto de 1953, o jornal *Gazeta de Notícias* anunciava “Amplia a Araguaia de Tecidos a sua Rêde de estabelecimentos comerciais. Na esquina de Nilo Peçanha com Mendonça Lima, o luxuoso “Maganize – Enaltecida a organização pelo seu magnífico empreendimento – Um “show em comemoração – Outras notas”¹²³.

Em nome daquela entidade classista o árcade enaltecia a “Araguaia de Tecidos S.A”, “pela louvável iniciativa que teve em escolher a grande cidade fluminense, para localizar uma de suas luxuosas filiais.”¹²⁴ Estes dados confirmam a consolidação da ocupação urbana e as

¹²² Alcindo Rafael foi advogado e representante do Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu. Também colaborou com diversas matérias no jornal *Correio da Lavoura*.

¹²³ Amplia a Araguaia de Tecidos a sua Rêde de estabelecimentos comerciais. Na esquina de Nilo Peçanha com Mendonça Lima, o luxuoso “Maganize – Enaltecida a organização pelo seu magnífico empreendimento” – *Gazeta de Notícias*, Domingo, 09 de agosto de 1953, P.12.

¹²⁴ Idem, 1953, P. 12.

demandas relacionadas a ela. Os dados da enciclopédia dos municípios do IBGE de 1956 confirmam esse aumento populacional:

Tabela 9: População do Município de Nova Iguaçu (IBGE – 1956)									
Distrito	População Presente – 1956								
	Totais			Segundo a situação do domicílio					
	Total	Homens	Mulheres	Quadro Urbano		Quadro Suburbano		Quadro Rural	
				H	M	H	M	H	M
Nova Iguaçu	90.749	46.189	44.560	26.482	26.571	2.819	2.661	16.888	15.328
Belford Roxo	23.750	12.236	11.514	2.665	2.559	3.955	3.754	5.616	5.201
Cava	12.376	6.619	5.737	300	278	350	287	5.969	5.192
Queimados	18.774	10.211	8.563	1.116	1.043	1.666	1.277	7.429	6.243
Total	145.649								

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P 352.

Os dados estimados pela Agência Municipal de Estatística Municipal para o ano de 1956 são maiores que os levantados pelo IBGE, contudo devemos considerar que os distritos de Japeri e Mesquita não foram contabilizados na enciclopédia dos municípios:

Tabela 10: População do Município de Nova Iguaçu (Agência Municipal de Estatística – 1956)					
Distritos	Recenseamento		1956 (*)	Aumento da População em	
	1940	1950		10 anos	16 anos
Nova Iguaçu	22.382	67.205	94.099	44.823	71.717
Queimados	3.525	16.865	24.869	13.310	21.344
Cava	3.048	12.376	17.973	9.328	14.925
Belford Roxo	7.734	23.750	33.540	16.316	26.106
Mesquita	12.298	23.544	30.292	11.460	17.994
Japeri	449	1.909	2.785	1.460	2.336
TOTAL	49.136	145.649	203.558	96.513	154.422

Fonte: (*) Estimativa feita pela Agência Municipal de Estatística

Este território passou a integrar a expansão das atividades produtivas e acondicionar a mão de obra produtiva influenciada pela disposição e proximidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, alguns dados da Tabela 9 precisam ser comentados. Observamos um aumento estrondoso da população, principalmente urbana durante a década de 1950. A tabela também evidencia o crescimento populacional em distritos como Belford Roxo. Neste período, o local recebeu empresas como a indústria química Bayer. O contingente de trabalhadores e domicílios cresceu, assim como o aparelhamento urbano. Contudo, a fatia da população rural em 1956 ainda era considerável, isto supõe a forte atividade de trabalhadores rurais e a presença das pequenas propriedades. Este último dado corrobora algumas questões em torno da terra e sua especulação. Algumas das demandas em torno dos loteamentos, crescimento populacional e infraestrutura urbana serão discutidos no próximo subitem.

2.2 Os loteamentos e a transformação do espaço urbano

Assim como Sonali, Mario Grynspan também contextualizou a questão fundiária na Baixada Fluminense. No artigo *Ação Política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra na Baixada Fluminense*, ele aponta como a região concentrou um grande número de trabalhadores:

O impulso da citricultura se manteve forte até o início da década de 1940, quando dificuldades de exportação geradas pela Segunda Guerra Mundial fizeram-no declinar. Entretanto, outro fator que contribuiu para que esse declínio foi a própria intensificação do mercado de terras na Baixada, impulsionado pelo aumento da demanda. A grande valorização dos terrenos fez com que sua utilização para fins especulativos se tornasse mais interessante do que a produção. Assim, os pomares começaram a ser desativados em vastas áreas de municípios como Itaguaí, Nova Iguaçu, Magé e Itaboraí.¹²⁵

A especulação imobiliária e o fluxo de trabalhadores foram alimentados indiretamente pelo Estado por meio de obras públicas e altos investimentos. Isto resultou na intensa valorização das terras já na década de 1930. Os loteamentos ampliaram a Baixada e contribuíram para alimentar a chances de acesso à terra. Contudo, nos anos 1940 a terra “se

¹²⁵ GEIGFR, Mesquista Apud GRYSZPAN, Mario. *Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra na Baixada Fluminense*. In: FERNANDES, Bernardo Mançano, MEDEIROS, Leonilde Servolo e PAULILO, Maria Ignez de. (orgs) *Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas: o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*, v.1, São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, P. 36.

constituiu no principal móvel das tentativas de expulsão de lavradores que ali se estabeleceram.”¹²⁶ A Segunda Guerra Mundial intensificou a transformação do espaço urbano. Isto fez com que a região em torno da Capital Federal abrigasse um grande número de migrantes, por isso os loteamentos tomaram aspectos urbanos.

Na verdade, assista-se na Baixada, juntamente com a transformação do espaço rural em urbano, à valorização da terra nua em detrimento da produtiva, à imposição de uma visão da terra enquanto ativo financeiro e não enquanto meio de produção.[...] O próprio Ministério da Agricultura relatava, no começo da década de 1950, que boa parte das terras próximas aos grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, mantinham-se inculta, visando apenas à especulação.¹²⁷

Assim como Sonali, Grynszpan utiliza levantamento feito pelo geógrafo Pedro Pinchas Geiger do IBGE no ano de 1953. Geiger evidenciou o crescimento dos loteamentos e a urbanização dos espaços antes ocupados pelas plantações.

A valorização constante das terras as notícias de grandes lucros com a especulação animam a êsses elementos da classe média. Os vendedores facilitam o negócio vendendo a prestação. Muitos compradores não dispõem de capital para construir ou lote está ainda longe das zonas edificadas, longe da cidade. [...] Alguns dêles sòmente conheceram as suas propriedades pelo plano que o corretor ou vendedor mostrou na hora da proposta da compra; nunca visitaram os seus lotes [...] Enquanto isto, no terreno, que pode ter sido uma antiga fazenda, o proprietário expulsa os antigos moradores para realizar o parcelamento e evitar problemas futuros e os terrenos abandonados vão substituir antigas zonas de plantações. [...]¹²⁸

O geógrafo completa sua constatação afirmando que os lotes também atenderam um segundo público:

A outra grande massa de moradores dos novos bairros que se formaram é de operários e trabalhadores em geral, que ocupam a maior parte das pequenas casas que se elevam nas áreas loteadas. Nesta urbanização cooperam também diversos Institutos de Previdência que levantam grandes edifícios de apartamentos nos subúrbios do Rio de Janeiro ou financiam os associados na aquisição de lotes, na compra ou na construção de casas. A Caixa Econômica realizou imenso loteamento no subúrbio de S. Gonçalo e construiu todo um bairro, o Mutuá, sendo as casas vendidas a quem se dispusesse. Além disso, grandes companhias compram terrenos e organizam bairros residenciais para seus empregados, aluguel ou a venda, por exemplo, a Light organizou um, enorme, no município de Nova Iguaçu, nas proximidades do Distrito Federal e junto da nova rodovia Presidente Dutra (Rio-São Paulo). Esta urbanização foi um fato para o aumento do número de linhas e dos meios de transporte. Inúmeras novas linhas de ônibus apareceram; as ferrovias

¹²⁶ Idem, 2009, P. 42.

¹²⁷ Idem, 2009, P. 42.

¹²⁸ GEIGER, Pedro Pinchas. Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro, Nº 5 – 1952, IBGE, Rio de Janeiro, 1953, P. 97.

foram eletrificadas e estes melhoramentos das comunicações passaram a ser por sua vez causa de mais loteamentos e construções e de maior valorização.[Grifos meus]¹²⁹

Portanto, foram dadas as condições para que a Baixada se enquadrasse dentro da nova realidade estadual. O aparelhamento urbano e a proximidade da cidade do Rio de Janeiro condicionaram o crescimento dos loteamentos, construções e respectiva valorização. A reconfiguração da região foi planejada para atender as novas demandas socioeconômicas, ou seja, os loteamentos se tornaram a principal fonte de renda e organização urbana. Geiger destaca sua preocupação com a ocupação e as disputas fundiárias geradas:

O crescimento da cidade pela inclusão dos novos bairros construídos sobre loteamentos se faz de modo desordenado, sem nenhuma planificação de urbanização, o que é um absurdo para a época atual. De outro modo pode ser resolvido o problema de habitação sem necessidade de afastar tanta gente, a distâncias tão grandes dos locais de trabalho. O loteamento se processa no interesse de grandes proprietários de imóveis que obtêm grandes lucros numa época de grandes especulações e inflações. O pior, no entanto, é que ele penetra em regiões tão longínquas das grandes cidades que certamente a maioria dos compradores não vai construir tão cedo e o fazem simplesmente também arrastados pela especulação estes loteamentos deveriam ser imediatamente proibidos. Naturalmente, outro caráter tem aqueles realizados nas praias inaproveitadas com finalidade de veraneio. Tendo suas origens ligadas à inflação, o loteamento por sua vez intensifica pela valorização especulativa que procura dar às terras, enquanto afeta a produção agrícola das áreas vizinhas das grandes cidades. [Grifos meus]¹³⁰

Por sua vez, a autora Manoela Pedroza também averiguou que a urbanização gerou uma demanda imobiliária nas regiões que circunscreveram o centro da cidade do Rio de Janeiro. Para ela, a noção de “decadência” e de “abandono” da Baixada Fluminense deve ser utilizada com muita atenção.

Para outro grupo social, esse “abandono” abriu novas possibilidades de trabalho autônomo, já que o desinteresse dos grandes produtores e proprietários permitia que pequenos agricultores sem posses (arrendatários, parceiros e posseiros) pudessem mais facilmente viver e trabalhar naquelas terras.¹³¹

Ainda segundo a autora:

O contexto fundiário historicamente construído era de proprietários ausentes, novos grileiros, limites imprecisos entre terras públicas e privadas, colonos

¹²⁹ Idem, *Ibidem*.

¹³⁰ Idem, 1953, P. 101.

¹³¹ PEDROZA, Manoela da Silva. *Sanear, Despejar, Resistir. Revisitando o debate sobre a luta pela terra nos sertões cariocas e na Baixada Fluminense nas décadas de 1940 e 1960*. *Ruris – Revista do Centro de Estudos Rurais*, UNICAMP, Volume 4, Número 2, Setembro 2010, P. 106.

instalados há mais tempo para produção de alimentos. Mas, com a retomada do interesse econômico, os proprietários se fizeram mais presentes, exigindo foros mais altos, proibindo cultivos permanentes, ou simplesmente requerendo a terra de volta, já que a primeira providência dos especuladores era desocupar o imóvel, tornando-o livre para suas transações comerciais. Nesse processo, os especuladores podiam ser bancos, empresas imobiliárias, famílias e até órgãos públicos.¹³²

Em *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*, Manoel Ricardo Simões também sinaliza como a urbanização avançou “aceleradamente incorporando terras ociosas à marcha urbana da cidade”¹³³, especialmente pela população mais pobre. De acordo com Simões a pressão exercida:

pela expansão da metrópole carioca sobre as terras ocupadas pela citricultura sempre foram intensas, o que retardou o processo de incorporação das terras próximas a sede do município foi a, relativamente, elevada renda obtida com produção e exportação da laranja neste período, se comparada a possível renda a ser auferida com a venda de lotes urbanos. [Com a Segunda Guerra Mundial] os laranjais vão desaparecendo [...] abrindo caminho para a consolidação da ocupação urbana em praticamente toda área do distrito sede e demais distritos.¹³⁴

O retalhamento se espalhará para além da Via Dutra e ao longo da linha férrea. Ela se dará de forma desordenada por pessoas das classes mais pobres e sem políticas habitacionais. A “criação de uma malha rodoviária mais [permitiu], de um lado, a captura de mercados do plano nacional, e, do outro, a maior mobilidade da população migrante [...]”¹³⁵ A inauguração de vias acelerou o processo de integração da Baixada Fluminense com a cidade do Rio de Janeiro, pois o transporte coletivo se estabeleceu como alternativa ao trem. Segundo Simões, o período que vai de 1937 a 1945 foi marcado por uma aceleração da produção industrial e os problemas gerados em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

A princípio buscava-se uma menor dependência do setor primário e exportador e das importações de bens industriais ou pelo menos, uma mudança qualitativa na pauta de importações. [...] No interior do Rio de Janeiro os investimentos serão majoritariamente estatais e vão se direcionar para os bens intermediários estratégicos. Assim são construídas no Estado do Rio de Janeiro, a CSN em Volta Redonda (1941-1946) A fábrica Nacional de Motores em Xerém (1943-1946) e a Companhia Nacional de Alcális (1943-1946). Paralelamente se inicia uma tentativa de dotar o estado de uma infra estrutura rodoviária que integrasse o interior com a capital. Entre 1937 e 1945 foram construídas [inúmeras] rodovias.¹³⁶

¹³² Ibidem, 2010, P. 107.

¹³³ SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011, P. 159.

¹³⁴ Ibidem, 2011, P. 145.

¹³⁵ Ibidem, 2011, P. 153.

¹³⁶ Ibidem, 2011, P. 149.

Nos anos seguintes ao segundo governo de Getúlio Vargas tentou-se uma nova intervenção estatal na economia. Durante a administração de Juscelino Kubitschek o capital estrangeiro adentrou ao país principalmente pelas empresas transnacionais e automobilísticas. Na Baixada são concluídas “as grandes unidades fabris estatais [...] como a CSN e a Álcalis e instaladas novas unidades como a REDUC em Duque de Caxias.”¹³⁷ Em *De Maxambomba a Nova Iguaçu*, o autor Adrianno Oliveira afirma que por uma estratégia econômica as indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital foram estimuladas. “A região Sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, naquele momento representavam uma papel importantíssimo e por isso tinham a maior parte do setor industrial.”¹³⁸ O:

pós-guerra foi marcado pelo intenso adensamento da periferia dos grandes núcleos urbanos, ultrapassando a taxa de expansão populacional do município-sede. A pressão populacional em direção à Baixada refletia, não apenas a intensificação das migrações Norte-Sul, mas, igualmente, processos intra-regionais resultantes da expulsão da população de baixa renda das áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro. Tal crescimento exacerbou a deficiência de infraestrutura urbana e a desigualdade sócio-espacial.¹³⁹

Aspectos como os baixos valores dos lotes, a abertura de rodovias, a disponibilidade de recursos hídricos, a abundância de mão-obra e incentivos fiscais favoreceram a incorporação de novas áreas para instalação de indústrias. De acordo com o IBGE, em 1956 o município de Nova Iguaçu contava com:

285 estabelecimentos industriais e faturamento de 1 bilhão de cruzeiros. 15 empresas de ônibus [sendo] 10 interdistritais, 12 intermunicipais. [...] 6.225 ligações elétricas domiciliares e 5.696 domicílios com água [...] 60 ruas calçadas a paralelepípedos e 2 de asfalto [e] 30% apenas da área urbana asfaltada [Presença do] Hospital Iguaçu [e] 8 postos e dispensários.¹⁴⁰

¹³⁷ Ibidem, 2011, P. 153.

¹³⁸ RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, 2006, P.57.

¹³⁹ OLIVEIRA, Alberto de e RODRIGUES, Adrianno. *O. Industrialização na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Económico*, volumen 12, Nº. 24 (Edición especial), pp. 127-143 - ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colombia, P.130.

¹⁴⁰ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.353 e 354.

O faturamento industrial nos concede uma perspectiva positiva sobre a arrecadação municipal, contudo serviços básicos como saneamento, fornecimento de água e luz não cresceram juntamente com o número de novas residências e bairros. A educação foi outro campo que não acompanhou a realidade do município. O censo de 1950 afirma que apenas 120 mil pessoas com mais de cinco anos sabiam ler e escrever em todo o município. Considerando a estimativa de 203 mil habitantes para o ano de 1956 e que o município era composto por mais quatro distritos¹⁴¹, a educação denotou poucos avanços.

Tabela 11: Total de pessoas com cinco anos ou mais que sabem ler e escrever em todo o município (1950)				
Pessoas	Município	Homens	Mulheres	Total da População do Município
Sabem ler e escrever	120.522	36.854	28.082	54%

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.354.

Logo, investimentos em infraestrutura e setores essenciais pouco avançaram. Sobre o distrito-sede, 68% da população sabia ler e escrever:

Tabela 12: Total de pessoas com cinco anos ou mais que sabem ler e escrever na cidade Censo (1950)				
Pessoas	Cidade	Homens	Mulheres	Total da População do Cidade
Sabem ler e escrever	48.964	17.769	15.311	68%

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.354.

Portanto, o município estava completamente inserido na reorganizada realidade metropolitana do Rio de Janeiro. As relações de trabalho e urbanização adquiriram novos

¹⁴¹ Na enciclopédia dos municípios feita pelo IBGE, Nova Iguaçu possuía em 1956 três distritos: Belford Roxo, Vila de Cava e Queimados. Todavia, a agência municipal de estatística também considerava Mesquita e Japeri distritos de Nova Iguaçu. Por isso, neste trabalho consideramos ambas as perspectivas. A presença de bases estatísticas municipais foi uma iniciativa implementada na Era Vargas. Durante os anos 1940 o Estado Novo estabeleceu o censo como estratégia de controle do território e da população. As Agências Municipais de Estatística foram constituídas para criarem bases quantitativas *mensuráveis*. Elas forneceriam os dados necessários para a realização de investimentos e deste modo, acelerar o crescimento do país. Contudo, essas agências também foram “braços” que interligavam o poder municipal, estadual e federal. Por meio delas, o IBGE produziu o censo de 1940. A partir de 1950 e 1960 realizou-se um panorama sobre o Brasil. Ver: GOMES, Angela de Castro. *Olhando para Dentro 1930-1964*, V. 4. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História do Brasil Nação: 1808-2010*, V. 4, Olhando para dentro 1930-1964, Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

contornos e manteve antigos problemas de infraestrutura. Contudo, o processo de expansão urbana e industrialização desta região atravessou a conjuntura política dos governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra. O Estado Novo estabeleceu um conjunto de práticas nacionalistas que incentivaram a infraestrutura e indústria do país. Com políticas públicas de proteção ao trabalho e incentivo a empresas estatais Vargas tornou-se “modelo” de desenvolvimento social e econômico. Portanto, a administração de Getúlio Vargas concedeu as bases necessárias para ampliação do setor industrial. Com o período de redemocratização e a eleição de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, a política econômica do país ganhou novos contornos:

Do ponto de vista da política econômica, o governo Dutra se iniciou seguindo um modelo liberal. A intervenção estatal foi condenada, e os controles estabelecidos pelo Estado Novo foram sendo abolidos. Passou-se a acreditar que o desenvolvimento do país e o fim da inflação gerada nos últimos anos de guerra dependiam da liberdade dos mercados em geral e principalmente da livre importação de bens. [...] A nova política econômica surgiu, sobretudo como resposta aos problemas do balanço de pagamentos e da inflação, mas acabou por favorecer o avanço da indústria. Em seus últimos anos, o governo Dutra alcançou resultados expressivos no plano de crescimento econômico.¹⁴²

Dutra promoveu a reestruturação, especialmente nas regiões predominantemente agrícolas. O transporte foi revitalizado com base no Projeto Geopolítico de Integração Nacional. Este último resultou na construção de rodovias como a Avenida Brasil em 1946 e Presidente Dutra em 1951. O objetivo foi o reestabelecer a agricultura, no caso de Nova Iguaçu o plano contribuiu para o aprofundamento da industrialização e integração entre Capital Federal e Baixada.

Nesse momento as economias participantes da Segunda Guerra Mundial terminavam sua reconstrução pós-conflito. O sistema de troca entre países industrializados fortaleceram-se, com isto as multinacionais americanas, europeias e japonesas estavam ainda mais integradas. Essa interação se estendeu a países não desenvolvidos como Brasil, especialmente em meados dos anos 1950. A transição rural/urbano estava sendo definitivamente concretizada no país. Portanto, a industrialização foi centro da política econômica no segundo governo de Getúlio Vargas, mas permaneceu como prioridade na gestão de Juscelino Kubistchek (1956-1961).

¹⁴² FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: USP, 1995, P. 403 e 404.

De acordo com Vânia Losada, o perfil desenvolvimentista de JK se deu pelo compromisso com a democracia e o alargamento do setor industrial.¹⁴³ Sua campanha eleitoral foi pautada em metas, diferentemente dos governos de Dutra e Getúlio Vargas. Seu programa tomou a linguagem do desenvolvimento e implantou o programa Plano de Metas, que visava aprofundar o processo de industrialização, ampliação dos investimentos privados de capital nacional e estrangeiro e ampliação da infraestrutura nacional.

“As disparidades de desenvolvimento regional eram um problema constrangedor na década de 50, especialmente quando se confrontavam as zonas urbanas às rurais. [Por isso] JK sugeriu a interiorização da capital e as metas do setor de alimentação de seu programa [...]”¹⁴⁴ O desenvolvimento do interior e a integração nacional foi o principal objetivo para amenizar as tensões entre o interior (rural) e o litoral (urbano). Nesse momento o grupo ruralista usou o discurso opositor entre campo e cidade como forma de receber novos investimentos. Segundo a autora:

As queixas sobre as condições adversas do interior eram, na realidade, uma clara referência à situação social, política e econômica da oligarquia rural. Ela se considerava a porta-voz do interior, dos seus problemas e de sua população e avaliou a improdutividade, a pobreza das populações rurícolas e o subdesenvolvimento rural como resultados do abandono e da “escravização” do campo. O ideário ruralista distinguia-se dos demais primeiramente pela insistência de que no Brasil existiam duas realidades. A ideia de conflito de interesses foi a categoria básica do pensamento ruralista, a partir da qual foi articulado seu projeto social para o País. A posição do setor sobre a construção de Brasília representada, desse modo, um capítulo das relações entre cidade e campo durante o processo de desenvolvimento [Grifos meus].¹⁴⁵

Para a autora, a especificidade do processo de industrialização brasileiro proporcionou a ausência de divergências radicais, diferentemente do caso europeu. “No caso brasileiro, ao contrário o setor agrário tinha o caráter mercantil e permitiu o progressivo desenvolvimento industrial, realizado à sombra [...] das conjunturas adversas à importação de produtos estrangeiros”¹⁴⁶ Logo, o governo JK foi marcado por tensões e rearranjos políticos importantes. Os representantes do setor agrícola se posicionaram nos debates em torno da interiorização e mudança da capital do país. Nesse momento, Nova Iguaçu possuía uma elite

¹⁴³ MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 156-190.

¹⁴⁴ MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Brasília: a construção da nacionalidade: um meio para muitos fins (1951-1961)* Vitória: EDUFES, 1998, P. 173.

¹⁴⁵ Idem, 1998, P. 176.

¹⁴⁶ Idem, 1998, P. 176 e 177.

rural decadente que não estava ausente de tais discussões. As atenções desse grupo se voltaram para as possibilidades na relação entre rural e urbano dos anos 1950.

O plano de metas estava concentrado na industrialização, pois Juscelino programou cada etapa do governo, sendo as metas de energia, transporte e indústria as principais. Multiplicar o número de empregos, ofertar a camada média produtos de consumo, inaugurar obras sendo a capital federal, Brasília, a principal delas. Neste sentido, as incertezas pairavam sobre o enquadramento desta camada a nova realidade. Ainda não existem estudos sobre a relação dessa elite citricultora e as transformações em Nova Iguaçu nos anos 1950. Por isso, a oposição entre “antigo” e novo ou rural e urbano feita pela Arcádia deve ser utilizada com cautela.

Matérias demonstram que essa ex-elite estava atenta às mudanças e em permanente diálogo político. A mobilização de um grupo como Arcádia denota sentido frente à inquietação e subtração da citricultura, principal atividade propulsora da economia iguaçuana. Portanto, o aspecto econômico foi um dos motivadores para criação do grupo, pois a sociabilidade da Arcádia poderia estabelecer novas prerrogativas ou manter outras. Desta forma, o discurso prol agricultura permaneceu mesmo o projeto citricultura não sendo mais “viável”.

Produzir uma argumentação consistente em defesa destes princípios requereu um instrumento cultural e ideológico de representatividade como a Arcádia. Neste sentido, o *Correio da Lavoura* amparou em artigos a continuidade das atividades agrícolas no município. O árcade e jornalista Luiz Martins de Azeredo permaneceu na defesa pela recuperação da citricultura:

Acabando o pavoroso conflito, foram-se restabelecendo os mercados estrangeiros, principalmente os inglês, e os produtores, embora desanimados, viram boas perspectivas que se abriram de novo para os pomos de ouro, voltando á lida do campo, na ânsia de restaurar suas propriedades e plantações há muito abandonadas. Cuidaram da terra de sol a sol. Replantaram. [...] O resultado apareceu com a melhoria da exportação de 1942 para cá, sobretudo em 1945 e 1946, quando as exportações atingiram, respectivamente, 724.416 e 1.205.971 caixas. Vem crescendo a produção de ano para ano, tanto que a dêste ano, ainda em pleno período de colheita, é prevista em 1.500.000 caixas.¹⁴⁷

Para o colunista, a produção não foi comercializada em decorrência de uma “desastrosa” portaria que proibiu a exportação das frutas. Produtores e exportadores retiveram

¹⁴⁷ Correio da Lavoura. Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 21 de setembro de 1947, Ed: 1.592, P.1.

prejuízos e os cofres públicos municipais deixaram de receber uma considerável renda. Esse processo se deu após o fim do Estado Novo. Fundado no pós-1945, o PSD teve sua base composta principalmente por ex-interventores, setores da classe média e membros vinculados a terra. Figuras como o árcaide Getúlio de Moura foi pessedista e porta voz dos interesses do grupo vinculado a terra a lógica getulista de continuar para transformar. Nos anos 1950 a disputa pelo eleitorado iguaçuano foi acirrada.

Os processos emancipatórios contribuíram para que siglas como UDN e PTB adquirissem mais espaço no cenário político. As ações promovidas pela administração Amaralista foram uma tentativa de fortalecer os grupos locais, especialmente do interior do estado e da Baixada Fluminense. No próximo subitem veremos como a política pessedista se consolidou nos anos 1950. Contudo, observaremos que uma linha vinculada as reformas sociais e ao trabalhador ganhará espaço a partir de 1955. O fortalecimento do PTB e a liderança de Roberto Silveira reorientou a política estadual, assim como os papéis de figuras locais como Getúlio de Moura.

2.3 O pós-1945 e a reconfiguração política partidária em Nova Iguaçu

Durante a segunda gestão de Amaral Peixoto (1950-1954), as ações em torno do campo se mantiveram ao lado da elite ruralista e ríspida junto a atores como pequenos proprietários e lavradores. Portanto, a política amaralista elaborou distintas ações em defesa da classe rural, mesmo o cinturão verde não sendo mais viável para economia do estado. A construção de escolas rurais e a defesa de uma “cultura” histórica vinculada a terra representam algumas destas medidas. O árcaide e deputado federal pelo PSD no município, Getulio de Moura, defendeu na assembléia constituinte a produção citricultora no município de Nova Iguaçu:

Perdidos os mercados externos, com exceção do platino, cuja capacidade não excede de 1 milhão de caixas, o que se impunha era incrementar internamente o consumo da laranja, facilitando-lhe a circulação, de modo que ela chegasse, por preço acessível, aos mercados nacionais, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora e algumas cidades do sul País, uma vez que as praças do norte não poderiam ser exploradas pela quase ausência de navegação para aqueles portos, no período da guerra.¹⁴⁸

¹⁴⁸Correio da Lavoura, Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 26 de maio de 1946, Ed: 1.523, P.1.

A redemocratização no fim dos anos 1940 evidenciou a preponderância do PSD:

Tabela 13: Resultado das Eleições Estaduais em Nova Iguaçu (1947/1950)	
Vice-Governador	
Candidato	Votos
João Guimarães	5.783
Aberlado Mata	5.178
Prefeito	
Arruda Negreiros	6.783
Herculano de Matos	5.111
Vereadores	
José Haddad (PSD)	799
Luiz Guimarães (UDN)	781
Humberto Gentil Baroni (UDN)	560
Paulo Machado (PSD)	548
Juvenal Pereira dos Santos (PSD)	485
Ari Schiavo (PSD)	476
Sebastião Reis (PSD)	462
Jesus de Castro Vieira (UDN)	403
Manoel Almeida (UDN)	387
Manoel Passos (PSD)	374
Carmelita Brasil (PSD)	356
Antonio Gotelip (PSD)	329
Antonio dos Santos (UDN)	322
Otavio José Soares (PTB)	320
Manoel Oliveira (UDN)	310
Alcebiades Melo (PSD)	281
Dionísio Bassi (PSD)	247
Suplentes	
1º Suplente do PSD – Válter Freitas	241
1º Suplente da UDN – Joaquim Quaresma	286
Legendas	
Partido Social Democrático	5.332
União Democrática Nacional	4.443
Partido Trabalhista Brasileiro	1.207
Partido Democrata Cristão	467
Partido de Representação Popular	62

Fonte: *Correio da Lavoura*, Domingo, 12 de outubro de 1947, Ed. 1.595, P.2.

Segundo publicação no *Correio da Lavoura*, o PSD foi maioria na câmara municipal, seguido da UDN e PTB:

O PSD, majoritário, fez dez vereadores, sete pela legenda partidária e três pelas sobras, que são Antonio Gotelip, Alcebiades Melo e Dionísio Bassi. A UDN conseguiu fazer seis vereadores e o PTB um. O PDC e o PRP não puderam eleger vereadores. Dos eleitos para constituírem o Poder Legislativo, isto é, a Câmara

Municipal, só alcançaram o quociente partidário os vereadores José Haddad e Luiz Guimarães.¹⁴⁹

O PSD também preponderou na câmara de deputados:

Tabela 14: Resultado das Eleições Federais em Nova Iguaçu (1946)	
Presidente	
General Eurico Gaspar Dutra	2.106
Brigadeiro Eduardo Gomes	1.382
Engenheiro Yeddo Fiuza	856
Deputados Federais	
Getúlio de Moura	2.211
José Soares Filho	578
Celso Cabral de Melo	551
Prado Kelly	397
Getúlio Vargas	200
Senadores	
José Carlos Pereira Pinto	1.895
Alfredo da Silva Neves	1.870
Luiz Sobral	1.237
Galdino do Vale Filho	1.234
Luiz Carlos Prestes	920
Luiz Frederico S. Carpenter	780
Legendas das Eleições - 1946	
PSD	2.235
UDN	1.031
PCB	662

Fonte: *Correio da Lavoura*, 09 de Dezembro de 1945, Ed. 1499, P.2.

Compareceram às urnas 15.361 eleitores iguassuanos – Após a apuração de anteontem, venciam o gen. Eurico Gaspar Dutra, para presidente da República, com 2.106, Dr. Getúlio de Moura, para deputado federal, com 2.211 votos e José Carlos Pereira Pinto e Alfredo da Silva Neves, para senadores com 1.895 e 1.870 votos, respectivamente, além do Partido Social Democrático com 2.235 legendas.¹⁵⁰

Contudo, nas eleições de 1950 averiguamos que a União Democrática Nacional (UDN) se sobrepôs no resultado. Getúlio de Moura (PSD) venceu com 5.821 e Mário Guimarães (UDN) com 3.816 votos, ambos para Deputado Federal. Arruda Negreiros, ex-prefeito vence pela UDN com 2.247. No quadro municipal observamos que a UDN liderou a bancada municipal com 5.693, seguido do PSD com 3.669 e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) com 3.669.

¹⁴⁹ *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, (Estado do Rio), Domingo, 12 de outubro de 1947, Ed: 1.595, P.2.

¹⁵⁰ *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu (Estado do Rio), 09 de Dezembro de 1945, Ed. 1.499, P.2.

Tabela 15: Total das Legendas – Eleições (1950)	
UDN	
Vereadores	5693
Deputados Federais	4451
Deputados Estaduais	5793
PTB	
Vereadores	3669
Deputados Federais	4134
Deputados Estaduais	3990
PSD	
Vereadores	4240
Deputados Federais	6360
Deputados Estaduais	4686

Adaptado: *Correio da Lavoura*, Domingo 22 de outubro de 1950, Ed.1753, P.2.

O PSD se mostrou preponderante, contudo a votação expressiva da UDN já detonou mudanças nas preferências do eleitorado destas e das próximas eleições. Miguel Couto Filho (PSD) (1955-1958) e seu vice Roberto Silveira (PTB) venceram as eleições para o governo do estado de 1954 com apoio de diferentes legendas. Silveira promoveu uma política de combate aos conflitos de terra e à apoio reforma agrária no estado, ocasionando reformas sociais importantes.

Em sua sucessão, o rompimento definitivo do PTB com o PSD fez com que Roberto Silveira (com o vice do PSD) vencesse as eleições de 1958 apoiado por uma ampla aliança de forças, que ia desde comunistas na clandestinidade até conservadores da UDN. Nesse momento, a Baixada Fluminense já era o maior colégio eleitoral do estado do Rio de Janeiro, sendo indispensável para a vitória de Silveira suas bases nessa região. Por isso, durante seu governo, ele dedicou bastante atenção para os conflitos de terra, prometendo diretamente aos lavradores a reforma agrária.¹⁵¹

Roberto Silveira aprovou um Plano de Colonização e Aproveitamento de Terras Devolutas para o estado do Rio de Janeiro. O projeto conseguiu desapropriar diversas áreas e criar espaços associativos destinados aos lavradores da região. É provável que este quadro político gerasse incertezas no grupo vinculado por décadas a terra. Portanto, o grupo citricultor assistiu Nova Iguaçu ser reconfigurado por políticas de acesso a terra. Isto facilmente poderia viabilizar a ascensão dos projetos de campesinatos e comunistas.

¹⁵¹ PREDROZA, Manuela ,Op cit, 2010, P. 120.

Sem dúvidas, o PTB foi um dos partidos que mais cresceram no pós-1945. O projeto da sigla esteve pautado nas demandas dos trabalhadores. “Seus principais quadros foram recrutados entre operários e demais trabalhadores sindicalizados e também junto aos funcionários públicos que integravam [...] a máquina do Ministério do Trabalho.”¹⁵² Incluir questões sociais em seu programa político, foi um dos fatores de diferenciação do PTB. Neste sentido, a ascensão de forças trabalhistas poderiam trazer benesses aos representantes do PSD, uma vez que a chapa estava composta por Miguel Couto e Roberto Silveira. Entretanto, ela também poderia distancia-los haja vista a perspectiva progressista implementada por Roberto da Silveira. Neste sentido, percebemos um rearranjo político e possibilidade do grupo possedista se distanciar da administração municipal. A elite agrícola presente por décadas no poder local estava com sua hegemonia ameaçada. Contudo, as eleições de 1954 ainda denota uma preponderância do PSD.

Tabela 16: Legendas Municipais – Eleições (1954)	
PSD	13.765
UDN	8.251
PR	3.506
PTN	3.189
PSB	2.124
Aliança	1.332
PDC	1.087

Adaptado: *Correio da Lavoura*, Domingo, 31 de outubro de 1954, Ed. 1963, P. 2.

Por isso, a eleição de Juscelino Kubtschek, candidato do PSD, foi representativa para este grupo. Sua vitória significou a oportunidade de alianças permanecerem nos três níveis de poder. Para a base ruralista, o governo JK representou a possibilidade de campo e indústria prosseguirem economicamente juntos no Brasil. Os grupos vinculados a terra viram na interiorização do país um canal para captação de recursos, ou seja, os interesses regionalistas afloraram mediante os objetivos do governo. Logo, a visita do presidente e governador ao município foi emblemática nesta conjuntura. Em matéria publicada no dia 13 de outubro de 1956 o jornal carioca *A Noite* noticiava que o presidente Juscelino Kubtschek participaria da festa da laranja, no município de Nova Iguaçu. O título “Novos rumos para a lavoura citrícola de Nova Iguaçu” trazia em seu subtítulo que:

¹⁵² DEGALDO, Lucilia de Almeida Neves, Op cit, 2003, P. 140.

Prometeu o Presidente da República, ao Visitar, Naquela Próspera Cidadã Fluminense, a Segunda Exposição de Flores e Frutos – Presentes ao Grande Acontecimento, Ainda o Chefe da Casa Civil da Presidência, Sr. Alvaro Lins, o Governador Miguel Couto Filho e Outras Altas Personalidades – Plenamente Coroados de Êxito os Esforços do Deputado Getulio Moura, Principal Animador do Sugestivo Certame.¹⁵³

Segundo o jornal, o representante maior do Estado se mostrou muito interessado pela citricultura, principal atividade econômica da região por décadas. A publicação afirmou que Nova Iguaçu tinha uma população de 200 mil habitantes. Ela estava composta por operários que construíram seus lares em terrenos próprios ou compraram de grandes loteadores durante o *boom* imobiliário dos anos 1950. As transformações urbanísticas sofridas pelo crescimento do núcleo fabril após a instalação da rodovia Presidente Dutra, também foi sinalizada.

A comitiva responsável pela recepção foi composta pelo deputado Getúlio de Moura, o prefeito Ary Schiavo, Dionísio Bassi, presidente da Câmara, Adriano de Almeida, industrialista, Luiz Tiago Silva presidente da Associação Rural e Carlos Marques Rolo. JK plantou um pé de laranjeira como símbolo do município e se dirigiu a 2º Exposição de Flores e Frutos. O deputado Getúlio de Moura ressaltou em discurso os problemas básicos da citricultura e solicitou que a exportação do fruto fosse ampliada. O deputado completou:

V. Ex^a, que é homem de alto descortino, e conhece profundamente a situação dos citricultores iguaçuanos, não faltará, sem dúvida com o socorro urgente reclamado por esses devotados propugnadores do progresso nacional. As soluções prometidas não vieram e o seu retardamento implica em novo e grave problema que precisa ser atacado sem maiores delongas. O fruto, em grande parte está se deteriorando na árvore ou caindo inútil, ao solo, por falta de meios adequados de escoamento e colocação nos mercados consumidores. Tanto ouro desperdiçado causa pena. O apelo que, neste momento, formulo, representa o anseio de milhares de abnegados trabalhadores da terra, e a êle tenho a certeza, não ficará insensível V Ex^a no sentido de que tão angustiante problema encontre, finalmente, cabal e definitiva solução. Esta exposição não é apenas o entusiasmo pela lavoura. É também uma expressiva amostra de capacidade realizadora. Fica, pois, nas mãos de V Ex^a, a sorte da lavoura citrícola.¹⁵⁴

Em resposta o presidente da república disse que em oito meses de governo buscou estar a par das questões do país e que a situação do país estava melhorando consideravelmente:

No terreno da exportação se até aqui não chegaram as providências solicitadas pelos plantadores de laranja, devo declarar, entretanto, que tenho dado a melhor atenção a

¹⁵³ A noite, 13 de outubro de 1956, P. 5.

¹⁵⁴ Idem, 1956, P.5.

esse problema, para maior estímulo do nosso comércio exportador, que, durante o meu governo, já atingiu a cifra de quinhentos milhões de dólares. Êsses dados justificam a confiança em que o ilustre representante de Nova Iguaçu vazou o seu discurso. Esteja êle certo que não deixarei escoar vinte e quatro horas sem chamar ao meu gabinete os homens responsáveis pelo comércio exterior do Brasil, a fim de ouvi-los e transmitir-lhes, ao mesmo tempo, as instruções necessárias. Quero que o povo de Nova Iguaçu confie no presidente da República como confiou no candidato. Os votos que aqui recebi justificam, agora, o meu interêsse em vir aqui colher estas laranjas, frutos de um trabalho produtivo, grande patrimônio do progresso do Brasil.

155

Ao fim de seu discurso, o presidente Juscelino Kubtischek enfatizou o papel do governador Miguel Couto Filho em sua campanha eleitoral e as melhorias que estavam sendo feitas na Velha Província. A festividade teve seu prosseguimento com a visita à exposição de flores e frutos e novos maquinários agrícolas. A comemoração foi encerrada com uma festa noturna e o coroamento da Rainha da Laranja Clarice Martins e entrega das faixas as princesas Nadir das Dores Mattos, Luiza Alice Henrique e Marilene Marques da Silva.

A visita do presidente JK a Nova Iguaçu demonstrou que Getúlio de Moura, líder pessedista, estava em interlocução com o poder estadual e federal. Contudo, a presença de representantes do sindicato rural e do setor industrial chama atenção. A participação de ambos denota que os dois setores não se anulavam e “poderiam” prosseguir lado a lado. JK estabeleceu a possibilidade de a industrialização ser ampliada e os interesses agrários serem mantidos. A interiorização do país criou a expectativa de que o território seria tomado pelo desenvolvimento, mas interferiria na questão da propriedade de terra e no status ruralista.

O projeto ruralista defendia uma maior integração entre indústria e agropecuária, a modernização da agricultura e manutenção da propriedade rural. Mesmo em vista das mudanças, a agropecuária continuou sendo um setor importante para o desenvolvimento da indústria. Esta dependia daquela em vários níveis: como fornecedora de alimentos e de matérias primas, como mercado consumidor de bens e serviços e como fornecedora de alimentos e de matérias primas, como mercado consumidor de bens e serviços e como e como fornecedora de divisas que, em última análise, viabilizavam a importação de bens e tecnologia indispensáveis ao aprofundamento da industrialização. Na prática, indústria e agropecuária tornaram-se partes de um mesmo sistema econômico, ligadas por laços de interdependência e complementaridade.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Idem, 1956, P.5.

¹⁵⁶ MOREIRA, Vânia Maria Losada, 1998, P. 178.

Portanto:

a elite agrária considerou a operação Brasília uma política governamental claramente identificada com seus anseios e interesses. O empreendimento proporcionava uma marcha “pacífica” para ao Meio-Oeste, substituía a reforma agrária e, além disso, atendia a algumas demandas industrialistas do período, sem afetar o *status quo* rural. A interiorização da capital favorecia, portanto, o reajustamento das relações econômicas entre cidade e campo por meio do desenvolvimento “pacífico” de ambos os setores.¹⁵⁷

Contudo, concluíamos mediante os dados populacionais, econômicos e territoriais que a elite citricultora findou seu projeto nos anos 1950. A mudança da capital redirecionou os investimentos no setor agrícola. Durante os anos 1930 e 1940 o Estado ainda sustentou os interesses agrários, mas os anos 1950 a opção pela industrialização foi clara. A minimização das verbas repassadas para os estados não deixavam dúvidas da nova tendência desenvolvimentista do período. Isso ficou ainda mais evidente após a redemocratização do país em 1946. “A democracia recém-instalada e a crescente industrialização e a urbanização transformaram as massas cidadinas em setor social fundamental [...] O Estado era compelido a atender a algumas demandas populares e [...] os interesses ruralistas foram desprezados.”¹⁵⁸

2.4 O processo de industrialização no distrito-sede iguaçuano

Vânia Moreira Losada afirma que a redemocratização desestabilizou o poder oligárquico embasado no voto rural. O populismo avançava pela crescente urbanização e industrialização:

Dentre os partidos políticos que surgiram com o fim do Estado Novo, o Partido Trabalhista Brasileiro foi o que mais cresceu em comparação aos demais. A legenda identificava-se com as demandas populares e juntamente com os outros partidos de esquerda começou a lançar suas bases políticas nas regiões rurícolas. A estabilidade política rural baseava-se no domínio do PSD e da UDN. Ambos os partidos representavam, no interior, a oligarquia rural. Tal estabilidade, entretanto, via-se crescentemente ameaçada pelo populismo e especialmente pelo crescimento do trabalhismo no campo, que pregava, entre outras medidas, a reforma agrária e a extensão da legislação trabalhista no campo. A democracia colocava em risco os interesses do setor agrário e, por isso, a mudança da capital tornou-se sinônimo da salvação política do interior. Os ruralistas não pouparam esforços, ademais, para garantir que Brasília fosse, de fato, a “mansão” tranqüila para elite governante exercer o poder. [Grifos meus]¹⁵⁹

¹⁵⁷Ibidem, 1998, P.188.

¹⁵⁸ Idem, 1998, P.192.

¹⁵⁹ Idem, 1998, P.193.

Logo, os anseios e preocupações da elite fundiária nacional estavam ameaçados pelo processo de industrialização e redemocratização do país. O governo JK conseguiu manter uma relação pacífica com este setor, pois ele não interferiu em dois interesses oligárquicos fundamentais: o latifúndio e a política clientelista. Entretanto, no caso iguaçuano a força de representantes do PSD e UDN não foi suficiente para manter os investimentos que a citricultura demandava. Isto não permite afirmar uma oposição entre campo e indústria, mas um rearranjo do projeto econômico da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Por isso, é plausível afirmarmos que o enfraquecimento econômico do grupo citricultor colocou seu domínio político na berlinda. A abertura política, ascensão de grupos políticos progressistas como o PTB, a disputa pelo acesso a terra através dos loteamentos e o aumento da população condicionaram o distanciamento dessa camada ruralista do poder. A presença de indústrias na região evidenciam a implementação do desenvolvimentismo elaborado por JK. Portanto, a industrialização de Nova Iguaçu fez parte do projeto governamental dos anos 1950. A localização geográfica do município, sua proximidade da malha rodoviária e ferroviária e acesso barato a terra, consolidaram os anseios dos industriais e do Estado. As indústrias ocuparam velozmente os lotes as margens da rodovia Presidente Dutra. Esse movimento agregou diversas empresas estrangeiras.

Segundo Carolina Bittencourt :

A ação governamental, em seu conjunto, deveria criar melhores condições econômicas, financeiras, sociais e políticas para o florescimento da livre iniciativa. Um dos alvos centrais do Programa era atrair o interesse de empresários estrangeiros com seu capital e sua tecnologia. Além deste objetivo, pretendia-se estimular a poupança nacional e incentivar a modernização geral do sistema produtivo.¹⁶⁰

Bittencourt afirma como tal conjuntura propiciou a implantação de indústrias como a Companhia Compactor de Canetas:

Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A., Indústrias Granfino, USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A., Fábrica de Cigarros Souza Cruz, Forjas Brasileiras S.A., S.A. Marvin, Rupturis S.A., Fábrica de Tecidos Cachambi, Cia. Mercantil e Industrial Ingá e Cia. Dirce Industrial [...] ¹⁶¹

¹⁶⁰IANNI Apud MENDONÇA, Carolina Bittencourt. *Escrevendo uma história: A experiência da Cia. de Canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955-1995)* Monografia do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2014, P.16.

¹⁶¹ Idem, 2014, P. 15.

A autora afirma que a Companhia de Canetas Compactor foi fundada em 1954 pelo empresário Paul Buschle em parceria com Paul Bluhm, dono da editora *Ao livro Técnico*. “A sociedade foi formada por Paul Buschle, Reynaldo Bluhm, Adolfo Nieckele e Walter Aquino Castro, porém, quem representou a família Buschle na direção executiva da fábrica foi o irmão mais novo Erich Buschle.”¹⁶² A sociabilidade da comunidade alemã na região e a política de incentivo fiscal e industrialização permitiu que a empresa fosse instalada no município as margens da Rodovia Presidente Dutra.

Assim como a Compactor, a Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A teve sua instalação motivada por requisitos similares. Segundo Maicon Sérgio Carvalho durante os anos 1950 a Bayer já possuía inúmeras filiais pelo mundo. Nesta década, a CIDASA representante da empresa no Brasil demonstrou interesse na expansão da indústria. Em 1955 a Bayer adquiriu a Companhia de Ácidos, pois esta última possuía uma posição estratégica no território do Rio de Janeiro.

A fábrica de ácidos comprada pela Bayer em 1956, começara a funcionar em 1950. Foi o primeiro grande empreendimento da região de Belford Roxo e ocupava 347 mil m², produzindo 30 toneladas diárias de material, as instalações dessa fábrica foram reaproveitadas, por exemplo: a unidade de ácido sulfúrico, o depósito central e o conjunto de casas margeando a Estrada da Boa Esperança, que acomodava famílias de funcionários da empresa.¹⁶³

Para ampliar a capacidade de produção da CIDASA, a Bayer adquiriu um lote no município de Nova Iguaçu, mas precisamente no distrito de Belford Roxo. A região reuniu as características necessárias para fundação: “água potável e de processo, disponibilidade de energia elétrica, disponibilidade de mão-de-obra qualificada na região, topografia plana, com amplas áreas desocupadas ao seu redor com potencial de novas aquisições para futuras expansões.”¹⁶⁴ Um corpo técnico vindo da Alemanha realizou estudos e coordenou as tarefas necessárias para fundação da empresa.

A obra foi concretizada em 1958. No mesmo ano teve-se a inauguração do complexo industrial em Belford Roxo, que tinha as atividades agrupadas em três departamentos (modelo que se manteve inalterado até os anos 1990): Produtos inorgânicos, Corantes e produção orgânica. Com esse modelo de organização e ainda sem todas as unidades instaladas, foram iniciadas as atividades no complexo,

¹⁶² Idem, 2014, P. 18.

¹⁶³ CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *Bayer e Belford Roxo uma experiência industrial na Baixada Fluminense (1958 -2008)*. Monografia do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2011, P.36.

¹⁶⁴ Idem, Ibidem.

no dia 10 de junho, de 1958. Foram inauguradas oficialmente as unidades de sais de cromo, ácido sulfúrico, ácido fluorídrico, corantes azóicos e produtos intermediários. [...] Na Baixada Fluminense, um pouco depois da instalação da Bayer, vamos ter a inauguração da REDUC, em 1961. Na base do complexo industrial químico brasileiro encontrava-se a indústria de petróleo e a petroquímica, a indústria química de transformação ainda estava muito incipiente. Por isso, a implantação da indústria química estudada ganhou uma relativa importância naquele momento e contou com a presença de ilustres personalidades no momento de sua inauguração.¹⁶⁵

Essas corporações refletem parte da abertura ao capital estrangeiro e industrialização do país. Acomodar os interesses ruralistas e a expansão do setor industrial expressou as disputas econômicas, políticas e ideológicas do período. Portanto, o crescimento populacional, a industrialização, o processo de interiorização do campo e a democratização pós-1946 provocaram mudanças intensas no município. O grupo vinculado à citricultura se viu imerso em reposicionamentos e incertezas políticas. Essa conjectura fez com que os grupos buscassem prerrogativas e investimentos que acomodassem as novas relações. As emancipações dos distritos pertencentes à Nova Iguaçu evidenciaram a disputa por essas benesses.

2.5 Dividir para crescer: o caso das emancipações na Baixada Fluminense

A transição da economia predominantemente agrícola para o sistema de produção industrial provocou dissidências nos grupos dominantes desta região. Marlúcia Santos afirmou que em 1943:

os distritos de Caxias, São João de Meriti, Xerém e Estrela se emanciparam compondo o Município de Duque de Caxias. O novo município passou a ser composto por três Distritos: Duque de Caxias, S. João de Meriti e Imbariê. Em 1947, São João de Meriti se emancipou de Duque de Caxias e em 1954, o Distrito de Imbariê deu origem a outros dois distritos, o de Xerém e o de Campos Elíseos.¹⁶⁶

De acordo com a autora o processo de emancipação de Duque de Caxias esteve relacionado à composição da União Popular Caxiense (UPC) e a reorganização espacial realizada pela interventoria de Amaral Peixoto no Estado Novo. O grupo formado por profissionais liberais e políticos locais buscava soluções para as demandas locais. Para isto, seria necessário o rompimento com o distrito-sede e criação de um novo município. Em 1937

¹⁶⁵ Idem, 2011, P. 37 e 38.

¹⁶⁶ SOUZA, Marlúcia Santos de. *Memórias da Emancipação e Intervenção no Município de Duque de Caxias nos anos 1940 e 1950*. *Revista Pílares da História* – Ano II – nº03 – Dezembro de 2003, P.37.

a UPC foi fundada e em 1940 o manifesto pró-emancipação foi entregue ao interventor Amaral Peixoto.

Apesar do esforço do grupo da UPC, a emancipação só se realizou a partir do controle dos interventores estadual e federal. Em 1940, Amaral Peixoto organizou uma comissão para estudar uma reforma administrativa do Estado do Rio de Janeiro, que foi viabilizada em 1943. O processo de emancipação de Caxias esteve integrado ao projeto de reforma administrativa, com bases no discurso do Estado Novo, onde um dos eixos fundamentais era a consolidação do nacional, que tinha no comunismo e no excesso de regionalismo seus principais empecilhos. A emancipação dos locais mais populares ia de encontro à necessidade de: reorganizar o quadro territorial para melhor controlá-lo e administrá-lo; cooptar simpatia e apoio popular e articular o seu representante regional, Amaral Peixoto, com os grupos locais.¹⁶⁷

O projeto estadonovista fixou uma reforma territorial na qual a nova divisão administrativa e judiciária via “cidade [...] como célula fundada no nacional [...] pouquíssimas possibilidades de autonomia. [A] fundação do município esteve imbricada a um projeto de identidade nacional com bases no discurso de integração da cidade”¹⁶⁸ Duque de Caxias teve um projeto político específico de colonização agrícola durante o governo de Vargas. O objetivo era o acesso à terra, modernização agrícola e desenvolvimento da infra-estrutura para indústria de base nacional. Para Marluccia Souza a cidade tornou-se um espelho do domínio de Getúlio Vargas e seu interventor Amaral Peixoto.

Portanto:

Os grupos dominantes locais que se alinharam ao bloco varguista e que, portanto, eram beneficiados em diferentes níveis pelo tráfico de influência, tornaram-se os representantes do poder central no local. Entretanto, os grupos fortemente ligados ainda à estrutura anterior, prisioneiros aos laços políticos com o antigo bloco de poder fluminense/paulista, transitaram entre a adesão ao getulismo e a oposição a ele. Ao nomear os interventores com poderes discricionários, inclusive para o enriquecimento rápido e inescrupuloso, o poder central abriu brecha para descontentamentos locais que não almejam alterar o status quo, mas sim, assenhorear-se das fontes de recursos. Em Caxias, Tenório Cavalcanti se afirmou no bloco oposicionista e construiu o seu bloco de poder que aqui denominamos tenorismo. Logo, tenoristas e amaralistas/getulistas enfrentaram disputas violentas pelo domínio do poder político local.¹⁶⁹

As eleições de 1946 expressaram as tensões pela hegemonia política da região. A presença do grupo político de Duque de Caxias nas eleições 1946 destaca a presença de uma oposição a coligação a frente do distrito sede de Nova Iguaçu. A consolidação das

¹⁶⁷ Idem, P. 38 e 39.

¹⁶⁸ Idem, Ibidem.

¹⁶⁹ Idem, 2003, P.49.

representações de perfil comunista ou concepção progressista denota a influência destes grupos na votação municipal.

Município	PSD	UDN	PCB	PTB	PRP	Total
Caxias	2.789	1.514	3.066	2.979	92	10.440
N. Iguaçu	6.608	2.524	2.802	1.519	112	13.365
Magé	1.420	1.213	1.214	441	71	3.959

Relatório da Secretaria de Segurança Pública DOPS de 1946 In Estado, Pasta 20. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Adaptado Fonte: MarluCIA Souza, 2003, P.51

Segundo MarluCIA Santos as eleições foram compostas pelo PTB de caráter trabalhista e pelo PSD, este último representante da liderança conservadora de Amaral Peixoto. Na oposição a Getúlio Vargas, vinha a UDN com Tenório Cavalcanti e o PCB. Mesmo possuindo uma pequena votação, a UDN expressou a “aversão” ao grupo varguista e conservador vinculado ao PSD. Em 1947 e 1952 o executivo caxiense foi liderado pelo PSD. De 1952 a 1959, o PTB esteve à frente da administração municipal.

A presença de Roberto Silveira no governo estadual em 1954 e sua vitória para governador em 1958 demonstram a força política de novos atores e siglas. Silveira derrotou expressivamente o PSD e seu candidato iguaçuano Getúlio de Moura. Em 23 de outubro de 1958 o *Correio da Lavoura* publicou o resultado das eleições e indicou a larga vitória de Roberto Silveira pelo PTB com 39.635 votos e Getúlio de Moura pelo PSD com 17.979. Dentre os deputados federais mais votados estavam Mario Guimarães, opositor de Getúlio, pela UDN com 9.634 votos, seguido por Tenório Cavalcanti também da UDN com 6.382 votos e Augusto de Gregório pelo APN com 5.029. Arruda Negreiros, udenista, venceu para prefeito com 26.498 votos e Aluizio Pinto de Barros para vice-prefeito.

O desmembramento territorial confirma a perda de hegemonia de figuras políticas tradicionais de Nova Iguaçu. A formação de núcleos de poder a partir de novos municípios acentuou exigências e especificidades de cada localidade. Investimentos antes concentrados no distrito-sede foram pulverizados de acordo com as necessidades e interesses de cada representação local. O grupo caxiense promulgou o discurso de “ausência” do distrito-sede e atenção as problemáticas da região. Contudo, podemos afirmar que a elite comercial do 8º distrito desejava se desvincular de Nova Iguaçu e, com isto, estabelecer relações políticas sem

intermediários. A partir do *Correio da Lavoura*, Adriana Branco constatou que a sede negligenciou por anos as demandas de Duque de Caxias. De acordo com a autora:

Para a sede, Caxias era um distrito afastado, insalubre e distante de seus ideais rurais. Os recursos gerados naquele momento pela produção e o beneficiamento da laranja eram investidos na sede e seu entorno, os arrabaldes eram desprezados quase em que sua totalidade. Apesar de não ter sua arrecadação ligada à citricultura o distrito contribuía enviando seus impostos da sede. Imposto este resultante em sua maioria do recolhimento valores feito durante a troca de titularidade de terrenos (ITBI), principal atividade de Caxias naquele momento. Inclusive é o envio destes recursos que não retornam em forma de benefícios como postos de saúde, água, sistema de esgoto e abertura de ruas, que geram o descontentamento e o desejo emancipacionista. Assim sendo, apontar esta mesma falta de percepção significa mostrar como o jornal reproduzia o olhar de uma elite rural afastada e pouco interessada nas demandas de Caxias e em seu crescente processo de ocupação urbana.¹⁷⁰

Adriana concluiu que a emancipação de Duque de Caxias se deu pela desarticulação do grupo líder do distrito-sede, graças ao fim da citricultura. Foi momento para desvincular-se:

de uma elite rural já sem força e desestabilizada, era a hora de domar a Rainha (Dama). A emancipação determinou a perda territorial e distanciou Nova Iguaçu de uma área com capacidade de urbanização e construção de estrutura urbana organizada, com vocação industrial, tornando-as rivais na região.¹⁷¹

Ela afirma que o *Correio da Lavoura* apresenta o silenciamento da elite iguaçuana sobre a “virada” dos investimentos e domínio da região. Segundo autora:

Nova Iguaçu tinha a sua elite ocupando a política local e apoiada na riqueza da laranja, e de certa forma tinha adesão do governo federal quanto ao retorno à vocação do estado para ser grande agroexportador. Já Caxias em processo acelerado de urbanização contava com o mesmo governo federal para ser contemplado com as políticas de industrialização. Nesse tabuleiro, a figura do interventor e o jogo do controle político no estado fizeram do processo de emancipação os próprios movimentos de xadrez. O *Correio* apenas descreveu o jogo (de dama) a que estava acostumado, daí o silêncio de todo o processo.¹⁷²

As autoras constataam as mutações políticas provocadas pelo desmembramento da região. Marlúcia Santos afirma como a redemocratização e realocação das forças partidárias

¹⁷⁰ SOUTO, Adriana Branco Correia. *Tabuleiro de damas para um jogo de xadrez: emancipação de Duque de Caxias vista por Nova Iguaçu através do Correio da Lavoura*. 2014. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014, P.29.

¹⁷¹ Idem 2014, P.30.

¹⁷² Idem, Ibidem.

interferiu diretamente sobre a hegemonia do grupo iguaçuano. O direcionamento de investimentos para a industrialização fortaleceu as demandas do grupo liderado por Tenório Cavalcanti. Expandir a oferta de terras e serviços a crescente população migrante, “exigiu” a descentralização de Nova Iguaçu. Do mesmo modo, Adriana Branco constatou o enfraquecimento socioeconômico e político no pós-citricultura. Ela afirma como a conjuntura proporcionou a emancipação de Duque de Caxias e consolidação de seus próprios dirigentes.

Por isso, afirmo que os distritos de Nilópolis e São João de Meriti também usufruíram deste momento para se emanciparem. Não temos estudos sobre o desmembramento destes municípios, contudo o *Correio da Lavoura* explicitou o posicionamento do distrito-sede sobre o tema. Nilópolis e São João de Meriti¹⁷³ se emanciparam no fim dos anos 1940, mas precisamente em 1947. O jornalista e árcade Luiz Azeredo discutiu sobre a perda territorial e a “inércia” do distrito-sede diante das emancipações:

Nova Iguassú, como muitos outros no território fluminense, era e é ainda hoje um município grande, com possibilidades enormes para continuar sua marcha evolutiva, muito embora a política que se tem adotado na administração, aqui como alhures, sem visão perfeita dos problemas nem a necessária capacidade para resolvê-los, seja mais de abandono e desestímulo do que de assistência e incentivo às fontes produtoras, como de resto a tudo o mais. As construções se multiplicam, o comércio se expande, surgem as indústrias, a pecuária a lavoura, que trazem riqueza ao Município, mas tudo naturalmente, sem nenhum impulso dos órgãos dirigentes da coisa pública. Pelo contrário, é um organismo municipal que, se não fosse a sua extraordinária vitalidade, que o mantém de pé e o faz sobreviver a todos os embaraços, estaria dentro de pouco tempo aniquilado pelas energias constantes a que submetem.¹⁷⁴

O árcade afirmou que Nova Iguaçu poderia prosseguir “evoluindo”, mas que a administração municipal estava inerte perante às transformações do período. Atores como Tenório Cavalcanti redistribuíram a correlação de forças na região e isto reordenou o cenário político. Desta forma, novos laços de sociabilidade poderiam anular o papel histórico da *Cidade-mãe*¹⁷⁵. A perspectiva dos novos grupos colocou a sede no papel de “madrasta”. O jornalista prosseguiu afirmando que:

¹⁷³ O jornal *Correio da Lavoura* publicou um número considerável de informações sobre a emancipação de Nilópolis. No entanto, o caso de São João de Meriti foi pouco explorado pelo periódico, por isso nos ateremos ao episódio nilopolitano. Neste sentido, ainda serão necessários novos estudos sobre os distritos e seus movimentos separatistas.

¹⁷⁴ *Correio da Lavoura*, Nova Iguassú, (Estado do Rio), Domingo, 25 de maio de 1947, Ed: 1.523,P.1.

¹⁷⁵ Para saber mais sobre o conceito de *cidade-mãe* e fundação do município de Nova Iguaçu ver VICENTE, Edson Borges. Nova Iguaçu, *Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma*

Agora se organiza outro movimento para mutilar o Município de Nova Iguassú, baseando em resolução recente da Constituinte Fluminense, que está convicta, parece, que só duplicando os 52 municípios existentes nesta Federação, formando comunas de 10 mil habitantes e renda anual de 200 mil cruzeiros, relativa a impostos municipais, é que estará concorrendo para o progresso do Estado do Rio. [...] A criação de um município, como declaram judiciosamente alguns deputados, é matéria que exige acurado estudo, não podendo ser resolvida senão em lei especial. Do contrário, vamos cometer injustiças, servir a manejos políticos inconfessáveis e não resolveremos os problemas do povo pela falta de revigoramento dos centros que podem produzir e fortalecer o Município economicamente. [Grifos meus]¹⁷⁶

Contudo, em matéria publicada no dia 18 de maio de 1947, noticiou-se que o deputado Lucas Andrada de Figueira sancionou a emenda para criação do município de Nilópolis. Isto confirma a articulação política pelas emancipações:

Divulga-se que, numa das últimas sessões realizadas pela Constituinte Fluminense, saiu vitoriosa a emenda n.5 ao artigo 9, a respeito da criação de novos municípios, a qual determinou que, antes da resolução da Assembléia, serão ouvidos em escrutínio secreto, os eleitores da zona que vá constituir outra comuna para o Estado. E a velha idéia de que volta a imperar: dividir para poder governar ou... desgovernar. O sr. Lucas de Andrade Figueira é que aproveitando a excelente ocasião, apresentou uma emenda, mandando que o distrito, que atingir renda superior a 2 milhões de cruzeiros e população de 20 mil almas, seja elevado à categoria de vila. Visou o representante trabalhista, como se deduz, tornar realidade o sonho separatista de Nilópolis, que já tem 25.280 habitantes (estimativa feita em 1946) e rendeu no último exercício Cr\$ 2.309.922,50¹⁷⁷.

A presença de lideranças emancipatórias vinculadas ao PTB e à UDN refletem o fortalecimento destas siglas. Elas confirmam o arranjo destes representantes e a formação de núcleos de poder através de novos municípios. Assim como em Duque de Caxias, as eleições municipais de Nilópolis evidenciaram a ascensão destes partidos:

Tabela 18: Resultado Final do Pleito em Nilópolis (1947)	
Legendas	
União Democrática Nacional	2.074
Partido Social Democrático	1.692
Partido Trabalhista Brasileiro	1.334
Partido Democrata Cristão	169
Partido de Representação Popular	87

Adaptado: *Correio da Lavoura*, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 12 de outubro de 1947, Ed. 1.595, P. 2

abordagem geográfica. Disponível no site: <http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>, em 20/07/2009.

¹⁷⁶ Idem, 1947, P.1.

¹⁷⁷ *Correio da Lavoura*, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 25 de maio de 1947, Ed. 1.575. P.1.

O fortalecimento da UDN frente à preponderância do PSD no distrito-sede enfatiza a disputa na região. O número de notícias sobre a emancipação de Duque de Caxias e Nilópolis corrobora a preocupação dessa elite citricultora decadente. Luiz Azeredo constatou a tradicional disputa entre pessedistas e udenistas nas eleições municipais de 1947. No entanto, o jornalista afirmou que:

Fatores diversos contribuíram para alterar de maneira sensível a política iguassuana, trazendo-lhe certas confusões e incertezas, impedindo-lhe que as forças partidárias, em mais breve tempo, se organizassem definitivamente e se lançassem logo à propaganda sistemática do que esperam objetivar no pleito de 28 de setembro de próximo. Entre êsses fatores de retardamento das atividades partidárias, sobressaem não só a cassação do registro do Partido Comunista do Brasil deixando dispersos e desarvorados todos os elementos filiados a esse partido – uma das correntes políticas mais fortes deste Município, – mas também a inesperada autonomia de Nilópolis, que suprimiu cerca de 25% do eleitorado iguassuano, isto é, separou parte considerável de um conjunto que afeia o desenvolvimento, a grandeza e o prestígio do Município de Nova Iguassú. [Grifos meus]¹⁷⁸

Logo, as emancipações rearranjaram o território e a dinâmica política da região. Elas corroboraram para a fissura política entre a elite do distrito-sede (PSD) e os novos grupos. O jornalista deixou claro sua insatisfação pela perda de Nilópolis¹⁷⁹, pois o “distrito era um filho em pleno crescimento”:

Com a notícia de que fôra aprovada, em votação secreta, a emenda ao Ato das Disposições Transitórias da Constituição dêste Estado, referente á imediata elevação do Distrito de Nilópolis a Município, agitou-se aquela florescente vila iguassuana, pois numerosos foguetes subiram ao ar, festejando ruidosamente o acontecimento. E muitos já pensavam talvez, mesmo debaixo da foguetada, nos seus candidatos a prefeito e vereadores nas próximas eleições e também aos cargos mais importantes e rendosos na futura administração municipal. Nós sentimos o mesmo que a maioria dos nilopolitanos sentem no coração, porque se trata de um filho cheio de energia que se aparta abruptamente da família iguassuana. Mas fazemos votos para que não se deixem iludir pelos aventureiros, que só querem se aproveitar à sua custa, e chamem a si a responsabilidade da administração do Município de Nilópolis, visando o progresso, o bem estar e a felicidade de seus filhos laboriosos.¹⁸⁰

Segundo Luiz Azeredo “Já agora as nuvens densas vão se dispersando e vemos mais claro no horizonte. Separam-se os blocos mais firmes e tomam a direção que julgam

¹⁷⁸Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 13 de julho de 1947, Ed: 1.582, P. 1.

¹⁷⁹Sobre a história de Nilópolis conferir: NOGUEIRA, Marco Monteiro. Memorial Nilopolitano. Nilópolis, Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2009.

¹⁸⁰Correio da Lavoura, Nova Iguassú, (Estado do Rio), Domingo 15 de junho de 1947, Ed: 1.578 P.1 e 2.

acertadas.”¹⁸¹Portanto, a reabertura política consolidou novos blocos de poder. As eleições permitiram que os grupos “separatistas” criassem novos municípios e se estabelecessem enquanto administração local permanente. A redemocratização comportou que novos e antigos atores liderassem a reestruturação política regional. O discurso lamentando a perda territorial demonstra a preocupação da sede com os rumos políticos da Baixada. Siglas como o Partido Comunista Brasileiro (PCB) exerceram especial influência na região, especialmente através da imprensa e de figuras como Dionísio Bassi.

2.6 A atuação de Dionísio Bassi nas páginas do *Correio de Maxambomba*

Partidos como o PCB (Partido Comunista Brasileiro) também compôs o jogo político na Baixada Fluminense nos anos 1940 e 1950. Em meados da década de 1940, a sigla buscou aproximar-se dos bairros, associações e sindicatos através dos Comitês Democráticos Populares (CDPs). Segundo Henrique Buy dos Santos, os comitês foram lançados por Luiz Carlos Prestes para “conseguir um maior número de informações a respeito das condições enfrentadas pela população e a partir daí, permitir a elaboração de uma plataforma política, que se baseava na condição de vida das classes populares.”¹⁸²

Mesmo não possuindo uma conformidade, o PCB procurou atender as demandas sociais e políticas do Partido. Por isso, os comitês fortaleceram melhorias nas condições dos moradores de bairros no Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Os CPDs do Rio de Janeiro e da Baixada possuíam características administrativas similares, além de combateram problemáticas ligadas a saúde, educação e transporte público. A presença de comitês no município de Nova Iguaçu e de seus distritos, Mesquita e Nilópolis, evidenciam a “ocupação” social e principalmente política da região pelos comunistas.

A resolução de problemas em bairros populares pelos comitês trouxe reconhecimento para o partido. Promoveu, principalmente, a organização da sociedade civil para reivindicação de serviços básicos como saneamento básico. Isto fez com que o PCB ganhasse espaço nas eleições disputadas em 1946. Dados do *Correio da Lavoura* das eleições realizadas no ano de 1947 evidenciam o crescimento político do partido:

¹⁸¹ Idem, 1947, P.1.

¹⁸² SANTOS, Henrique Buy dos. Os Comitês Democráticos Populares na Baixada Fluminense (1945-1947) In: (org) GARCIA, Graciela, SALES, Jean e SILVA, Lúcia. *Capítulos da História da Baixada Fluminense – Ensino e pesquisa na licenciatura de História do Campus de Nova Iguaçu*. Seropédica, Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2013, P.52.

Partido Social Democrático	4.298
União Democrática Nacional	3.653
Partido Comunista do Brasil	3.044
Partido Trabalhista Brasileiro	2.351
Partido de Representação Popular	87
Partido Proletário do Brasil	32
Partido Político de Esquerda Democrática	32
Partido Social Progressista	19
Partido Democrata Cristão	11
Partido Republicano	10
Partido Trabalhista Nacional	10
Partido Orientador Trabalhista	10

Adaptado: *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 02 de fevereiro de 1947, Ed: 1.559, P. 2

Os dados comprovam que “os objetivos dos Comitês Populares estavam de certa maneira, concretizados e os moradores tinham certo reconhecimento disso.”¹⁸³ Portanto, para Henrique Buy dos Santos :

por um lado procurar ajudar os moradores com os seus problemas locais, ligados a precariedade de condições fundamentais para a sobrevivência, e por outro mostrar aos trabalhadores a clareza e os objetivos da linha política do PCB, trazendo- os para o lado do partido na luta pela “União Nacional” e pela consolidação da democratização.¹⁸⁴

Portanto, entre os anos de 1940 e 1960 o PCB investiu em locais de formação política, como os comitês, e na elaboração de uma imprensa partidária. De acordo com Marcelo Badaró a “tradição dos partidos que foram formados a partir de uma luta de classes trabalhadora sempre valorizou o desenvolvimento de ferramentas autônomas de produção e disseminação de informações, bem como de espaços de formação política.”¹⁸⁵ No Brasil isto não foi diferente, sendo a Baixada Fluminense um destes locais. Durante a década de 1950, Badaró afirma que o partido representou um “desvio sectário” das lutas sociais relevantes do período. Somente no momento posterior a 1958 o PCB passou por uma “fase áurea” de grande mobilização. Contudo, para o autor o partido investiu na formação intelectual necessária para adesão de novos militantes, de forma que eles pudessem interferir de forma “mais qualificada” nas demandas políticas sindicais:

¹⁸³ Idem, P. 68.

¹⁸⁴ Idem, Ibidem.

¹⁸⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. “Imprensa comunista e formação de quadros no período de 1954-1964.” In: ROXO, Marco e SACRAMENTO, Igor. (org) *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, P.123.

Observando as diversas conjunturas e oscilações na linha do PCB é possível avaliar que, no período de vida legal, o partido investiu pesadamente na montagem de uma estrutura de imprensa partidária de abrangência nacional e procurou difundir sua linha política mediante um conjunto amplo de órgãos de imprensa, editoras (a Editora Vitória sendo a mais importante), espaços organizativos como Comitês Populares e Democráticos, atividades culturais (de cursos e palestras a manifestações festivas e mesmo carnavalescas), entre outras. No caso da imprensa, foi possível manter tanto o veículo oficial do partido voltado à militância, quanto a diversos jornais diários [...] e revistas especializadas.¹⁸⁶

Segundo Badaró, entre “o final dos anos 1950 e o golpe de 1964, a imprensa pública do partido retomou fôlego (ainda que em níveis inferiores ao do período da legalidade) e os cursos de formação focaram um público mais amplo que o dos quadros dirigentes partidários.”¹⁸⁷ Jornais como a *Tribuna Popular* publicado no Rio de Janeiro, foi pensado como um jornal para as “massas” cujo o objetivo era educar, orientar e instigar a população e o proletariado em busca da democracia e desenvolvimento do país. Portanto, a imprensa foi um importante espaço de difusão política dos grupos progressistas durante o período de redemocratização. No caso da Baixada Fluminense, em particular Nova Iguaçu, não foi diferente. Em dezembro de 1955, o semanário *Correio de Maxambomba*¹⁸⁸ era fundado pelo vereador Dionísio Bassi e militante do PCB no distrito-sede de Nova Iguaçu.

Dionísio Bassi compôs a câmara municipal nos anos de 1947 pelo PSD e 1º secretário do legislativo em 1950. Foi novamente vereador pela mesma sigla no ano de 1954, sendo o segundo vereador mais bem eleito pela sua legenda com 978 votos. Mesmo estando filiado ao Partido Social Democrático, Bassi esteve vinculado ao PCB através dos Comitês Democráticos Populares do Partido nos anos 1940. Sua presença pode ser constatada em jornais de linhagem comunista da Capital Federal:

Este Comitê se reuniu ante ontem, á rua Mena Barreto, 240, em Nilópolis, e os moradores presentes fizeram as seguintes reivindicações: desapropriação e divisão das terras do Morgadio de Marapicu, para cuja campanha foi escolhida uma comissão composta dos srs. Laudelino Barros, Alvaro Martins e Jaime Branco; voto para os militares em geral, para os analfabetos e estrangeiros com mais de dez anos de residência no Brasil. Entre outros, usaram a palavra os srs. Laudelino de Barros, Jaime Branco, Álvaro Martins, Valentim Fernandes, Arlindo Telês da Silva, Dionísio Bassi e João de Melo.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Idem, 2012, P. 133.

¹⁸⁷ Idem, Ibidem.

¹⁸⁸ Acessamos dois anos do *Correio de Maxambomba*, 1957 e 1958. Contudo, não sabemos seu tempo de circulação e se existem outros exemplares do semanário.

¹⁸⁹ *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945, P. 5.

Bassi compôs o comitê iguaçuano e esteve à frente de atividades como a recepção de Luiz Carlos Prestes no Rio de Janeiro em 1945 e da inauguração de uma escola noturna gratuita na Posse, bairro do município de Nova Iguaçu.

Conforme anunciamos, realizou-se ante-ontem, às 20 horas, na localidade de Posse (Município de Iguaçu), a inauguração de uma escola noturna de alfabetização destinada às crianças e adultos. Essa escola que é uma louvável iniciativa do Comitê Democrático Progressista da Posse tem a capacidade para 150 alunos e conta com um corpo docente de quatro professores, que são os seguintes: Dulcídio Pimentel, José Castor, Gilberto Alves dos Santos e Paulo Fróes Machado. Compareceu à solenidade eminentemente patriótica e democrática grande número de lavradores, camponeses e moradores da localidade, bem assim como representantes dos comitês democráticos de Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias, Andrade de Araujo, S. João de Meriti, Eden, Agostinho Porto, Villa Rosali, Cascadura, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Olinda, Nilópolis, Mesquita, Madureira, e o representante do Comitê Municipal do P.C.B de Nova Iguaçu, sr. Dionísio Bassi. [...] Durante o ato, falaram, entre outros, enaltecendo o significado da cerimônia, os srs. Dulcídio Pimentel, Jorge A. Cabral, Capitão Paulino Barbosa, Wilson Dantas, presidente do Comitê Democrático da Posse, José Castor, o nosso colega Luiz Azeredo, do “Correio da Lavoura”, Dionísio Bassi e o sr. Vicente Rodrigues da Costa, que representou a TRIBUNA POPULAR. Um detalhe curioso da solenidade foi o seguinte: não havendo luz elétrica, o local foi iluminado por centenas de archotes, emprestando assim à cerimônia um espetáculo singular.¹⁹⁰

Dionísio Bassi se mostrava uma liderança política expoente no fim dos anos 1940. Auxiliou na estruturação do comitê do PCB em Nova Iguaçu e denotou considerável sociabilidade com os demais grupos da Capital e suas mídias. Entretanto, durante seu segundo mandato, Bassi consolidou-se politicamente através de seu periódico *Correio de Maxambomba*. Intitulado “O Arauto das reivindicações da Baixada Fluminense”, o jornal mobilizou demandas trabalhistas, reivindicações das classes populares, melhorias dos bairros “proletários” e disputas pela terra na região.

O perfil do jornal enalteceu uma vertente progressista vinculada às causas trabalhistas, ou seja, ligada a siglas como o PTB e o PCB. Foi concorrente do *Correio da Lavoura*, representante do grupo ruralista e líder por décadas da administração local. O semanário liderado por Dionísio Bassi fez duras críticas ao *Correio da Lavoura* e o acusou de encobrir as ações do então prefeito Ary Schiavo e alguns membros do legislativo. Em matéria publicada no dia 24 março de 1957, o fundador do *Correio de Maxambomba* escreveu uma matéria intitulada “A indústria do silêncio”. Nela Bassi afirmou:

¹⁹⁰ Tribuna Popular, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1945, P. 5.

Rompendo a crosta bruta de uma “paúra” patológica e conveniente, o funâmbulo travestido de arauto, que sempre usou a imprensa como uma tendinha, veio a público, através do seu “Correio da Mandioca”, para prestar explicações que não explicam nada. PERFILHANDO as mais sórdidas intrigas do que existe de mais repugnante na política local, e que um dia há de ser saneada como já foi a Baixada Fluminense, o grotesco arauto, com a coragem de afirmar, contra toda a evidência dos fatos, distila as seguintes inverdades: a) estamos apavorados e desesperados; b) “a comissão de inquérito deixou à margem, porque lhe faltaram ou foram negados os elementos relativos” a irregularidades que por nós teriam sido praticadas; c) não quisemos apresentar a nossa defesa. [Grifo meu]¹⁹¹

Dionísio Bassi se referiu ao aumento de subsídios dos vereadores municipais no ano de 1957, sobre o qual foi contra e afirmou que ameaças não abalariam seu posicionamento nem de seu jornal. Após disputas no legislativo municipal alguns vereadores tentaram sem sucesso cassar seu mandato.

Em primeiro lugar dizer, para esclarecimento dos que não estão acompanhando de perto a atual crise política que nunca estivemos tão serenos como agora. Nesses últimos três meses, sofremos uma série de violências e uma onda de calúnias sem precedentes, na vida política fluminense. Tentaram matar-nos, empastelaram o jornal que fundamos, cassaram o mandato que o povo nos conferiu. Por muito menos, outros já teriam apelado para revide físico. Nós, contudo, temos conservado o equilíbrio e a ponderação, temos reagido às infâmias, às calúnias, às injúrias, à tentativa de homicídio e ao clamoroso esbulho de que fomos vítimas expondo apenas a verdade sobre os fatos e apelando para os recursos que a ínclita Justiça fluminense coloca à disposição de todos aqueles que a ela recorrem estribados no direito e na razão.¹⁹²

Segundo Bassi, isto foi um movimento do *Correio da Lavoura* e da gestão municipal contra as denúncias do vereador. O Inquérito instaurado para cassação de seu mandato era uma farsa para “mascarar” as reais intenções promovidas por seus colegas.

ALIADO, agora com toda a sua decantada pureza de princípios, aos empresários, de sicários, a banqueiros da batota e sócios de assassinos, o caricato Arauto, pseudônimo de Lulu Coisinha tenta mistificar o reduzido público do seu “Mandioquinha”, ao asseverar que a comissão não pôde apurar tôdas as denúncias formuladas. A comissão de inquérito-farsa, esta é que é a realidade, que dissemos no plenário da Câmara na madrugada de 26 para 27 de fevereiro, perante a silenciosa matilha de acusadores, não quis, por exclusiva vontade sua, investigar as acusações formuladas. E não o quis porque fatalmente chegaria à conclusão de que tôdas são mentirosas.[Grifos meus]¹⁹³

¹⁹¹ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 24 de março de 1957, Ed: 69, P. 1 e 7.

¹⁹² Idem, 1957, P. 1 e 7.

¹⁹³ Idem, Ibidem.

Lulu Coisinha era Luiz Azeredo, diretor do *Correio da Lavoura* e filho do fundador. Dionísio Bassi fez outras acusações ao concorrente e seus colaboradores. O *Correio de Maxambomba* publicou árduas críticas aos Azeredo. Reduziu o jornalista a condição de “escriba” e seu jornal a “biombo jornalístico de quadrilha”:

Enquanto sofriamos e sofremos represálias físicas, parlamentares e econômicas, devido à inflexível linha dêste jornal, de combate à majoração dos subsídios dos vereadores, o “Correio da Mandioca”, além de não publicar uma linha se quer contra o escandaloso assalto ao erário público, ainda se prestava ao triste papel de porta voz e de biombo jornalístico da quadrilha que organizou sob a direção de um vereador batoteiro confesso, para avançar nos dinheiros públicos e, traíndo a palavra empenhada e a direção do seu próprio partido, para conquistar a direção da Câmara Municipal.¹⁹⁴

Dionísio Bassi afirmou que o “Correio da Mandioca” condenou o governo municipal em 1953, uma vez que este último subiu o subsidio de seus vereadores de três para seis mil cruzeiros mensais. Isto ocorreu, pois:

QUANDO o prefeito era udenista era assim que escrevia o arauto de araque de hoje. Mas, atualmente para que (profligar) o aumento dos subsídios de 8 para 12 mil cruzeiros conquanto se tenham repetido as mesmas circunstancias ilegais e amorais a votação em causa própria, eles não publicam a respectiva Deliberação? AGORA em troca da cumplicidade do silêncio uma chantagem autêntica caracterizada pelos fatos e pela imprensa material efetiva o “Mandioquinha” recuperou e o termo é bem apropriado o monopólio dos atos oficiais. E o seu diretor tendo em vista seu prometido lugar de redator de debates da Câmara Municipal. “FALAR é prata, calar é ouro.” Bem diz o ditado popular. [Grifos meus]¹⁹⁵

Constatamos ao fim da matéria dois aspectos importantes. O primeiro é disputa entre udenistas e pessedistas na região¹⁹⁶. Em 1953, Luis Guimarães, udenista, era o prefeito do município, contudo, a base eleitoral iguaçuana era majoritariamente pessedista. Nas eleições seguintes Ary Schiavo, representante do PSD ganhou o cargo e o *Correio da Lavoura* se manteve aliado às falas do executivo. Bassi teceu duras críticas ao mandato de Schiavo e seus partidários na câmara de vereadores. O segundo aspecto reside na disputa pela hegemonia do jornalismo local. A oficialidade do município se manteve por décadas nas mãos do semanário *Correio da Lavoura*. Sempre vinculado aos interesses da elite rural, foi o principal

¹⁹⁴ Idem, Ibidem

¹⁹⁵ Idem, Ibidem.

¹⁹⁶ Prefeitos do município de Nova Iguaçu durante a década de 1950: Sebastião de Arruda Negreiros – UDN (1947-1951), Luis Guimarães – UDN (1951-1955), Ary Schiavo PSD (1955-1959), Sebastião Arruda Negreiros – UDN (1959-1963).

instrumento ideológico do grupo no auge da citricultura. Foi responsável pela publicação de atos, decretos, sessões da câmara municipal e das atas das principais instituições da cidade.

A presença de um jornal denunciativo como *Correio de Maxambomba* evidenciou as relações dessa elite economicamente decadente e a busca da manutenção de privilégios políticos. O discurso promovido pelo jornal progressista provocou dissidências como a suspensão do mandato de Dionísio Bassi. Seu jornal noticiou em 03 de março de 1957 que estava suspensa a cassação de seu cargo.

Os trabalhos desta edição já estavam encerrados, quando chegou a notícia de que o MM. Juiz Francisco Rondinelli, em sentença liminar, exarada no mandado de segurança, impetrado pelo vereador Dionísio Bassi, determinara a suspensão do ato que cassava ilegalmente o mandato do referido edil. A medida foi requerida pelo advogado Silvio C. Terra. Em consequência, na noite de sexta-feira mesma, Dionísio foi reintegrado em suas funções de vereador.¹⁹⁷

O jornal fez uma extensa matéria sobre o resultado da Comissão de Inquérito instaurada para apurar o aumento dos subsídios. De acordo com o semanário a mesa da câmara tentou se reunir de forma secreta e deliberar a questão, contudo Dionísio Bassi teria denunciado em público os vereadores responsáveis pelo projeto:

Desmascarando o vereador Gerson Chernicharo que mentira à comissão de inquérito que recebera o projeto de aumento dos subsídios das suas mãos. Dionísio afirmou: - O autor não fui eu. Mas o sr. Joaquim Alves de Freitas que mandou o funcionário Lêdo Ribeiro Machado datilografá-lo. O sr. Joaquim Alves de Freitas ouviu calado a revelação não tendo coragem de solicitar que o funcionário mencionado que se achava presente desmentisse a revelação.¹⁹⁸

Na mesma edição o discurso proferido por Dionísio Bassi na câmara foi publicado. Parte dele afirmou que:

O jornal publicou a notícia do aumento de subsídios contando aquilo que ninguém pode negar: o autor do projeto foi o sr. Gerson Chernicharo. Não pretendo aqui ventilar todos os ângulos da questão do aumento dos subsídios. Devo dizer apenas que o CORREIO DE MAXAMBOMBA agiu corretamente, pois em sua edição passada já êle afirmara que o aumento era ilegal e pesado para os cofres da Municipalidade, de vez que o sr. Prefeito se exime de cumprir a lei do salário mínimo, em relação aos diaristas da Prefeitura com a alegação de que não dispõe de recursos. Por isto, votei contra juntamente com o sr. Darcy Ciani Marins na reunião em que a supracitada majoração de subsídios foi aprovada. Acredito ser de justiça salientar que outros vereadores, não votaram a favor daquele aumento de subsídios. Sômente depois que o jornal que dirijo levou ao conhecimento do povo o resultado

¹⁹⁷ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 03 de março de 1957, Ed: 65, P. 1 e 7.

¹⁹⁸ Idem, 1957, P. 7.

daquela votação é que os céus desabaram sôbre a minha pessoa. Somente então é que se lembraram de me suspender das funções de secretário e de me afastar da liderança da minha bancada. Desesperados e apavorados com a repercussão que causou no seio do povo a notícia do aumento dos subsídios, os seus verdadeiros promotores os srs. Vereadores José Fares, Norberto Finamore Marques e Joaquim Alves de Freitas foram ao “Correio da Lavoura” publicar uma nota em que me acusavam de ter tentando fazer chantagem exigindo os 4.000 mil cruzeiros do primeiro mês de aumento. [...] Por causa dessa (...) tal acusação que realmente seria gravíssima é que apareceu o inquérito hoje tão estranhamento concluído. (...) Além do mais, se tivesse havido realmente tentativa de chantagem, então, por que os autores da nota do “Correio da Lavoura” não disseram isto na mesma noite em que o aumento foi votado contra o meu voto? [Grifos meus]¹⁹⁹

Os vereadores José Fares, Norberto Finamore e Joaquim Alves citados por Dionísio Bassi pertenciam ao quadro do PSD e Gerson Chernicharo do PR:

Tabela 20: Eleições no Município de Nova Iguaçu (1954)	
Vereadores (PSD)	
José de Lima	1.022
Dionísio Bassi	978
<u>Finamore Marques</u>	839
Marinho H. de Oliveira	783
Gumercindo C. da Silva	676
<u>Joaquim A. de Freitas</u>	617
<u>José Nain Faraes</u>	604
Russani Elias José	590
Ademar Costa	590
Benjamim Chambarelli	587
Vereadores (UDN)	
Antonio Cunha	784
José Assis Ferreira	712
Manoel Q. de Oliveira	650
Sebastião Portes	608
Darci Cianni Marins	549
Juvenal P. dos Santos	471
Artur Lucas de Almeida	470
Vereadores (PTN)	
Byron Dore Almeida	614
Ovídio A. dos Santos	386
Vereadores (PR)	
<u>Gerson Chernicharo</u>	389

¹⁹⁹ Idem, Ibidem.

Vereadores (PL)	
Nilo Dias Teixeira	313

Adaptado: *Correio da Lavoura*, Domingo, 31 de outubro de 1954, Ed. 1963, P. 2.

O movimento destes vereadores pela cassação de Dionísio Bassi, também do PSD, se mostrou uma estratégia contra a disseminação dos ideais “comunistas” pelo periódico *Correio de Maxambomba*. O fortalecimento de uma pauta pelos direitos trabalhistas, assistência aos sindicatos, melhorias dos bairros mais pobres e contestações por terras preocupou a oposição udenista. A disputa entre PSD e UDN pela base eleitoral do município evidenciou o apoio entre trabalhistas e pessedistas. O *Correio de Maxambomba* publicou uma longa matéria na edição seguinte, explicando as motivações para cassação de Dionísio Bassi. Segundo o semanário, o deputado federal Mário Guimarães, udenista, “induziu” a bancada de seu partido na câmara de vereadores a votar pela cassação de Bassi.

O sr. Mário Guimarães pertence à UDN, partido que, a tempo da bancada federal comunista, bateu-se contra a cassação de mandatos conferidos a Luiz Carlos prestes e seus companheiros. Quer dizer, é um partido que tem uma tradição anticassacionista. Contudo, na votação, fôrça é reconhecer que foi a bancada da UDN que coube o indigno privilegio de decidir a parada, a favor da violência, pois os votos do grupelho pessedistas, que desejava tirar uma nova desforra contra o jornal e o vereador que combateram e combatem o aumento de subsídios não seria bastante para consumir o clamoroso esbulho. E a UDN soube-se logo por declaração irritada do sr. Manoel Quaresma de Oliveira, votou pela cassação apesar do voto inicial em contrário dos srs. A . Cunha e Darcy Ciani, por ode expressa do deputado M. Guimarães. [Grifos meus]²⁰⁰

De acordo com a matéria, Mario Guimarães desejava se vingar de uma denuncia feita por Dionísio Bassi.

Para vingar-se, numa “vendeta” amarga, frustrada que constituiu um grande fracasso político junto ao eleitorado, o sr. Guimarães não trepidou em mandar às favas o critério já esposado pela UDN nacional, contra a cassação de mandatos, preferindo tentar retirar da Câmara Municipal o diretor do jornal que o desmascarou, convincentemente, como autor de um escandaloso “panamá” na direção da Caixa Econômica do Estado do Rio. Dizem que foi um fracasso político porque em toda parte, o público, inclusive todos os udenistas dignos, reprovam a arbitrariedade praticada contra Dionísio Bassi pela maioria da Câmara. [Grifos meus]²⁰¹

²⁰⁰ *Correio de Maxambomba*, Nova Iguaçu, 10 março de 1957, Ed: 67, P.2.

²⁰¹ *Idem*, 1957, P.2.

Para Luiz Pinto, autor da matéria, essa articulação foi uma “afrenta” a Dionísio Bassi e ao seu principal adversário pessedista Getúlio de Moura.

Tal providencia, que era uma represália contra Dionisio Bassi e uma forma de atingir o sr. Getúlio de Moura, pois representava um desprestígio e a divisão do PSD iguaçuano transformou-se, contudo, num triunfo do chefe pessedista da Baixada Fluminense. O sr. Getúlio de Moura, que, por principio, é contrário á cassação de mandatos, mesmo de adversários ideológicos quanto mais de um vereador de seu partido, sempre procurou dissuadir o grupelho de “caçadores” dos seus indignos propósitos. Não quiseram ouvi-lo; preferiram guiar-se pelas suas respectivas cabeças e pela meia-cultura e a malícia integral dos bacharéis que acolitam o sr. Mário Guimarães: deram com os burros n’água. Política e moralmente falando o sr. M. Guimarães perdeu substância, Dionísio Bassi saiu ainda mais engrandecido do episódio e o sr. Getúlio de Moura provou, às ovelhas tresmalhadas que é ainda a maior cabeça política do município e que ainda está por nascer quem lhe possa arrebatrar das mãos a liderança do Partido Social Democrático e da nossa política. [Grifos meus]²⁰²

As matérias veiculadas pelo *Correio de Maxambomba* nos anos 1950 demonstraram o estreitamento da relação entre trabalhistas e pessedistas. Dionísio Bassi e Getúlio de Moura eram filiados ao PSD, contudo o primeiro difundiu as demandas de trabalhadores, sindicatos e classes populares. Bassi estava ligado à reconfiguração da redemocratização em Nova Iguaçu. Percebe-se uma aproximação entre o PSD e PTB. Para Rafael Navarro a eleição de Amaral Peixoto em 1950 deu novos contornos à política fluminense.

A volta de Amaral Peixoto ao governo do estado pode ser vista como um elemento de consolidação do PSD no Rio de Janeiro. Entretanto, as eleições de 1950 marcaram o crescimento do PTB em todo o Brasil. Na política fluminense, o PTB teve um crescimento importante e um dos elementos que mais contribuíram para o fortalecimento do PTB-RJ foram às disputas internas no PSD.²⁰³

Amaral Peixoto possuía um circuito de coligados políticos desde o Estado Novo, com a capacidade de ampará-lo na administração do estado. Contudo, Navarro sinaliza que a sigla sofreu dissidências durante a gestão de Edmundo Macedo Soares (1947-1951). Edmundo Macedo foi eleito com o apoio da UDN, PSD, PTB e Amaral Peixoto. Após sua posse, discussões sobre a nomeação do secretariado criou tensões entre os amaralistas. Contudo, a mudança da capital do estado para Campos causou tensões entre os pessedistas. Tentando agregar o apoio político do interior, Edmundo Macedo gerou novas divisões dentro

²⁰² Idem, Ibidem.

²⁰³ COSTA, Rafael Navarro. [Re]definindo práticas: Amaral Peixoto e a política fluminense no período democrático. In: CÔRTE, Andréa Telo da. (org) *Amaral Peixoto: História, Memória, Política*. Niterói: Funarj/Imprensa Oficial, 2012, P. 100.

do PSD, mesmo a capital se mantendo em Niterói. Quando Amaral Peixoto assumiu a interventoria do executivo por indicação de Edmundo Macedo, o mesmo rompeu com os macedistas e organizou seu próprio grupo político. Sofrendo pressões de ambos os grupos, Macedo Soares pertencente à UDN (majoritariamente macedista), rompeu com o PSD em 1950.

Com o rompimento entre governador e o líder político, aumentava cada vez mais a pressão sobre os políticos locais para que se posicionassem. De um lado, tinham o ex-interventor e grande líder da política fluminense desde o Estado Novo, dono de um grande cacife eleitoral e de grande prestígio em âmbito nacional. De outro, o atual governador, aquele que detinha em suas mãos o poder de conceder ou retirar benesses dos municípios e de privilegiar os seus aliados. Os membros do PSD estavam divididos entre os que defendiam maior autonomia dentro do partido e suas ações nos municípios. [...] Dessa forma, podemos considerar que esse período foi responsável pela primeira dificuldade do amaralismo [...].²⁰⁴

O contexto da redemocratização reconfigurou a postura de Amaral Peixoto enquanto personagem político. “Um exemplo das mudanças impostas pelo sistema político que havia sido implementado é a negociação feita com o PTB, que teria direito à participação proporcional à contribuição que desse à vitória do Comandante.”²⁰⁵ Seus aliados passaram por abalos durante a gestão de Edmundo Macedo Soares. Foi uma estratégia desestabilizar representantes amaralistas, para isto figuras de confiança de Amaral Peixoto foram suprimidas ou agregadas em seu grupo. Com isso muitos pessedistas preferiam não tomar nenhuma posição ou migraram para o PTB. Inclusive, alguns foram:

indicados pelos líderes pessedistas a filiar-se ao Partido Trabalhista, quando de sua fundação, para criar uma aproximação entre os dois partidos diminuindo a diferença eleitoral na área urbana com relação à UDN. Antigos correligionários de Amaral Peixoto já haviam deixado o PSD, como Roberto Silveira, que enviou uma carta ao comandante Amaral Peixoto, informando a sua decisão de deixar o partido, mas reiterando-lhe o seu irrestrito apoio.²⁰⁶

O *Correio de Maxambomba* publicou diversas matérias enaltecendo a cooperação entre Getúlio de Moura e Dionísio Bassi. Isto sinaliza o entrelaçamento de forças entre o PSD e o PTB na região durante os anos 1950. Manter a representatividade política mediante o fortalecimento dos udenistas era fundamental para Getúlio de Moura. O apoio de Bassi ao

²⁰⁴ Idem, 2012, P. 94.

²⁰⁵ Idem, 2012, P. 99.

²⁰⁶ Idem, 2012, P. 100 e 101.

companheiro de partido indica a perspectiva política conjuntural. O apoio à candidatura de Roberto Silveira ganhou destaque no semanário e confirmou a aliança PSD e PTB em 1958:

A candidatura do Sr. Amaral Peixoto ao Ingá, anunciada em alguns setores políticos está fazendo com que as correntes populistas fluminenses procuram um terreno comum para um entendimento, visando enfrentar o amaralismo e o PSD. Sabemos, por exemplo, que está havendo um forte trabalho no sentido de remover as diferenças que separam o deputado Celso Peçanha do vice-governador Roberto da Silveira, para que o PTB e o PSP possam correr no mesmo leito antiamaralista. O Partido Socialista através do Sr. Brígido Tinoco, não está alheio a essa movimentação. Os comunistas que também são populistas – pois não há negar que o populismo é um movimento esquerdizante quer queiram ou não os seus líderes também propenderiam para essa aglutinação de forças, caso o Sr. Amaral Peixoto venha a ser realmente o candidato pessedista à sucessão do Sr. Miguel Couto Filho. [...] ²⁰⁷

Na mesma matéria se confirmou a candidatura de Roberto Silveira ao governo do estado em 1958. Roberto Silveira foi liderança do movimento estudantil em Niterói. “Sua entrada no PTB foi de grande valia para o seu crescimento político, uma vez que no PSD teria de disputar espaço com políticos que possuíam carreira maior [...]” ²⁰⁸. Para Navarro a adesão de Roberto Silveira e de outros nomes importantes do partido fez dos trabalhistas a força capaz de enfraquecer a linha amaralista. Isso exigiu uma reformulação das ações pessedistas, contudo Nova Iguaçu refletiu muito influência do PTB nos anos 1950. Inúmeras matérias do *Correio de Maxambomba* demonstraram seu apoio à perspectiva trabalhista. O semanário encaminhou a candidatura de Getúlio de Moura e o alinhamento do pessedista às “forças populares”:

tudo faz crêr que o nome do Sr. Getúlio de Moura, pessedista de primeira hora e de comprovada fidelidade a causa do Partido é o único que apresenta as condições necessárias para disputas a sucessão governamental em 1958 já que pode êle também manter a unidade pessedista em torno de sua candidatura e atrair aliados para a dura batalha pela Conquista do Palácio do Ingá. Para o Sr. Roberto Silveira, que é candidato mesmo a substituição do Sr. Miguel Couto Filho que o Sr. Amaral Peixoto seja candidato ou não nenhum presente melhor lhe podem oferecer os pessedistas do que esse da candidatura do seu padrinho de casamento. Pois, com isto jogariam ao seu lado todas as forças populares, que se podem dividir e alistar-se algumas ao lado do PSD. ²⁰⁹

Ao contrário do *Correio de Maxambomba*, o *Correio da Lavoura* demonstrou seu apoio à gestão do prefeito Ary Schiavo. O destaque dado ao representante do PSD indica a

²⁰⁷ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 12 de maio de 1957, Ed: 76, P.2.

²⁰⁸ Idem, 2012, P.2.

²⁰⁹ Idem, 1957, P.2.

manutenção de alianças tradicionais e conservadores. Dionísio Bassi por sua vez, fez duras críticas a administração municipal, especialmente contra Schiavo. Ao se aliar a Getúlio de Moura, Bassi compôs a expansão do PSD, especialmente do seu vínculo ao PTB. Duas matérias exemplificam a divergência dos jornais sobre a gestão do município e o prefeito. Em 19 de maio de 1957 o *Correio da Lavoura* publicou a matéria intitulada “Manifestações de solidariedade ao Sr. Schiavo” dizendo:

Amigos, admiradores e correligionários do prefeito Ari Schiavo, “não concordando com a atitude insidiosa e torpe campanha que lhe vem sendo movida por insatisfeitos e desafetos que procuram macular a honra dos homens de bem, semeado ódios e discórdias”, como esclareceram no próprio convite, resolveram homenagear s. excia, com um jantar que se realizou na Acisa, às 20 horas de sábado, 11 do corrente. Compareceram numerosas pessoas, inclusive figuras de relêvo na política local, prestando assim todo o seu apôio e solidariedade ao prefeito Ari Schiavo. Muitos foram os oradores, entre os quais destacamos os Srs. Murilo Costa e José Montes Paixão, os vereadores Bayron Dore de Almeida e Gumercindo Corrêa da Silva, o deputado estadual José Haddad e o deputado federal Getúlio de Moura. Declarou o chefe do PSD, entre outras coisas, que o seu comparecimento àquele jantar era prova cabal de estar inteiramente solidário com prefeito Ari Schiavo. [Grifos meus]²¹⁰

No mês anterior o *Correio de Maxambomba* noticiou “Farream às custas do povo”. O semanário denunciou o uso da “máquina pública” pelo prefeito e seus aliados:

Jipes da Prefeitura, em Dia de Domingo, transportavam Convivas para uma festa que o prefeito alega ter sido particular – enquanto os problemas do Povo se agravam de Dia para dia, o Sr. Ary Schiavo utilizava as viaturas municipais nos festins de Japeri. [...] Como era de esperar, a publicação das fotografias do rega-bofe de Japeri, promovido pelo Sr. Ary Schiavo, Prefeito do Município, causou uma onde de risos em tôda a Baixada Fluminense. Com efeito. Raramente se viu uma seqüência fotográfica que colocasse tão a nu, como aquela, o autêntico padrão dos administradores de um Município da importância de Nova Iguaçu. [...] Infelizmente, o pagode de Japeri, pela documentação fotográfica que colhemos, não foi apenas a manifestação do “novo rico” inebriado pelas transitórias gloriolas do Poder e pela euforia que infunde a guarda dos cofres públicos a todos aqueles que não tem nível compatível com tão elevadas quão responsável.[Grifos meus]²¹¹

O quadro político demonstra as disputas internas do partido e as redefinições da sigla nos anos 1950. Contudo, as divergências políticas sobre a administração municipal envolvem aspectos mais complexos. A conjuntura socioeconômica reconfigurou a participação dos atores políticos locais. O grupo ruralista por décadas a frente do município e suas principais

²¹⁰ Correio Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 19 de maio de 1957, Ed: 2.096, P.2.

²¹¹ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 07 de abril de 1957, Ed: 71, P.1.

instituições ganhou novos papéis. O crescimento da classe industrial e comerciária indicou a necessidade de rearticulação da geração citricultora. A ascensão dos industriais construiu novos discursos sobre a cidade e seu “progresso”, isto poderia reordenar a importância dos velhos atores e sua hegemonia.

Dados indicam que Dionísio Bassi foi peça fundamental entre os grupos agrários e industriais. A presença de Bassi no poder legislativo e na imprensa expôs demandas e o consolidou politicamente. Contudo, sua articulação com estes setores sugere que o jornalista encaminhou a transição entre ambos, especialmente com os representantes da indústria e comércio. Por isso, sua atuação junto à camada trabalhadora foi o caminho político encontrado, haja vista o crescimento do número de empresas na região. Segundo o vereador “Em política, a preocupação deste jornal é espancar as trevas. Assim é que temos sido a bandeira da industrialização de Nova Iguaçu, prontos a apoiar qualquer iniciativa que signifique desenvolvimento e progresso.”²¹²

Suas críticas ao grupo proveniente da citricultura também exigiu diálogo com o mesmo. Enquanto representante dos interesses da indústria, Dionísio Bassi interveio junto a figuras como Getúlio de Moura e muitos outros, pois dominaram as relações e os usos da terra nas quatro primeiras décadas. A necessidade de estabelecer relações com o grupo se deu, uma vez que eles denotaram novos usos para o território: os loteamentos. Neste sentido, não podemos estabelecer uma oposição entre campo e cidade. Na verdade, para Francisco de Oliveira existe uma *integração dialética*:

A agricultura, nesse modelo, cumpre um papel vital para as virtualidades de expansão do sistema: seja fornecendo os contingentes de força de trabalho, seja fornecendo os alimentos de compatibilização do processo representante como mercado para indústria, esta, no seu crescimento, redefine as condições estruturais daquela, introduzindo novas relações de produção no campo, que torna viável a agricultura comercial de consumo interno e externo pela formação de um proletariado rural. Longe de um crescente e acumulativo isolamento há relações estruturais entre os dois setores que estão na lógica do tipo de expansão capitalista dos últimos trinta anos do Brasil. A tensão entre agricultura e indústria brasileiras não se dá no nível das relações das forças produtivas, mas se dá ou se transfere para o nível interno das relações de produção tanto na indústria como na agricultura.²¹³

Segundo Oliveira, observamos a manutenção das “condições de reprodução das atividades agrícolas, não excluindo, portanto, totalmente, as classes proprietárias rurais nem

²¹² Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 20 de dezembro de 1958, Ed: 161, P.1

²¹³ OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o onitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2013, P. 47 e 48.

das estrutura do poder nem dos ganhos de expansão do sistema.”²¹⁴ Portanto, não temos um antagonismo entre os setores da economia, mas a preservação dos *modos de acumulação*. Desta forma o autor completa:

Nesta base é que continuará a crescer a população rural ainda que tenha participação declinante no conjunto da população total, e por essa “preservação” é que as formas nitidamente capitalistas de produção não penetraram totalmente na área rural, mas, bem ao contrário, contribuem para a reprodução tipicamente não-capitalista. Assim, dá-se uma primeira “especificidade particular” do modelo brasileiro, pois ao contrário do “clássico”, sua progressão não requer a destruição completa do antigo modo de acumulação.²¹⁵

Desta forma a presença de agentes como Dionísio Bassi apontam as mudanças sem “grandes” detrimientos políticos para os velhos representantes políticos. Observamos a convivência política de setores aparentemente conflitantes. As bases de poder foram passadas para a classe empresária e industrial e tomado a posição hegemônica da região, mas sem excluir de todo a participação dos antigos representantes da citricultura. Portanto, a presença de determinadas instituições durante esse processo, dimensionam as relações estabelecidas entre estes setores. Associações de classe são importantes termômetros para o entendimento de uma conjuntura.

Segundo Sonia Regina de Mendonça, a redemocratização do país fortaleceu a capacidade de articulação dos atores envolvidos no crescimento do agronegócio, bem como dos industriais. Mesmo com a modernização do campo as contradições da própria classe agrária foram evidenciadas. A “contradição derivada da existência de uma duplicidade em suas instâncias de representação política –a formal–legal e a real-, já profundamente alteradas pela emergência de uma forte diferenciação de interesses em seu seio decorrente da própria “modernização”.²¹⁶

Para a autora algumas das principais entidades patronais da agricultura brasileira permitem compreender as a emergência de novos atores sociais e posições. A Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), a Sociedade Rural Brasileira (SRB) e a Organização das Cooperativas Brasileira (OCB) dimensionam as disputas intra-classe assim como o surgimento de arranjos ligados a mundos sociais diferentes. Igualmente, Nova Iguaçu teve

²¹⁴ Ibidem, 2013, P. 65.

²¹⁵ Idem, 2013, P. 65.

²¹⁶ MENDONÇA, Sonia Regina. *O patronato rural no Brasil recente (1964-1993)*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, P.28.

espaços associativos que refletiram as transformações socioeconômicas e políticas dos anos 1950. Elas podem conceder uma leitura sobre a conjuntura e dimensionar atuação de seus principais atores.

3- Associa-se para transformar: A reconfiguração dos grupos políticos a partir das associações locais.

3.1 A fundação da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) e as novas redes de sociabilidade

A Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) fundada em 11 de agosto 1955 foi uma destas instituições. Nova Iguaçu contou com diversas associações na década 1950 e 1960. Os números contabilizados pelo IBGE evidenciam a intensa vida cultural, esportiva e classe do município.

Tabela 21: Aspectos Culturais do Município de Nova Iguaçu (1959)	
Aspectos Culturais	
Cinemas	17
Sociedades Esportivas e Culturais	95
Jornais	75
Sociedades Artísticas	3

Fonte: Adaptado da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE – V. XXII – Rio de Janeiro – 1959, P.354.

A AIL reuniu membros da geração citricultora dos anos 1920 e 1930. A opção pelo termo Arcádia e não Academia demonstra uma determinada leitura sobre a realidade e o próprio grupo. Em edição do *Correio da Lavoura* de 06 de novembro de 1955 publicou-se os “Estatutos da Arcádia Iguassuana de Letras”. Em seu primeiro capítulo denominado “Organização e Fins” dizia-se o seguinte:

Art. 1º - A Arcádia Iguassuana de Letras, sigla, AIL, fundada em 11 de agosto de 1955, é uma sociedade civil, de duração indeterminada, com sede e foro na cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, e cuja finalidade precípua é congregar os amigos das letras e filosofia, artes e ciências para na constante exaltação dos grandes vultos do passado, aprimorar os valores das novas gerações e, por esta forma, assegurar a continuidade histórica de Nova Iguaçu como célula atuante na civilização da Velha Província Fluminense. [grifo meu]²¹⁷

²¹⁷Correio da Lavoura, Domingo, 06 de novembro de 1955, Ed: 2.016, P.5.

A terminologia Arcádia remete a uma região mítica na qual, o campo e seus valores são destaque. A instituição estava formada por sujeitos da classe agrária, hegemônica por décadas em Nova Iguaçu. Por isso, o termo adotado confirma a necessidade de reafirmação da pujança do grupo enquanto “condutores” da história local. O discurso promovido pela AIL complementou a narrativa histórica firmada a partir do centenário municipal nos anos 1930. Tendo por referência à Academia Brasileira de Letras (ABL) e demais Academias Estaduais e Municipais²¹⁸, os membros produziram suas memórias sobre um tempo “áureo” e a elite na qual pertenciam.

A Arcádia justificou-se enquanto produtora da literatura sobre o “próspero” passado vivenciado por seus membros e pela cidade. Esta memória “feliz” foi reverenciada a partir de vultos históricos, datas comemorativas locais e manifestações ditas “culturais da região”. Estes costumes e valores eram incentivados por meio de produções teatrais²¹⁹, mostras artísticas, danças populares,²²⁰ sarais, conferências e cursos que enalteciam e preservavam o que era “originalmente” iguaçuano. Desta forma os “princípios e tradições” do município seriam preservados pelas narrativas de seus “filhos ilustres”.

Observamos uma busca incessante pelo grupo de estabelecer um presente tão promissor quanto o pretérito. O passado foi rememorado como forma de justificar a valorização dos feitos no presente e por sua vez, apontar um futuro de grandes conquistas. O objetivo residiu no enaltecimento dos árcades enquanto produtores da “verdadeira” cultura iguaçuana. Por isso a publicação de livros e artigos na imprensa local²²¹ foi uma prática constante. Luiz Azeredo árcade e diretor do *Correio da Lavoura* promoveu as notícias e informes do grupo, haja vista a estreita relação mantida pelos membros e o periódico.

Em matéria publicada no dia 15 de maio de 1955 o árcade Deoclécio Machado Filho²²² respondeu ao proprietário das lojas Nova Civilização, o senhor Péricles Lucena

²¹⁸ A Arcádia manteve vínculos instituições como a Academia Valenciana de Letras e Academia Fluminense de Letras. Isto pode ser conferido em matérias jornalísticas e correspondências trocadas entre os grupos.

²¹⁹ Algumas destas peças teatrais foram registradas em fotos. Este material iconográfico está totalmente digitalizado e encontra-se acessível no Centro de Memória de Nova Iguaçu. Além das fotografias, temos listagens com os nomes de algumas destas companhias teatrais e seus componentes.

²²⁰ Estatuto da (AIL). Capítulo 1: Da organização, Sedes e Fins. Artigo 1º, Sublinha M, P.2.

²²¹ Além de publicarem livros, os árcades utilizavam colunas e matérias no jornal *Correio da Lavoura* para defender este objetivo.

²²² Deoclécio Dias Machado Filho ocupou em 12 de maio de 1957 a cadeira de número 2, cujo patrono era o médico iguaçuano Elói dos Santos Andrade. Deoclécio Machado foi conjugue de Marília Ferraz de Almeida Barbosa. Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina e atuou como médico na prefeitura municipal de Nova Iguaçu durante a década de 1950. Foi assíduo escritor das páginas do jornal *Correio da Lavoura* e demais

Costa, que o mesmo estava correto quando afirmou a necessidade de “elear” culturalmente o município de Nova Iguacu:

Sr. Pericles Lucena Costa, proprietário das Lojas da Nova Civilização: Tendo eu, como leitor assíduo do CORREIO DA LAVOURA, observando o alto grau de inteligência de V.S, sobretudo no setor propagandístico, e sentido a necessidade real de Nova Iguassú elevar-se, principalmente no setor, cultural, de que V. S. participa, de par como justo aproveitamento de seus mais lídimos valores, tomei a presente deliberação, a fim de sugerir-lhe o seguinte Realmente, como o espírito de V.S já sentiu, Nova Iguassú necessita de uma Nova Civilização. [...] O povo carece estudar. Precisa de estímulo e da lição da palavra escrita que dura e permanece para que seja mais fácil ou quiça possível a manifestação e a expansão dos pendores literários e, conseqüentemente, obtermos um estádio mais avançado de civilização. Mas também só isso não basta. Repito. E agora? Que é o que se vê? Valores dispersos, sem nomes que fulgurem, cada um tratando de si, sem proveito para os novos. Assim, ao desejar para Nova Iguassú uma nova civilização, brilhante e radiosa, alvitaria aqui, através deste jornal, a criação da Academia Iguassuana de Letras, com um programa vasto de trabalho, de publicações, para incentivo e conagração de quantos aqui vivem e militam.[Grifos meus]²²³

Entretanto, a proposta da AIL não foi bem recebida por todos. Célio Marin publicou matéria no *Correio de Maxambomba* à necessidade da Arcádia rever seu papel e de seus membros.

Até agora não descobrimos ou não conseguimos saber qual o papel da Arcádia: o temos visto são falatórios, brigas e discussões, próprias de lavadeiras à beiro do rio. Eram os Árcades que deveriam dar o exemplo a nós que somos estudantes e que procuramos sempre nos mirar no exemplo daqueles que já conseguiram o que pretendemos atingir. Falta, entretanto, em nossos homens de letras, aquilo que Perthes chama de sal da vida: imaginação. Não sei se estagnaram por medo ou por inépcia. Acho que a primeira hipótese mais viável e nêsse ponto, sou obrigado a lhes dar uma certa dose de razão. Já vi diversos movimentos culturais em Nova Iguacu fracassar. Não quero dizer que não contamos com uma sociedade seleta, culta mesmo, capaz de interessar-se pelos movimentos em prol do desenvolvimento cultural, mas na maior parte das vêzes os promotores de tais movimentos restringem-no a uns poucos amigos.²²⁴

O autor evidenciou as dissidências e disputas na produção de conhecimento e condução da instituição. As questões internas dimensionam as dificuldades para manutenção do grupo, haja vista que a AIL nunca obteve uma sede própria. Os árcades eram sujeitos socialmente reconhecidos, contudo afirmar o espaço da Arcádia mediante as transformações conjunturais não foi simples. Por isso, os membros fizeram do *Correio da Lavoura* seu principal canal de comunicação. Entretanto, o periódico consolidado pela base ruralista

veículos da imprensa local. Escreveu *Iguacu, terra de gente ilustre*, obra na qual copilou parte das matérias veiculadas no *Correio da Lavoura*.

²²³ Correio da Lavoura, Domingo, 15 de maio de 1955, Ed: 1991, P.3 e 7.

²²⁴ Correio da Maxambomba, Nova Iguacu, 18 de janeiro de 1958, Ed: 2 P. 113.

durante os anos 1920 tornou-se alvo de críticas pelo concorrente *Correio de Maxambomba*. Na edição de 05 de junho de 1955 o árquade Cial Brito²²⁵ discorreu sobre um jornal “sensacionalista” que existia há alguns anos no município e prosseguia a lançar matérias repetitivas e difamatórias.

Um professor amigo nosso afirmou-nos recentemente que não permite a entrada, em seu colégio, de certo jornal infelizmente de grande difusão em nosso Município, mas cujo nome não citaremos pôr questão de ética. Eis um exemplo a ser imitado pelos outros estabelecimentos de ensino locais, se é que não adotam já atitude semelhante, bem como pelos pais em geral. Esse periódico notabilizou pela exploração do sensacionalismo em torno de assassinatos bárbaros e tragédias de fundo sexual, não sendo infelizmente, caso isolado. O atual Presidente da República, aliás, referiu-se tácitamente a essa classe de imprensa, numa de suas orações radiofônicas, lamentando que, em nome da liberdade de expressão, alguns jornais usassem também papel importado com isenção de direitos alfandegários. [...] Mas evidentemente, não é apenas sob tal aspecto que o diário a que aludimos é prejudicial. Pelo contrário, seu pior efeito é a influência que exerce ou pode exercer sobre a mentalidade ainda não formada de infância e da adolescência. Uma pessoa menos avisada alarmar-se-á com tamanha sucessão de fatos horripilantes nas páginas do citado jornal o notório aumento da criminalidade, oriundo do próprio incremento, recriam manchetes e reportagens em que a maldade humana é descrita em tôdas as suas minúcias, passando, assim despercebidas, na maioria das vêzes. [...] Assinalou-nos aliás, pessoa de nossas relações, leitora muito rara dos periódicos sensacionalistas que, mesmo assim, já teve ensejo de verificar repetição de notícias pois, na ânsia de apresentar sempre casos escabrosos quando, nos milhares de acontecimentos ocorridos na Capital da República e adjacências, não encontram material adequado, tratam – como se fôsse em primeira mão – de fatos sucedidos em dias anteriores, ainda que já os tenham divulgado...[Grifos meus]²²⁶

Constatamos uma disputa pela opinião pública da cidade. Como já referenciado, o jornal dirigido por Dionísio Bassi fez inúmeras denúncias sobre o poder legislativo e o então prefeito Ary Schiavo. Por diversas vezes o jornalista e também vereador acusou o *Correio da Lavoura* de apoiar a situação e ser disseminador de uma “moral” já perdida. O semanário fundado por Silvino Azeredo em 1917 definiu que os princípios do jornal estariam alinhados ao progresso da cidade. Segundo o capitão Silvino, o periódico estaria pautado na independência, progresso material, intelectual e moral dos iguaçuanos, por isso para ser um “valente defensor” da cidade o *Correio da Lavoura* valorizou a honra, a verdade e a justiça.

Seria um jornal cordato que viveria em família, ao lado do lavrador e amparando as necessidades do povo iguaçuano. Segundo Juarez Bahia no “interior do país, jornais feitos à mão ainda circularão por muito tempo, compostos em caixa francesa e prensados ao impulso

²²⁵Cial Brito foi advogado e atuou como assíduo colaborador do jornal *Correio da Lavoura*. Também escreveu livros para Arcádia e atualmente possui uma biblioteca levando seu nome na Casa de Cultura de Nova Iguaçu.

²²⁶*Correio da Lavoura*, Domingo, 05 de junho de 1955, Ed: 1.994, P. 1.

pedal ou braçal [...]”²²⁷ O *Correio da Lavoura* pela sua condição estrutural simples e basicamente formada por familiares e colaboradores, confirma a definição de jornal interiorano do autor. Além de seu aspecto local, o periódico também estabeleceu uma tríade de temáticas consideradas elementares para o progresso municipal: lavoura, instrução e saneamento. Os três aspectos pregados por Silvino Azeredo foram resguardos por seus filhos Avelino Azeredo, Silvino Azeredo Filho e Luiz Azeredo²²⁸.

O *Correio da Lavoura* foi o porta voz do grupo ruralista no auge da citricultura. Mesmo com o declínio, manteve-se como referencia junto a elite e suas áreas de atuação. Neste sentido, o periódico foi um importante difusor dos objetivos da AIL. As publicações sobre a Arcádia demonstravam muito da sociabilidade dos seus membros. Matérias, poemas e uma coluna fixa, as “Notas Arcadianas”, foram publicadas ao longo da década de 1950 e 1960. Essas notas divulgaram a programação do grêmio e difundiu conteúdos junto à “mocidade” iguaçuana.

Contudo, o grupo se viu ameaçado com a perspectiva jornalística adotada pelo semanário concorrente. A interlocução com os grandes jornais da Capital Federal davam visibilidade ao jornalista Dionísio Bassi e seu jornal. Sua ação combativa foi na contra mão do perfil de austeridade e tradicionalismo defendido pelo *Correio da Lavoura* e colaboradores envolvidos. Neste sentido, o papel da Arcádia enquanto produtora de conhecimento sobre cidade se mostrou fundamental para essa elite. A conjuntura permitiu que novos e antigos atores sociais e associações ganhassem destaque.

Por isso, conectar a ideia de passado “bem sucedido” à valorização de personagens locais e suas manifestações, não foi uma tarefa simples para os membros. Esse conjunto de intelectuais deveria conferir consciência de si mesmos e funcionalidade no campo sociopolítico e econômico. De acordo com o estatuto da Arcádia, os fundadores deveriam ser iguaçuanos natos ou ao menos residirem há cinco anos no município²²⁹. Os árcades redigiram

²²⁷ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: 1990, P.214.

²²⁸ Luiz Martins de Azeredo era filho de Avelina Martins de Azeredo com o capitão Silvino Hypólito de Azeredo, fundador do periódico iguaçuano *Correio da Lavoura* (fundado em 1917). Luiz Azeredo foi redator-secretário, diretor-redator e, finalmente, diretor-secretário do respectivo jornal. O jornalista redigiu duas colunas entre os anos de 1945-1948, a primeira chamava-se “Luiz Martins escreveu”. Nela discutia-se diferentes temas e demandas sobre o município. A segunda coluna chamava-se “Cheguei, Ouvi e Anotei”, nesta o autor descreveu os debates travados na câmara de vereadores. Tomou posse em 17 de junho de 1959, da cadeira de número 5, cujo patrono era seu pai. Presidiu a Arcádia entre os anos de 1959 e 1962. Colaborou na escrita de obras como *Primeira Antologia do escritor Iguassuano*. Também redigiu uma pequena obra sobre a vida e atuação do Padre João Musch no município de Nova Iguaçu.

²²⁹ Alcino Raphael, Althair Pimenta e Moraes, Cial Brito, Deoclécio Dias Machado Filho, Francisco Manoel Brandão, Humberto Gentil Baroni, João Barbosa Ribeiro, José Jambo da Costa, Luiz Martins de Azeredo,

oficialmente o papel de seu estrato social na estruturação do município e demonstraram sua importância na manutenção da organicidade da cidade de uma forma geral. O árcade Heitor Pinto²³⁰ enfatizou em matéria publicada no dia 11 de setembro de 1955 que a Arcádia:

fugindo aos choques religiosos e políticos, [...] terá em seu bojo intelectuais, professores, médicos, advogados e jornalistas movidos por um mesmo e único ideal: alevantar o nível cultural do povo deste Município. Verdadeiros soldados da paz, travaremos duelos somente de argumentos. Os árcades se propõem exatamente, fazer o público que houve notabilidade no campo das letras, artes ciências e cultura, os quais se projetam até na Europa, saindo deste Município, a principio de pouco valor.²³¹

Os investimentos, referências²³² e publicações foram mecanismos utilizados pela AIL para que o grupo ruralista fosse reconhecido como legítimos representantes pelos setores da indústria e comércio em expansão. A conjuntura da redemocratização inseriu novas forças políticas e empresariais no jogo político da região. Contudo, as críticas fundamentadas pelo *Correio de Maxambomba* encobrem questões de maior complexidade. Não é possível afirmar um embate ou aproximação entre ambos, pois ainda não temos dados suficientes para definir a relação dos grupos. Contudo, ela dimensiona as tensões existentes durante a conjuntura dos anos 1950.

Dionísio Bassi manteve um importante diálogo entre esses dois setores, especialmente nesta conjuntura. Hélio de Araújo de Evangelista verificou uma evolução na participação do setor empresarial em favor da fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, durante os anos 1950 e 1960. Por isso, o autor afirma uma relação entre o engajamento dos empresários pela fusão e a ampliação das atividades industriais para regiões além dos limites do Distrito Federal.

Newton Gonçalves de Barros, Raul Figueiredo Meirelles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira, Enéas Marzano, Luciano Muniz Freire Pinto, João Barbosa de Almeida Ribeiro, José Froés Machado e Mário Guimarães. Todos os árcades aqui citados terão sua trajetória minimamente elencada no terceiro e último capítulo da dissertação, por isso aqui apenas citaremos seus nomes e perfil geral do grupo.

²³⁰ O árcade Heitor Pinto da Silva era professor e assíduo colaborador do jornal *Correio da Lavoura*.

²³¹ *Correio da Lavoura*, Domingo, 11 de setembro de 1955, Ed: 2008, P.1.

²³² Patronos dos Árcades: Antônio Avelino de Andrade, Bernardino José de Sousa e Melo Júnior, Conrado Jacob de Niemeyer Neto, Elói Dias Teixeira, Ernesto França Soares; Francisco de Lemos de Faria Azeredo Coutinho (D.), Francisco de Santa Teresa de Jesús Sampaio, Francisco José Soares Filho (Cel.), Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo, Francisco Rangel Pestana, João Manoel Pereira da Silva; João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Joaquim Elói dos Santos Andrade, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Manoel Felizardo de Sousa e Melo, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho (Marquês de Itanhaem), Manoel Reis, Silvino Hipólito de Azeredo e Venâncio José de Oliveira Lisboa. Os patronos eram profissionais liberais com a mesma carreira do árcade a tomar posse.

[...] a partir da década de 50 verificou-se, no caso das grandes empresas, uma gradativa separação entre a sede da empresa e do seu estabelecimento. Passou a ocorrer uma maior complexidade na localização industrial em função: a) dos gêneros e setores industriais (por exemplo) as olarias ficavam fora da cidade dos Rio de Janeiro, já as editoras de jornais localizavam-se, dada a distribuição diária dos jornais, dentro da cidade, b) das modificações urbanas da cidade e aparecimento de oportunidades de melhores infra-estruturas fora da mesma em outros municípios, c) das próprias modificações tecnológicas da atividade industrial que propiciavam condições de maior independência de uma unidade fabril aos fatores de localização (por exemplo: sendo atingidos melhores meios de conservação de material e transporte ficou factível a transferência da unidade fabril para uma localidade mais longe, onde poderia contar com os terrenos maiores e mais baratos e, provavelmente, mais próximos de bolsões de mãos-de-obra barata).²³³

A ampliação da malha rodoviária, o acréscimo demográfico e aumento dos loteamentos propiciaram o avanço da indústria na região. O intermédio entre estes setores foi realizado por importantes agentes e grupos. O *Correio de Maxambomba* e seu diretor Dionísio Bassi mostraram-se fundamentais ao longo deste processo. Os embates travados entre os periódicos demonstram um momento de adequação de forças. O jornalista Dionísio Bassi alertou para necessidade de redirecionamento do progresso municipal pela industrialização, ou seja, a “união” de interesses e ampliação de prerrogativas. Suas críticas e denúncias não anulam a atuação de sujeitos como os árcades, pois não existe uma oposição entre capital e agricultura.

A amigável relação entre Getúlio de Moura e Dionísio Bassi dimensiona as novas redes de sociabilidade. O grupo representado pela Arcádia estava atento tais mudanças e não se mantiveram distantes destas novas influências. Pelo contrário, reiterou sua função dentro do processo produtivo. Em matéria publicada no *Correio de Maxambomba*, o árcade Alcindo Raphael declarou seu apoio a Dionísio Bassi. A possibilidade de cassação do mandato de Bassi durante o caso dos subsídios municipais provocou a manifestação do advogado:

O professor Alcindo Raphael comenta a atitude da maioria eventual “cassando” o mandato de Dionísio - A propósito da cassação do mandato do vereador Dionísio Bassi felizmente já anulada pelo integro juiz-substituto Dr. Francisco Rondinelli declarou-nos o professor Alcindo Raphael. “Foi um ato vergonhoso da Câmara Municipal de Nova Iguaçu de que tão cedo não se redimirá uma vez que o vereador que teve seu mandato cassado tem sido em tôdas as legislaturas um dos mais eficientes senão o mais eficiente batalhador da causada do povo sofredor e humilde que há tanto tempo espera por melhores dias. Estou solidário com Dionísio Bassi

²³³ EVANGELISTA, Helio de Araújo. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998, P. 36.

nesta oportunidade contra aqueles que para alijá-lo de seu caminho argumentaram falta de decoro parlamentar em suas palavras e em suas atitudes.²³⁴

A declaração do árcade Alcindo Raphael para o *Correio de Maxambomba* sinalizou a interlocução entre o jornalista e advogado. Portanto, não identificamos uma oposição de perspectivas, mas um concatenamento de interesses. O envolvimento dos grupos pode ser constatado nas matérias publicadas pelo *Correio de Maxambomba* sobre a Arcádia a Iguassuana de Letras. O semanário fez a cobertura da posse de cada árcade, bem como dos eventos promovidos pela instituição. Também contou com apoio de alguns dos confrades na promoção de outras ações culturais.

Acontecimento Marcante na Vida Cultural do Município [...] Posse do Árcade João Barbosa Ribeiro na Cadeira número 3 da Arcádia Iguaçua de Letras * Tópicos da Oração de Recepção feita pelo Árcade Rui Afrânio Peixoto [...] A solenidade de posse do árcade João Barbosa Ribeiro na Cadeira número 3 da Arcádia Iguaçua de Letras constitui-se num acontecimento marcante na vida cultural do Município. O ato que teve lugar no amplo salão de reuniões da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, dia 27 de julho último, às 19 horas, contou com a presença dos árcades srs. Luiz Azeredo drs. Cial Brito, Althair Pimenta de Moraes, Deoclécio Dias Machado Filho, Alcindo Rafael, Raul Figueiredo Meireles, Rui Afrânio Peixoto, Fernando Nunes Brigagão e Valdemiro de Faria Pereira. Na assistência, composta do que Nova Iguaçu possui de mais seletos anotou a nossa reportagem entre muitas as seguintes pessoas: Francisco Campelo França, Rosaly Bestivallet Campelo Ruivo, Manoel Ruivo, Maida Afrânio Peixoto, Moacir Gomes da Silva, João Krom Marques, Raquel Landau, Sarah Landau, Maria da Luz Barbosa Ribeiro, Wanda Leonor Barbosa Ribeir, Orlando Barbosa Estevam J.B Ribeiro, Paulo Fernando do Val Conci, Ilse Pimenta de Moraes, Iracema Soares P. Junqueira, Djalma de Oliveira Junqueira, Geraldo Andrade, Elza Ribeiro dos Santos, Elza Silvestre Barbosa, Amilcar da Silva Barbosa, Murilo Costa Ivan Mattos, Linha. F. Rafael, Milton Sá Freire Ribas, Raul de Almeida, Mario Soares. Dr. Alcides Fatoreli, Mario Soares Pereira Jr., Eugenio Realvallet, Dulce Nogueira, Maria Tereza Fatoreli, Mauro Fatoreli, Antenor Magalhães Amaral, Antônio de Freitas Quintela, Ronald Alexandrino, Wilton J. Ramos, Humberto de Faria Viana, Bernardino Martins Jr., Ciro Ridiard (representando o ministro Mario Pinoti) e Luiz de Carvalho.²³⁵

Outra matéria publicada pelo mesmo jornal chamou igual atenção. Em 05 de abril de 1958, Dionísio Bassi convidou o árcade Rui Afrânio Peixoto para entrevista acerca do concurso de monografias sobre o município de Nova Iguaçu.

Vai ser editada pela Câmara Municipal de Nova Iguaçu [...] Proposição do vereador Dionísio Bassi [...] Fala ao CORREIO DE MAXAMBOMBA o árcade Dr. Rui

²³⁴ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 10 de março de 1957, Ed: 67, P. 4.

²³⁵ Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 02 de agosto de 1958, Ed: 141, P.1 e 7.

Afrânio Peixoto. [...] A DELIBERAÇÃO nº 46/57, que dá forma de lei ao projeto do vereador Dionísio Bassi, instituição à prêmio << Município de Nova Iguaçu>>, para a melhor monografia sobre a história da terra iguaçuana, publicada domingo último, vem suscitando comentários nos meios culturais do Município. Por essa razão, CORREIO DE MAXAMBOMBA resolveu entrevistar alguns intelectuais iguaçuanos, a fim de colher as suas impressões a respeito da [...] Deliberação. Ocorreu-nos entrevistar, em primeiro lugar, o Dr. Ruy Afrânio Peixoto. É sobejamente conhecido o seu interesse por tudo que se relaciona com a história de Nova Iguaçu. Pesquisador dedicado e exigente do passado desta terra, o Dr. Ruy tem não poucas vezes, publicado na nossa imprensa interessantes reminiscências locais. Aliás, consta que o ilustre causídico e educador se emprega na confecção de um substancial trabalho histórico sobre a terra iguaçuana. Fomos encontrar o nosso primeiro entrevistado, às 9:30 horas da manhã de terça-feira última em seu educandário, o Colégio Ruy Afrânio Peixoto. Cientificado do nosso propósito o Dr. Ruy nos introduziu em seu gabinete, declarando-nos, com a delicadeza que lhe é peculiar, estar ao nosso inteiro dispor. Iniciamos, então, uma ligeira entrevista [...]”²³⁶

Ruy Afrânio afirmou na entrevista que “[c]onstitui um dos maiores estímulos que se tem dado ao estudo da história desta bela terra, e por isso felicito à Câmara Municipal de Nova Iguaçu, e particularmente ao vereador Dionísio Bassi, autor da proposição.”²³⁷ A relação estabelecida a partir de projetos como o concurso de monografias, confirmam a preocupação do grupo ruralista em reordenar forças e consolidar vínculos com indústrias em expansão. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI) em 15 de janeiro de 1962 demonstra o movimento pela instauração de uma unidade acerca da história municipal.

Na data do aniversário deste Município, dia 15 de janeiro de 1963, será instalado o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu – foi o que ficou decidido na sessão preparatória realizada na Arcádia Iguassuana de Letras, quarta-feira última. Para os trabalhos de instalação elegeu-se uma diretoria provisória que ficou assim constituída: Presidente, prof. Rui Afrânio Peixoto; vive-presidente, padre Roberto Vergílio Cordenonsi; secretário, Luiz de Azeredo; tesoureiro, Waldick Pereira, e relações públicas, Eugênio Beauvallet. **Os fundadores** – São considerados fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, que realizou sua primeira reunião preparatória dia 15 deste, os srs. prof. Rui Afrânio Peixoto, padre Roberto Vergílio Cordenonsi, prof. Newton Gonçalves de Barros, Zanon de Paula Barros, Luiz de Azeredo, Waldick Pereira, Ney Alberto G. de Barros, Eugênio Beauvallet, Francisco Scofano, Max Walter Schneidewind, Jorge Lopes Serrano, Abel Marques, Francisco Bandeira da Luz e Ari Roberto de Freitas. **Estatutos** – Já naquela reunião foi apresentando o ante-projeto do Estatuto baseado nas necessidades históricas e geográficas que precisam ser estudadas e difundidas para a formação da história iguaçuana. A próxima reunião será realizada AIL no próximo dia 3 de dezembro.²³⁸

²³⁶ Correio de Maxambomba – Ano III, Nova Iguaçu, 05 de abril de 1958 – Ed: 124, P. 1 e 6.

²³⁷ Idem, 1958, P. 6.

²³⁸ Correio da Lavoura, Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 25 de novembro de 1962, Ed. 1.384, P. 1 e 7.

A matéria ainda complementa afirmando que a instituição desejava zelar pela história de “vultos” históricos e reunir importantes documentos sobre a história do município:

Fruto de um trabalho carinhoso e árduo, o IHGNI, antes mesmo de iniciar suas atividades, já encerra um acervo numeroso de manuscritos raros, mapas traçados por Conrado Jacob Niemeyer, fotografias históricas, peças de numística e museologia, com mais de 300 documentos originais.²³⁹

Não possuímos estudos sobre a instituição, contudo em nota publicada no *Correio da Lavoura* de 13 de janeiro de 1963 apresentou um dado relevante. O IHGNI estabeleceu sua sede, provisória, na Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI).

Terça-feira, dia 15, data de fundação deste Município vai instalar-se no auditório da Associação Comercial e Industrial, às 20:30m, o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, sob a presidência do prof. Rui Afrânio Peixoto. Além do ato de instalação e da posse de sua diretoria definitiva, composta ainda de Wandick Pereira, Zanon de Paula Barros, Francisco Scofano, Eugênio Beauvallet e Max Walter Schneidwind, fará o I.H.G.N.I, uma exposição de preciosos documentos históricos da terra iguassuana. [Grifos meus]²⁴⁰

Assim como IHGNI, a Arcádia também realizou eventos na Associação Comercial e Industrial. As duas instituições não possuíram sede própria, por isso a ACINI possibilitou a difusão do trabalho de ambas. Todavia, a presença da associação representou um espaço para transição dos interesses entre o setor ruralista em decadência e os industriais em ascensão. A ACINI teve sua origem no final dos anos 1930, a partir do Sindicato dos Comerciantes de Iguaçu. Contudo, a Associação Comercial e Industrial foi oficializada em 23 de maio de 1945. Segundo seu estatuto:

Nascia – conforme refere a ata de fundação de fundação que nos serve de roteiro – a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu como organização civil, constituída de comerciantes, industriais, agricultores, banqueiros, proprietários comissários, trapicheiros, corretores de mercadorias e de fundos públicos, leiloeiros, diretores e gerentes de empresas de seguros, construtores, diretores e gerentes de sociedades anônimas, de cooperativas, despachantes, e quaisquer outros contribuintes de impostos, sem distinção de nacionalidade e sexo.²⁴¹

O livro de 50 anos da associação também afirma que o regimento da associação:

²³⁹ Idem, 1962, P. 7.

²⁴⁰ Correio da Lavoura, Nova Iguaçu, (Estado do Rio), Domingo, 13 de janeiro de 1963, Ed: 2.391, P. 2.

²⁴¹ MELO, A. Borges de e MELO, Carlos. *Uma história de Lutas – ACINI 50 ANOS – Instituição a Serviço de Nova Iguaçu*, Nova Iguaçu: Semana Ilustrada Editorial LTDA, 1997, P. 16.

[...] assegura-nos que a gênese do órgão é civil e voluntária, abarcando amplo leque profissional e não somente comerciantes e industriais. As preocupações com os agricultores e com a agricultura, emergem flagrantemente, como tônica residual da grande força que a citricultura representou entre nós.²⁴²

A menção permite afirmarmos que associação acomodou a categoria ruralista na associação por meio da sua origem vinculada à citricultura. O livro escrito por memorialistas como os árcades Luiz Azeredo e Ruy Afrânio Peixoto destaca o papel da ACINI em “defesa da citricultura” e ação de figuras como Getúlio de Moura. Os autores afirmam que entre os anos de 1950 e 1955 não foi encontrada a documentação sobre a associação, mas constataam a importância da I Exposição Industrial do município. Referindo-se a obra *Cana, Café e Laranja* a obra cita “passada a fase agrícola, a indústria abria, sobre os velhos pomares iguaçuanos, novos horizontes”.²⁴³

Mesmo sem estudos sobre a ACINI deve-se considerar que a associação reuniu grandes agentes vinculados ao campo e membros do comércio e indústria. Uma associação como esta reinterou o papel desempenhado por figuras como Antonio Pinheiro Guimarães Victory²⁴⁴, Antonio de Freitas Quintella²⁴⁵ e Sylvio Coelho. Todos pretenderam demarcar o “progresso” do município a partir do comércio e indústria, sem desconsiderar o papel de figuras ligadas a terra. Por isso, foi necessário criar espaços que reforçassem o prestígio social conquistado nas décadas anteriores e absorver os industriais. Portanto, espaços como Nova Iguaçu Country Clube (NICC) fundado em 1958, Rotary Clube, ACINI e o IHGNI sugerem a reunião de grupos consolidados politicamente (Arcádia) e os industriais em ascensão.

O segundo capítulo faz um panorama sobre dois projetos para o distrito sede Iguaçuano. Ambos foram respostas de um grupo as questões de sua época. A partir deles, é possível dimensionarmos as disputas e demandas no município em momentos distintos. O primeiro ocorreu durante os anos 1920 e 1930 e se deu a partir dada citricultura. Através da produção da laranja consolidou-se uma elite agrária em Nova Iguaçu. Pautada no movimento ruralista, o grupo citricultor deu uma resposta às transformações do fim do século XIX. O fim

²⁴² Ibidem, 1995, P. 18 e 19.

²⁴³ Ibidem, 1995, P. 39.

²⁴⁴ Português de nascimento fundou a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI), do Sindicato do Comércio Varejista, Loja Maçônica Mestre Hiran e da Companhia Telefônica Fluminense. Foi mentor do Banco Comércio Indústria de Minas Gerais S/A.

²⁴⁵ Fundador do Rotary Club, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI) e do Aeroclube de Nova Iguaçu. Antonio Freitas também impulsionou a criação de empresas como a Imobiliária SACIL, Olaria Gigante, Quintella & Cia, Cisa Comercial Iguaçu S/A, e Companhia Telefônica Brasileira.

da escravidão e a reformulação da política externa do setor agroexportador, fez com que os proprietários de terra buscassem novos investimentos e a modernização da agricultura do país.

Com base no ruralismo, a classe vinculada a terra fez uso da imprensa, associações e intervenções urbanas para associar-se a tríade cidade, modernidade e progresso. Por meio de intelectuais como Silvino de Azeredo, fundador do jornal *Correio da Lavoura*, essa elite estabeleceu uma narrativa histórica na qual ela tornou-se o agente principal. Contudo, no início dos anos 1940, o município passou por uma reconfiguração socioeconômica e política. Dentre, as mudanças o fim da citricultura foi uma das principais. O projeto dos “pomos de ouro” chegou ao fim e com isto, a terra ganhou novos usos e contornos. As chácaras utilizadas para produção de laranjas foram retalhadas e transformadas em lotes.

Os lotes mudaram o espaço urbano e incorporou Nova Iguaçu a região metropolitana do Rio de Janeiro. Eles foram comprados pela população em crescimento e ajudaram a compor os bairros proletários do município, assim como dos demais distritos pertencentes. Esse contingente foi atraído pelo crescimento do número de indústrias na região e proximidade da Capital Federal.

O número de habitantes também aumentou o volume do eleitorado e a disputa por ele. Durante a década de 1950, o PSD disputou a política local, de forma mais acirra, com a UDN e o PTB. As duas siglas ganharam espaço, especialmente após as emancipações dos distritos de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti. Novos municípios também geraram novas disputas por investimentos e alianças políticas.

Diante disto um segundo projeto foi posto em prática, desta vez através da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL). Intelectuais “filhos” da geração citricultora escreveram obras que resgatavam a “Idade de Ouro” vinculada a produção da laranja. O movimento foi de afirmação política e histórica através literatura. Por meio da imprensa, os árcades usaram sua sociabilidade e discursaram a favor do seu grupo, haja vista a presença de personagens como Dionísio Bassi. O diretor do *Correio de Maxambomba* travou disputas e aproximações com o grupo da Arcádia.

Isto evidenciou mais uma disputa pelo lugar de fala. No próximo capítulo averiguaremos como os árcades utilizaram da sociabilidade para organizar e se posicionar mediante estas mudanças. A partir das obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio

Peixoto, analisaremos como os árcades se posicionaram mediante estas disputas. Objetivo é compreender como os arcadianos empregaram conceitos como campo e cidade em suas narrativas.

Capítulo III

Nova Iguaçu segundo seus “filhos ilustres”: A escrita da história iguaçuana a partir das obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto.

“Uma busina (sic) curta, despótica, anuncia, a um tempo, o cerrar das portas e a partida do trem, instantânea, como uma veloz lacraia metálica do progresso. Progresso... Ó Nova Iguaçu, porque não ficaste sempre Maxambomba?” (PEIXOTO, Ruy Afrânio)

“Se a Arcádia não quiser que Nova Iguaçu seja tragada pela voragem do progresso que arrasta (sic) do Distrito Federal, não só as gentes como as fronteiras e costumes, terá (sic) de trabalhar muito pelo que é nosso, conservar todos os regionalismos e peculiaridades que aqui existem e que fazem Nova Iguaçu uma cidade fluminense com sua população de hábitos definidos” (MACHADO, Deoclécio Dias Filho)

1. Sociabilidade e Literatura: O “resgate” da Idade do Ouro pelos arcades.

Em a *Escrita da História*, Michel de Certeau nos interroga sobre o ofício do historiador e a relação que mantemos com o presente/passado. Segundo ele, essa *operação historiográfica* se constitui quando o historiador liga um conjunto de ideais aos lugares.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação em ter um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade prática”.²⁴⁶

Portanto, a operação histórica é uma combinação do lugar que o autor fala (*lugar social*), seus interesses e ações (*práticas científicas*) e do seu discurso (*escrita*). Esse conjugado de elementos permite que identifiquemos as características que estruturam um determinado espaço como texto. A escrita histórica é composta por ditos e não ditos que foram estabelecidos a partir de uma *instituição do saber*, ou seja, pela relação entre o sujeito e seu objeto, neste caso escritor e obra.

²⁴⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, P.65.

Dito isto, o objetivo deste capítulo é analisar a produção literária dos árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto durante as décadas de 1950 e 1960. Analisaremos como uma instituição social (Arcádia) estabeleceu um saber sobre a cidade (obras). A finalidade é ponderar se a AIL obteve o mesmo êxito do projeto ruralista nos anos 1930. Portanto, são dois planos históricos distintos.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o grupo vinculado à citricultura tornou-se hegemônico. Silvino de Azeredo, fundador do *Correio da Lavoura* ajudou a expandir a proposta ruralista de modernização e mecanização do campo na região. Além da imprensa, associações de produtores também foi instrumento de difusão deste projeto. Desta forma, o município de Nova Iguaçu tornou-se um polo na produção de laranjas. Os ruralistas difundiram a citricultura enquanto motor econômico e história oficial do município.

Já na década de 1950, um segundo conjunto de intelectuais, desta vez os árcades, desenvolveram um novo projeto para cidade. Ele estava baseado no regaste das “tradições” e “valores” vinculados a Idade de Ouro, ou seja, a década de “prosperidade” da laranja. Juntamente com os outros membros, Luiz Azeredo, filho de Silvino Azeredo, fundou a Arcádia Iguassuana de Letras com objetivo de disseminar as memórias sobre a citricultura. Diferentemente da década de 1930, a AIL preocupou-se em manter sua representatividade frente às transformações políticas e socioeconômicas dos anos 1950.

Portanto, os árcades elaboraram uma narrativa a serviço de uma ordem social em mudança, ou seja, essas obras cogitam que o “fazer história” iguaçuano foi antes de tudo uma técnica. Por isso, a investigação está pautada em “valores tradicionais” e “personagens pretéritos” das narrativas. A *simbolização literária* naturalizou²⁴⁷ conceitos e indivíduos pertencentes ao território do distrito sede. O objetivo é identificarmos as formas de fazer “a história iguaçuana” dos árcades Deoclécio Machado e Ruy Afrânio. Para selecionarmos dois dentre os dezessete árcades exigiu atenção, haja vista a similaridades das trajetórias.

Todos fizeram parte da AIL e de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI), Teatro Experimental Itália Fausta (TEIF), Rotary Club e etc. Suas

²⁴⁷ Pierre Bourdieu direciona os bens simbólicos as suas bases sociais, ou seja, relaciona as práticas aos seus respectivos agentes. Estes últimos atribuem um significado comum a estes objetos (obras literárias, peças, artes plásticas). Essas representações podem conceder uma conotação mítica a estes objetos, de forma que eles se naturalizem como único e capaz de explicar um período ou fato.

trajetórias percorreram caminhos parecidos. Pertenceram a famílias “tradicionais” da cidade ou estavam ligados indiretamente a elas. A presença em cargos públicos e o exercício de profissões liberais também foi um aspecto comum ao grupo. Por isso, esboçar um quadro sobre os árcades se faz necessário.

Deste modo, dimensionamos a origem familiar, a trajetória profissional e as referências institucionais dos membros do grupo, a partir de fontes como o jornal *Correio da Lavoura*, as Efemérides Iguaçuanas²⁴⁸, obras literárias locais²⁴⁹ recentes e trabalhos monográficos sobre a região. Foram encontrados alguns registros biográficos e informações dispersas nas fontes citadas. Contudo, elas concedem um quadro sobre a vida e produção dos autores.

Este perfil também permite caracterizarmos a produção destes árcades: a data de publicação dos títulos, a compreensão dos autores quanto ao ofício de escritor, as categorias destacadas, as aproximações e distanciamentos entre eles, as cronologias e periodizações das narrativas. A finalidade é identificar como campo, cidade, progresso, passado/presente e história foram abordados pelos árcades. Deoclécio Machado e Ruy Afrânio foram escolhidos pelo número de obras que tomam a cidade por tema, uma vez que estas memórias podem denunciar as perspectivas e incertezas do grupo sobre o futuro do município.

O investimento literário feito pela AIL pode esclarecer a transição histórica vivida pelo grupo e o município nos anos 1950. Desta forma poderemos identificar o papel desempenhado pela Arcádia na construção de uma memória sobre a cidade. Mais do que compreender o conhecimento histórico produzido, desejamos indagar se o grupo conseguiu manter sua hegemonia.

²⁴⁸ É um livro escrito pelo jornalista e árcade Luiz Martins Azeredo e datilografadas por seu neto Luiz Eduardo Azeredo. As efemérides fazem um relato dos principais fatos, personalidades e famílias da cidade. Elas estão organizadas por meses, ou seja, vão de janeiro a dezembro. Cada dia do mês reúne fatos que ocorreram em Nova Iguaçu durante o século XX. Elas estão sendo transcritas e serão publicadas sob a forma de livro e também devem ser postas para consulta ao público no Centro de Documentação e Imagem (CEDIM) no Instituto Multidisciplinar – UFRRJ.

²⁴⁹ QUARESMA, Rodolpho Filho. *Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano*. Nova Iguaçu : PROEPLA, 1971.

1.1 Os autores

Neste item estabelecemos um perfil dos membros da AIL perscrutando suas origens, formação educacional e trajetória. O grupo fundador da Arcádia estava composto por: Alcindo Rafael, Altair Pimenta de Moraes, Cial Brito, Deoclécio Dias Machado Filho, Francisco Manoel Brandão, Getúlio Barbosa de Moura, Heitor Pinto da Silva, Humberto Gentil Baroni, Ibicuí Tinoco de Magalhães, João Barbosa Almeida Ribeiro, Leopoldo Machado de Souza Barbosa, Luiz Martins de Azeredo, Newton Gonçalves de Barros, Raul Figueiredo Meireles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira e Zilmar de Paula Barros.

Durante a investigação, localizamos as datas de nascimento de oito dos dezessete árcades fundadores²⁵⁰. Constatamos que eles haviam nascido nas duas primeiras décadas do século XX. Quando a laranja estava em seu auge, o árcade mais novo tinha 11 anos de idade e o mais velho 27 anos. Percebe-se que eles viveram momentos distintos, por isso obtiveram perspectivas diferentes sobre a citricultura. Mas, isso confirma a eficácia do projeto ruralista dos anos 1930. As referências dos membros passam pela Nova Iguaçu enquanto símbolo de modernidade e progresso da laranja. Alguns mais e outros menos, mas sempre tomando o discurso dessa elite como base.

A reunião destes intelectuais em torno da AIL destaca a importância da sociabilidade. Se espelhar na experiência do membro mais antigo e compartilhar as vivências de cada um confirma a relevância destas relações sociais. Elas deram a condição necessária para organicidade do grupo e implementação do projeto Arcádia. Em *Intelectuais à Brasileira*, Sergio Miceli constata que se profissionalizar através do ensino superior não bastava para ser um intelectual. Torna-se uma figura influente exigia uma extensa rede de relações que ultrapassava apenas ter um curso superior. Durante a década de 1950, o acesso à universidade tornou-se uma exigência, contudo isto não necessariamente significou mais influência.

“as possibilidades de acesso às profissões intelectuais continuam a depender, em medida significativa, das estratégias de reconversão das famílias que estão em

²⁵⁰Data de Nascimento dos Árcades Fundadores: Getúlio Barbosa de Moura (10/06/1903), Francisco Manoel Brandão (10/04/1907), João Barbosa Almeida Ribeiro (04/12/1911), Luiz Martins de Azeredo (17/10/1911), Newton Gonçalves de Barros (13/09/1915), Ruy Afrânio Peixoto (13/06/1918), Altair Pimenta de Moraes (30/08/1919). Fonte: Efemérides Iguaçuanas e Arquivo Privado Luiz Azeredo.

condições de transmitir aos filhos certo montante de capital social e cultural, variável conforme o grau de proximidade entre essas famílias e a fração culta da classe dominante²⁵¹”

Portanto, ter sua imagem vinculada a sobrenomes tradicionais ou colocações de destaque era fundamental. Os membros da Arcádia são descendentes de famílias responsáveis por ocupar cargos políticos de destaque. A carreira profissional e seus postos de trabalho parecem indissociáveis da trajetória familiar. Eles deram prosseguimento ao discurso formulado por essa rede doméstica de relações.

O desenvolvimento da cidade foi alcançado pela ocupação de grupos vinculados à elite citricultora em cargos públicos e instituições privadas. Arcades, como Getúlio de Moura, estiveram à frente de alguns destes postos. Por isso, as obras se projetaram na “Idade de Ouro”. No entanto, por qual razão esta “história” foi reativada nos anos 1950 e 1960? Fatores como os loteamentos e a emancipação de alguns distritos ajudam a explicar o curso dessa conjuntura.

Como vimos no primeiro capítulo, no final dos anos 1930, o território iguaçuano passou por uma importante reconfiguração espacial. Este processo foi composto por dois agentes fundamentais: os loteamentos e emancipação de seus distritos. Com o final da Segunda Guerra Mundial e o bloqueio à exportação das laranjas, a citricultura deixou de ser a engrenagem propulsora da economia local.

O projeto ruralista entrou em decadência e os loteamentos foram produto do retalhamento das chácaras de laranja. Os lotes e a especulação imobiliária abriram caminho para a formação de bairros proletários, haja vista o crescimento populacional. A ampliação do setor industrial na região também ganhou força durante esse momento de transição. Com isto, a elite citricultora e a cidade pensada a partir da “vocação” agrícola chegavam ao seu fim.

A partilha do território pelas emancipações também provocou dissidências. Nos anos 1940, o município de Nova Iguaçu emancipou três de seus distritos: Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947) e São João de Meriti (1947). O desmembramento territorial representou perdas econômicas, mas principalmente políticas. Em uma década, Nova Iguaçu deixou de

²⁵¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais á Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, P. 81.

arrecadar mais da metade de seus impostos e receber importantes investimentos governamentais.

As lideranças políticas do distrito sede diminuíram as chances de fazer novas alianças partidárias e conservar as antigas. Com a redemocratização do país, as barganhas políticas para manutenção e conquista do eleitorado se mostrou fundamental. Por isso, as emancipações foram uma estratégia de grupos que desejavam consolidar novos caminhos políticos. Partidos como o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional) conseguiram ampliar sua representatividade junto aos eleitores. A instalação de novas indústrias e o alargamento do setor comercial diminuiu ainda mais os laços de dependência entre os distritos e a sede do município. Deste modo, a emancipação foi um fator determinante para estas mudanças.

A fundação destes municípios fez com que novas “histórias” surgissem, distanciando-se da narrativa “oficial”. Portanto, a reconfiguração do território redirecionou o histórico da região. Este movimento, por sua vez, não privilegiaria mais a atuação das lideranças do distrito sede. Portanto, a Arcádia e suas obras literárias foram uma resposta ao presente calcada no passado. A imprensa local também ganhou novos periódicos e questionamentos sobre o discurso dessa elite. O jornal *Correio da Lavoura* se manteve por décadas como principal veículo de comunicação da região e instrumento disseminador do discurso ruralista. Com a fundação de periódicos como o *Correio de Maxambomba* o discurso hegemônico do *Correio da Lavoura* foi posto em cheque.

Fundado em 1955, pelo vereador Dionísio Bassi, o periódico denunciou ações da administração municipal, a disputa por terras e desmantelou de forma “sensacionalista” o discurso do concorrente *Correio da Lavoura*. A elite ruralista enxergou a possibilidade de uma “história” ser sobreposta à da citricultura. O jornalismo do *Correio de Maxambomba* poderia afetar diretamente a imagem “próspera” e “honesto” do grupo. Portanto, a presença de um corpo industrial, dos loteamentos, a redemocratização política e a concorrência entre os jornais. Por isso, foi preciso concentrar esforços e integrar esses membros em torno de uma única proposta: a Arcádia.

Mas o que dava a eles certa unidade de pensamento? Em *História & Historiadores*, Ângela de Castro Gomes discute como intelectuais teceram um passado em torno dos ideais

nacionalistas. Com base no Suplemento Literário *Autores e Livros*, do jornal *Correio da Manhã*, a autora identifica como uma determinada história do país foi retratada por esses autores historiadores. Elas ganharam corpo e “tornaram-se objetos de políticas públicas mais consistentes.”²⁵² De acordo com Ângela de Castro Gomes este movimento se deu durante:

o Estado Novo [pois] foi um momento particularmente rico para a delimitação de uma construção intelectual da história do Brasil, o qual, por sua competência e pelo volume de recursos investidos, foi capaz de deixar marcas profundas em nossa tradição historiográfica. [...] esse momento estratégico de transição teria ocorrido [...] mais especificamente em inícios dos anos 40, quando o aparelho de Estado, marcado por clara “modernização” [...] vislumbrava a próxima “eleitorização” da política, que a Segunda Guerra Mundial e o alinhamento com os EUA apontavam com segurança.²⁵³

A política cultural adotada pelo Estado Novo consistiu em selecionar e recriar discursos e símbolos que legitimasse as ações do governo de Getúlio Vargas. Para isto foi utilizado o autor historiador:

um erudito familiarizado com arquivos, um professor e também um homem de ação, com postos múltiplos na carreira política e/ou diplomática. Homem de jornal e de revistas, frequentador da ABL e do IHGB. Homem do mundo, espírito cosmopolita por viagens, leituras e pesquisas, tinha, contudo, suas raízes na terra e nos problemas brasileiros.²⁵⁴

A oportunidade de escrever e contribuir com a história do país conferiu unidade a este grupo de escritores, mas isto se deu por uma demanda conjuntural. O momento político exigiu uma intervenção historiográfica que produzisse uma leitura em benefício do grupo político a frente do poder executivo. No caso da Arcádia, a conjuntura forneceu a coesão necessária para que se formasse o grupo literário. Portanto, o papel desempenhado pelos árcades foi uma resposta do grupo. Tanto no estudo realizado por Ângela de Castro Gomes quanto na AIL, a trajetória dos autores confirma a relação entre carreira e produção acadêmica:

“Art.10 – O candidato poderá ser de um ou outro sexo e satisfará às seguintes condições a) iguaçuano nato, de preferência, ou residir há mais de 5 anos no município.; b) ser pessoa de reputação comprovada e c) haver publicado livro ou série de trabalhos de notório valor. Art.11 – Decorrido o prazo de inscrição, será

²⁵² GOMES, Ângela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. P.20.

²⁵³ Idem, 1996, P. 20.

²⁵⁴ Idem, Ibidem.

nomeado (sic) uma comissão julgadora, de três membros, a qual, sigilosamente, indicará logo o requisito da alínea <> do artigo precedente [Grifos meus]²⁵⁵

A finalidade do artigo era abranger indivíduos que fizeram carreira em Nova Iguaçu. Logo, a organização da instituição contemplou árcades que não nasceram no município, mas poderiam agregar vantagens junto à instituição. Mais do que ser “bem nascido” ou “iguaçuano nato”, um membro da AIL deveria participar dos espaços e projetos desta elite. O objetivo é compreendermos como as histórias de vida destes personagens tecem uma rede de sociabilidade em comum, ou seja, pontuar como elementos comuns entre as trajetórias originaram a integração do grupo. A trajetória do árcade Getúlio de Moura chama atenção pela sua extensa carreira política, mas principalmente pela interlocução com atores como Dionísio Bassi. Por isso faremos uma breve exposição sobre sua origem familiar, profissional e especialmente política.

1.2 As trajetórias de Getúlio Barbosa de Moura e Newton Gonçalves de Barros

Getúlio Barbosa de Moura nasceu em 10 de junho de 1903 em Itaguaí, município do estado do Rio de Janeiro fronteiriço à Nova Iguaçu. Era filho de Joaquim Mariano de Moura e Amélia Barbosa de Moura. Frequentou o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e tornou-se funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1924. Segundo Marlene Nascimento, o árcade formou-se em 1934 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi vereador da Câmara Municipal de Nova Iguaçu e presidente da casa em 1936 e 1937 até a instauração do Estado Novo. Retomou em 1945 e permaneceu até a queda do Estado Novo.

Com a redemocratização do país, elegeu-se em dezembro de 1945 deputado pelo estado do Rio de Janeiro à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Assumindo sua cadeira em março do ano seguinte, participou dos trabalhos constituintes e, após a promulgação da nova Carta (18/9/1946), passou a exercer mandato ordinário. Nessa legislatura ocupou de 1947 a 1948, o cargo de segundo-secretário da mesa da Câmara, tendo em janeiro deste último ano votado contra a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos pelo Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB), cujo registro fora cancelado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em maio de 1947.²⁵⁶

²⁵⁵ Estatuto da Arcádia Iguassuana de Letras, Capítulo III Admissão e Exclusão, Art. 10, P. 2.

²⁵⁶ NASCIMENTO, Marlene. *Revolução de 30 na terra da laranja: uma leitura a partir do Correio da Lavoura*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014, P. 37.

Foi reeleito em 1950 e 1954 e membro pela mesma legenda. Em 1958 concorreu ao cargo de governador do estado do Rio de Janeiro, mas perdeu para Roberto Silveira, candidato PTB. Em 1959, concluiu o mandato na Câmara e assumiu a presidência da Rede Ferroviária Federal, durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961). Durante os anos 1960 foi secretário de Obras Públicas do estado do Rio de Janeiro no governo Celso Peçanha (1961-1962). Em 1962 se elegeu novamente deputado federal pelo PSD. “Após o movimento político-militar de 31 de março de 1964, que depôs o presidente João Goulart (1961- 1964), foi nomeado no mês seguinte ministro extraordinário para assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República.”²⁵⁷

Em 1966 foi reeleito pela legenda do MDB e durante o mandato foi presidente das comissões de Fiscalização Financeira e Tomada de Contas, de Redação, de Serviço Público, de Constituição e Justiça e de Orçamento e Educação e Cultura. Foi casado com Maria Barbosa de Moura, com quem teve dois filhos, Getúlio Moura Filho e Gilda Maria. O árcade publicou três livros: *Raul Fernandes* (1967), *Contra a projetada fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro* (1967) e *José do Patrocínio e Nilo Peçanha e a atualidade brasileira*²⁵⁸. Portanto, o critério “pessoa de reputação comprovada” era tão importante quanto produzir diversas publicações.

Avaliar as “contribuições” de Getúlio de Moura para a “sociedade” iguaçuana era tão significativo quanto sua produção literária. Neste caso, a vida política era a sua principal contribuição. O árcade foi a principal liderança política do município durante os anos 1930. Sua atuação ajudou a consolidar o projeto ruralista e o grupo alinhado a ele. Nos anos 1950, o árcade foi um importante interlocutor com a velha e nova ordem.

Getúlio de Moura estreitou vínculos políticos com figuras vinculadas a meio industrial, por exemplo, Dionísio Bassi. O fundador do *Correio de Maxambomba* pertenceu ao PSD, mesmo partido do árcade. Acreditamos que Getúlio de Moura buscou novos espaços e sujeitos para dialogar e permanecer representativo no cenário político da região. Isto demonstra a preocupação destes atores permanecerem ativos junto ao eleitorado.

²⁵⁷ Idem, 2014, P. 38.

²⁵⁸ Dentre as obras catalogadas da Arcádia não encontramos nenhuma produzida por Getúlio de Moura. Entretanto, é possível que elas estejam em arquivos particulares.

Assim como Getúlio de Moura, o árcade Newton Gonçalves de Barros também proveio de outra região²⁵⁹. Ambos consolidaram sua carreira profissional em Nova Iguaçu, durante os anos 1930. A história de vida de Newton Gonçalves igualmente demonstra a relevância das relações sociais ao longo da trajetória profissional. O árcade nasceu em 13 de setembro de 1915 no município de Cachoeira Paulista, São Paulo.²⁶⁰ Iniciou sua formação em Valença, município ao sul do estado do Rio de Janeiro, mas prosseguiu o ensino secundário na cidade de Barra do Pirai.

Chegou à Nova Iguaçu em 1933 para trabalhar no Colégio Leopoldo Machado, fundado em 1930. Tendo uma carta de recomendação do jornalista Manuel Quintão²⁶¹ passou a lecionar. Mais tarde iniciou o curso de engenharia na escola Politécnica da Guanabara onde permaneceu até o terceiro ano, e passou a estudar História. Atuou como professor no Colégio Pedro II e Colégio Central do Brasil, ambos na cidade do Rio de Janeiro. Casou com a irmã de Leopoldo Machado, Leopoldina Machado, e foi colunista do jornal *Correio da Lavoura*.

As trajetórias de Getúlio de Moura e Newton Gonçalves de Barros confirmam como a rede de sociabilidade sobrepôs à naturalidade. O importante “não seria a origem geográfica do indivíduo, mas as ligações que imprimiam ao grupo analisado certa homogeneidade de projeções e perspectivas intelectuais.”²⁶² A sociabilidade estabelecida a partir da citricultura consolidou os papéis destes agentes e deu organicidade a essa elite.

Exercendo funções diferenciadas, cada membro atuou para que o bloco hegemônico de poder se estabelecesse. A noção de intelectual desenvolvida até aqui confirma que o pertencimento a um grupo dominante deu homogeneidade e consciência à sua função, pela atividade econômica exercida e influencia no campo ideológico e cultural.

²⁵⁹ Naturalidade dos Arcades: Alcindo Rafael (*), Altair Pimenta de Moraes (Nova Iguaçu – RJ), Cial Brito (*), Deoclécio Dias Machado Filho (Nova Iguaçu – RJ), Francisco Manoel Brandão (Sem cidade de nascimento – PA), Getúlio Barbosa de Moura (Itaguaí – RJ), Humberto Gentil Baroni (Nova Iguaçu – RJ), Ibicuí Tinoco de Magalhães (*), João Barbosa Almeida Ribeiro (Nova Iguaçu – RJ), Leopoldo Machado (Cepa Forte – Bahia), Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu-RJ), Newton Gonçalves de Barros (Cachoeira Paulista – SP), Raul Figueiredo Meireles (*), Ruy Afrânio Peixoto (Glória bairro ou cidade?–RJ), Waldemiro de Faria Pereira (*), Zilmar de Paula Barros (*). (*) Local de Nascimento não identificado. Fonte: Efemérides Iguaçuanas.

²⁶⁰ Estas informações constam no site do Colégio Leopoldo ver em: <http://www.colegioleopoldo.org.br/>

²⁶¹ Manuel Justiniano de Freitas Quintão conhecido por Manoel Quintão nasceu em Valença em 28 de maio de 1874. Foi jornalista, escritor e médium espírita. Foi presidente da federação espírita brasileira nos anos de 1915, 1918, 1919 e 1929.

²⁶² FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento, Op cit, 2009, P184

A preponderância das carreiras liberais²⁶³ também foi uma característica comum entre os árcades. Destacaram-se quatro profissões: advocacia, medicina, magistério e jornalismo. Muitos se formaram em tradicionais escolas de Direito e Medicina do Rio de Janeiro. O autodidatismo perdeu espaço e o ensino universitário se consolidou como elemento central na formação dos indivíduos. Getúlio de Moura e Newton Gonçalves, por exemplo, passaram por instituições de referência como o Colégio Pedro II. Para além da formação, escola e universidade permitiam futuros vínculos profissionais. O ensino acionava o acesso a cargos públicos e carreiras políticas. Dentre os dezessete árcades, cinco exerceram funções públicas ou administrativas em Nova Iguaçu.

O magistério também foi um aspecto recorrente. Ser professor de uma instituição reconhecida significava *status* intelectual. Newton Gonçalves lecionou História no Colégio Pedro II e posteriormente no colégio Leopoldo Machado. Francisco Manoel Brandão e João Barbosa também lecionaram. O árcade Ruy Afrânio Peixoto também ensinou geografia e fundou seu próprio grupo escolar. Sua instituição foi uma das grandes escolas privadas de Nova Iguaçu e reuniu a elite do município. Agrupou segmentos como jardim de infância, ensino primário, ginásial, científico e normal.

Portanto, o meio escolar foi um importante espaço de atuação dos árcades. Lecionar em grandes escolas do Distrito Federal concedeu reconhecimento aos árcades. Isto dava credibilidade para atuar nas principais escolas do município. Ministrando uma cadeira no Colégio Leopoldo Machado ou no grupo escolar Ruy Afrânio Peixoto permitiu difundir o conhecimento sobre a história da cidade. O trabalho nas instituições de ensino respaldava a narrativa formulada pelo grupo. Desta forma, a memória hegemônica do grupo estaria “garantida”.

Outro campo de atuação dos árcades foi a imprensa. O jornalismo foi um caminho fundamental para exposição de ideias. O jornal permitia o reconhecimento público do membro ou seja, popularizava suas ideias em grande escala. Portanto, os jornais

²⁶³ Profissões dos Árcades: Alcindo Rafael (Advogado), Altair Pimenta de Moraes (Advogado), Cial Brito (Advogado/Professor), Deoclécio Dias Machado Filho (Médico), Francisco Manoel Brandão (Advogado/Professor), Getúlio Barbosa de Moura (Advogado), Heitor Pinto da Silva (*), Humberto Gentil Baroni (Médico), Ibicuí Tinoco de Magalhães (*), João Barbosa Almeida Ribeiro (Advogado/Professor), Leopoldo Machado de Souza (Professor), Luiz Martins Azeredo (Jornalista), Newton Gonçalves de Barros (Professor/Jornalista), Raul Figueiredo Meireles (Advogado), Ruy Afrânio Peixoto (Advogado/Professor), Waldemiro de Faria Pereira (Advogado), Zilmar de Paula Barros (*). (*) Profissão não identificada. Fonte: Efemérides Iguaçu.

representaram a profissionalização do saber e expandiram as redes de contatos dos árcades. Para membros locais ou não, o jornal era um passaporte para o meio intelectual. Fazer parte do semanário *Correio da Lavoura* ampliava os contatos, pois ele foi símbolo da hegemonia deste grupo nos anos 1930. Os membros possuíram uma trajetória dentro do periódico, haja vista as inúmeras publicações ao longo de mais de duas décadas. Newton Gonçalves teve a coluna *Educação e História* por quinze anos e se consagrou como colunista do semanário.

Ao completar um ano de existência, a AIL teve uma página inteiramente dedicada à instituição. Intitulada *Página Literária – Comemorativa do 1º Aniversário da Arcádia Iguassuana*, os árcades Zilmar Paula Barros, Francisco Manoel Brandão, Ibicuí T. de Magalhães, Alcindo Rafael, Altair Pimenta de Moraes, Newton Gonçalves de Barros e Ruy Afrânio Peixoto publicaram poemas. O escritor José Jambo da Costa também contribuiu com um poema. Deoclécio Dias Machado Filho publicou um texto intitulado *Pequena História* retratando a trajetória do grupo. Deoclécio Machado confirmou a importância da Arcádia e a reunião de intelectuais locais. De acordo com o árcade, os “grandes vultos e saberes” do município seriam reconhecidos:

Conforme é do conhecimento de quantos vêm acompanhando, através dessa folha, nosso noticiário, completou a Arcádia Iguassuana de Letras, no dia de ontem, 11 de agosto, seu aniversário. Sua data natalícia, motivo de júbilo para muitos - coincide com a história da formação cultural brasileira, isto é com a criação dos cursos jurídicos de São Paulo e Recife, data de 1827; sendo a finalidade da Arcádia a de congregar amigos das letras e filosofia, artes e ciências, assim como aprimorar os valores das novas gerações e, por esta forma, assegurar a continuidade histórica de Nova Iguaçu, como célula atuante da Velha Província Fluminense. Tal é a tarefa a que ela se propõe. Porque, nesta Iguaçu de tantos poetas, jornalistas, médicos, pensadores, políticos, já viveram personagens cuja a influência se exercera até nos destinos de além mar! [Grifos meus]²⁶⁴

Durante a década de 1950, os periódicos foram além das notícias cotidianas e passaram a publicar cadernos específicos. Nesse momento a imprensa ganhou ares de profissionalismo e imparcialidade. Os grandes jornais do país tomaram proporções empresariais e o formato adquiriu padrões norte-americanos. O jornalismo ganhou sessões contemplando crônicas, poemas e textos literários. Para Ana Paula Goulart, a imprensa carioca “foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina, substituindo-a por

²⁶⁴ Correio da Lavoura, Domingo, 12 de agosto de 1956, Ed. s/n P. 3.

um jornalismo que privilegiava a informação e que a separava do comentário pessoal e da opinião”²⁶⁵

Contudo, o aspecto político jamais deixou de existir mesmo. “Por isso, os jornais jamais deixaram de cumprir um papel nitidamente político. O apoio a determinados grupos que estavam no poder [...] era essencial para garantir a sobrevivência de algumas empresas”.²⁶⁶ Os jornais mantiveram relações de compadrio muitas vezes embasadas em laços pessoais e interesses, por isso o campo jornalístico se manteve uma importante fonte de contatos. Logo, “no contexto dos anos 1950 e 1960, significava conferir ao campo jornalístico um capital simbólico sem precedentes, significava fazer do seu discurso uma “fala autorizada” e transformar a imprensa em um ator social reconhecido.”²⁶⁷

Além da imprensa, os árcades interviram de outras formas. Se inserir em escolas, associações de classe, literárias ou recreativas foi uma das maneiras da AIL atuar concretamente na sociedade. O trânsito entre os diferentes grupos permitiu que os membros consolidassem a representatividade da instituição. Por isso, os árcades deveriam buscar outras instituições, especialmente as fundadas nos anos 1950. Por isso, avaliaremos a relação dos membros com outras associações do município.

1.3 A participação dos árcades nas associações locais

Estreitar parcerias e divulgar a agenda da Arcádia poderia agregar benesses. A tabela a seguir apresenta alguns dos espaços frequentados pelos árcades. Infelizmente, não podemos identificar todos eles, contudo o quadro dimensiona o trânsito nos grupos:

Tabela 22 - Árcades Fundadores: Associações	
Associações	Árcades
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Sindicato do Comércio e Varejista de Nova Iguaçu; Colaborador do Partido Social	Alcindo Rafael

²⁶⁵RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, P. 148.

²⁶⁶ Idem, 2003, P. 156.

²⁶⁷ Idem, Ibidem.

Democrático (PSD).	
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Teatro Experimental Itália Fausta (TEIF); Rotary Club de Nova Iguaçu; Diretor da Associação de Caridade Hospital de Iguaçu e da Biblioteca Jurídica Acácio Aragão; Patrocinador do Torneio Interno de Basquete; Vice Presidente dos Interesses Culturais do Esporte Club Iguaçu.	Altair Pimenta de Moraes
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI); Presidente do Grêmio de ex-alunos do Colégio Leopoldo Machado.	Cial Brito
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Sócio-Proprietário do Esporte Clube Iguaçu; Secretário do jornal <i>O Povo</i> , periódico do Partido Social Democrático (PSD),	Deoclécio Dias Machado Filho
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade.	Francisco Manoel Brandão
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); União das Classes Conservadoras de Iguaçu; Membro do Partido Social Democrático (PSD) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB).	Getúlio Barbosa de Moura
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL)	Heitor Pinto da Silva
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL)	Humberto Gentil Baroni
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL)	Ibicuí Tinoco de Magalhães
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL)	João Barbosa Almeida Ribeiro
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Fundador do Centro Espírita, Esperança, Fé e Caridade; Fundador do Lar de Jesus.	Leopoldo Barbosa Machado
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Associação Iguassuana de Imprensa; Puericultura de Nova Iguaçu; Diretoria da Associação Iguassuana de Esportes; Sociedade Iguassuana de Tiro ao Alvo.	Luiz Martins Azeredo
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Diretor da Associação Municipal Espírita de Nova Iguaçu; 1º Secretário da primeira diretoria do Clube de Engenheiros e Arquitetos de Nova Iguaçu.	Newton Gonçalves de Barros
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Sociedade Iguassuana de Tiro ao Alvo; Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI); Teatro Procópio Ferreira; Clube de Trovadores de Nilópolis; Membro da Associação de Escritores do Rio Grande do Sul; Academia de Letras da Fronteira Oeste; Academia de Letras de Uruguaiana; Sociedade Nacional de Geografia dos EUA; Academia de Ciências Humanísticas do México; Academia de Letras de Cachoeiro do Itapemirim.	Ruy Afrânio Peixoto
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL); Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade.	Waldemiro de Faria Pereira
Arcádia Iguassuana de Letras (AIL).	Zilmar de Paula Barros

Fonte: Efemérides Iguassuanas (CEDIM) e Obras Literárias.

Algumas destas associações estavam concentradas na sede e demais distritos do município. Ser associado, colaborador ou correspondente destas instituições era sinônimo de

reconhecimento e sociabilidade. Ruy Afrânio Peixoto participou como membro e correspondente de academias em outros estados e países. Não à toa, eram convidados para diversos eventos e seus pedidos tornavam-se mera formalidade. Portanto, a Arcádia foi um local de benesses e prestígio social. Diversos ofícios e convites foram trocados entre a Arcádia e outras instituições. Um deles refere-se ao recém-criado Rotary Club de Nova Iguaçu. Em 25 de março de 1958, o 1º secretário Anthenor Magalhães Amaral solicitou a presença do presidente da Arcádia na comemoração pelo primeiro aniversário do Rotary Club:

“Ao Ilmº Sr. Presidente da ARCADIA IGUAÇUANA DE LETRAS

O ROTARY CLUB DE NOVA IGUAÇU, tem a honra de convidar V. Sa para o jantar festivo em comemoração do seu primeiro aniversário, a realizar-se dia 12 de abril, das 20 horas no Restaurante Acisa. Contando com o seu comparecimento, gesto que receberemos com muita satisfação, valho-me do ensejo para manifestar-lhe os nossos sentimentos do mais alto preço. SAUDAÇÕES”²⁶⁸

A Arcádia também solicitava o espaço de outras instituições para a realização de eventos. A Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu teve seu auditório solicitado pela AIL, em 07 de julho de 1958:

“Ilustríssimo Senhor Presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu”

1. Vimos com o presente solicitar de V. As. o especial obséquio de ceder a esta instituição o salão de conferências dessa sociedade, no qual estimaríamos realizar a solenidade de posse do árcade João Barbosa Ribeiro no próximo dia 27 do corrente mês, às dezenove horas. 2. Contando com a proverbial fidalguia dessa associação, já evidenciada em anteriores oportunidades, e esperando, pois, ser atendido na pretensão, aproveitamos o ensejo para reiterar-lhe os nossos protestos de estima e apreço.”²⁶⁹

Em 23 de julho o secretário da Associação Comercial respondeu a solicitação da Arcádia:

“Ilustríssimo Senhor Presidente da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Em atenção ao v/ofício de 7 do corrente, venho em nome da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, levar ao v/conhecimento, que em reunião desta casa,

²⁶⁸ Carta-Convite do Rotary Club de Nova Iguaçu para a Arcádia Iguaçuana de Letras, 25 de março de 1958, P.1.

²⁶⁹ Ofício da Arcádia Iguaçuana de Letras para a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, 07 de julho de 1958, P.1.

levada a efeito em 15 dêste, foi deferida prazerosamente a solicitação feita pela pessoa do preclaro Presidente da Arcádia Iguazuana de Letras, entidade que honra e dignifica a sociedade dêste novel município. [Grifo Meu]²⁷⁰

A circulação de membros entre as associações demonstra a importância da sociabilidade para consolidação dos grupos. Manter esses espaços não foi tarefa simples, especialmente as vinculadas ao campo das letras e das artes. O funcionamento exigia sede para reuniões, eventos, funcionários, indumentárias e publicações anuais e até semestrais. Por isso, a solidariedade entre as instituições foi recorrente, haja vista a reciprocidade entre a Arcádia e o Rotary Club. Neste sentido, obter o respaldo e financiamento do poder público era fundamental para manutenção da AIL.

Conforme balanços da AIL, o grupo recebeu subsídios estaduais, federais e por vezes municipais. Infelizmente não podemos identificar se o grêmio literário auferiu auxílios desde seu ano de fundação, já que a documentação sobre a receita do período em questão não foi encontrada. Subvenções governamentais representam uma contribuição financeira concedida a uma entidade em troca do exercício das atividades a que ela se propõe executar. As subvenções comprovam que o poder público viabilizou uma história sobre a cidade. É provável que a sociabilidade dos árcades junto à esfera pública facilitasse a concessão de subvenções junto ao ministério da educação e cultura. Na tabela 23 observamos que os valores recebidos pela Arcádia ocorreram nos anos 1960 e 1970.

Tabela 23: Subvenções Ordinárias: Arcádia Iguassuana de Letras					
Ano	Subvenção Federal	Subvenção Estadual	Subvenção Municipal	Subvenção Extraordinária (Federal, Estadual ou Municipal)	Valor Total Recebido (Cr\$)*
1960	150.000,00	170.000,00	100.000,00	275.000,00 (Estadual)	695.000,00
1961	105.000,00	-	100.000,00	-	205.000,00
1962	150.000,00	180.000,00	200,000	-	381.500,00
1963	1.500,000	-	100,000	-	1.600,000
1964	-	150,00	200,00	350,000 (Federal)	700,00
1965	1.500,00	-	-	-	1.500,00
1966	200,00	-	-	700,00	900,00
1967	200,00	-	-	-	200,00

²⁷⁰ Ofício da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu para a Arcádia Iguassuana de Letras, 23 de julho de 1958, P.1.

1968	200,00	-	-	-	200,00
1969	200,00	-	-	-	200,00
1970	-	-	-	-	-

***Os valores das subvenções até 1967 estão em cruzeiro, a partir deste ano tornou-se cruzeiro novo (NCr\$)**

Balancetes Anuais da AIL – Fonte: Documentação Privada Luiz Martins Azeredo

O total recebido pela Arcádia em subvenção federal em 1969, por exemplo, equivaleria nos dias atuais a R\$ 54,55. Um montante como este efetuava pagamentos como flores para solenidades, tipografia ou envio de correspondências. Ou seja, as subvenções eram pequenas mediante a estrutura necessária para manter o grupo. A AIL não possuiu sede própria, por isso atuou em imóveis alugados da cidade. A Arcádia também contou com a contribuição anual de cada árcade, contudo o valor era quase simbólico.

Portanto, manter vínculos com outros grupos demonstra a solidariedade entre as associações. Agora que já conhecemos os espaços frequentados pelos árcades, a importância que assumia a vinculação destes com instituições diversas, devemos então, apresentar como descreviam seus ideais. No próximo item apuraremos como árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto escreveram a história do município.

2. Como se escreveu a história de Nova Iguaçu?

Fizemos um levantamento das características destas obras (contexto, periodização, edição e fontes). Ressaltamos que os títulos estavam em poder da família do jornalista Luiz Martins Azeredo. Toda produção foi disponibilizada pelo neto do árcade, Luiz Eduardo Azeredo. Das 30 obras catalogadas, 20 foram escritas entre as décadas de 1950 e 1960. Dentre estes 20 títulos, 13 abordam o município, suas personagens e as memórias dos autores. Os estilos literários foram diversificados: biografias, memórias, poesias, ficção e peças teatrais. Também identificamos o nome de cada árcade, título produzido, ano, número de páginas e gênero. Entretanto, salientamos que nem todos os árcades produziram obras enquanto membros da AIL.

Os autores destacaram suas “boas lembranças” sobre a cidade e sua relação com a história da região. A estratégia foi enaltecer o desenvolvimento do distrito-sede e vínculo com a elite agrária. São homens eruditos que não escolheram falar da história de Nova Iguaçu por *hobby*, mas por estarem imersos em uma conjuntura de plenas mudanças. Portanto, a narrativa estava imersa em um projeto hegemônico de poder. Para isto, se investiu na escrita de uma literatura histórica, pois estes intelectuais estavam empenhados em manter seu bloco histórico frente às mudanças. Assim, o “projeto apolítico” defendido pelo grupo era inválido, já que os membros desejavam afirmar sua importância enquanto produtores de conhecimento.

Deste modo, as ações da Arcádia se deram: pela historicidade de seu grupo, atuação política, organicidade e, por fim, sua vinculação a uma classe hegemônica. A hegemonia do grupo se deu pelo direcionamento moral dos elementos que compõem a base. Os intelectuais da Arcádia fizeram uma narrativa histórica onde as mudanças contraporiam a importância histórica dessa elite dentro município.

A hegemonia do grupo provinha de um devir histórico embasado no sentimento básico de distinção, uma separação que evoluiu até uma concreta concepção de mundo coerente, mantido pela produção de uma memória. Tal ação garantiria a permanência da influência deste grupo junto ao aparelho administrativo da cidade. Elementos como as ruas e “famílias tradicionais” compuseram essas obras, pois elas representavam a “verdadeira tradição” municipal. O enaltecimento da “idade de ouro” levou os árcades a definirem Nova Iguaçu entre o antes e depois do “progresso”. As epígrafes deste capítulo convergem para um termo em comum: o progresso.

Para os árcades, os anos 1950 foram de progresso e agregou crescimento à cidade, mas concomitantemente provocou transformações “perigosas” e irreversíveis. A urbanização, a ampliação do setor industrial e o inchaço urbano estabeleceram um marco cronológico nas narrativas. Essa conjuntura faria com que a “velha” Iguaçu fosse esquecida, assim como os papéis desempenhados por estes atores.

Este momento fez com que os árcades entendessem Nova Iguaçu enquanto parte de uma periferia em completa expansão. Era o momento de reavivar a importância deste grupo e garantir sua permanência neste processo. Em 1955, Nova Iguaçu estava longe do tipo idealizado pelos árcades, por isso foi uma estratégia exaltar o passado anterior às

transformações. A Nova Iguaçu “agrícola, promissora e moderna” foi contraposta à cidade “grande, conturbada e irreconhecível” dos anos 1950. Ou seja, a contradição foi um recurso para delimitar o velho e o novo, o bom e ruim.

A edição e circulação das obras constitui uma segunda característica do grupo. Os balanços anuais não mostram o financiamento de trabalhos arcadianos, pois as obras eram publicadas com recursos próprios dos autores. A contabilidade apresenta o direcionamento das subvenções para gastos com a sede e eventos de forma geral. Por isso, não é possível afirmar se algum título teve sua publicação financiada pelo poder público.

Contudo, outros aspectos requerem nossa atenção. Dentre os vinte títulos relacionados, apenas cinco não tiveram sua editora ou gráfica identificada, sendo eles dos autores Altair Pimenta, Deoclécio Machado, Francisco Manoel Brandão, Ruy Afrânio Peixoto e Zilmar de Paula Barros. Das sete obras produzidas por Deoclécio, cinco foram editadas na mesma gráfica, a Companhia Brasileira de Artes Gráficas e a sexta na Gráfica Castro LTDA.

Das quatro obras escritas por Newton Gonçalves de Barros, todas foram editadas pelo grupo Irmãos Pongetti – Editores. Dois livros de Waldick Pereira²⁷¹ foram editados pela Arsgráfica - José Pereira da Silva - Duque de Caxias e o terceiro na Tipografia Coração Imaculado de Maria - Valença – RJ. Ruy Afrânio rodou o título *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva* pela Oficina Gráfica do Colégio Ruy Afrânio Peixoto e *Imagens Iguaçuanas* não teve sua origem identificada. Por fim, Ibicuí Tinoco de Magalhães teve seu livro *Reminiscências* publicado pela editora Aurora e *Caxias, um eminente iguassuano* de Leopoldo Machado, editado pela Baptista de Souza & Cia – RJ.

Logo, muitas das obras foram editadas com recursos dos próprios autores. Por isso, destaco o fato de Ruy Afrânio ter uma gráfica dentro do seu grupo escolar. Publicar obras de confrades ratifica outro dado da editoração: a sociabilidade. A relação de obras não aponta outros títulos editados pela gráfica do arcade, mas é possível que publicações e materiais de divulgação tenham sido rodados pelo arcade.

Ter vínculos com escolas e outros grêmios literários concediam facilidades de editoração. Estabelecer ligações com outras instituições prontificaria a materialização das

²⁷¹ Waldick Pereira foi membro da Arcádia Iguassuana de Letras, contudo não fez parte de sua geração fundadora.

pesquisas destes árcades. Não conseguimos rastrear a origem e tempo de duração destas editoras e/ou gráficas. Mas, acreditamos que elas acolheram muitas destas publicações graças aos laços de sociabilidade existentes dentro e fora da AIL.

Mais de uma obra foi editada por uma tipografia situada no município de Valença. Este dado reflete a ligação da Arcádia com outros municípios e associações de caráter acadêmico. Em carta enviada ao presidente da Arcádia, o amigo do árcade Alcindo Rafael felicita a AIL e valoriza a importância do “culto às artes e letras”. O remetente agradece o convite para participar “a distancia” do cenáculo e enfatiza que a aproximação dos grupos será proveitosa:

Ao ensejo de um conhecimento travado com um dos ilustres confrades desta “Casa”, fizeram-me elevado á culminância da honra, pertencendo também a este cenáculo, onde se cultua arte e a literatura. É bem esta, senhor presidente, uma oportunidade que apresenta às duas casas, para serem trocadas a margem da gritante materialidade que tanto assoberba uma sobriedade intelectual que se traduz numa fé e numa [palavra não entendida] de que nem tudo ainda está perdido nos quadros do pensamento universal. Está de salvo o espírito. [...] Com toda a grandeza sincera de meu coração também agradeço e muito especialmente ao digno confrade e colega de Faculdade Dr. Alcindo por ter sido o anunciador desta nova “Casa dos Cultos” e para trazer-me também a notícia de minha aceitação como um dos pares. [Grifos meus]²⁷²

Inserir-se no mercado editorial sempre foi tarefa árdua no Brasil, por isso manter uma rede de contatos se mostrou eficaz para publicações como as da AIL. Escritores com carreiras ligadas ao jornalismo, advocacia e medicina se valiam do seu meio para editarem obras junto às redações ou associações de sua área. A extensa produção trabalhos sobre a Baixada e o estado do Rio de Janeiro confirma o investimento do Estado para com a história da região.

Assim, as chances de se publicar uma obra literária da AIL se ampliaram. O tipo de literatura produzida pela instituição foi voltado para os seus pares, ou seja, para um círculo de leitores restrito. As obras da Arcádia constituem o que Pierre Bourdieu denominou por conjunto da obra de *arte pura*. Ele afirmou que o êxito do campo simbólico e econômico das artes ocorreu sob duas formas: obras de recepção comercial e pelas obras puras. As primeiras são produzidas comercialmente e independem do nível de escolaridade dos seus receptores.

²⁷² Carta de (...) Geraldo Lamarca ao presidente da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL), 16 de novembro de 1958.

Elas atingem um alto grau de circulação, valor econômico e faz com que os *Best-sellers* surjam. As obras de arte “puras” são consumidas por indivíduos dotados de determinada condição social e nível de instrução. Neste segundo caso a relação ocorre de produtores para produtores, ou seja, se dá entre os pares do próprio campo literário, pois depende do nível de escolaridade e a busca por reconhecimento.

Assim sendo, temos dois modos de produção e circulação. Neste estudo a arte pura é o foco de interesse, pois ela se preocupa em agregar valores e reconhecimento. Denega a economia comercial e o lucro em curto prazo, assim como enfatiza uma produção específica para um público restrito. Para Bourdieu as obras de arte puras possuem uma história de criação específica:

essa produção que não pode reconhecer outra demanda que não a que ela própria pode produzir, mas apenas a longo prazo, está orientada para a acumulação de capital simbólico, como capital “econômico” denegado, reconhecido, portanto legítimo, verdadeiro crédito, capaz de assegurar, sob certas condições e a longo prazo, lucros “econômicos”.²⁷³

Deste modo, os membros da Arcádia produziram um número limitado de obras literárias, pois o objetivo era agregar valor simbólico e prestígio. A lógica de circulação

destas obras corresponde ao que Bourdieu denomina por *ciclo de produção longo*.

Ele está:

baseado na aceitação do risco inerente aos investimentos culturais e sobretudo na submissão às leis específicas do comércio de arte: não tendo mercado no presente, essa produção inteiramente voltada para o futuro tende a constituir estoques de produtos sempre ameaçados de recair no estado de objetos materiais (avaliados como tais, ou seja, por exemplo, pelo peso do papel) [Quando] um livro prolonga sua carreira além do primeiro ano e entra no “acervo”, constitui uma “reserva” financeira que fornece as bases de uma previsão e de uma “política” de investimentos a longo prazo.²⁷⁴

Essas obras ficariam para o futuro e se tornariam objetos raros e de valor imaterial imensurável. Seu consumo foi posterior e analisado segundo seu valor histórico. Através delas, os árcades se consagrariam artisticamente e obteriam o prestígio do *métier* no qual fizeram parte. As obras passaram pelo “envelhecimento” e apreciação de seus pares. Elas

²⁷³ BOURDIEU, Pierre., Op Cit, 1997, P. 163.

²⁷⁴ GOMES, Angela de Castro, Op. Cit 1996, P. 164

foram analisadas por autores consagrados que emitiram comentários e deram reconhecimento aos títulos. Isto concedia credibilidade junto às outras academias e institutos históricos. Ter a avaliação de poetas e escritores renomados era um aspecto importante. As considerações de outros autores distinguiam os árcades e davam respaldo como produtores da história municipal. Era a separação da obra legítima da ilegítima.

A circularidade das obras permaneceu dentro deste grupo dominante e deveriam perpetuar a experiência de uma classe. Portanto, os livros não se tornaram comerciais, pois deveriam ser consagrados historicamente por sua raridade e trabalho “artístico”. Eles não objetivavam o lucro econômico, mas o reconhecimento enquanto produtores de conhecimento sobre o município. A partir desta síntese, analisaremos os temas recorrentes nas obras dos árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto. O objetivo é compreendermos a leitura dos arcadianos sobre categorias como campo, cidade e desenvolvimento. Estes e outros termos serão palavras chaves para analisarmos algumas das obras.

3. As obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto

Já traçamos um panorama sobre os autores e as características gerais destas obras. Também analisamos aspectos como temas, periodização, editoração, circulação e recepção. Neste item discutiremos a relação entre literatura e cidade, por isso optamos pelos árcades Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto. Ambos foram os que mais discutiram questões sobre o município.

As obras produzidas entre 1953 e 1970 estabelecem relações entre a memória dessa elite e as ações para com a cidade. Isso confirma que o cenáculo estava atento a reconfiguração dos anos 1950 e a necessidade de uma nova *operação historiográfica*. Frisamos que após 1970, poucas obras foram produzidas, por isso não estão contemplados nesta pesquisa. Acreditamos que a produção acompanhou a decrescente atuação da AIL.

A sombra dos laranjais e *O que restou dos laranjais em flor – Um livro de memórias bem iguaçuanas* de Deoclécio Dias Machado Filho, e *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva* e *Imagens Iguaçuanas* de Ruy Afrânio Peixoto serão os textos aqui

discutidos. Deoclécio Machado foi um dos membros que mais publicaram dentro da Arcádia Iguassuana de Letras. Escreveu diversas matérias para o jornal *Correio da Lavoura*. Em 12 de maio de 1957 o árcade ocupou a cadeira de número 2 da AIL, cujo patrono era o médico iguaçuano Joaquim Elói dos Santos Andrade. Estudou no Ginásio Arte e Instrução e encerrou o seu colegial em 1934. Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina durante os anos 1940 e exerceu a profissão no Hospital Carlos Chagas.

O livro *A sombra dos laranjais*, publicado em 1953, são lembranças sobre sua vida pessoal, a cidade, suas instituições, comércio, personagens políticos, eleições, eventos e demais transformações vividas pelo município de Nova Iguaçu. Na obra *O que restou dos laranjais em flor - Um livro de memórias bem iguaçuanas* o árcade também faz um “apanhado” de lembranças sobre a cidade de Nova Iguaçu. Ele enaltece “velhas ruas” da região central da cidade. Destaca os comércios, escritórios e cartórios destas vias, assim como seus antigos moradores. A finalidade é exaltar informações sobre o grupo do qual fez parte, bem como os espaços ocupados por ele.

Dentre as cinco obras do árcade Ruy Afrânio Peixoto, nos ateremos a *Imagens Iguaçuanas* e *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva*. A primeira enaltece mudanças ocorridas no município, fatos históricos e personagens do século XIX. O autor também faz um levantamento de fontes e documentos ao final do livro. A narrativa, portanto, possui um caráter extremamente histórico. A segunda obra faz um levantamento biográfico sobre o advogado e patrono de sua cadeira João Manoel Pereira da Silva. Ambas são objeto de nosso interesse, pois foram escritas nos anos 1960. A perspectiva é extrair como os árcades constituíram sua leitura sobre a cidade.

3.1 Como os árcades escreveram “a história iguaçuana”?

Angela de Castro Gomes afirma que:

os homens constroem e reconstroem permanentemente seu passado, e que essa operação mantém íntimas conexões com o processo, também permanente, de formulação de identidades nacionais e de montagem de um aparelho de Estado, torna-se fundamental investigar o *que* especificamente os homens consideram seu passado e que lugar lhe é destinado por uma sociedade em determinado momento.

²⁷⁵

²⁷⁵ Idem, 1996, P. 157.

A citação destaca como o passado é permanentemente construído e reconstruído pelos indivíduos. Ponderar o que os homens consideram por passado e o lugar ocupado por ele em uma sociedade, tornou-se chave de compreensão para determinados processos. Não era comum que os árcades produzissem textos com rigores metodológicos ou sistematizando questões características do historiador. *O que restou dos laranjais em flor* teve seu prefácio escrito por Valcir Almeida, amigo de Deoclécio Machado. O comentarista diz que:

Ao encerrar êste prefácio, quero dizer que “O que restou dos laranjais em flor” é a nova obra de Deoclécio Machado, escrita quase que especialmente para os iguaçuanos, embora a sua temática seja universal, podendo ser lida e apreciada em qualquer rincão dêste país ou do estrangeiro, aonde quer que se estenda a língua portuguesa, com que a vazou. O que êle narra de seu torrão natal, tanto podia ter acontecido na Europa, como na Ásia, isto é, tanto na China como no Japão, nos Estados Unidos ou mesmo na Austrália, pois tôdas as suas memórias são problemas da alma humana, - que constitui o substratum principal de quantos vivem neste planeta. [Grifos meus]²⁷⁶

Não bastava organizar a narrativa em fatos. Descrever eventos de forma contínua e ordenada não dimensionava toda notoriedade de um indivíduo. O texto deveria esboçar as questões do homem, suas transformações e capacidade de constituir uma vida social. O tempo dos árcades estava vinculado às suas experiências, ou seja, ligado às práticas e lembranças que compuseram o grupo. Portanto, é o tempo de uma coletividade que representa a memória grupal. As artes, por exemplo, seriam uma maneira de representar e dar continuidade a estas lembranças. Em *A sombra dos laranjais* isso fica evidente:

E como êstes existem os aquarelistas, guachistas, e inúmeros outros artistas cuja atividade daria para grandiosa exposição. Por fim, poderíamos avaliar tôda a nossa capacidade produtiva no mais diferentes setores de atividade. Todos os trabalhos que requeressem a mão de obra de um iguaçuano e que tivessem calor artístico ou industrial, poderiam fazer parte de um mostruário de escola. Isso foi justamente o que acrescentei, pois muita coisa interessante aqui se encontra a escapar ao conhecimento do público. E proveitável [sic] seria que se congregassem todos os elementos participantes da nossa comunidade. A arte sempre foi necessária aos povos. Por meio dela é que se aquilata o seu grau de Inteligência, se verificam as manifestações criadoras, os progressos alcançados. [Grifos meus]²⁷⁷

A literatura histórica permitiu que os árcades evidenciassem as continuidades e descontinuidades vivenciadas pelo grupo. A história demonstra a capacidade do homem se

²⁷⁶ MACHADO, Deoclécio Dias Filho. *O que restou dos laranjais em flor – Um livro de memórias bem iguaçuanas*. Rio de Janeiro: Gráfica Castro LTDA, 1970, P.11.

²⁷⁷ MACHADO, Deoclécio Dias Machado. *A sombra dos laranjais*. [S. l.: s.n.], 1953.

modificar e ao mesmo tempo de dar continuidade. É preciso ver nela o exemplo e a tradição para se constituir o novo, em um novo tempo. Valdecir finaliza o prefácio:

Conforme se poderá sentir, através destas páginas de amor e carinho, Nova Iguaçu, solo fecundo que é, poderá fornecer, ainda, durante muito tempo, principalmente para os que, aqui, pretendem firmar-se, o grande manancial, a fonte viva de tudo quanto se produzir para o futuro. O que Deoclécio Machado muito bem, acentua em muitas de suas inesquecíveis páginas.[Grifos meus]²⁷⁸

Portanto, a continuidade é parte da história. Conhecer e estudar o passado serviria para elaborar um elo entre o que existiu e o que ainda estava por vir. O conceito de que o futuro seria próspero, pois o passado o foi, está presente nas obras destes árcades, especialmente nas de Deoclécio Machado. A história municipal e suas “tradições” teriam um caráter pedagógico maior que o sentido escolar. Recuperar o passado do município obrigatoriamente exigia o esboço socioeconômico e cultural da região. Por isso, o foco destes trabalhos reside:

no cotidiano, das ideias, das festas, das práticas materiais dos homens comuns. Os atores dessa história são, portanto, atores coletivos e, quando um indivíduo dela emerge, é como referência exemplar para ilustrar um conjunto sempre maior.²⁷⁹

O passado “tradicional” atribuído à história do município trouxe o sentido de unidade para o “povo iguaçuano” Logo, esse *passado historiográfico* é algo constituído no presente para delimitar períodos, cronologias e determinar eventos e personagens da vida iguaçuana. A categoria de passado, presente e futuro se mantiveram “unidos” por uma questão de metodologia. O passado foi um elemento esclarecedor do presente e do futuro. Ele fundou um conjunto de informações e experiências que auxiliaram na construção de uma *cultura histórica* sobre a cidade e seus “grandes vultos”. O futuro que se apresentava não poderia estar desvinculado do passado, já que este último se remetia às lembranças e conteúdos vividos pelos árcades.

O saber histórico iguaçuano se deu pelo que o autor Reinhart Koselleck denomina por *tempo histórico*. Em sua obra *Futuro-Passado Contribuição à semântica dos tempos históricos*, o autor afirma que esta distinção entre passado e futuro, ou entre experiência e

²⁷⁸ Ibidem, 1970, P. 12.

²⁷⁹ GOMES, Angela de Castro, Op cit, 1996, P.161

expectativa, acabou por resultar no “tempo histórico”. Ou seja, determinamos uma cronologia a partir das modificações das experiências e expectativas dos indivíduos. Segundo Koselleck:

É próprio das circunstâncias biologicamente determinadas do ser humano que, com o envelhecimento, também a relação com a experiência e a expectativa se modifiquem, seja por meio do recrudescimento de uma e desaparecimento da outra, seja por meio de um mecanismo em que ambas se compensem mutuamente, seja ainda pela constituição de horizontes situados além da biografia de cada um, que ajudem a relativizar o tempo finito de uma vida individual. [Grifos meus]²⁸⁰

Ou seja, os árcades Deoclécio Machado e Ruy Afrânio Peixoto vivenciaram um futuro de incertezas. O tempo se tornava cada vez mais breve para reter as novas experiências e, assim, se adaptarem às mudanças de maneira tão rápida. Por isso, a perspectiva de não serem referências estava instaurada. Nas palavras de Koselleck, “evidencia-se como um resultado constante o fato de que, à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um “novo tempo” [...] o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador”²⁸¹

Eram homens da década de 1930 vivendo as mudanças dos anos 1950 e 1960. Foi necessário rever a relação com o passado e o horizonte de probabilidades. Precisou-se resgatar o “melhor” de um tempo. Isso foi feito de forma nostálgica, conservando e expondo a prevalência de um conteúdo “vencedor”, ou seja, sobre uma elite e suas ações. Portanto, realinhar o passado e o presente foi uma ação permanente. Segundo a dedicatória do árcade Ruy Afrânio Peixoto:

Faz muitos anos já. O féretro deixara a Igreja de Santo Antônio onde o padre João, na encomenda, não pudera dizer muito daquele morto quase desconhecido. [...] De volta do cemitério, contemplei a cidade que se agitava descuidada, indiferente àquela vida se extinguiu. E, no entanto, a terra acabava de cobrir um idealista, um professor anônimo de Nova Iguaçu, um pelezador desinteressado. [...] “É preciso que a obra de um idealista, apesar de grande, seja tão despreziosa que o traga no esquecimento” ... Sim, Mestre, esta é a verdadeira Glória: desdenharam no trabalho sadio e desinteressado, a própria posteridade. E eu, silenciando para a Glória do idealista que tu foste, dedico-te este livro, Mestre anônimo. [Grifos meus]²⁸²

As significações dadas ao passado, tempo e etc. foram projetadas sobre o território do distrito-sede. Mais uma vez Nova Iguaçu estaria vinculada à identidade “progressista”

²⁸⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro-Passado Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2006, P. 16.

²⁸¹ Idem, 2006, P. 16.

²⁸² PEIXOTO, Ruy Afrânio. *Imagens Iguaçuanas*, [S. l.: s.n.], 1960, P. 2.

capaz de “preservar suas referências”. O objetivo era instituir que estes intelectuais instituíssem um projeto de memória. Eles teriam o necessário para apontar perspectivas para o futuro e conservar o passado. No próximo item veremos como os personagens locais foram abordados.

3.2 “Os Vultos Históricos Iguaçuanos”

Mas quem foram os “vultos iguaçuanos”? Os árcades definiram essa resposta a partir de seus patronos. O objetivo era que estes indivíduos se tornassem referências da “conquista, trabalho e prosperidade” da cidade. Os feitos destes personagens refletiam a história e os avanços conseguidos pelo município. Os árcades Deoclécio Machado e Ruy Afrânio Peixoto “exaltaram” estes “iguaçuanos ilustres” através do gênero biográfico.

Em *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva*, Ruy Afrânio Peixoto traça a trajetória do patrono advogado João Manoel Pereira da Silva. A obra contém 32 páginas e se inicia com a origem familiar do biografado. O texto recupera a chegada da família ao Brasil, mais precisamente à Vila de Iguassu, na região da atual Baixada Fluminense. O autor recria o cenário do Caminho do Comércio, entrepostos e tropeiros da “Antiga Iguassu”.

Miguel Joaquim e Joaquina Rosa, pais de João Manoel, vieram de Portugal em 1800 para o arraial de Iguaçu. Assim como seus outros patrícios, Miguel Joaquim investiu no comércio local e ajudou a desenvolver a região, pois “com a prosperidade, novas famílias eram atraídas para o arraial cuja população também aumentava de novos iguaçuanos”²⁸³ Em 20 de agosto de 1819 nascia o biografado, contudo o autor aponta que em carta encontrada na Biblioteca Nacional, João Manoel afirmaria ter nascido em 30 de agosto de 1919 na Vila de Iguaçu.

João Manoel Pereira da Silva cursou Direito na universidade de Paris e foi considerado um dos melhores alunos de sua turma. Retornou ao Brasil onde exerceu a profissão de advogado e alguns cargos públicos, dentre eles a de primeiro iguaçuano a ocupar a presidência da Assembleia da Província do Rio de Janeiro. O árcade apresenta as atividades

²⁸³ Ibidem, 1960, P.11

exercidas por João Manoel Pereira da Silva, bem como as transformações sofridas pela região durante o século XVIII e XIX.

Ruy Afrânio destacou com grande parcialidade, a trajetória de seu patrono e o entrelaçamento dela com os fatos do período. A proposta era ter João Manoel Pereira da Silva como importante representante da região e ganhador de “conquistas” materiais e imateriais para a Vila a Nova Iguaçu. De acordo com o árcade, o biografado recebeu:

Entre outras distinções, recebeu a Grande Dignatária da Ordem da Rosa, da qual era conselheiro, a Comenda da Ordem de Cristo, a Comenda da Ordem de N.S. da Conceição de Vila Viçosa, a Comenda de São Bento, sendo membro de diversas instituições culturais como : Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Real de Ciências de Lisboa, Instituto Histórico e Geográfico da França, Sociedade de Geografia e dos Economistas de Paris e muitas outras.²⁸⁴

O árcade alterna informações sobre a trajetória do biografado e a região. Ele aponta o crescimento populacional, as principais famílias constituídas, epidemias, a chegada da ferrovia e transferência do distrito-sede do município. “Talvez o próprio Pereira da Silva não soubesse que, promovendo com a estrada de ferro, o progresso de Maxambomba, a atual Nova Iguaçu, estaria promovendo também o declínio da Vila de Iguaçu”²⁸⁵ Datas e fatos locais, nacionais e internacionais são recuperados ao longo da biografia, assim como outros “vultos” nascidos em Nova Iguaçu. O autor enfatizou os grandes feitos do seu patrono bem como a elite na qual fez parte.

Pereira da Silva, um dos fundadores da Sociedade dos Homens Intelectuais do Brasil, de duração efêmera, emprestava em 1897, com Machado de Assis, Joaquim NABUCO, Olavo Bilac, Rodrigo Otávio, Ruy Barboza, Coêlho Neto, José do Patrocínio, Alberto de Oliveira e outros seu ilustrado nome na fundação a nossa maior casa de literatura – A Academia Brasileira de Letras. Em 14 de junho de 1898, longe daquele arraial de Iguaçu que cresceu com êle, que se fez Vila quando se bacharelava, que progrediu com a pavimentação do Caminho do Comércio em 43 quando, fazia êle sua ascensão política na Côrte; em 14 de junho de 1898 morria Pereira da Silva. Parecia que cidadão e cidade tinham seus destinos ligados.²⁸⁶

Também destacou a ação dos “vultos históricos” como figuras públicas ou membros das “famílias tradicionais”. No livro *Iguaçu, terra de gente ilustre* o segundo capítulo foi

²⁸⁴ PEIXOTO, Ruy Afrânio. *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva*. Nova Iguaçu: Oficina Gráfica do Colégio Ruy Afrânio Peixoto, 1960, P.26.

²⁸⁵ Ibidem, 1960, P. 23

²⁸⁶ Ibidem, 1960, P. 31

destinado à história do seu patrono na AIL, Joaquim Elói dos Santos Andrade. Destaca-se que “esta história é uma vida que começa em 18 de agosto de 1842, na famosa, opulenta e antiga Iguaçu, de que proveio à moderna e trepidante Nova Iguaçu.”²⁸⁷

Segundo Deoclécio, escrever sobre o patrono só foi possível graças aos recortes de jornal e matérias publicadas por Silvino de Azeredo, fundador do *Correio da Lavoura*. “Sem saber preparava o decano de nossa imprensa local o precioso acervo com que daríamos início a presente biografia.”²⁸⁸ O árcade destaca a “cultura, inteligência, coragem e amor” do médico Elói Andrade, bem como a juventude do patrono. Por isso, a narrativa recua novamente a “velha iguaçu”.

As principais características da vila de Iguaçu são descritas, o autor cita a presença dos rios, o trabalho escravo e o comércio. Expõe como seu patrono vivenciou as transformações até sua saída em virtude dos estudos. Ele reproduz o discurso memorialístico criado nos anos 1920 e 1930 e sinaliza a mudança da sede do município para o povoado de Maxambomba. Durante sua formação na Faculdade Nacional de Medicina, Joaquim Elói Andrade fez parte de grêmios de discussão pela proclamação da República. O médico atuou no combate a inúmeras “moléstias” locais e dedicou boa parte dos seus estudos a doenças como pneumonia, profilaxia da Lepra e tuberculose. Contudo,

é exatamente em 1906, 38 anos depois de formado que Joaquim Elói dos Santos Andrade demonstra, efetivamente, sua bela inteligência, sua capacidade de estudioso e pesquisador, como médico que foi. Apesar de todos os movimentos ideológicos em que envolvera, nessa altura é que dá sobejas provas de estar com seus conhecimentos científicos inteiramente atualizados, ao publicar esse trabalho – A Tuberculose é curável – que, ao seu tempo, deve ser constituído verdadeiro monumento.²⁸⁹

Essas pequenas biografias destacam as similaridades entre as obras. O projeto da AIL valorizou os sujeitos responsáveis por “tornar” o município uma “referência”. Através da profissão e sociabilidade os patronos teriam desenvolvido as condições necessárias para o crescimento da “Velha Iguaçu”. A memória sobre estes indivíduos e a antiga Iguaçu resgataram os valores aristocráticos rurais e os tornaram referências. Isto desconsiderava a participação de qualquer outro grupo durante o processo de consolidação da região.

²⁸⁷ MACHADO, Deoclécio Dias Filho. Op cit, 1957, P. 43.

²⁸⁸ Idem, 1957, P. 43.

²⁸⁹ Ibidem, 1957, P. 74.

Eram sujeitos provenientes de famílias da aristocracia que “desbravaram” a região da Baixada e conseguiram se estabelecer pelo “trabalho, conhecimento e boa índole”. Por isso, as alusões foram pautadas em obras como a de Mattoso Maia Forte, pois elas referenciam o mundo agrário, a presença de valores da aristocracia e etc. Por isso, as biografias e memórias foram um recurso constantemente empregado. Estes gêneros permitiam que estes intelectuais enfatizassem a execução do projeto da AIL, mas também justificassem sua “aptidão” para as letras. Ou seja, reconstituíram suas “origens” sociais e de seus antepassados como forma de indicarem as razões de tornarem intelectuais de sua cidade.

Portanto, os árcades inseriram biografias sobre estes advogados, médicos e políticos de forma que os tornassem vultos históricos indispensáveis para o entendimento da história do município. Foi uma estratégia pedagógica eficiente introduzir a história de vida destes. O objetivo era criar ícones e demonstrar a capacidade em escrever a “verdadeira” história iguaçuana. Afinal, eles eram sucessores “intelectuais” e literários destes indivíduos. Essa perspectiva estava associada à expectativa de estabelecer uma instituição restauradora do prestígio social e político. Foi a entronização de uma elite decadente economicamente, mas promotora de seu lugar social dentro da memória daquele território.

3.3 A cidade de Nova Iguaçu segundo os árcades

A cidade também foi um tema comum nas obras de Deoclécio Machado e Ruy Afrânio Peixoto. Destacar o município e suas transformações se mostrou uma preocupação constante entre os árcades. Fatos históricos, espaços e indivíduos do distrito-sede foram retratados. No prefácio de *A sombra dos laranjais*, o árcade aponta sua saudade “à sombra dos laranjais”. Em suas palavras o livro:

[...] pode não ter sido elaborado em plena adolescência, mas o foi em período quase igual, quando cérebro do autor também se povoa de sonhos, época em que, de pés descalços e braços nus, corria pelas ruas e campos iguaçuanos aonde se ia e passava a [maior] parte do tempo. Campos cheios de relva e de esperanças, onde, debaixo dos laranjais, sentiu muito do que vai nas presentes páginas”²⁹⁰

De acordo com o autor, o livro foi produto de suas memórias dos anos 1920 e 1930. Esta década consolidou a identidade do distrito-sede a partir da citricultura. Inúmeros

²⁹⁰ MACHADO, Deoclécio Dias Filho, Op cit, 1953,P. 12.

símbolos físicos e culturais foram elaborados com o objetivo de associar agricultura, desenvolvimento e beleza a Nova Iguaçu. A cidade moderna é tomada a partir do “bem sucedido” campo, espaço “fruto de esperança e progresso”. Deoclécio afirma que sua jovem mente estava “povoada de sonhos”, pois a “vocação agrícola” criou expectativas para um futuro ainda melhor.

Contudo, a obra foi elaborada quando Nova Iguaçu não era mais agrária, mas voltada essencialmente para os setores secundários e terciários. De acordo com a obra *O campo e a cidade* de Raymond Williams, as concepções do mundo rural inglês persistiram mesmo depois da sociedade ter se tornado “predominante urbana [...] [A] literatura, durante uma geração continuou basicamente rural; e mesmo no século XX, numa terra urbana e industrializada,   extraordinário como ainda persistem formas de antigas ideias e experiências.”²⁹¹

Segundo Raymond Williams a continuidade no discurso tipicamente agrícola demarcou “as transformações decisivas nas relações entre campo e cidade [...] A revolução Industrial não transformou s  a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional.”²⁹² Ou seja, a relação entre campo e cidade é antes de tudo marcada por uma vivência direta e intensa.

A idealização do campo estava em uma situação passageira e na vontade de estabilidade, haja vista o significado da nomenclatura dada ao grupo. Essa literatura serviu para ocultar as intensas contradições que se colocaram na Nova Iguaçu de 1950 e 1960. O  rcade inicia seu primeiro livro com o título *Tudo é belo, quando se quer*. Na sequência ele afirma como os habitantes não valorizam a cidade “pelo o que possui de mais saudável e pitoresco”²⁹³ Para Deoclécio Machado as pessoas

preferem a agitação noturna e multicolor das metrópoles iluminadas   calma de uma tarde serena e mansa entre os laranjais, alegram-se mais no reboiço das praias, ao contacto com a areia quente, do que a sombra fresca de uma árvore amiga; encantam-se mais com o rebentar espumante das ondas do que própriamente com o cantar dos pássaros [grifo meu] que aqui fizeram os seus ninhos; trocam a c r escura

²⁹¹ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, P.13.

²⁹² Ibidem, 1953, P. 13

²⁹³ Idem, Ibidem.

do asfalto [...] pelos lugares onde as orquídeas exibem o azul das suas pétalas, e a água nasce límpida, umedecendo a terra escura, fértil e nua²⁹⁴ [Grifo meu]

Esta citação sinaliza que a “Iguassú” do início do século XX era “boa” e “tranquila”, reunia as características necessárias para uma qualidade de vida “adequada”. Entretanto, a Nova Iguaçu narrada por Deoclécio é um cenário criado, ou seja, a concepção de bucólico foi uma tradição selecionada para reiterar o perfil do município criado durante as décadas de 1920 e 1930. Para Raymond Williams “todas as tradições são seletivas, e a tradição bucólica o é tanto quanto qualquer outra”.²⁹⁵ Esse “passado” não foi remorado com o objetivo do município torna-se agrário novamente, mas reiterar a narrativa dessa elite como oficial.

A representação de terra sorridente e acolhedora fez parte do projeto arcadiano. Esta imagem foi associada à cidade de forma que fosse facilmente absorvida. A relação do homem com esse mundo rural, pitoresco e saudável foi instituída para marcar oposição explícita aos hábitos de uma grande cidade que Nova Iguaçu tornou-se. O autor celebra essa idealização de vida rural em contraposição as pressões de uma nova era que chegou e se mostrava incerta. O município sempre compôs a periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, mas foi considerado como tal por este grupo quando o mesmo perdeu de vista sua capacidade de articulação.

Portanto, existe uma clara reação às mudanças daquele período. Temos uma crise de perspectiva que faz Deoclécio Machado recuar no tempo e recorrer a imagem municipal criada pela geração anterior. Por isso a contradição entre campo e cidade se torna um segundo elemento desta análise. A cidade grande é colocada como um espaço de barulho e de problemas, enquanto que o campo é tratado como espaço de felicidade.

Ele não ignora Nova Iguaçu enquanto cidade, mas enfatiza como ela ainda pode reunir “aspectos rurais”. A citricultura é evocada na frase *uma tarde serena e mansa entre os laranjais*, não porque os laranjais existissem em 1950 e 1960, mas por demarcarem uma diferença entre o desenvolvimento conquistado e as novas incertezas socioeconômicas e políticas. É preciso destacar que o meio rural narrado não era simples e apazígue, mas

²⁹⁴ Idem, *Ibidem*.

²⁹⁵ *Ibidem*, 1953, P. 7

marcado por disputas, e interesses entre os proprietários estabelecidos e recém-chegados. Estava inserido em um universo de investimentos públicos e interesses privados.

Estes conflitos delinearão o aparelho administrativo do município, bem como sua estruturação e representações. Portanto, o campo e cidade são categorias criadas para delimitar “uma mudança das relações sociais e a moralidade essencial. E era precisamente nesse ponto que a ficção de “cidade e campo” era útil: para promover comparações superficiais e impedir comparações reais”.²⁹⁶ Cidade e Campo foi uma “invenção” útil segundo Raymond Williams, pois promoveu comparações ilusórias e impediu comparações concretas. No caso iguaçuano cidade e campo nunca estiveram separados, já que:

a cidade se alimenta daquilo que o campo ao seu redor produz. Isso ela pode fazer graças aos serviços que oferece, em autoridade política, no direito e no comércio, àqueles que comandam a exploração rural, ao quais está normalmente associada por vínculos de necessidade mútua de lucro e poder.²⁹⁷

A citricultura e a constituição do distrito-sede gerou uma “suposta” oposição entre rural e o urbano. Nas décadas de 1950 e 1960 as relações do setor agrário foram reconfiguradas, especialmente durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek. Porém, Nova Iguaçu não se enquadrou no projeto da agroindústria, pois sua estrutura foi destinada a novos objetivos econômicos e sociais. O município compôs o projeto de industrialização da região metropolitana do Rio de Janeiro e passou a receber grupos como a Bayer S/A, Compacto dentre outras.

Na obra *Imagens Iguaçuanas* Ruy Afrânio Peixoto a narrativa também parte da citricultura. Ele define a passagem do tempo através da estação ferroviária e “recria” a Nova Iguaçu antes e depois do progresso. Ele inicia com o título “Um trem que parte” e descreve a chegada do trem a estação de Maxambomba:

Longe, ainda longe, curva de Mesquita, já se ouvia o apitar do trem. Movimentava-se a Estação. Era o “Fumaça” que ia chegar, como já anunciara o sinozinho do Agente. Garotos, a postos, preparavam seus sacos de laranjas, suas cestinhas de biscoitos, doces de leite e roletes de cana. As janelas abriam-se curiosas e das chácaras de laranjeiras que se debruçavam até a linha férrea, saíam espectadores ansiosos. O trem ia chegar...”²⁹⁸

²⁹⁶ Ibidem, 2011, P. 94.

²⁹⁷ Ibidem, 2011, P. 88.

²⁹⁸ PEIXOTO, Ruy Afrânio, Op cit, 1960, P.3

Subsequente o autor narra a espera do trem, sua partida e em seguida a passagem do tempo:

[...] O trem esperava... o ar se impregnava de carvão e a máquina, exalando um ofegante suspiro parava [...] Começava o movimento. [...] Com um plangente apito, que se perdia no eco das serras, partia, vagorosamente o trem. E o tempo passou... [...] Centenas de pessoas, acotovelando-se, comprimindo-se, esperam, na extensa faixa de cimento. O trem que não tarda. E êle chega, o elétrico, rápido, como rápido estanca sua imensidão metálica [...] A um só tempo, mais de uma dezena de portas se abre para uma avalanche humana que se choca com outra comprimida [...] São fisionomias suarentas, cansadas, esgotadas do trabalho [...] ²⁹⁹

Por meio da ferrovia o autor indica as transformações ocorridas em Nova Iguaçu. Em sua leitura existem duas cidades: uma antes do trem elétrico e outra após. A primeira estava situada nos anos 1930, era rodeada por chácaras de laranjas e recebia o trem “festivamente todos os dias”. A segunda estava situada nos anos 1950 e 1960, passou a ser veloz e tomada pelo “progresso” e pessoas “esgotadas do trabalho”.

O texto é claramente transitório, pois demarca a passagem de modelos socioeconômicos vivenciados por Nova Iguaçu. A construção dessa história municipal acompanha a história social do autor que a escreve. Os arcades constituem o presente através de uma interseção entre passado e futuro. Porém, a relação entre ambos pode ser tornar ambígua, uma vez que a memória e imaginação do autor vêm a tona e sua história de vida se faz presente.

Obras como estas podem mascarar muito do processo histórico do município. A mudança das velhas relações é obscurecida pela ação imaginativa desses autores durante a criação dos títulos. A chegada do trem nos anos 1950 foi posta como a destruição do que era “belo” por algo tedioso. Essa descrição com pessoas aguardando na estação, portas se abrindo e a “massa” chegando após um dia de trabalho é parte de um processo imaginativo de “suas” memórias e não do processo social. Ou seja, a nova ordem social que rege a cidade não é colocada, mas sim o que ela provoca ao autor.

Diante disto, a imaginação do autor transcende a história, com isso o entendimento sobre o desenrolar histórico e suas consequências acabam sendo distanciados do leitor. Ruy Afrânio Peixoto termina o texto da primeira página dizendo “Uma buzina curta, despótica, anuncia, a um tempo, o cerrar das portas e a partida do trem, instantânea, como uma veloz

²⁹⁹ Idem, Ibidem.

lacraia metálica do progresso. *Progresso... Ó Nova Iguaçu, porque não ficaste Maxambomba?*³⁰⁰

A opção do autor é não mergulhar nas mudanças do sistema capitalista que “conseguiu transformar o meio de modo extraordinariamente produtivo, utilizando tanto os homens quanto a natureza como instrumento para a realização de um propósito dominante”³⁰¹ O árcade destaca a mudança, contudo não se propõe a fazer uma discussão sólida sobre a mesma. Ele reage como sujeito incapaz de lidar com o “progresso” que assola a cidade e prefere se refugiar nas memórias do passado. Isto mascara o processo ambíguo do capitalismo daquela conjuntura, pois ele:

promove um aumento real da riqueza, mas a distribui de modo desigual; permite o surgimento e a sobrevivência de populações maiores, porém dentro delas encara os homens apenas como produtores e consumidores, como seres que nada podem pedir à sociedade senão dentro desses papéis abstratos.³⁰²

Analisar o paradoxo da nova ordem capitalista instalada e seus resultados significaria se inserir na essência da mesma. Para homens como Ruy Afrânio Peixoto e Deoclécio Machado era mais simples “separar as consequências do sistema e, então, atribuir à decadência social o que na verdade era o resultado do crescimento socioeconômico.”³⁰³ A medida que o “progresso” citado pelo árcade se ampliava, aumentava a necessidade dos autores em tornar os aspectos locais em nostalgia. Por isso se lembrar da Maxambomba e fatos relacionados a ela era tão recorrente. O projeto da Arcádia foi o meio encontrado para reagir às transformações em curso, pois a literatura combateria ideologicamente o discurso de novos atores dentro do aparelho administrativo e político do município.

Para Raymond Williams o problema deste tipo de leitura reside no fato de tais observações locais realistas darem origem a um tipo de *visão histórica geral* e, portanto, um mito. Essa literatura elaborada pela Arcádia ajudou a cristalizar uma história mitificada sobre a cidade Nova Iguaçu. O grupo dominante no qual eles pertenciam não poderia ser colocada em questão neste momento de transição do sistema. Por isso restavam duas opções: ser vista

³⁰⁰ Idem, 1960, P. 3.

³⁰¹ Ibidem, 2011, P. 141.

³⁰² Idem, Ibidem.

³⁰³ Idem, 2011, P. 141-142

como provisoriamente ausente ou “gente boa de outrora que fora substituída pela gente má de agora: essa classe se tornou sucessora de si mesma”³⁰⁴. Neste caso, os árcades optaram pela segunda opção.

Por isso, Ruy Afrânio prossegue a narrativa destacando grandes proprietários do século XIX e início dos XX. O enaltecimento dessa elite agrária permaneceu como uma constante, assim como a história da fundação do município. Em um de seus subtítulos, mais ao fim da obra, o autor aponta para uma Nova Iguaçu Ciclóptica³⁰⁵. “A Rodovia Presidente Dutra, valorizando extradiadintariamente as terras de grande parte do município, promoveu inúmeros loteamentos que vieram transformar a base econômica de Nova Iguaçu, com o surgimento de mais variada indústria, dando-lhe, não na promoção legal, mas verdadeiramente, um desenvolvimento ciclópico.”³⁰⁶

Ele sinalizou as mudanças sofridas após a citricultura e destacou como elas modificaram fisicamente a cidade. O município tinha tomado proporções populacionais e estruturais anteriormente nunca vistas. Os trabalhadores que chegavam nos trens agora, ampliavam os bairros menos assistidos nos distritos de Nova Iguaçu. A cidade que se descortinou para os “filhos” da citricultura não era grande somente no tamanho, mas na “força de suas transformações e na de seus habitantes. [...] Não apenas uma transformação material, mas uma transformação de significados, uma mudança simbólica [...]”³⁰⁷ A partir da leitura feita por Deoclécio Machado e Ruy Afrânio Peixoto sobre a cidade de Nova Iguaçu constatamos que o grupo ampliou a visão alegórica, criada sobre o município durante os anos de 1920 e 1930. Os árcades exerceram um conjunto de práticas que davam respaldo ao discurso elaborado sobre a instituição.

O sistema de símbolos criado por um grupo é produto de suas bases sociais, ou seja, as ações desenvolvidas pelos seus membros justificam os métodos utilizados para atingir um fim comum. No caso da AIL a narrativa literária foi o instrumento capaz de conceder a distinção social que explicasse a participação desses indivíduos na história do município. Portanto, os árcades se enquadravam a:

³⁰⁴ Idem, *Ibidem*.

³⁰⁵ Ciclóptica é o termo utilizado para designar o crescimento urbano desmesurado. Em geral, proporciona ao leitor a ideia de colossal, de uma cidade que está crescendo de forma “espetacular”.

³⁰⁶ *Ibidem*, 1960, P. 3

³⁰⁷ GITAHY, Maria Lúcia Caira; LIRA, José T. Correia de. *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: Annablume, 2007, P.108.

lei da concorrência pela consagração que exige e confere o poder de consagrar e condena a uma situação de urgência eterna as instâncias de consagração cujo o âmbito é mais limitado. Por exemplo, no caso dos críticos de vanguarda, obcecados pelo temor de comprometer sua autoridade de descobridores [...]”³⁰⁸

Essa cidade é fruto de uma lógica própria que visa preservar a integridade e erudição deste grupo. Isto ocorre, pois existiu um conjunto de relações políticas implícitas a serem articuladas de modo que o discurso da AIL se tornasse “um espaço definido por um sistema de pontos de referencia comuns que parecem tão naturais e tão indiscutíveis que nem chegam nunca a constituir o objeto de uma tomada de posição consciente.”³⁰⁹

Portanto, o “avanço” da cidade foi colocado como o grande interruptor da existência da “tranquilidade” e qualidades do campo. Campo e Cidade sempre coexistiram, contudo os autores demarcaram as mudanças e não analisaram as realidades históricas como um todo. Por isso é necessário analisarmos a manipulação destas categorias e a encararmos como uma transição das técnicas e do modo de produção.

A composição da cidade é uma segunda característica das obras. Ambos elegeram locais e pessoas que, segundo eles, deram “a cara” da Nova Iguaçu “boa e apazigue” durante os séculos XX e XIX. No livro *O que restou dos laranjais em flor* o Deoclécio narra em um dos capítulos, suas lembranças sobre a rua em que viveu. “E a rua Getúlio Vargas, em que morava, por acaso, não merece umas páginas de saudade deste livro?”³¹⁰ Na sequência ele elenca o nome dos que ali moraram e diz que “[...] quase tôda a rapaziada da atual geração iguaçuana possui ou já possuiu ligação de parentesco com os antigos moradores da famosa e tradicional rua da Cadeia”³¹¹ [Grifo meu]

Posteriormente ele completa que a rua se tornaria a dos “Cartórios” e que 80% dos tabeliões ali residiram com a presença dos advogados. Segundo Deoclécio, o endereço concentrava boa parte dos acontecimentos da cidade, pois nela estavam os “médicos, advogados, juizes, promotores, delegados, soldados carcereiros e políticos” Em suas palavras:

Tal rua, aparentemente despreziosa, reta e curta, deve ter influído muito no destino profissional de muitos de seus moradores, na maioria advogados, hoje pessoas quem, na

³⁰⁸WILLIAMS, Raymond, Op. cit, 2011, P.122.

³⁰⁹ Ibidem, 2011, P. 171.

³¹⁰MACHADO, Deoclécio Dias Filho, Op, cit,1970, P 49.

³¹¹ Idem, 1970, P 49.

juventude, teriam se impressionado com os grandes vultos que por ela desfilaram no exercício de suas longas atividades tribunícias³¹²

A rua descrita pelo árcade está localizada no centro do município de Nova Iguaçu. Esse endereço reuniu as residências da elite agrária durante os anos 1920 e 1940, e teve sua formação constituída durante consolidação da citricultura. Essa formação espacial foi delimitada pela linha férrea, de um lado as moradias das famílias “fundadoras” de Nova Iguaçu e do outro o centro comercial e de moradores dos bairros mais proletários. Nela encontram-se, até hoje, o hospital Iguassu, a antiga cadeia municipal, a igreja de Nossa Senhora de Fátima e São Jorge, cartórios e inúmeros escritórios de advocacia e consultórios médicos.

Como já explicitado, os membros da Arcádia são filhos de uma geração ruralista que demarcou culturalmente e fisicamente seus espaços de poder na cidade. Por isso quando Deoclécio diz que “quase toda a rapaziada da atual geração possui ou possuiu ligação de parentesco” as pessoas da rua Getúlio Vargas, não é por acaso. Ali se concentraram boa parte dos descendentes da “idade de ouro”, bem como suas famílias e espaços de atuação. Uma igreja pensada para a frequência deste grupo, escritórios, consultórios e o principal hospital da cidade dimensionam a estrutura alicerçada pela elite rural e o aparelho administrativo local. Mediante isto, o objetivo da AIL era reiterar os papéis desse grupo dominante a partir da relação progresso, agricultura e Nova Iguaçu.

O árcade também sinaliza que a rua concentrou parte dos profissionais liberais da cidade. Muitos dos arcadianos seguiram a carreira médica, jurista, jornalística ou política. Em geral, eles exerceram as profissões mais frequentes na família. Deram prosseguimento aos negócios deixado pelos pais e avós. Por isso Deoclécio Machado colocou que a juventude se inspirou nos “grandes vultos” que ali frequentaram a rua descrita por ele. A finalidade era exacerbar a imagem e “tradição” criada em torno de figuras do início do século XX. Para o membro da AIL a escrita seria capaz de:

[...] escrevendo, fariam reviver, inclusive, a inteligência dos iguaçuanos, marginalizados ou não, daqueles homens que agitavam as autoridades, movimentando a urbe, intranquilizando ou revolvendo o seu meio social com as atitudes que, boas ou más, davam vida à cidade.

³¹² Idem, 1970, P. 50

enfim, às atividades que a particularizavam, emprestando-lhe as genuínas características de então, de que as de hoje são corolário³¹³. [grifos meus] (IBIDEM, 1970: P 51)

Seguindo esta mesma linha, porém nos séculos XVIII e XIX, o árcade Ruy Afrânio Peixoto valoriza os locais e personagens que compuseram a “Antiga Iguassú”. No livro *Imagens Iguaçuanas* o autor enaltece a construção de novos caminhos na vila, de Iguaçú, suas festas religiosas e descrição de seus futuros distritos São João de Meriti, Mesquita e Duque de Caxias. Diferentemente de Deoclécio Machado, Ruy Afrânio faz uma extensa recuperação de dados e nomes sobre a região. Contudo, ele retira informações de fontes que não possuem sua origem mencionada.

Conrado Jacob Niemeyer foi encarregado da reconstrução do caminho que partindo da “planície de Iguaçú, passava por Santa Ana das Palmeiras, ganhava a serra do Tinguá, e seguia pelo rio Santa Ana, águas acima em direção de Ubá, internando-se pelas terras situadas entre o Paraíba.” [...] Esta estrada fora construída por sugestão da Real Junta do Comércio. Coube a Conrado Jacob Niemeyer. Ilustre engenheiro, na seção de obras públicas da Província do Rio de Janeiro, a reconstrução das 10 léguas da Estrada do Comércio. O restabelecimento do Caminho trouxe, a Iguaçú, um rejuvenescimento, temporário [...] ³¹⁴

Algumas páginas depois o árcade enaltece relatos de viajantes dos séculos anteriores sobre a Iguaçú. Também resgata documentos como o Código de Posturas da vila e destaca como a “cidade” tinha um caráter de organização diferenciado:

Tudo era previsto no Código de Posturas que os exigentes e bigodudos inspetores de quarteirão, de colete e grossas correntes, fiscalizavam. [...] É proibido na Vila: cobrir casa com sapê; a construção de meias águas para terrenos alheios; ter casas com portas ou janelas abrindo para a rua; [...] andar a cavalo no passeio da rua; ter em quintais ou chácaras depósitos de substâncias deletérias [...] tomar banho nos rios sem roupas próprias; jogar parada em vendas e tavernas; reunirem-se doze ou mais pessoas em tavernas desde que nada tenham a vender ou comprar. ³¹⁵

O árcade elege vivências e elementos que ajudaram a compor o município de Nova Iguaçú em sua fase como vila. Esclarece sobre a organização da velha Iguaçú e como estava sendo ampliada. Também sinaliza locais onde a presença das grandes famílias e representantes políticos se faziam presentes. A finalidade é mostrar a materialidade

³¹³ Consequência, resultado ou importância.

³¹⁴ PEIXOTO, Ruy Afrânio, Op cit, 1960, P. 11

³¹⁵ Ibidem, 1960, P. 27

proporcionada por esses agentes e “conduziram” de maneira “próspera” a história da região. Assim como o confrade Deoclécio Machado, Ruy Afrânio também ressaltou eventos como as festas religiosas.

Mais tarde é procissão, com o pesado Santo Antônio de bronze que o Comendador Soares trouxe de Portugal, há quase cem anos...Sai o andor e as moças balbuciam pedidos...Padre João lá está dando ordens. [...] Moças para cá, moças para lá, tudo separado. E lá vai, na piedosa e compassada música que precede os fogueteiros, o pesado santo nos ombros dos festeiros que se revezam. Rua Marechal Floriano, cancela do K-11, Rua Bernardino de Melo, tudo ao passo lento das ladainhas da Filhas de Maria. Volta á IGREJA NA apoteose de todas as bandas. [Grifo meu]³¹⁶

O autor narra uma das principais festas da cidade e descreve as características do “centro” da velha Iguaçu. Primeiramente, o árcade destaca que a imagem do padroeiro foi presente do Comendador Soares, “exímio” político e condutor da administração da cidade. Sinaliza a presença das jovens, provavelmente dessa elite local, seguindo o cortejo do santo. O autor menciona as principais ruas da cidade e o bairro do K-11, local onde residiram as principais famílias e indivíduos do corpo dirigente da velha Iguaçu. O objetivo era demonstrar a formação do espaço por esta elite por intermédio da religião e da política.

A valorização de distritos do município como Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis foi igualmente feita pelo árcade. O autor dedicou uma página para cada local na obra *Imagens Iguaçuanas*. O curioso desta escolha está no fato de muitos destes distritos estarem emancipados do município de Nova Iguaçu quando Ruy Afrânio lançou a obra. Este foi um recurso para demonstrar a perda territorial e principalmente as mudanças políticas ocasionadas por isto. Ele resgata a formação de cada local e o histórico destas regiões, contudo não cita a emancipação de nenhum deles:

Caxias foi, juntamente com São João de Meriti, das primeiras terras iguaçuanas a preocupar os colonizadores da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Assim, é que em 16 de outubro de 1567, Mem de Sá dá a Cristóvão de Barros uma légua de terra “desde o salgado pelo rio acima, meia de largo par a cada parte do Rio Iguaçu, ficando este no meio.” [...] ³¹⁷

A história de São João de Meriti é iguaçuana até que esta grande região, inicialmente toda chamada de Trairaponga, se vai dividindo e perdendo a supremacia para a Estação Meriti que se transforma em município de Duque de Caxias arrastando a

³¹⁶ Ibidem, 1960, P. 34

³¹⁷ Ibidem, 1960, P. 58

Vila Meriti, para seu 2º Distrito. São João iria se emancipar de Caxias e não de Nova Iguaçu.³¹⁸

São Mateus de propriedade de Domingos Machado e sua mulher D. Joana Barcelos [...] foi de 1637 de João Alves Pereira [...] passando em 1779 para ao alferes Ambrósio de Souza para ser em 1786 propriedade de Jerônimo de Mesquita, primeiro Barão de Mesquita. Os produtos da fazenda escoavam-se pela estrada de São Mateus até a Pavuna, em carros de boi, e daí em chatas até o rio. Junto ao engenho, formou-se o povoado que é hoje a cidade de Nilópolis, com a divisão do latifúndio do Barão de Mesquita.³¹⁹

O árcade enfatiza o processo de formação dos distritos, mas ao final de cada narrativa não aponta a sua data e processo emancipatório. A ideia é valorizar personagens iguaçuanos ou não que ajudaram a estabelecer aquele espaço e sua importância para o município. A constituição de forças políticas dissidentes e novos polos econômicos fizeram com que estes distritos se emancipassem. Isto acarretou perdas junto à receita municipal do município assim como de suas forças políticas. Contudo estes movimentos poderiam causar um rompimento maior e “irreparável” no discurso sobre a formação do distrito-sede.

A Arcádia agiu como a instituição capaz de reinterar e restaurar memorialisticamente essa narrativa sobre o município e seus “grandes vultos”. Seus membros acionaram lembranças e referências anteriores de forma que as ações deste grupo dominante não se perdessem em meio ao cenário de mudanças. Enaltecer o papel desempenhado pelos membros dessa elite e as atividades vinculadas a ela fez com que o “corolário” fosse rememorado mediante um futuro ainda indefinido. O objetivo era dar um significado aos árcades dentro da história criada para a cidade de Iguaçu.

Segundo Angel Rama, as cidades da América espanhola concentravam uma *cidade letrada* em seu interior. “A cidade letrada quer ser fixa e atemporal como os signos, em oposição constante à cidade real que só existe na história e se adequa às transformações da sociedade”³²⁰ Por meio de símbolos ela articulou-se com o Poder e o serviu mediante uma ideologização. Sujeitos com domínio da escrita se distinguiram socialmente daqueles que apenas falavam.

³¹⁸ Ibidem, 1960, P. 59

³¹⁹ Ibidem, 1960, P.57

³²⁰ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, P.65.

Somente as letras eram capazes de conceber a cidade ideal e mantê-la além de sua materialidade. A Arcádia reuniu indivíduos para ordenar e interpretar uma leitura sobre o município de Nova Iguaçu. O objetivo era fazer sobreviver simbolicamente uma leitura sobre a cidade mesmo em luta com as transformações ocorridas entre as décadas de 1950 e 1970.

Eles concluíram a produção de uma literatura iniciada na primeira metade do século XX. Ela corroborou a mitificação sobre o campo e sua suposta oposição a cidade. Essa nova intervenção na história municipal reitera o papel desse grupo dirigente, contudo a novidade reside na forma como é lida a transição para uma nova ordem. A idealização de uma velha e nova realidade para o campo foi colocada a partir da conjuntura que adveio. O campo foi enquadrado como lugar de “boas lembranças”, bucólico e ausente de mazelas.

Todavia, esta foi uma posição dos autores em relação ao espaço em transformação, ou seja, uma interpretação direcionada com a chegada da industrialização e expansão urbana. As ideias de cidade e campo se fizeram mediante a necessidade de persistirem determinadas concepções. Elas escondem as verdadeiras mudanças do processo histórico que se encaminhava.

O “avanço” da cidade foi colocado como o grande interruptor da existência da “tranquilidade” e qualidades do campo. Campo e Cidade sempre coexistiram, contudo os autores demarcaram as mudanças e não analisaram as realidades históricas como um todo. Por isso é necessário analisarmos a manipulação destas categorias e a encararmos como uma transição das técnicas e do modo de produção. Para Deoclécio Machado e Ruy Afrânio essas mudanças foram vistas como progresso, no entanto ele poderia dismantelar as referências constituídas sobre a Nova Iguaçu do pretérito.

O projeto de revitalização das “tradições” do município proposto pela Arcádia colocava esses intelectuais como referências da história constituída por eles mesmos. A prática do grupo esteve baseada em mostrar uma Nova Iguaçu capaz de acompanhar as mudanças e manter uma narrativa pautada nas “boas memórias” de seus “filhos ilustres”. Contudo, este objetivo não conseguiu o mesmo efeito da geração anterior. O discurso proferido pelos arcadianos marcou o espaço de um grupo, mas não alterou as possibilidades do cenário que se fez nos anos 1950 e 1960.

A imagem constituída sobre a região da Baixada durante os anos 1970 e 1980 não destacam a ação destes intelectuais, mas elementos como a pobreza e violência. Quando se fala sobre a história de Nova Iguaçu todos se remetem a produção memorialista do centenário e formação do distrito-sede dos anos 1930 a partir da citricultura. O trabalho realizado pela AIL foi cirúrgico e específico de uma conjuntura em mutação, mas não suficientemente forte para se tornar uma referência cristalizada como a realizada por seus antecessores. A Arcádia foi um recurso de manutenção da hegemonia regional de um grupo a frente por décadas de um território, mas não tão eficiente quanto seus pares das décadas de 1920 e 1930.

Considerações Finais

Início o fim com uma passagem do escritor Edward W. Said:

No fim das contas, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula as representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras. Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão. E essa vocação é importante na medida que é reconhecível publicamente e envolve, ao mesmo tempo, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade.³²¹

Edward Said afirmou que a política está em todo lugar independentemente da área, pois nada, nem o reino das artes, acontece de forma desinteressada. Desta forma, os intelectuais, frutos de seu tempo, são arrebatados pelas questões do meio em que vivem. Eles encontram-se entre o isolamento e o alinhamento a uma insígnia. O intelectual constitui antes de tudo uma prática, ou seja, estar atento às demandas e não permanecer inerte diante delas. Dito isto, concluo que a Arcádia Iguassuana de Letras foi a resposta de um grupo de intelectuais às transformações de sua época.

Por isso, o estudo sobre a fundação da AIL nos remete algumas constatações. A primeira se refere ao papel das instituições literárias na história social. No primeiro capítulo deste trabalho, constatamos como as confrarias representaram espaços de poder e barganhas políticas. Durante os séculos XVII e XVIII as práticas absolutistas fizeram com que as Arcádias materializassem uma tradição histórica sobre reis e príncipes. A consolidação dos Estados Modernos suscitou a escrita de uma história sobre o monarca, assim ele seria legitimado perante as demais dinastias. Através do arcadismo, tanto a Arcádia Portuguesa quanto a Italiana buscaram o convencimento dos súditos e reinados pela literatura histórica. Estabeleceu-se um vínculo entre o antigo e o novo com o objetivo de se autoafirmar, ou seja, foi uma demonstração do domínio de um reino perante os demais.

Revitalizar a importância da coroa conferiu reconhecimento aos membros destes grupos. Influenciados pela antiguidade clássica, eles escreveram a história dos principados e adquiriram prestígio. Assim como as Arcádias oitocentistas, as academias fundadas no século XX também estiveram atentas as demandas do seu tempo. Mesmo situadas em temporalidades

³²¹ SAID, Edward W. Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993, São Paulo: Companhia de Letras, 2005, P. 27.

distintas, os projetos das Arcádias e das Academias foram respostas às questões políticas de suas respectivas épocas. O caso da Academia Brasileira de Letras tornou-se emblemático neste ponto. Fundada durante a instauração do regime republicano, a ABL usou do espaço acadêmico para consolidar rituais e situar o debate entre monarquistas e republicanos.

Usando a relação neutralidade e literatura, os imortais se posicionaram politicamente através de seus discursos e de suas obras. Ou seja, de forma “despretensiosa” os membros encaminharam suas expectativas e divergências sobre a nova república. Além disto, as academias delimitaram politicamente um campo literário. A instituição produziu a bibliografia nacional e as sistematizou de forma que os intelectuais se tornassem as vozes oficiais e de certa forma, da história da nação. O que permanecesse fora deste perímetro não estava passível de reconhecimento.

Portanto, as academias estabeleceram uma ligação própria entre produção literária e política. Estas associações promoveram seus intelectuais, mas também concederam respostas às demandas externas. Esta afirmação nos remete a uma segunda constatação: a interlocução entre literatura e mudança. Foi a partir desta relação que resultou a Arcádia Iguassuana de Letras. Fundar uma instituição denominada Arcádia, durante a década de 1950 em Nova Iguaçu, não ocorreu ao acaso. Cremos que a criação da AIL foi motivada pelas transformações socioeconômicas e políticas em curso no município de Nova Iguaçu.

Dentre o conjunto de motivações, destacamos a presença do setor industrial. O processo de industrialização da região nos anos 1950 e 1960 foi uma resposta para alguns fatores. A citricultura já não era mais o motor econômico da Baixada Fluminense. As terras utilizadas para a plantação de laranja foram retalhadas e transformadas em loteamentos. Nesse momento, Nova Iguaçu foi absorvida enquanto território urbano pela Capital Federal. Esses aspectos somados ao crescimento da população e a ampliação da malha rodoviária contribuíram para que a região se tornasse alvo de investimentos do segundo setor.

A política de incentivo à indústria iniciada por Getúlio Vargas e consolidada por Eurico Gaspar Dutra foi amplificada pela administração de Juscelino Kubitschek. O estímulo ao capital estrangeiro e a entrada de multinacionais no país, resultaram na presença de novas empresas no município como a Cia. de Canetas Compactor e a Bayer S/A, ambas de origem alemã. Essa transição exigiu uma reação do grupo ruralista consolidado nos anos 1920 e 1930,

haja vista sua decadência econômica. Contudo, não constatamos uma oposição entre industriais e ruralistas, mas uma possibilidade de absorção política do primeiro pelo segundo. O momento foi de encaminhar novas propostas, dentre elas, resguardar a memória produzida sobre a citricultura e seus agentes, uma vez que a laranja já não representava mais um projeto para a região.

Por isso, um novo projeto foi posto em ação: a Arcádia Iguassuana de Letras. Preservar as “tradições” e “valores” foi uma estratégia para manter a representatividade deste do grupo e narrativa vinculada as memórias da citricultura. Desta forma, eles seriam referências para industriais e comerciários em ascensão. A relação entre os intelectuais da Arcádia com os novos agentes políticos pode ser constatada pela atuação de Dionísio Bassi. O diretor jornalístico do *Correio de Maxambomba* fez do seu semanário uma plataforma política para industrialização, mas não escondeu suas críticas ao grupo vinculado a Arcádia. Contudo, o jornalista desenvolveu um papel fundamental nesse processo. Bassi reconheceu o papel dos árcades e fez uso do seu prestígio e conhecimento regional um catalisador político.

Esse passo permitiu que o grupo reencontrasse seu lugar, especialmente no cenário político. A redemocratização do país se mostrou um terceiro e importante fator de motivação para fundação da Arcádia. As eleições permitiram que siglas como a UDN, PTB e PCB ganhassem espaço junto ao eleitorado. A preponderância do PSD no distrito sede de Nova Iguaçu perdeu espaço, já que a sigla estava diretamente ligada a base ruralista. As emancipações também contribuíram para dissolução das forças políticas e dividiu o quantitativo de investimentos para a Baixada. Neste sentido, a conjuntura pós 1945 mudou por completo as relações entre os sujeitos e as associações no município.

Este estudo conseguiu apontar a importância dos espaços associativos em momentos de crise. Infelizmente, o número de trabalhos sobre a região nas décadas de 1950 e 1960 ainda é escasso. Outras associações fundadas neste período precisam ser analisadas, desta forma novos dados podem corroborar e suscitar mais questionamentos sobre a região. O papel desempenhado por grupos como a Arcádia confirma a preocupação em se manter memorialisticamente hegemônico. A produção de conhecimento sobre a cidade evidencia como Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto construíram uma imagem eficaz para aquele período. Promover as memórias sobre uma “Idade de Ouro” imprimiu a marca destes intelectuais na sociedade em mutação.

As obras produzidas pelo grupo, especialmente destes dois autores, demonstra como a AIL camuflou a transição histórica vivida pela instituição. A literatura produzida pela Arcádia foi um posicionamento destes intelectuais em relação ao espaço em transformação. Ou seja, uma interpretação direcionada mediante a industrialização e expansão urbana. O entendimento sobre termos como cidade e campo se deu pela necessidade de persistirem determinadas concepções do “passado próspero”. O movimento escondeu mudanças do processo histórico em curso, mas não as ignorou. A intervenção historiográfica da Arcádia não conseguiria transpor o estigma da violência das décadas posteriores. Contudo, o projeto da AIL fez de Nova Iguaçu um lugar de escritores e de letras, cabe a nós interpreta-los segundo seu tempo histórico.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Privado Luiz Martins Azeredo

Estatuto da Arcádia Iguassuana de Letras. Capítulo I: Da organização, Sedes e Fins. Artigo 1º, Sublinha M, P.2.

Estatuto da Arcádia Iguassuana de Letras, Capítulo III: Admissão e Exclusão, Art. 10, P. 2.

Carta-Convite do Rotary Club de Nova Iguaçu para a Arcádia Iguassuana de Letras, 25 de março de 1958, P.1.

Ofício da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu para a Arcádia Iguassuana de Letras, 23 de julho de 1958, P.1.

Ofício da Arcádia Iguassuana de Letras para a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, 07 de julho de 1958, P.1.

Carta de (...) Geraldo Lamarca ao presidente da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL), 16 de novembro de 1958, P.1.

Efemérides Iguaquanas (Centro de Documentação e Imagem – CEDIM)

Jornais da Cidade do Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital Brasileira)

A noite

A noite, 13 de outubro de 1956, Ed: s/n, P. 5.

Gazeta de Notícias

Gazeta de Notícias, Domingo, 09 de agosto de 1953, Ed: s/n,P.12

Imprensa Popular

Tribuna Popular, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945, Ed: s/n,P. 5.

Tribuna Popular, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1945, Ed: s/n, P. 5.

Jornais da Baixada Fluminense

Correio da Lavoura (Centro de Documentação e Imagem – CEDIM)

Correio da Lavoura, Nova Iguassú, 07 de junho de 1917, Ed. 12, P.1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Quinta-feira, 07 de julho de 1938, Ed: 1.111, P.1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado Rio), Quinta-feira, 28 de julho de 1938, Ed. 1.114, P.1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 23 de setembro de 1945, Ed: 1.488, P. 1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 09 de dezembro de 1945, Ed. 1.499, P.2.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 26 de maio de 1946, Ed: 1.523, P.1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 25 de maio de 1947, Ed: 1.523,P.1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo 15 de junho de 1947, Ed: 1.578 P.1 e 2.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 13 de julho de 1947, Ed: 1.582, P. 1.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 12 de outubro de 1947, Ed: 1.595, P.2.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 14 de fevereiro de 1954, Ed: 1.926, P. 8.

Correio da Lavoura, Domingo, 15 de maio de 1955, Ed: 1.991, P.3 e 7.

Correio da Lavoura, Domingo, 29 de maio de 1955, Ed: 1.993, P.3.

Correio da Lavoura, Domingo, 05 de junho de 1955, Ed: 1.994, P.1 e 3.

Correio da Lavoura, Domingo, 24 de julho de 1955, Ed: 2.001, P. 1.

Correio da Lavoura, Domingo, 06 de novembro de 1955, Ed: 2.016, P.5.

Correio da Lavoura, Domingo, 12 de agosto de 1956, Ed. s/n P. 3.

Correio Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 19 de maio de 1957, Ed: 2.096, P.2.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú (Estado do Rio), Domingo, 25 de novembro de 1962, Ed. 1.384, P. 1 e 7.

Correio da Lavoura, Nova Iguassú, (Estado do Rio), Domingo, 13 de janeiro de 1963, Ed: 2.391, P. 2.

Correi de Maxambomba (Fundação Biblioteca Nacional)

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 03 de março de 1957, Ed: 65, P. 1 e 7.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 10 março de 1957, Ed: 67, P.2 e 4.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 24 de março de 1957, Ed: 69, P. 1 e 7.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 07 de abril de 1957, Ed: 71, P.1.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 12 de maio de 1957, Ed: 76, P.2.

Correio da Maxambomba, Nova Iguaçu, 18 de janeiro de 1958, Ed: 2 P. .

Correio de Maxambomba , Nova Iguaçu, 05 de abril de 1958 – Ed: 124, P. 1 e 6.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 02 de agosto de 1958, Ed: 141, P,1 e 7.

Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 20 de dezembro de 1958, Ed: 161, P.1

Dados Estatísticos

IBGE – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, Volume XXII, Rio de Janeiro: 1959.

Obras da Arcádia Iguassuana de Letras:

MACHADO, Deoclécio Dias Filho. *A sombra dos laranjais*. [S. l.: s.n.], 1953.

MACHADO, Deoclécio Dias Filho. *O que restou dos laranjais em flor – Um livro de memórias bem Iguaçuanas*. Rio de Janeiro: Gráfica Castro LTDA, 1970.

MACHADO, Deoclécio Dias Filho, *Nova Iguaçu, Terra de Gente Ilustre*, Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1957.

PEIXOTO, Ruy Afrânio. *Imagens Iguaçuanas*. [S. l.: s.n.], 1960.

PEIXOTO, Ruy Afrânio. *Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva*. Nova Iguaçu: Oficina Gráfica do Colégio Ruy Afrânio Peixoto, 1962.

Artigos, Teses e Livros

AGULHON, Maurice. *El círculo Burgués: la sociabilidad em francia, 1810-1848*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. História da Imprensa Brasileira. São Paulo: 1990.

BOSI, Alfredo. *Arcádia e Ilustração*. In: História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – Gênese e estrutura do campo literário*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira. 1750-1836*. São Paulo: Martins, 1964.

CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *Bayer e Belford Roxo uma experiência industrial na Baixada Fluminense (1958 -2008)*. Monografia do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2011.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica.” In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimentos. Vale do Paraíba e Nova Iguaçu (1888-1940)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Rafael Navarro. [Re]definindo práticas: Amaral Peixoto e a política fluminense no período democrático. In: CÔRTE, Andréa Telo da. (org) *Amaral Peixoto: História, Memória, Política*. Niterói: Funarj/Imprensa Oficial, 2012.

CRIVELLO, Natália Azevedo. A modernidade Iguaçuana na década de 1930: representações fotográficas. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, XV Encontro Regional de História Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa*, ISBN 978-85-65957-00-7, Rio de Janeiro: ANPUH, 2012, P. 1-16.

DALY, Kathleen. *Greek and Roman mythology*, USA: 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, V. 3, P.129-154.

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

EVANGELISTA, Helio de Araújo. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: USP, 1995.

FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano volume 11: economia e cultura (1930-1964)*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERNANDES. Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Rio de Janeiro, PUC, Tese de Doutorado, 2009.

GEIGER, Pedro Pinchas. *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, Nº 5 – 1952, IBGE, Rio de Janeiro, 1953.

GITAHY, Maria Lúcia Caira; LIRA, José T. Correia de. *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: Annablume, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, V.2. Os intelectuais, o princípio educativo – jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GRYNSZPAN, Mario. *Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra na Baixada Fluminense*. In: FERNANDES, Bernardo Mançano, MEDEIROS, Leonilde Servolo e PAULILO, Maria Ignez de. (orgs) *Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas: o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*, v.1, São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. P.35-56.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs) *A invenção das tradições*, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana*. São Paulo: Hucitec; Salvador, BA: Centro de Estudos Baianos: UFBA, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro-Passado Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC - Rio, 2006.

MENDONÇA, Carolina Bittencourt. *Escrevendo uma história: A experiência da Cia. de Canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955-1995)*. Monografia do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2014.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MENDONÇA, Sonia Regina. *O patronato rural no Brasil recente (1964-1993)*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MARON, Publio Virgilio. *Las Bucólicas*. México: Imprensa de Ignacio Escalante, 1903.

MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. *Revista pilares da história* – Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Ano 4- número 6 abril /2006, P. 7-14.

MARTINS, Mauricio Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 19, Nº 56.

MELO, A. Borges de e MELO, Carlos. *Uma história de Lutas – ACINI 50 ANOS – Instituição a Serviço de Nova Iguaçu*, Nova Iguaçu: Semana Ilustrada Editorial LTDA, 1997.

MICELI, Sérgio. “Intelectuais e classe dirigente no Brasil”. In: *Intelectuais á Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONIZ, Edmundo. Francisco Alves de Oliveira (Livreiro e Autor). Rio de Janeiro: ABL, 2009.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Brasília: a construção da nacionalidade: um meio para muitos fins (1951-1961)* Vitória: EDUFES, 1998.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, V.3, P.156-190.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições políticos-culturais*. Teresina: 2010.

NASCIMENTO, Marlene. Revolução de 30 na terra da laranja: uma leitura a partir do Correio da Lavoura. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014.

OLIVEIRA, Alberto de e RODRIGUES, Adrianno O. *Industrialização na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Económico*, volumen 12, Nº. 24 (Edición especial), pp. 127-143 - ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colombia.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o onitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho. *A conquista intelectual do Amazonas (1900 – 1930)*. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado em Sociologia, 2000.

PEDROZA, Manoela. *Sanear, Despejar, Resistir. Revisitando o debate sobre a luta pela terra nos sertões cariocas e na Baixada Fluminense nas décadas de 1940 e 1960. Ruris – Revista do Centro de Estudos Rurais*, UNICAMP, Volume 4, Número 2, Setembro 2010, P. 105-135.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Manifestações culturais nos anos 60: Um destaque à problematização da palavra na poesia concreta. *Revista de História Regional*,UEPG, V. 6, Nº 1,S/A.

PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja. História econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, P.147-160.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. A poesia pastoril na Grécia e em Roma histórico. Acessado em <http://www.filologia.org.br/revista/32/03.htm>, 13 de janeiro de 2013.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latinas, 2006.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, 2006.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras Literatura e Política na Academia Brasileira de letras (1896-1913)*. São Paulo: Cecult, 2001.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993*, São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

SANTOS, Henrique Buy dos. Os Comitês Democráticos Populares na Baixada Fluminense (1945-1947) In: (org) GARCIA, Graciela, SALES, Jean e SILVA, Lúcia. *Capítulos da História da Baixada Fluminense – Ensino e pesquisa na licenciatura de História do Campus de Nova Iguaçu*. Seropédica, Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERNA, Jorge Antonio Ruedas de la. *Arcádia: Tradição e Mudança*. São Paulo: EDUSP, 1995.

SILVA, Lúcia Helena Pereira. De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. *Recôncavo: Revista de História da Uniabeu*, Volume 3, Nº 5, Julho-Dezembro de 2013, P. 47-63.

SILVA, Maurício. A Academia Brasileira de Letras e a institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, Volume 14, 2007, P.74-75.

SILVA, Paulo Santos. *O caminho das letras: literatura e política na Bahia do século XX* Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 4, out./dez. 2011.

SILVA, Renato Kerly Marques. *Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*. São Luís, UFMA, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2009.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.

SOARES, Maria Tereza Segadas. *Nova Iguaçu: A absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*. *Revista Brasileira de Geografia*, Abril-Junho, Ano XXIV, Nº2, 1962.

SOUTO, Adriana Branco Correia. *Tabuleiro de damas para um jogo de xadrez: emancipação de Duque de Caxias vista por Nova Iguaçu através do Correio da Lavoura*. 2014. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Memórias da Emancipação e Intervenção no Município de Duque de Caxias nos anos 1940 e 1950*. *Revista Pilares da História – Ano II – nº03 – Dezembro de 2003*.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *E Pomos eram de ouro: A importância da Citricultura de Nova Iguaçu para a economia fluminense e brasileira nos anos de 20 à 40*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2015.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Dissertação de Mestrado, 1992.

VICENTE, Edson Borges. Nova Iguaçu, Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma abordagem geográfica. Disponível no site: <http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>, em 20/07/2009.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

WILSON, Nigel. *Encyclopedia of ancient Greece*. New York: Routledge, 2010.

Anexos

Anexo A – Obras dos Arcádes Digitalizadas

Obras dos Arcádes Digitalizadas					
Árcade	Título	Editadora	Ano	Nº de Páginas	Gênero
Altair Pimenta de Moraes	Vitória de Samocrática – Poemas	*	1953	63	Poesia
Deoclécio Dias Machado Filho	A sombra dos laranjais	*	1953	190	Memórias/História Institucional
Deoclécio Dias Machado Filho	A tradição de um nome (A vida social do esporte Clube Iguaçu)	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1956	105	Memórias/História Institucional
Deoclécio Dias Machado Filho	Nova Iguaçu, terra de gente ilustre	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1957	170	Memórias/História Institucional
Deoclécio Dias Machado Filho	Reminiscências	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1964	255	Memórias/Peça Teatrais
Deoclécio Dias Machado Filho	Veras D'alma	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1964	126	Memórias/História Institucional
Deoclécio Dias Machado Filho	No limiar do outro mundo	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1965	102	<i>Médico-Espiritualista</i>
Deoclécio Dias Machado Filho	O que restou dos laranjais em flor - Um livro de memórias bem iguaçuanas	Gráfica Castro LTDA	1970	128	Memórias
Francisco Manoel Brandão	Brasília Sentimental	*	1960	47	Poesias
Ibicui Tinoco de Magalhães	Reminiscências	Aurora	1970	55	Poesias
Leopoldo Barbosa Machado	Caxias, um eminente iguassuano	Baptista de Souza & Cia – RJ	1957	96	Biografia
Newton Gonçalves de Barros	Primeiro, a trave dos teus olhos	Irmãos Pongetti - Editores	1958	130	Contos
Newton Gonçalves de Barros	Olhai as aves do céu	Irmãos Pongetti - Editores	1962	77	Poesias
Newton Gonçalves de Barros	Bem aventureados os pacificadores	Irmãos Pongetti - Editores	1966	86	Poesias
Ruy Afrânio Peixoto	Traços Biográficos de João Manoel Pereira da Silva	Oficina Gráfica do Colégio Ruy Afrânio	1962	32	Biografia

		Peixoto			
Ruy Afrânio Peixoto	Imagens Iguaçuanas	*	1960	180	História de Nova Iguaçu
Waldick Pereira	Nova Iguaçu para o curso normal (IHGNI)	Tipografia Coração Imaculado de Maria – Valença – RJ	1969	44	História de Nova Iguaçu
Waldick Pereira	A mudança da vila (História Iguaçuanas) (IHGNI)	Arsgráfica – José Pereira da Silva – Duque de Caxias	1970	161	História de Nova Iguaçu
Waldick Pereira	Momentos de Amor e Caminhos	Arsgráfica – José Pereira da Silva – Duque de Caxias	1970	75	Poesias
Zilmar de Paula Barros	Versos – Painéis	*	1954	123	Poesias
Total de Obras: 20					
(*) Não identificado					